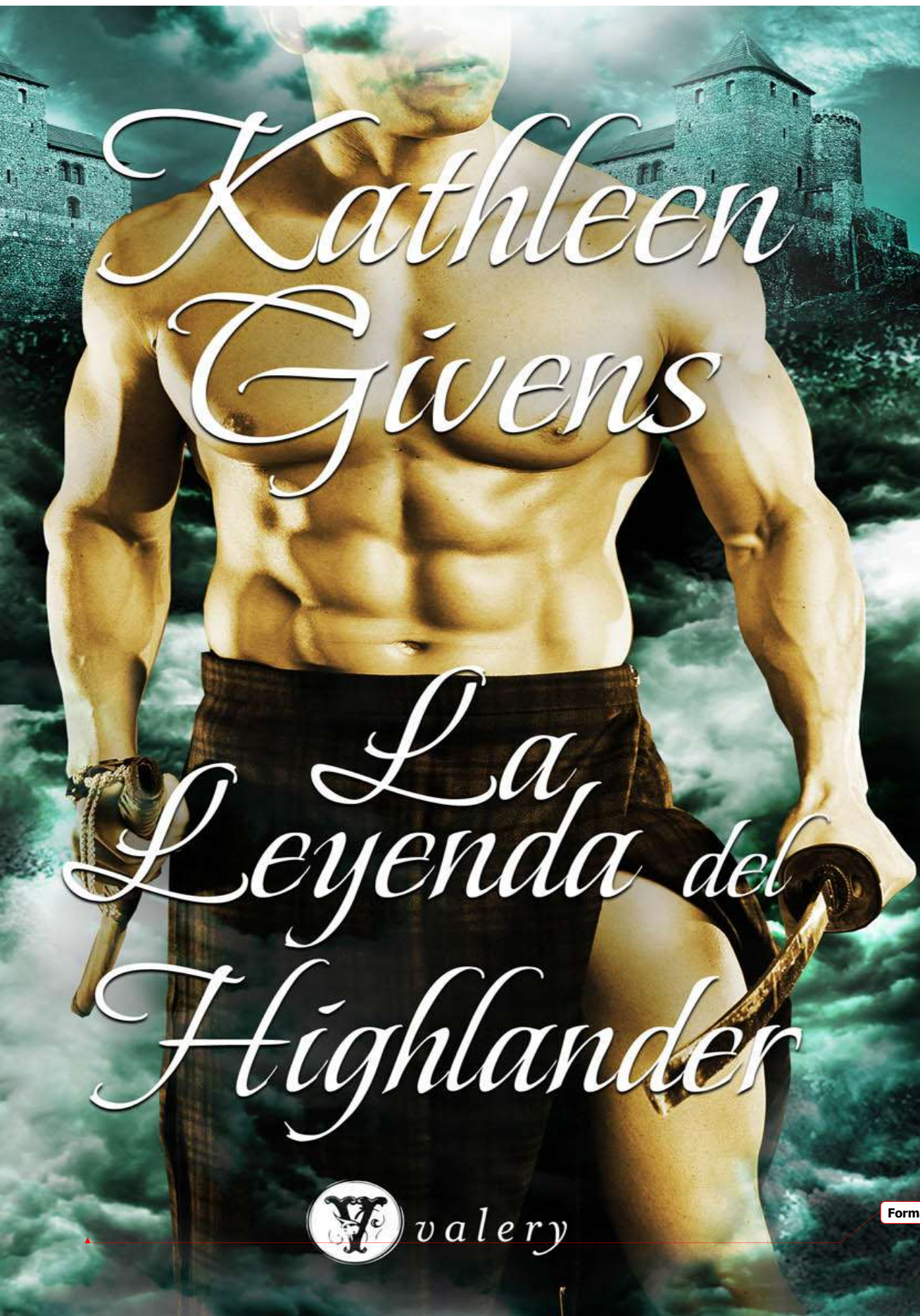




Formatado: Inglés (EUA)





Tiamat World

A Lenda do Highlander

Gêmeos MacCurrie 01

A Lenda Do Highlander

Kathleen Givens

Gêmeos MacCurrie 01

Um guerreiro escocês, uma noiva roubada, um legado de paixão...

Dois irmãos gêmeos. Dois guerreiros. E a profecia das Terras Altas que os predestina à guerra, à glória e às duas apaixonadas mulheres que se atreveram a amar.

Assim começa a aventura na sensual e vibrante história de Kathleen Givens que transcorre na Escócia do século XVII.

Uma árvore atingida por um raio prediz a história de uma terra, é um sinal, é tempo de presságios. E o destino escolheu dois amantes como artífices da lenda. Ela, Ellen Graham, uma jovem aristocrata que jurou não casar-se, a menos que seja por amor. Ele, James MacCurrie, o misterioso homem de olhos de um azul intenso que mora nas Terras Altas. É ele quem a resgata de uma morte certa a mercê de uma espada. Mas o mesmo destino que os uniu, confabula para separá-los. Imersos em um momento em que os irmãos se enfrentam, quando a férrea vontade de um guerreiro pode aplacar a calidez de seu terno coração...



Comentário da Revisora Livia: Gostei bastante deste livro, a história é muito boa e emocionante, o mocinho é muito carinhoso e sensível, amei!

Prólogo

Fevereiro de 1660, Torridon, Escócia

Alistair MacCurrie, conde de Torridon e chefe do clã MacCurrie, afastou a almofada e segurou os braços de sua esposa por cima de sua cabeça, entrelaçando seus dedos com os dela. Agitou seu cabelo escuro sobre os ombros e sorriu antes de capturar sua boca.

—Annie —disse quando levantou a cabeça—. Está pronta afinal?





Ela riu, com os olhos obscurecidos em seu pálido rosto.

—Só fizemos amor durante uma hora, meu amor.

—Desejo-te —disse roucamente—. Fui paciente. O que quer que faça?

Ela não respondeu, mas levantou os quadris para satisfazê-lo. Ele gemeu de prazer ao penetrá-la.

—Me dê um filho. —Ele respirou profundamente e soltou as mãos que ele tinha agarrado para segurar seus ombros e atraí-lo para si—. Dê-me um filho, meu amor.

Alistair a penetrou profundamente.

—Darei-te um filho, minha bela Annie. —Atacou apaixonadamente uma vez mais—. E outro mais.

—É suficiente —disse Anne rindo—. Não temos tantos quartos.

Beijou-lhe as têmporas.

—Construiremos mais.

Compartilharam um sorriso e depois guardaram silêncio, concentrando-se em sua união.

Annie alcançou o primeiro êxtase, agarrando-se ferozmente a ele, pouco depois os gemidos masculinos se uniram aos dela, até que finalmente dormiram abraçados. Nenhum dos dois viu o raio que brilhou nessa noite de fevereiro, nem escutaram o ruído que o secundou.

Nem ouviram os murmúrios que receberam as luzes da alvorada.

—A lenda — sussurravam uns aos outros enquanto se preparavam para realizar seus afazeres.

Lânguidos depois da noite de prazer, Alistair e Anne entraram na sala de mãos dadas. Ignoraram os olhares de soslaio que lhes dispensaram, estavam acostumados aos comentários que provocava sua paixão. Mas quando a miúda dama de cabelo branco os viu, se apressou a ir a seu encontro. Suas palavras afetaram a compostura do casal.

—Viram-no? —perguntou Mairi com voz sobressaltada.

—Vimos o que? —Alistair negou com a cabeça—. Mãe a que se refere?

—Venham —disse Mairi enquanto os levava para fora. Ali assinalou o imponente carvalho que durante séculos se tinha mantido erguido frente à entrada do Castelo Currie. Alistair amaldiçoou, e Anne ficou boquiaberta ao ver o que tinha acontecido durante a noite.

A árvore, com a base ainda intacta, tinha o tronco partido em duas e a casca das beiradas obscurecida; os ramos nus se erguiam para o céu. O aroma de madeira queimada saturava o ar. Alistair deu um passo para diante e deslizou as mãos sobre o tronco partido, depois se virou e olhou lívido a sua mãe.

—É a lenda — disse Mairi a seu filho. Deu uma olhada a sua nora, que a olhava com olhos muito abertos—. Não a conhece, não é ?

Anne moveu negativamente a cabeça.

—A lenda dos MacCurrie —disse Mairi— diz que três gerações de seus chefes nascerão e morrerão na mesma data. E que na terceira geração nascerão dois gêmeos que conduzirão o clã para a guerra e depois o guiarão durante cinquenta anos de paz. E o sinal de sua concepção será dado por esta árvore...

Virou-se para olhar à árvore e logo para Anne.

—A árvore se partirá em dois. E cada metade viverá. —Olhou a seu filho—. Seu avô e seu pai morreram no dia de seu aniversário. É a lenda, como o profeta predisse. Anne leva agora em seu ventre aos pequenos.

Alistair se deu a volta e olhou a sua esposa quando levou a mão ao seu ventre. Durante um momento, o único som que se escutou foi o das ondas ao romper contra o escarpado, depois



Alistair moveu a cabeça como se tentasse esclarecer seus pensamentos.

—Mãe —disse— é só um raio.

—Alistair — respondeu sua mãe com suavidade—. Se as duas partes da árvore continuarem vivas, acreditará?

—É só superstição.

—É uma profecia —insistiu Mairi—. E boa, meu filho —riu—. Deveria estar celebrando. Cinquenta anos de paz para Torridon. E seus filhos a trarão.

Alistair permaneceu em silêncio, depois se aproximou de Anne, que se jogou em seus braços. Olhou a sua mãe por cima da cabeça de sua esposa.

—Não posso acreditar nela —disse brandamente.

Mairi sacudiu a cabeça.

—Nem eu. —Assinalou a árvore—. Mas espere... o tempo dirá. Paz, Alistair. Seus filhos trarão paz a minha terra.

Anne virou o rosto para a árvore com a mão apoiada no ventre e disse:

—Novembro. Nascerão em novembro.

Capítulo 1

Março de 1689, Torridon, Escócia

James MacCurrie olhou a seu irmão nos olhos por cima da tumba de seu pai. Os olhos azuis de ambos se encontraram e, como sempre, os irmãos conseguiram comunicar-se sem palavras, compartilhando a mesma dor. Seria a última vez que seriam iguais. Uma vez que se afastassem do montículo de pedras levantado em memória de seu pai, nada voltaria a ser igual para nenhum dos dois.

James respirou profundamente e se virou para olhar o seu lar. Sólido e sombrio, o Castelo Currie se erguia no topo de uma colina na costa Oeste de Escócia, sobre as águas de Loch¹ Torridon e Loch Shieldaig. Soprava um vento fresco e por cima das altas torres de pedra que se perdiam no céu se concentravam densas nuvens de tormenta, mas a multidão que permanecia de pé no exterior da fortaleza não prestou atenção nelas.

O clã MacCurrie enterrava seu chefe nesse dia.

Neil fez um sinal aos gaiteros que estavam alinhados no topo do escarpado. Seus trajes escoceses brilhavam e destacavam contra a água cinza a seus pés. Seus movimentos eram lentos e pausados quando começaram a marcha fúnebre. Por um momento, a indômita música sulcou o ar e seu som se elevou por cima dos assistentes do funeral antes de rodear o castelo em um último abraço, para remontar trêmulo até o outro lado do topo, atravessar o lago e perder-se finalmente no mar. James fechou os olhos lutando para manter o controle, ignorando os olhares do clã que observavam à família.

“A lenda”, sussurravam aqui e ali, como tinham feito persistentemente durante os últimos meses, com maior excitação cada dia que transcorria. Tinha guardado silêncio o dia em que,

¹ Loch: em gaélico significa braço de mar, enseada, baía ou lago estreito.



depois de permanecer semi-inconsciente durante semanas, Alistair abriu os olhos, falou por um momento com sua família e agarrou a mão de sua amada Anne. E depois, faleceu. No dia de seu aniversário. Como tinha acontecido antes com seu pai e com seu avô, exatamente como tinha previsto o profeta Brahan².

O clã completo se reuniu para sepultar Alistair MacCurrie, chegaram das vilas pesqueiras situadas nas bordas do lago, das fazendas cobertas pelas montanhas rochosas que se estendiam do vale e de Torridon para o leste e das azuis ilhas que se perdiam no mar.

James podia apreciar seus olhares, perceber seu assombro. Ele também sentia o mesmo. Havia crescido com a lenda, tinha passado todos os dias frente à árvore que simbolizava sua concepção, tinha celebrado cada aniversário de seu pai com excitação e temor. Mas não tinha acreditado realmente que se cumpriria.

“Chegará o dia”, havia dito o profeta com as mesmas palavras que utilizava para expressar todas as suas previsões, e depois tinha explicado com detalhes a profecia. Agora James se perguntava se o resto seria verdade também. Da morte de seu pai tinha estado imerso em uma luta interna, parte dele acreditava e a outra ainda desconfiava. Só o tempo o desvelaria.

Sentiu como a garganta fechava quando o sacerdote colocou uma mão sobre o ataúde e pronunciou uma prece pela alma de Alistair. Seu pai tinha sido um homem extraordinário.

Como era possível que tivesse partido? Como podia ser verdade que jamais voltariam a escutar o rugido de sua risada ou sentir a palmada no ombro que sempre lhes dava antes de abraçá-los?

Nunca voltaria a burlar carinhosamente deles, nem lhes daria fôlego para que superassem as dificuldades, nem os felicitaria por seus esforços. Nunca mais escutariam seu conselho advertindo em quem confiar e de quem recluir. James sacudiu a cabeça em um vão intento por rechaçar a morte.

Seu primo Duncan MacKenzie se aproximou dele e James lhe brindou um olhar agradecido.

Duncan assentiu com olhos solenes e inclinou sua avermelhada cabeça quando o sacerdote continuou. James não escutou as preces nem as respostas que proferiram os presentes. Olhou-se fixamente as mãos crispadas enquanto tentava ignorar as ondas de dor que os angustiavam, a ele e a Neil.

Ambos os irmãos se viraram quando sua mãe se derrubou no chão. Anne jazia desmaiada ao pé da tumba, seus frágeis ombros se convulsionavam pelos soluços. Quando seus filhos se inclinaram para levantá-la, sua avó os deteve. As preces se interromperam e a multidão observou em silêncio.

—Deixem —disse Mairi, olhando Neil e James—. Não podem consolá-la. Deixem chorar, moços. É impossível evitar que sofra a perda.

—Mas, vovó —disse James, com a mão apoiada sobre o braço de sua mãe.

Mairi o deteve com o olhar.

² Brahan: um dos profetas mais famosos da Escócia que previu, entre outras coisas, a chegada da ferrovia às Terras Altas.



—Deixem. Vocês não podem compreender sua dor. Deixem-na em paz. — encheu os olhos de lágrimas e sua expressão se suavizou—. Por favor, moços, nos deixem orar. Enterro a meu filho hoje, e sua mãe a seu marido. Não há consolo possível para nós.

James e Neil trocaram um olhar, depois se separaram das mulheres. O vento formou redemoinhos na roupa de James e soltou o cabelo que usava preso, ignorou-o tentando controlar suas emoções. Encontrou o olhar de Neil, que refletia a mesma incredulidade e a mesma pena que seus próprios olhos, os olhos fraternais tão iguais em forma e cor aos seus.

E viu algo mais. James observou que seu irmão se endurecia e se cobria de um manto de responsabilidade. Neil era agora o chefe do clã MacCurrie e o conde de Torridon. E James, seu vassalo.

Neil era mais velho que ele por quatro minutos, e isso marcava a profunda diferença entre ambos.

Agora, pela primeira vez na vida, os irmãos não seriam iguais. Tinham sido criados para esse dia, sabiam o que aconteceria durante os longos meses de enfermidade de seu pai, mas jamais tinham falado sobre isso. Acaso havia algo a dizer a respeito? James sabia que Neil guiaria bem ao clã, e que Duncan o ajudaria.

A expressão de Neil se suavizou, e James soube que sua mensagem de apoio tinha sido recebido e apreciado. Sempre tinham sido capazes de entender-se sem necessidade de falar, mesmo que não estivessem juntos. Quando James estava viajando, Neil sabia quando estava a ponto de chegar.

Quando Neil quebrou um pulso enquanto estava nas ilhas, James tinha notado que algo andava errado. Nunca tinham questionado essa capacidade. Alguns achavam inquietante, mas os gêmeos a valorizavam e confiavam nela. E agora a necessitariam mais que nunca porque Alistar tinha morrido em tempos turbulentos. A guerra flutuava no ar.

Os irmãos e Duncan jogaram os primeiros punhados de terra sobre a tumba e retrocederam para que os membros do clã completassem o ritual. Quando terminaram, sua avó ajudou a Anne a ficar de pé e a segurou pela cintura para a tumba.

—Era meu filho —disse Mairi em um tom de voz que pôde ser escutado pela multidão—. E sempre tive orgulho dele. —Tremeu-lhe o queixo e seu tom se fez mais fraco—. Faz quarenta e quatro anos lhe dei a vida. Faz tempo que eu deveria ser enterrada e que ele rezasse por mim.

Respirou profundamente e olhou a cada um de seus netos. Seu tom se suavizou:

—É seu tempo agora. Façam cumprir a profecia. Tragam paz a meu lar.

James observou a sua avó colocar com dedos trêmulos a primeira pedra sobre a tumba de seu filho, depois deu um passo para diante e ficou junto a Neil e Duncan. Terminou a cerimônia. O céu se abriu e o açoite do vento os castigou. Torridon se despediu de seu laird³ com uma demonstração de fúria que seria recordada durante décadas.

³ Laird: título escocês que se remonta à época feudal; de caráter hereditário, suporta o reconhecimento dos direitos sobre a terra. Embora tradicionalmente é traduzido como “lorde”, não é seu equivalente direto porque não é reconhecido como título nobiliário em si mesmo, além disso, os direitos sobre o título e a terra são indivisíveis, enquanto que no caso de “Lorde of Manor”, os direitos ao título podem ser transpassados sem que implique a mudança de domínio das terras.



Essa noite, depois de que passasse a tormenta, os três primos caminharam lentamente ao longo dos arcos de Castil ou Currie. Debaixo deles, na protegida Baía Torridon, se encontravam ancorados os navios de Duncan. A tênue luz do sol os iluminava, igual à fragata MacCurrie. Os navios pesqueiros estavam amarrados no deque, outros jaziam na praia rochosa, ociosos nesse dia de luto.

James olhou para o lago com emoção contida. Estava exausto pelo funeral e a refeição que foi servida posteriormente. Depois da cerimônia tinha acompanhado Neil quando os membros do clã se aproximavam para apresentar suas condolências com expressões de tristeza. Tinha agradecido a todos eles, comovido por sua preocupação, mas havia sentido como se observasse a si mesmo de longe.

Algo fácil de fazer, pensou, olhando de esguelha a Neil. Podia ver-se também a si mesmo no rosto de seu irmão, que refletia seus próprios sentimentos. Tinha as escuras sobrancelhas franzidas e estava observando o deque. Duncan também estava calado. O céu não tinha limpado, as nuvens obscureciam as imponentes montanhas que circundavam Loch Torridon, e o vento ainda açoitava ao castil e o brio que não amainava.

Se virasse, poderia ver a torre onde tinha morrido seu pai, onde seu avô e bisavô haviam falecido, onde Neil e ele tinham sido concebidos e tinham nascido. Podia sentir as pedras que estavam atrás dele qual testemunhas do cumprimento da lenda. “Superstição”, pensou. Não obra do destino, nem concreção de uma profecia. Se pudesse acreditar nisso. Sentia-se como um ator sobre um cenário. Pensou que as linhas proferidas eram próprias, mas algumas vezes se perguntava se outra mão estava dirigindo suas ações, as de todos.

Segundo o que podia recordar, James tinha percebido o poder da lenda, sabia que algum dia Neil e ele deveriam enfrentar a sua força invisível. O olhar alerta do clã havia seguido o crescimento dos gêmeos até que alcançaram a altura e força de seu pai, agora esperavam ver se realmente eram iguais a ele. Alistair ganhou seu respeito, mas seus filhos ainda deviam demonstrar seu valor.

James deu um olhar a seus companheiros. Os três homens eram altos e esbeltos, mas até ali chegava a semelhança entre eles. Duncan, de caráter pacífico, tinha herdado o cabelo acobreado de seu pai e seus olhos verdes, enquanto que os gêmeos tinham o cabelo escuro de Alistair e os olhos azuis. E seu temperamento, reconheceu James com um sorriso; sua avó tinha lamentado frequentemente disso.

Eram primos pelo lado materno, suas mães eram irmãs, Anne e Isabel MacKenzie, e ao morrer o pai de Duncan, quando tinham quatorze anos, seu primo tinha tido que ir viver em Torridon. Alistair o tinha criado como a um filho a mais, tinha-o ensinado e guiado como a seus próprios filhos. Os gêmeos não poderiam imaginar a vida sem seu versátil primo. Tinha sido um bom aliado, cúmplice de maldades juvenis e companheiro incondicional quando foram maiores.

—Foi uma boa cerimônia —disse Neil brandamente.

—Sim, o clã inteiro assistiu —disse Duncan. Fez uma pausa afastando o olhar dos navios para olhar primeiro a um primo e depois ao outro—. Os outros chegarão logo.

James assentiu. Duncan tinha razão. Os representantes dos clãs MacLeod e MacKenzie, cujas terras confinavam com as do clã MacCurrie, chegariam tão logo se soubesse a notícia da morte de



Alistair. Deveriam apresentar seus respeitos. E a julgar por si mesmos a integridade do novo chefe do clã MacCurrie. Para Neil não pareceria uma surpresa para eles, já que os clãs se conheciam muito bem mutuamente, mas os homens viriam de todas as formas. E apresentariam suas condolências. Trariam notícias do mundo exterior. Da guerra.

Durante meses tinham circulado rumores sobre o levante das tropas no moderado, de rebeliões planejadas dentro do próprio território. Nem a Escócia nem a Inglaterra haviam visto com bons olhos a Jacobo Estuardo⁴ como rei, já que tinha sido um líder débil e muitos estavam ressentidos. Ambos os países estavam cansados dos confrontos que tinha provocado. Mas poucos esperavam que Guillermo de Orange, genro do rei Jacobo, disputasse o trono. E que o vencesse, ao menos quanto ao trono da Inglaterra. O da Escócia não tinha sido decidido ainda.

—Vão querer falar sobre o rei —disse Duncan.

—De qual? —perguntou Neil sombriamente.

Guilherme tinha desembarcado com suas tropas em novembro passado. A princípio parecia que o rei Jacobo ia apresentar batalha, mas ao cabo de um mês tinha fugido para a França, e em fevereiro, Guillermo e Mary tinham sido declarados reis da Escócia. Agora o casal real aguardava, igual a toda Bretanha, que a Convenção Escocesa, que aconteceria em Edimburgo, ratificasse seu direito ao trono da Escócia.

Os MacCurrie não tinham prestado atenção às disputas. Enquanto Londres e Edimburgo ferviam de agitação e intriga, Torridon tinha se concentrado portas a dentro, espectadores pela debilidade de sua líder. Agora, desejassem ou não, era o momento de reinserir-se no mundo.

Nenhum dos gêmeos desejava ver-se comprometido na luta pelo trono, mas possivelmente não teriam outra opção. A Convenção Escocesa se pronunciaria a qualquer momento para reconhecer a um dos soberanos, e os clãs das Terras Altas se veriam obrigados a aprovar ou rechaçar a decisão adotada. A tal fim, estava prevista uma reunião dos clãs no Castelo de

Dunfal Andy.

—A reunião se dará em quinze dias —disse James.

Neil assentiu.

—Devemos estar presentes.

—É verdade. —Duncan cruzou os braços sobre o peito—. Qual de vocês me acompanhará?

Neil olhou a seu irmão durante um momento, e depois se dirigiu a seu primo:

—Jamie —disse.

—Sim, é o melhor —aceitou Duncan—. Você deve permanecer aqui em caso de que venha alguém mais a apresentar suas condolências. —Mas havia outra razão para que Neil ficasse, uma mais importante. A transição de poder em um clã era um momento perigoso, muito difícil como para que o chefe do clã se ausentasse. Com rumores de guerra, seria uma tolice deixar desprotegido o território MacCurrie.

—Já é complicado que não possamos ir por mar; teremos que ir a cavalo. Sabem como eu gosto dos cavalos. —Duncan suspirou ruidosamente enquanto observava os barcos que estavam



abaixo—. Quando partiremos?

—Demorarão uma semana para chegar —disse Neil, e procurou com os olhos o olhar de seu irmão.

A lenda, pensou James, captando a silenciosa mensagem. Os gêmeos guiariam ao clã à guerra, e logo sobreviriam cinquenta anos de paz. E em Dunfal Andy, os clãs discutiriam respeito a guerra.

—Sabem que odeio quando fazem isso —disse Duncan com tom apazível—. Falem.

James olhou primeiro a seu irmão e depois a seu primo.

—Estamos pensando na lenda e os falatórios que surgirão se houver guerra.

Duncan grunhiu.

—Já surgiram muitos rumores. Todos estiveram observando-os aqui e farão o mesmo durante a reunião. Fergusson convidou aos chefes dos clãs, não os representantes. Estará esperando a Neil, e esse homem se ofende facilmente.

—Sim —disse Neil- Essa é a razão pela qual assistirá Neil.

Duncan olhou primeiro a Neil e depois a James.

—Tolice. Jamie viajará comigo, mas Neil assistirá à reunião. Bem. Ninguém notará a diferença aqui, e ninguém se dará conta disso, exceto eu. Funcionará.

James levantou a vista para a torre do castelo, sentindo o peso das gerações. Virou-se para olhar a seu irmão nos olhos. Os gêmeos mantiveram o olhar durante um longo momento.

Netherby, Escócia

Ellen Graham sorriu a sua irmã mais velha e colocou as mãos no quadril.

—Flora, pelo amor de Deus, pare de dançar!

Flora deixou de girar para sorrir frente ao espelho. Seus cachos castanhos deixaram de agitar-se e o emolduraram as faces rosadas, e suas saias lentamente deixaram de balançar.

—Caso-me hoje! Por que não posso dançar ?

Ellen riu.

—Por que não? Inclusive o sol saiu para ir a sua festa. É o primeiro dia ensolarado em anos.

—Porque é o dia de meu casamento—disse Flora olhando para Ellen por cima do ombro—.

Finalmente. Acha que Tom gostará de meu vestido?

—Tom adorará seu vestido. Casaria com você se vestisse um saco de grãos.

—Faria, não é ? Provavelmente nem sequer notaria.

—Tom só quer casar com você. Ama você desde que eram crianças.

—E eu a ele. Só que não me tinha dado conta. Papai tinha razão.

Ellen suspirou. Durante anos seu pai havia dito a Flora que jamais encontraria a alguém que a amasse mais que Tom Stuart. Mas Flora, enjoada pela atenção que tinham recebido das três irmãs Graham desde sua apresentação na sociedade em Edimburgo e em Dundee, havia estado

⁴ Jacobo Estuardo: Depois da morte de Carlos Estuardo (1685) seu irmão Jacobo se converteu no Rei Jacobo II da



muito ocupada para reparar no jovem que sempre a tinha adorado.

Tom, abençoado com uma paciência que Ellen nunca entendeu, tinha esperado que Flora afastasse de seus candidatos e aceitasse ser sua esposa. Quando finalmente o fez, em novembro, Tom partiu com as tropas dirigidas por seu primo John para o sul para formar parte do exército leal ao rei Jacobo, com o propósito de resistir a invasão de Guilermo de Orange. Flora, afastada dos sucessos do mundo, havia-se primeiro sentido desconcertada e logo foi a única na casa Graham que se alegrou quando o rei Jacobo fugiu a França e seu exército se dispersou.

Agora, seis meses depois, Tom e Flora iriam se casar apesar dos tempos incertos que viriam. Embora ninguém fazia menção disso, e menos Flora, a maioria da família estava preocupada com o que poderia acontecer a um oficial do exército de um rei destronado. Só Flora e seu primo John pareciam otimistas sobre o futuro.

—Meu casamento será muito diferente do de Margaret —disse Flora—. Não posso acreditar que só por uma visita, se apaixonasse por um completo estranho e se casasse com ele! Margaret. A pessoa mais séria do mundo!

—A pessoa mais peculiar do mundo —disse Ellen—. Disse que o coração parou quando viu Hugh pela primeira vez.

—Isso não é amor —disse Flora com ares de suficiência—. Amor é o que sinto pelo Tom.

Ellen sorriu para si. Quão diferentes do que tinha imaginado tinham sido o casamento de suas irmãs. No ano anterior, a sensata e prática Margaret tinha perdido o coração para Hugh MacDonnell e agora vivia em Glengarry, na região mais selvagem das Terras Altas, a ponto de dar a luz a seu primeiro filho. E esse dia, a frívola Floresce ia casar-se com Tom, com quem planejava viver perto de Netherby em vez de fazê-lo na cidade, como sempre tinha assegurado que faria.

Ela se olhou no espelho. Flora era a formosa, Margaret, a sensata. E ela? Observou seu cabelo castanho escuro e suas sobrancelhas arqueadas. “Sou Angulosa” pensou. Tinha maçãs do rosto pronunciadas, boca generosa, possivelmente muito. Não era formosa, não era bela, nem sequer particularmente sensata, simplesmente era a mais jovem.

—Será a próxima—disse Flora.

Ellen riu.

—Sou a única que resta.

—Com quem se casará? —Meditou Flora—. Que tal Evan?

—Oh por favor! Quem pode tomar a sério ao Evan? Só está esperando que seu avô morra para herdar seu dinheiro. Não é minha ideia de marido.

—Quando o herdar, será rico.

—Mas continuará sendo Evan.

—É verdade. E David Grant?

—Oh, não! Você também! A tia B pensa que é perfeito para mim.

—É muito elegante.

—Também nosso padraço. A aparência de um homem não reflete necessariamente seu interior.



Os olhos de Flora se aumentaram.

—Olhe quem fala!

—A princípio, todas consideramos Pitney muito elegante. Pensamos que era encantador quando estava cortejando a mamãe. E supusemos que, pelo menos, seria amável conosco.

—Mas, em troca, foi espantoso. É horripilante. Odeio quando tenta ser gentil. É mais fácil quando utiliza suas usuais maneiras grosseiras. Alguma vez está contente?

—Está muito contente por seu matrimônio com Tom.

Flora arqueou uma sobrancelha.

—Sim, é verdade. Perguntou-me por que.

—Oh, por favor, é muito simples —disse Ellen—. Outra filha que se vai da casa. Está encantado. Agora o que tem que fazer é casar a mim e estará feliz. Não notou que permanentemente me está procurando candidatas? Está impaciente para que me case e vá embora de casa. E todos eles são tão velhos para ser nosso pai, inclusive nosso avô. Nenhum é de nossa idade.

—Tem o David.

—Além do David, que vai se casar com Catherine, conforme assegura ela.

—Diz que tem feito tudo salvo propor-lhe

—Será perfeito para ambos —disse Ellen—. Ela o adora, e ele adora seu dinheiro. Brindará-lhe as comodidades que ele deseja tanto. Não, ficarei aqui e deixarei Pitney louco de frustração..

—Não entendo Pitney. Por que está tão ansioso por ficar só com a mamãe? Acha que são felizes?

Ellen negou com a cabeça.

—Ultimamente acredito que não. Mamãe foi feliz a princípio, mas não assim durante o último ano.

—E aonde vai ele? Sempre desaparece —suspirou.

—Parece impossível que estejam casados por três anos. Conheceram-se só seis meses antes de casar-se. —Ellen olhou a Floresce através do espelho—. Mamãe foi muito tola. Nunca deveria haver-se casado com ele.

—Não. Por que acha que o fez?

—Estava sozinha. Pitney era elegante e encantador. Tinham passado anos da morte de papai. Estava cansada de estar sozinha.

—Suponho que não queria ser como a tia B.

—O de B é diferente. Nunca se casou.

—Mas o teria feito. Se seu pretendente não tivesse morrido, teria se casado com ele e teria tido filhos. Acha que devo mudar o penteado?

Ellen sorriu.

—Não, está perfeito. E este dia também será perfeito. —As jovens se viraram quando se abriu a porta e entrou sua mãe. Rose e a tia avó B entraram com Britta, a jovem que tinha sido escolhida como donzela de Ellen. Os olhos de Britta estavam brilhantes, e Ellen sorriu. Tinha afeto pela jovem por ser tão doce e por seus laboriosos intentos de agradá-la.

Rose beijou a suas filhas e riu quando Floresce começou a falar rapidamente sobre o vestido



e o penteado. Ellen conduziu B até um assento junto à janela.

—Estou bem, estou bem —disse B—. Floresce, está linda.

—Obrigado, tia B —disse Flora.

—Está, não é? —disse Rose—. Todas as minhas meninas são bonitas.

—OH, sim que o são, senhora! —disse Britta, depois se ruborizou horrorizada.

Rose riu.

—Estou completamente de acordo, Britta.

—Eu também —disse B, e depois se recostou sobre as almofadas dizendo baixinho a Ellen—:

Estou muito melhor do que sua mãe acha.

—Esteve muito doente —disse Ellen.

—Estive. Devo admitir que até eu me assustei. —B sorriu de repente—. Inclusive escrevi meu testamento, deixarei tudo ao Pitney.

Ellen riu.

—Duvido.

—Também eu. Não posso aguenta-lo. —Tomou a mão de Ellen—. Não passará muito tempo até que você também se case. Deveria fazê-lo com o David. Já disse a você.

—E eu disse que jamais me casarei com ele. Não lhe importo, nem ele a mim.

—Ele assegura que importa, pequena. Importou durante anos.

Ellen negou com a cabeça.

—Se eu importasse para ele, não estaria cortejando a Catherine também. Só o faz para lhe provocar ciúmes.

B suspirou.

—Eu gostaria de vê-la estabelecida junto a alguém que cuidasse de você o resto de sua vida.

Ellen sorriu.

—Não seria encantador?

B assentiu, depois correu a cortina para ver quem os criados estavam recebendo no jardim.

—John está aqui —disse, e o repetiu a Rose—. Com dez homens. Ao menos tem o tino de reconhecer que é um partido em potencial.

Rose olhou a B, depois a Ellen.

—Vá recebê-lo, pequena. Está desejando. Desceremos em um momento.

Ellen sorriu enquanto descia correndo para o vestíbulo. Sempre ficava encantada de ver John. Para o resto do mundo, podia ser John Graham de Claverhouse⁵, recentemente designado visconde de Dundee e uma figura central do âmbito político que fascinava a Escócia, mas para ela era simplesmente seu primo favorito.

⁵ John Graham do Claverhouse, primeiro visconde do Dundee: soldado e nobre escocês. Iniciou sua carreira militar em 1672, no regimento escocês do Sir William Lockhart. Carlos II o nomeou capitão em 1678 e o enviou a Ardia com ordens de suprimir as reuniões presbiterianas nas Terras Baixas, que ao rei lhe resultavam sediciosas. É então quando se forjou sua fama como represor dos covenanters. Surpreendentemente, casou-se com lady Jean Cochrane, filha de uma família covenant. Em 1686, foi promovido à fila de comandante geral e acrescentou a dignidade de preboste do Dundee, e como segundo ao mando, depois do general Douglas, liderou o exército que se enviou a Inglaterra para apoiar à dinastia Estuardo. Em 1688, Jacobo II o nomeou visconde do Dundee enquanto estava com o exército escocês na Inglaterra.



John sempre tinha sido amável com ela, discutiam sobre política e, embora ela fosse muito mais jovem, jamais subestimava seu interesse nem ignorava suas perguntas.

Durante anos tinha formado parte do exército do rei Jacobo e tinha sido recompensado com promoções e a atribuição de maiores responsabilidades, algumas impopulares e perigosas.

Em novembro, quando Guilherme ameaçou com a invasão, o rei Jacobo tinha ordenado que seu exército se deslocasse para o sul. John tinha abandonado imediatamente seu regimento, levando com ele Tom Stuart, um dos oficiais de sua maior confiança, o que obrigou a Flora e a Tom a adiar o casamento.

Quando algumas semanas atrás o rei Jacobo dissolveu seu exército, John enviou a seus homens de volta. Flora tinha insistido em que se celebrasse o casamento imediatamente, apesar dos rumores de guerra. Os poucos que conheciam bem John Graham sabiam que não deixaria de lutar para impedir que o rei Jacobo perdesse o trono. As especulações sobre suas possíveis ações haviam deslocado em qualquer parte desde que a Convenção se reuniu, e com mais força quando John a abandonou de repente. Os rumores diziam que se mobilizou para contatar a alguns de os clãs das Terras Altas que apoiavam ao rei Jacobo.

Também se dizia que uma vez que Guillermo se convertesse em rei, as atividades de John seriam consideradas como atos de traição. Como mínimo, diziam os falatórios, seus dias no poder estavam contados. E se acontecesse o pior... Mas Ellen se negava sequer a considerá-lo, John e sua amada esposa Jean seriam pais. Como poderiam lhes causar mal?

Encontrou-o rodeado de seus homens, com as costas erguida e um traje cor verde que realçava seu corpo esbelto. Sempre o tinha considerado muito elegante, com seu escuro cabelo encaracolado e traços agraciados. John não tinha aparência de soldado. Era de textura média e não muito alto, mas tinha demonstrado seu arrojo como um valente comandante, era um líder natural. E um súdito leal do rei Jacobo, um hábito perigoso nesses dias.

Levantou a vista quando o chamou e um sorriso iluminou seu rosto. Abraçou-o e ele riu beijando sua bochecha ao rodá-la com seus braços.

—Sempre posso estar certo de que serei calorosamente recebido por você, prima! —disse.

—Sempre estou feliz de vê-lo. Não sabíamos se poderia vir.

—E faltar ao casamento de Flora e Tom? De maneira nenhuma. Como está a noiva?

—Linda. E muito feliz. Como está Jean?

—Muito bem, considerando que está quase no fim da gestação. Está cansada de esperar.

—Entendo. —Ellen se aproximou e baixou a voz—. Que notícias há, John? Onde tem estado? Olhou-a zombeteiramente.

—Em casa, com minha esposa, onde mais poderia estar? Estou a ponto de ser pai.

—Faltam ainda semanas. E sei que se ausentou. Jean escreveu nos avisando que não poderia vir pelo nascimento do bebê e nos disse que estava ausente. O que acontecerá agora?

A expressão de John se tornou sombria.

—A Convenção decidirá a favor de Guillermo, Ellen. Oferecer-lhe-ão o trono.

—E então?

—Aguardaremos para ver a reação da Escócia. Se ninguém objetar, Guillermo será o rei.

—Já é Rei da Inglaterra.



John entreceerrou os olhos.

—Só há um rei legítimo na Inglaterra, e é Jacobo Estuardo. Guilherme é um usurpador.

—É arriscado adotar essa posição.

—Sim. E o será mais ainda se tiver êxito em minhas gestões.

—Vai levantar as tropas em apoio do rei Jacobo!

—Veremos com que apoio conto.

—John! Bem-vindo!

Ellen e John se viraram e encontraram Pitney Malden de pé na soleira. Dirigiu-se para ele com a mão estendida. A luz iluminou seu escuro cabelo ou ondulado, seus lábios mostraram um amplo sorriso, mas seus olhos tinham um gélido brilho.

—Bem-vindo a nossa região. Como se desembrulha a Convenção em Edimburgo? Quem será rei?

—A Convenção decidirá a favor de Guilherme —disse John com tranquilidade.

—Viu ao rei Jacobo? O que opina?

John moveu a cabeça.

—Não o vi desde pouco depois de que Guillermo desembarcasse. Parecia estar em transe. Não podia acreditar que sua própria filha e seu genro queriam destroná-lo. Quando a princesa Anne se uniu a eles, sofreu um aneurisma. Não foi o mesmo depois disso.

—É uma história muito triste —disse ele.

—Já é suficiente, Ellen. —Pitney franziu o sobrecenho ao olhá-la—. Não deveria estar discutindo isto.

—É fascinante. —Ellen tentou manter um tom de voz suave—. O que aconteça em Edimburgo mudará o futuro.

—Esquece que é mulher, Ellen —disse Pitney desdenhosamente—. Não deveria discutir sobre política. Não entende do que estamos falando.

O silêncio se fez evidente. Os homens de John se afastaram, muitos trocaram olhares. Ellen apertou os lábios, tentando conter as palavras iradas que pugnavam por brotar.

—Ela entende de política tanto como qualquer dos homens que conheço, Pitney —disse John com calma—. E muito poucos, homens ou mulheres, podem discutir esse tema com inteligência.

—Você é militar, Dundee —disse Pitney—. Se espera que discuta sobre esses temas. Mas Ellen não deveria fazê-lo. É indecoroso. E uma das razões pelas quais não se casou. É pouco feminino.

Ellen sentiu que ficava boquiaberta e se ruborizava. Teria respondido, mas sua mãe, a quem Elleni não tinha visto chegar, lhe adiantou.

—É suficiente, Pitney —disse Rose com tom glacial—. Ela não é de maneira nenhuma pouco feminina. Minha filha é perfeita. —Afastou-a deles.

—Não sei o que dizer —disse Rose quando estiveram sozinhas na escada—. Pitney às vezes é maravilhoso, mas em ocasiões é espantoso, como agora. Lamento que te tratasse assim.

Ellen forçou um sorriso.

—Estou bem, mãe.



—Não posso te deixar sozinha. Não irei visitar Margaret amanhã.

—Mãe! Margaret precisa de você, e deseja acompanhá-la quando tiver a seu filho. Vá. Assim está planejado. Tanto Margaret como Flora se sentiriam desprezadas se ficasse comigo. Estarei perfeitamente bem. Pitney pode me dizer o que queira. Não vou deixar que me afete.

Rose assentiu, mas Ellen sabia que sua mãe não acreditava suas valentes palavras.

Capítulo 2

Ellen permaneceu orgulhosamente de pé enquanto se celebrava o casamento de Flora e Tom. Adorava essa pequena igreja de pedra, com seu alto teto de madeira e seus bancos dourados de carvalho. O perfume das flores e das velas enchia o ambiente tingido de uma tênue luz azul que se filtrava pelas vidraças a ambos os lados da capela. Seus pais e seus avós haviam casado ali, e Ellen estava contente de que Flora seguisse a tradição. Algum dia possivelmente também ela o faria.

Depois da cerimônia, Flora e Tom guiaram a procissão até Netherby Hal, dançando sob as altas árvores alinhadas com o passar do atalho que se estendia da capela. O som de suas risadas se elevava sob a luz do sol e chegava até Ellen. Deteve-se no limite a partir do qual se estendiam os extensos prados para observar a casa que tinha sido construída por seu avô.

Netherby Hall se erigia placidamente diante dela. A edificação de pedra cinza constava de quatro pisos que se estendiam em asas a ambos os lados da escalinata de entrada. As flores das vasilhas junto à porta principal eram a única nota de cor brilhante em uma paisagem ainda dominado pelos matizes sombrios do inverno. Logo as árvores recuperariam vida com os novos brotos. “Novos começos”, pensou enquanto dava a volta para olhar Flora e a Tom, quem subiu os degraus com as mãos entrelaçadas e ficaram frente à concorrência.

Tom agradeceu a todos sua presença e depois se inclinou para reclamar um beijo de Flora que provocou mais de um suspiro. “Eu quero isso também”, Ellen colocou a mão na garganta surpreendida de si mesmo. Queria o que Flora e Tom tinham, o que Margaret e Hugh haviam encontrado, uma paixão que transformava a quem amava.

“E não me contentarei com menos.”

James segurou as rédeas no topo da colina. Duncan o alcançou e se colocou a seu lado. Os primos descansaram em silêncio durante um momento observando o tranquilo vale que se estendia debaixo deles. Ainda não se viam sinais da primavera; a neve se acumulava aos lados das formações rochosas.

Tinham passado a primeira noite fora de Torrídón na choça de um camponês, onde dormiram no chão, e a seguinte em uma estalagem lotada de gente. Ambos os dias haviam começado à alvorada e terminado ao entardecer, e esse dia seria igual. Chegariam tarde a Inverness, mas teriam uma boa comida e uma cama limpa, um pouco muito agradável certamente. Ainda faltavam cinco dias para chegar a Dunfál Andy.

—Posso cheirar o mar —disse Duncan com um sorriso.



—Simples ilusão.

Duncan meneou a cabeça.

—Posso cheirar o mar, Jamie. Estamos perto. E me sentirei totalmente feliz de descer desse cavalo. Um navio é muito mais cômodo.

James notou o cansaço no rosto de seu primo.

—Obrigado por me acompanhar.

Duncan encolheu os ombros.

—Neil, você e eu cuidamos uns dos outros a muito tempo.

—Agradeço isso também.

—Sei. Além disso, prometi a seu pai que cuidaria de vocês. —Duncan suspirou—. Já pensou alguma vez quão agradecido estou de que ele tomasse conta de mim? E vocês, nenhuma vez sequer me recriminaram que era somente seu sobrinho, não seu filho.

—Nunca o sentimos assim.

—Sim. Essa é a questão. O que quero dizer é que sei quanto estão sofrendo. Embora eu o amava, era meu tio, não meu pai. E eu não tive que confrontar que fosse meu irmão que herdasse todas as posses.

James negou com a cabeça.

—Não sinto inveja do título de Neil.

—Sim. Sei. Mas como, Jamie, é outra das razões pelas quais estou aqui. Os três nos protegemos mutuamente. Portanto, aqui estou.

James engoliu em seco com dificuldade.

—Obrigado.

Duncan endireitou as costas e segurou as rédeas.

—Suponho que deve haver formosas jovens em Inverness. E essa é na realidade a razão por que vim, se quer saber a verdade.

James riu.

—Ainda estamos longe do mar, Duncan.

—Estamos perto, acredite em minhas palavras. Terá que me convidar a um uísque se estiver certo.

—Trato feito. —James guiou a descida da colina e se encaminhou, para o leste. Poucos minutos depois viu o brilho da água do Estuário de Beaulieu iluminado pelas últimas luzes do dia. Demônios, Duncan tinha razão.

Pela primeira vez em semanas, seu aspecto melhorou.

John partiu no dia seguinte do casamento, antes do amanhecer. Rose o fez pela tarde junto com Flora e Tom. Viajariam juntos até Glengarry, onde Rose ficaria com Margaret até o nascimento de seu primeiro neto. Flora e Tom continuariam sua lua de mel com uma visita a parentes longínquos de Tom.

Nove dias depois de ter se despedido dos viajantes, David Grant estava realizando sua quarta visita a Netherby, mas ainda não se tinham notícias de John. Mantiveram uma conversa corriqueira enquanto caminhavam pelos jardins. A tarde era fria mas ensolarada. Agradecida por



isso, não importou-lhe a brisa. Com cada dia que passava a paisagem se tornava mais verde, apareciam novos brotos nas árvores e inclusive algumas flores ocasionais.

Ellen observou a sombra das nuvens jogar no vale que se estendia frente a eles e logo olhou furtivamente a David. Segundo a jovem Britta, que tinha sabido por Ned, um jovem servo, David estava sofrendo por um amor não correspondido. Mas ele não agia como um homem apaixonado; estava tão aborrecido como ela, embora parecia que estivesse esperando algo.

—David —disse ela finalmente—, conhecemo-nos há anos. Deveríamos ser capazes de ser honestos um com o outro depois de tanto tempo. Por que está aqui?

—Vim visitá-la. —ruborizou-se.

—Por quê?

Abriu a boca, e depois a fechou.

—David, por que está cortejando a Catherine e a mim ao mesmo tempo?

—Não é um tema de conversa apropriado.

—É um tema extremamente apropriado. Catherine te adora, e você sabe. Ela merece de você honestidade, e também eu. Por que está cortejando a ambas?

—Pitney pensa que formamos um bom casal.

Olhou-o fixamente com horror.

—Eu decidirei com quem me casar, David, não Pitney. E o quanto a Catherine?

David piscou e girou sua cabeça para olhar fixamente ao vale durante um momento.

—Não posso discutir isto com você —disse, virou-se e se retirou apressadamente.

Ela correu atrás dele.

—Por que, David? Por que não pode discuti-lo comigo? A quem mais concerne, além de mim?

Não se deteve. Viu-o afastar-se enquanto os pensamentos davam voltas em sua cabeça como um torvelinho. Provavelmente Pitney tinha devotado algo... mas o que? Representou a imagem de Pitney e Catherine negociando David e se sentiu doente. David já tinha conseguido uma herdeira. Por que a cortejava que proveito poderia obter? Ou era produto de sua frondosa imaginação? Não, não era produto de sua imaginação. Tinha descoberto algo em seus olhos que não tinha notado antes. Especulação. E uma petulância que a perturbava. O que poderia ter oferecido Pitney? Tinha pouco dinheiro próprio. Embora administrasse todos os bens que Rose tinha contribuído ao matrimônio, estes eram principalmente terras, além de Netherby Hal, mas não havia dinheiro em efetivo. E que motivos teria Pitney para subornar David? Casá-la? Estaria tão desesperado por afastá-la de Netherby?

Retornou a casa com passo lento, suspirando silenciosamente, e no vestíbulo encontrou Pitney com uma nota na mão. Olhou-a com ar distraído quando ela entrou e espremeu a nota.

—Ellen, passarei a noite com alguns amigos. Quer que chame o senhor Grant para que jante com você?

Ellen negou com a cabeça.

—Não, obrigado, Pitney.

—Estou certo de que ficará encantado de fazê-lo.

—Sinto-me bastante mal. Não poderia comer nada. —Ellen apoiou uma mão no estômago



como corroborando suas palavras.

Pitney assentiu.

—Bem. Direi aos criados que não preparem o jantar.

Ellen se obrigou a subir lentamente as escadas, com humor mais distendido. “Céus”, pensou, “uma noite sem o Pitney”. Uma comida era um preço que bem valia a pena pagar.

Uma hora depois, a casa se achava em silêncio. E Ellen estava faminta. “Merece isso”, pensou enquanto perambulava pelo quarto. Tinha dado folga a Britta, que certamente se encontraria com Ned, assim teria que descer ela mesma à cozinha e ver o que podia encontrar.

Ellen abriu a porta e escapuliu pelas escadas até o segundo andar. A porta do escritório de Pitney estava fechada, e se surpreendeu quando escutou vozes lá dentro. Passou frente a ela nas pontas dos pés, se perguntando se Pitney teria cancelado seus planos para o jantar. Deteve-se quando escutou que mencionavam o nome de sua mãe.

Havia dois homens ao outro lado da porta. Olhou a seu redor para assegurar-se de que estava sozinha no corredor, depois se inclinou sobre a porta para escutar melhor.

—Malden diz que não teve oportunidade de discuti-lo com Rose por causa do casamento. Falará com ela quando retornar.

—Então esta viagem foi uma perda de tempo.

—Não totalmente. Sabia que Dundee esteve aqui para o casamento? Malden disse que acredita que Dundee levantará as tropas para apoiar a Jacobo.

—Não teria sido necessário cavalgar até aqui para saber disso. Estão dizendo o mesmo em todos os botequins —disse a outra pessoa.

—A Convenção o declarou em rebeldia por negar-se a retornar a Edimburgo. Muitos deles gostariam de ver que recebe o castigo que merece. Guillermo tem homens que o estão procurando.

—Denunciaram-no? Possivelmente esse bastardo seja assassinado finalmente.

—Por que não me adianto e o faço eu mesmo?

Ela ofegou e tampou a boca com a mão. “Não faça ruído”, pensou. Deu um olhar ao corredor vazio.

—Faria?

—Sim —disse uma das vozes—. Sem dúvida Guillermo ficaria contente, como muitos da Convenção. Jacobo Estuardo não tem a ninguém mais a parte de Dundee para recuperar o trono, e agora foi declarado em rebeldia. A morte de Dundee seria uma demonstração de lealdade a Guillermo.

—Como faria? Quando?

—Os clãs se reunirão em Dunfallandy dentro de três dias. Supõe-se que é um segredo, mas muitos sabem. Dundee assistirá.

—É obvio —disse a outra voz com tom meditativo—. O rei Jacobo querará que interceda para que os clãs apoiem sua causa.

—Virão todos os clãs das Terras Altas. Será uma reunião muito grande.

—De highlanders.

—Exatamente —disse o primeiro homem—. Pode acontecer qualquer coisa com homens



como eles. São incrivelmente exaltados. Dundee pode dizer algo inconveniente; algum deles poderia ofender-se.

—Tem homens dispostos ao isso?

—Só um até agora. Do oeste. Considera-se um patriota.

—Poderia ser acusado de assassinato—disse o outro.

—Eu não cometerei o assassinato.

—Encomendará.

—E você porá o dinheiro. Dundee agora é uma ameaça para a Coroa.

—Quanto custará? —perguntou o outro.

—Mais do que me pagou no último ano. O triplo, na realidade.

Produziu-se uma prolongada pausa, depois se escutou uma risada.

—Sim! Sim, faça. Em Dunfal Andy. Malden sabe?

Ellen se aproximou mais ainda, depois se virou bruscamente ao escutar um rangido na escada.

Saltou para o meio do corredor no mesmo momento em que Pitney alcançou o patamar que estava em cima dela. Seu padraço se deteve quando a viu, manteve o pé em alto sobre o degrau por um segundo antes de dar um rápido olhar ao pasil e continuar descendendo.

—Ellen —disse—. O que está fazendo?

—Acreditei que tinha saído para jantar. —Sua voz soou mais alta do natural.

Ellen lutou para acalmar-se.

—Não nos fomos ainda. Pensei que estava doente.

—Já estou muito melhor.

Pitney cruzou os braços.

—Entendo. O que escutou?

—Nada. Só vozes quando descia as escadas. Assustei-me porque pensei que tinha saído.

—Ellen —disse Pitney com tom engatusador—. Se tiver escutado algo que se preocupa, por favor, diga-me isso.

Negou com a cabeça.

—Escutei vozes, mas não pude distinguir o que diziam... me alegra descobrir que não eram ladrões.

—Sim —disse—. Eu também.

Ellen fez um esforço por descer lentamente as escadas no caso de Pitney a estivesse olhando. Sentia como pulsava tresloucadamente seu coração. Quem seriam? Não tinha podido reconhecer nenhuma das vozes; mas o primeiro, o da voz mais fria, poderia reconhecer essa voz se voltasse a escutá-la. “Por Deus, têm intenção de matar John.”

Devia adverti-lo. Respirava pesadamente quando chegou ao vestíbulo e pediu que alcançassem sua capa. A espera pareceu eterna, mas lhe deu tempo para tomar algumas decisões. Tinha que ir para Dunfallandy para avisar John. Mas necessitava de ajuda. Uma mulher não podia viajar sozinha.

Necessitava de um homem que a acompanhasse.

Quando o servo, que infelizmente não era Ned, chegou com seu casaco, olhou-a com



evidente curiosidade.

—Necessita que tragam a carruagem, senhorita?

—Sim —disse agitada, mas depois o reconsiderou. O servo poderia informar a Pitney onde se dirigia—. Não. Não, não preciso —sorriu forçadamente—. Preciso caminhar.

—Está chovendo, senhorita Ellen, e já é quase de noite.

—Bom —disse Ellen—. Pois sairei para caminhar sob a chuva. —amassou-se sob o casaco—.

É uma bonita noite. Uma bonita noite de chuva. Bonita para caminhar.

A chuva cessou quando Ellen estava falando com Evan. Por ser primo de Tom, pensou que era o único que poderia ajudá-la sem discutir. Não fez muitas perguntas, só aceitou a questão de que precisava entregar uma mensagem a Tom e de que temia que Pitney não a deixasse ir.

Era verdade, em parte. Evan se ofereceu para entregar a mensagem a John enquanto ela aguardava em casa, mas lhe explicou que tinha que fazê-lo pessoalmente, e contou a grandes o que planejava fazer.

Depois de alguns minutos ele aceitou. Ela escreveu a carta e a entregou, dominando o sentimento de culpa que provocava ter que mentir. Deixou que pensasse que iriam a Glengarry. Como faria com Britta quando o dissesse. Em uma hora, Evan levará a carta a Netherby. A mensagem estava dirigida a seu nome e estaria redigido como se o enviasse sua mãe contando que Margaret não estava bem e pedindo a ela que fosse a Glengarry.

Embora era uma estratégia pouco sólida, posto que os dez dias que fazia que Rose havia partido não pareceriam tempo suficiente para que chegasse a mensagem, teria que bastar. Foi a única coisa que ocorreu para afastar aos perseguidores de seu rastro. Partiria logo que fosse possível, antes que Pitney retornasse do jantar. Antes que as vozes decidissem silenciá-la.

Tudo foi bem. Esteve pronta pouco antes que Evan aparecesse com a nota. Quando a entregou com perfeitas maneiras, simulou estar extremamente surpreendida. Embora os criados pediram que esperasse até a manhã seguinte para partir, ela se negou. Britta e Ned a observaram com olhos muito abertos quando Ellen disse que Britta a acompanharia.

Enquanto Britta estava preparando a bagagem, Ellen escreveu a B contando a verdade.

Logo mandou chamar Ned e ordenou que entregasse a carta imediatamente, fazendo insistência em que ninguém, salvo B, devia recebê-la. E que não devia falar com ninguém do assunto. O jovem assentiu e partiu imediatamente.

Ellen esperou no vestibulo enquanto desciam sua bagagem e preparavam os cavalos, rogando que Pitney e seus convidados não chegassem antes. O servo que tinha entregue a capa observou os preparativos com olhos entrecerrados, mas não disse nada. Ellen evitou olhá-lo, deslizando as mãos para o interior de um dos bolsos, onde tinha guardado a pistola de seu pai, que tinha pego da cômoda. No outro tinha depositado a pólvora. Elevou outra prece rogando partir o quanto antes possível.

Ellen e Britta foram ajudadas a subir aos cavalos e sua bagagem foi amarrada a outro cujas rédeas agarrou Evan, que depois as conduziu pelo caminho sem expressar palavra alguma. Na curva, Ellen se virou e deu um olhar a Netherby. O que aconteceria durante sua ausência? Retornaria? “Meu Deus, me proteja nesta viagem”, implorou. A única certeza era que a vida



jamais voltaria a ser igual.

O coração lhe deu um salto ao escutar o trote de um cavalo que se aproximava para eles na escuridão. Quando se aproximou, pôde ver que era Ned e respirou aliviada. Atrás dela, Britta ficou boquiaberta quando o servo, com o rosto avermelhado, desceu do cavalo e se jogou nos pés de Ellen.

—Senhorita Graham, devo ir com você. Amo Britta e não posso deixar que viaje às Terras Altas sem meu amparo. —Elevou as mãos em gesto de súplica e aguardou sua resposta ao tempo que Britta lhe sorria.

Ellen lhe sorriu.

—Estamos encantadas de contar com você, Ned —disse, depois dirigiu seu cavalo e seus pensamentos para o oeste.

Detiveram-se altas horas da madrugada em uma pequena estalagem para comer e descansar e levantaram-se no meio da manhã para reiniciar a viagem. Depois de ter cavalgado uma milha, ela disse a verdade a Britta e a Ned, quem escutou com expressão consternada, intercambiando várias olhares.

Evan meditou durante um momento, depois encolheu os ombros.

—Ao menos não é Tom.

Ned jurou por sua honra e em memória de sua mãe que protegeria Ellen com sua vida e a ajudaria a advertir a sua primo do perigo. Britta olhou primeiro a Ned e depois a Evan, e prometeu que ela também o faria. Ellen lhes agradeceu enquanto tratava de aparentar ânimo. E depois agarrou as rédeas.

Cavalgava olhando para trás de hora em hora. Dizia a si mesma que era absurdo, que ninguém podia estar seguindo-os tão logo. Provavelmente ninguém ia segui-los, depois de tudo. Inclusive podia ser que essa noite não contassem nada a Pitney a respeito de sua partida para Glengarry, e que descobrisse sua artimanha à manhã seguinte. Mas duvidava. Ele se tinha dado conta de que ela tinha escutado algo no pasil e que a tinha transtornado.

Desprezava a seu padraсто, mas poderia ser tão falso para receber calorosamente a John quando chegou ao casamento de Flora, dar tapinhas nas costas e em alguns poucos dias mais tarde planejar sua morte? Ellen sacudiu a cabeça; não importava se tinha estado a par da conspiração.

Tinha escolhido uma rota pouco transitada para Dunfallandy, evitando os caminhos usualmente utilizados para ir ao oeste, mas qualquer um que soubesse aonde se dirigia poderia encontrá-la facilmente e simplesmente esperá-la em um dos cruzamentos de caminhos.

Poderia chegar a tempo? “John”, pensou, “ não pode perceber o perigo?” Evan tinha demonstrado ser um companheiro imperturbável, mas era uma companhia ao menos; Britta e Ned tinham sido solícitos e se mostraram desejosos de agradá-la. E divertidos, sem propor-lhe. Já gostava de Britta antes da viagem e agora esse sentimento se entendia a Ned. Realmente se preocupava com Britta, e ela por ele. Ellen observou com um pouco de inveja o companheirismo que os unia e como desfrutavam silenciosamente da mútua companhia.

Um dia mais. Deviam chegar a Dunfallandy ao anoitecer. Ellen franziu o cenho e olhou para atrás novamente. Não havia ninguém. Deviam ser seus nervos. Deu um olhar a Evan, que



cavalgava diante deles, depois a Britta, que montava escarranchada no cavalo, com os ombros cansados desanimadamente, balançando a cabeça sonolenta. Ned observava a paisagem que os rodeava.

A viagem não tinha tido maiores incidentes até o momento. Se os estivessem seguindo já deveriam ter aparecido. Qual seria o motivo de seu desassossego essa manhã? Por que não podia evitar olhar para trás a cada dez minutos? Repreendeu-se e se obrigou a abandonar essa atitude e a desfrutar de da formosa paisagem da campina, das ondulantes colinas que desapareciam para o norte entre a neblina, colinas que se faziam mais altas à medida que avançavam para o oeste.

“É primavera”, pensou, apesar do vento frio e da neve que tinha caído durante a noite e tinha derretido; os caminhos estavam lamacentos, mas ainda transitáveis. Ellen se embrulhou na capa e levantou o queixo. Em poucas horas advertiria a John e tudo se solucionaria.

Observou a um fazendeiro que lavrava o campo, depois admirou as flores que cresciam aos lados do caminho e os brotos novos nas árvores que encontravam a seu passo. Virou-se novamente. Nada. Estava se comportando ridiculamente.

Uma hora mais tarde, Ellen se virou na montaria para olhar outra vez para trás.

Estavam cavalgando através de um frondoso bosque de pinhos que rodeava o caminho, a vegetação era espessa.

Para frio na sombra, e olhou a luz brilhante que os receberia uns poucos pés mais adiante.

Depois escutou um surdo som de cascos de cavalos. Olhou para trás; o caminho estava vazio.

Convenceu-se de que os ruídos eram produto de sua imaginação, mas justo quando havia conseguido pensar em algo diferente, pareceu-lhe escutar outra vez o mesmo ruído. A rota que se estendia mais adiante era plana e rochosa. À beira do caminho, a terra se elevava abruptamente, salpicada de rochas e grupos de árvores pequenas. Do outro lado havia uma sarjeta; mais à frente, um descampado de pedra, e outro mais longe. O horizonte estava vazio igual aos campos.

Ouviu o ruído pela terceira vez, provinha de detrás deles. Evan, mais adiante, estava cantarolando. Olhou para trás novamente, além de Ned e Britta, que conversavam tranquilamente enquanto cavalgavam. Ned lhe sorriu. Entretanto... Ellen se adiantou até onde estava Evan.

—Ouvi algo —disse—. Cavalos.

Evan olhou para trás.

—Não vejo ninguém —disse. Freou o cavalo e escutou. Ned e Britta se detiveram também, observando Evan com expressão assombrada.

Ellen podia escutar as abelhas que zumbiam nas trepadeiras de flores que se alinhavam na sarjeta e o vento que soprava através dos pinheiros. Não se via ninguém.

—Possivelmente é sua imaginação —disse Evan.

Ela estava a ponto de concordar com ele quando o escutou novamente. Evan a olhou assentindo com a cabeça, girou o cavalo e se inclinou para diante para escutar melhor.

Não houve necessidade, o trote dos cavalos era nítido quando os homens surgiram das sombras das árvores. Ellen os olhou horrorizada. Não se tinha equivocado.



Eram quatro homens cavalgando a toda velocidade, diretamente para eles e com as armas em punho. Gritou ordenando a Britta e ao Ned que corressem.

Evan desembainhou a espada.

—Corram! —gritou ao mesmo tempo em que dava uma forte palmada à garupa do cavalo de Ellen para que saísse à carreira—. Corram!

Os cavalos não necessitaram mais incentivo. Saltaram para diante e saíram à carreira pelo caminho. Britta, com o rosto mudado pelo terror, inclinou-se sobre o animal, agarrando-se na crina. Ned, um passo atrás de Britta, olhou para os atacantes. Evan, na retaguarda, gritou-lhes que seguissem adiante.

Os homens estavam ganhando terreno, já quase alcançavam Evan. Ellen sentiu que se o fechava a garganta ao ouvir os gritos de triunfo que chegavam até ela. Extraiu a pistola de seu pai da bandagem que tinha na cintura e se virou sobre a montaria para enfrentar-se aos atacantes. Levantou a arma e apontou ao homem que estava mais perto de Evan. Disparou. Não o atingiu.

Deu um grito quando o homem descarregou um terrível golpe na têmpora de Evan e voltou para gritar quando lhe cravou novamente a espada. Evan caiu lentamente do cavalo até golpear contra o chão. Um dos atacantes saltou do cavalo e incrustou a espada no corpo inerte de Evan enquanto os outros observavam. Depois se viraram para olhar Ellen.

Com uma prece girou o cavalo e saiu à carreira, ofegando ao ver que se aproximavam. O mundo pareceu deter-se no momento em que se encontrou com o olhar do homem que estava na dianteira do grupo, um homem loiro com expressão selvagem. Olhou-a com intensa ferocidade, depois assinalou para Ellen e agitou a mão para indicar ao outro que se adiantasse. O homem levantou a espada e esporeou o cavalo para alcançá-la.

Os gritos de Britta se mesclaram com os do homem que corria atrás dela. Podia escutar sua respiração agitada, podia cheirar a transpiração dos cavalos quando ele pôs a par. Se aproximou mais e agarrou sua capa, rasgando e logo tentou apanhá-la.

Ellen girou a cabeça. Não ia olhar, não queria ver como rasgaria sua pele, não olharia os olhos do homem que a mataria. Fechou os olhos.

Um rugido furioso a obrigou a abri-los ao tempo que um brilho azul e verde se interpôs entre ela e o braço que ia dar o mortal golpe. Um grande cavalo zaino se pegou à égua de Ellen e a afastou do atacante.

Levantou a vista para olhar ao homem de cabelo escuro com vestimenta das Terras Altas que montava ao zaino e brandia uma larga espada de brilhante aço sobre sua cabeça. Ele rugiu novamente e lançou a estocada. Fascinada e horrorizada, Ellen viu como seu defensor cravava a espada ao atacante e o derrubava do cavalo, e como se jogou de seu corcel para lhe atirar uma limpa facada no peito.

O highlander extraiu a espada do corpo inerte e a olhou fixamente durante um instante, respirando apressadamente, com o escuro cabelo lhe ondulando ao redor da cabeça. Depois montou de um salto e virou o cavalo.

Não estava sozinho, pôde dar-se conta nesse momento, enquanto via boquiaberta um highlander ruivo que atirava facas aos outros perseguidores. Um deles caiu imediatamente sob a



chuva de golpes, e os outros fugiram, o loiro entre eles.

Ela ofegou quando os fortes dedos se cravaram em seu braço. Se encontrou com os olhos azuis de seu salvador. Olhos azuis, sobrancelhas escuras em um cenho franzido.

—Está bem? —gritou. Deu outra olhada, logo se virou e saiu em perseguição dos atacantes. Apanhou um, matou-o velozmente, mas o homem loiro escapou entre as árvores.

Ela esporeou o cavalo para onde se encontrava Evan. Estava morto. Sabia disso quando ele caiu, mas mesmo assim continuava olhando fixamente esperando que os olhos sem vida piscassem, que a mão que jazia inerte se movesse. Que lhe brindasse um de seus sorrisos lânguidos e dissesse que tudo era uma brincadeira. Deus bendito, Evan estava morto. O que havia feito?

Permaneceu sentada sem mover-se, lutando por controlar sua histeria, enquanto Britta e Ned ficaram atrás dela e os highlanders se aproximaram. Falaram entre eles em gaélico, e ambos desmontaram. O ruivo se inclinou sobre Evan.

—Está morto —disse. Abriu a jaqueta de Evan e mexeu em seu interior.

Ellen levantou a pistola e lhe apontou.

—Afastede-se dele, seu porco —lhe disse com os dentes apertados—. Não o roubará agora.

O homem a olhou surpreso e lentamente ficou de pé aproximando-se de seu companheiro.

Ambos eram corpulentos e estavam bem armados, levavam espadas embainhadas em uma facha que lhes cruzavam o peito, e tinham bandoleiras com pólvora. Cada um levava uma pistola meio-fio no cinturão e uma comprida adaga.

Não havia dúvida de por que eram considerados selvagens. Esses dois pareciam capazes de qualquer coisa. O de cabelo escuro embainhou a espada e deu um grande passo para ela.

Apontou-lhe à cabeça.

—Fique onde está.

Meneou a cabeça.

—Por Deus, mulher, acabamos de salvar sua vida. Baixe essa maldita pistola.

O de cabelo avermelhado se moveu a sua direita. Ela deu um olhar a ele, e quando ia ordenar que ficasse onde pudesse vê-lo, o homem de cabelo escuro lhe derrubou a pistola e agarrou-a pela cintura com seu braço forte.

Ellen gritou, golpeou-o com os punhos e deu chutes. Ele ignorou os golpes, desmontando-a com facilidade, e a segurou contra seu corpo. Sentiu que tocava o chão com os pés e se virou. Levantou-a bruscamente e a apertou de costas contra ele.

Tratou de desprender-se com violentas sacudidas, mas as saias enredaram nas pernas e caiu dando um grito. O homem aterrissou no chão sobre ela.

Capítulo 3

Ellen jazia de costas, com o queixo e as bochechas grudadas no chão enlodado. O highlander esmagava seu corpo contra as rochas e o chão úmido do caminho. Era muito alto e a ultrapassava amplamente. O queixo de Ellen apenas batiam a altura dos ombros do homem, e com suas pernas aprisionava as dela.



Tinha-a imobilizada contra o chão. Sentia como se movia o peito masculino ao respirar.

Olhou-a com expressão receosa. Quando ela tentou com dificuldade tomar ar, ele entrecerrou os olhos e, pressionando os quadris contra ela, levantou um pouco o peso que aprisionava o peito para permitir que ela respirasse.

Respirou entrecortadamente, desejando não sentir as formas do corpo masculino, nem o calor de seu fôlego. As cargas de pólvora chocaram uma contra outra quando se levantando um pouco mais e a olhou franzindo o sobrecenho.

—Tem uma maneira muito estranha de agradecer por termos salvado sua vida —disse com voz tranquila—. Como ocorre nos tratar assim?

Olhou-o fixamente, depois engoliu em seco. Tinha nariz reta e boca generosa; uma barba de vários dias cobria-lhe o queixo e as bochechas. Seus olhos, muito azuis, estavam emoldurados por cílios escuros.

Um homem muito atraente.

—Estavam roubando ao Evan —disse ela.

—Por todos os demônios, claro que não! —grunhiu—. Estávamos tentando averiguar por que os estavam atacando. O objetivo não era o roubo. Por que os perseguiam? Quem é, pequena?

Levantou a cabeça e olhou para a direita, onde se encontravam Ned e Britta boquiabertos.

A pistola de seu pai brilhava sob a luz do sol, a poucas polegadas de sua mão. Ela olhou ao highlander. Ele seguiu seu olhar e negou com a cabeça.

—Nem pense nisso. —Afastou a pistola dela e agarrou-lhe pulso—. Agora, me diga. Quem é você? Por que querem matá-los?

—Por favor, afaste-se de mim —sussurrou.

—Quem é você?

Ned desmontou de um salto e rodou no lodo para apanhar a pistola. Apontou-lhe ao homem que estava em cima de Ellen.

—Se afaste dela! —grunhiu Ned.

O homem soprou.

—Baixe a pistola, menino, antes que se machuque ou machuque sua ama por engano.

—É a você a quem vou disparar, senhor —disse Ned, com a voz tão trêmula como o braço.

—Sim?

—Assim é —disse Ned com voz mais firme.

Britta deu um grito de advertência e pulou do cavalo, mas o homem de cabelo avermelhado foi mais rápido. Em dois passos alcançou Ned, retorceu seu pulso, obrigando-o a soltar a arma, e o fez cair ao chão.

—Já estamos a salvo, Jamie —disse tranquilamente o homem de cabelo avermelhado.

O highlander de cabelo escuro girou liberando Ellen e ficou precipitadamente de pé, a agarrou bruscamente pela mão. Ela também ficou de pé com dificuldade enquanto ele a observava com o cenho franzido. Ellen sentiu como o coração pulsava vertiginosamente pelo temor quando o homem se aproximou; parecia muito mais alto do que tinha pensado.

—Não somos assaltantes — disse, depois fez um gesto de assentimento ao homem de cabelo avermelhado—. Solte-o, Duncan.



Assim o fez o homem, e Ned ficou de pé com o rosto cor escarlate.

—Qual é seu nome, juvenzinho? —perguntou o gigante que estava junto dela.

—Ned.

—Ned —disse o homem de cabelo escuro—. Bem feito; demonstrou coragem. Mas não quero mais reações heroicas. Se me apontar com uma arma de novo, Duncan ou eu lhe mataremos. Entendido?

Ned assentiu lentamente. O highlander se virou para Ellen e percorreu com a vista o rosto, o corpo de cima a baixo, até voltar a posar o olhar em seus olhos. Ellen se ruborizou violentamente com o exame.

—Por que esses homens queriam matá-la?

—Não... não tenho ideia —disse ela.

—Acredito que tem —disse em voz baixa, aveludada.

Ela retrocedeu com um pulo, alterada pelo tom das palavras sussurradas. Houvesse preferido outro tom de voz. Esse sotaque pormenorizado quase a fez baixar a guarda e contar toda a história. “Não seja tola”, pensou.

James franziu o cenho, contrariado pelo temor que viu em seus olhos. Deveria precaver-se de que não tinha intenção de fazer mal a ela. Não se dava conta de que tinha salvado sua vida?

Ruborizada, ocultou seu rosto como se estivesse confusa ou envergonhada. Examinou-a novamente. Seu cabelo castanho se soltou e flutuava sobre os ombros, emoldurando o rosto ovalado de suaves traços e sobrancelhas arqueadas. Possuía lindos olhos verdes com máculas azuis e douradas rodeados de cílios escuros, olhos que o estavam observando apreensivamente.

Era uma mulher encantadora, e possuía um corpo ainda mais encantador, com busto firme e generoso, e cintura esbelta. As curvas de seus quadris marcavam sinuosamente sob as capas de seda. Ela apertou os lábios e se defendeu com os braços.

—Sinto pelo seu marido —disse brandamente, e notou sua surpresa.

Aproximou-se do corpo inerte tampando a boca com a mão. Os ombros se sacudiram; estava chorando de novo. Duncan amaldiçoou baixinho e embainhou a espada na bandagem.

James observou seu rosto. Notou o esforço que fazia para controlar-se, ela secou as lágrimas, respirou profundamente e se virou para a donzela e o jovem servo.

—Estão bem? —perguntou ela. O casal a tranquilizou dizendo que sim. Ela assentiu e se voltou para James—. Obrigado por nos ajudar, senhor —disse tensa.

—De nada —disse James—. Lamento que não tenhamos podido salvar a seu homem —disse em voz firme.

Ela negou com a cabeça.

—Não era meu homem. Nem meu marido —disse brandamente.

James a olhou nos olhos.

—Nem seu marido? Ah —disse como se compreendesse—. Quem era?

—Seu nome é Evan Stuart. Era Evan Stuart. —As lágrimas rodaram pelas suas bochechas novamente, e as afastou bruscamente com gesto impaciente.

—Stuart?



Ela assentiu.

—Estava me escoltando. Eu pedi que o fizesse.

—Por que os atacaram?

—Não... não sei —disse com o mesmo tom inseguro de antes.

Ele pensou que estava mentindo. Por quê?

—Parece que sabe —disse, e observou o temor que brilhou em seus olhos—Aonde se dirigem?

Fez uma pausa prolongada.

—Ao oeste.

—De verdade? Disso já tinha me dado conta. Aonde em particular?

James cruzou os braços sobre o peito. Não confiava nele, isso era óbvio. Olhou para a distância, para o norte, para as montanhas que desapareciam com o crepúsculo, e de volta a ela com rosto impávido. Deixaria-a que se convencesse por si mesmo de que ele era de digno de confiança. Já tinha demonstrado.

—Dunfal Andy —disse ela finalmente.

—Dunfal Andy. Por quê?

As cores do rosto lhe subiram novamente, as bochechas tingidas em seu rosto pálido.

—Por quê?

James levantou uma sobrancelha.

—Se perguntar duas vezes cada coisa, sem dúvida será uma longa conversa —Viu o brilho de fúria em seus olhos. Deus, pensou, era melhor que o pranto. Sabia como dirigir a fúria — Por que se dirige ao Dunfal Andy?

—Preciso... preciso falar com alguém ali.

—Com quem? Com quem precisa falar?

—Com meu primo. Preciso falar com ele. Por favor, senhor, agradeço-lhe sua ajuda... obrigado por nos salvar a vida... mas devemos ir.

—Sim. Está escurecendo, e não desejamos que seu amigo loiro retorne a terminar o trabalho não é mesmo?

Algo mais brilhou em seus olhos, algo que não pôde decifrar. Determinação? Inclinou-se para diante e tirou as bolinhas de lodo que tinha nas bochechas. Percebeu que seus olhos se aumentavam ao sentir o roçar de seus dedos na pele.

Seu toque foi surpreendentemente gentil. Ellen o olhou fixamente durante um momento, sentindo-se muito vulnerável ao experimentar essa suave carícia em seu rosto. Que fácil seria apoiar-se nessa mão, sentir sua força só um momento, compartilhar com ele sua obrigação de advertir John. Reprimiu a reação de seu corpo ao contato.

—Tinha lodo no rosto —disse ele afastando a mão. De repente se ruborizou—. Quem é você, pequena?

—Ellen Graham.

Notou o brilho de seus olhos enquanto a falava. Ele conhecia os nomes que ela havia mencionado, Dunfal Andy, Graham, Stuart. Mas quem podia desconhecê-los nesses tempos?

—Graham —disse ele—. Dos Graham de Claverhouse?



Ellen notou a tensão em sua voz. A suave ênfase na palavra Claverhouse. “Cuidado”, pensou, nem todos amavam ao John como ela.

—Sou de Netherby.

—Não conheço nenhum Graham de Netherby.

—Deveria?

Deixou deslizar o olhar por seu rosto até sua cintura, e depois voltou a elevá-la.

—Não encontro agora nenhuma razão em particular.

—E quem é você, senhor?

Fez uma suave reverência.

—MacCurrie de Torridon. —Depois assinalou ao homem de cabelo avermelhado e disse—: Ele é meu primo, Duncan MacKenzie, também de Torridon.

—Torridon, não o conheço.

—Deveria?

Ignorou a repetição da pergunta que ela tinha feito e olhou suas vestimentas.

—Torridon se encontra nas Terras Altas?

—Sim. Na costa ocidental. Também nos dirigimos a Dunfal Andy.

Virou-se para o homem que havia chamado de Duncan e fez um breve comentário em gaélico. Duncan assentiu e MacCurrie se dirigiu a ela novamente.

—Levaremos vocês até lá —disse, e depois assinalou a Evan—. E a ele. E aos outros também. Fergusson precisa saber que foram atacados em suas terras.

Cavalgaram em silêncio durante quase uma hora, Duncan MacKenzie adiante, levando as rédeas dos cavalos que carregavam os corpos dos atacantes. MacCurrie cavalgava atrás dela, levando a rédea do cavalo de Evan. Seu corpo tinha sido envolto em uma manta escocesa e colocado sobre o cavalo; os outros foram simplesmente jogados sobre as montarias.

Ellen mal teve um momento para falar com Britta e Ned, mas ambos pareciam estar bem, apesar de sua evidente comoção pela morte de Evan. A morte de Evan. Como podia estar morto? Mas estava. E era por sua culpa. Se tivesse sido mais inteligente, Evan ainda estaria com vida. Ela sabia que os seguiriam; deveria havê-los protegido, teria que havê-lo previsto. Estava certa de que os homens cujas vozes tinha escutado eram os que tinham planejado o ataque, quem tinha contratado ao homem loiro para assassiná-la. Ou a suas seria uma das vozes que tinha escutado? Tinha visto sua própria morte nesses olhos. A voz que tinha escutado primeiro havia dito que se dirigiria a Dunfallandy. Poderia ser o homem loiro; essa voz combinava com o gélido olhar do atacante. Quem quer que fosse, não tinha podido levar a cabo seu encargo, graças a Deus... e a MacCurrie de Torridon.

MacCurrie de Torridon. Tinha escutado o nome antes, mas não recordava muito, salvo que era um dos clãs mais selvagens que dominavam o oeste da Escócia. Os MacDonald, MacGannon, MacKenzie e MacLeod. E os MacCurrie.

Bárbaros, assim os chamava seu pai, e não era o único. Muitos o temiam e, se só uma décima parte das histórias fosse verdade, tinham razões mais que suficientes. Mas nesse os clãs das Terras Altas eram motivo de temor para Guilherme de Orange. Qualquer rebelião que empreendesse devia contar com o apoio desses clãs para ter êxito. Razão pela qual a reunião se



daria em Dunfal Andy.

Quem era esse MacCurrie Dr. Torridon? Estava bem vestido, apesar do traje da viagem; suas roupas e armas era evidentemente de boa qualidade. E sua arrogância era típica de um homem acostumado a ser obedecido. Não era alheio à violência tampouco; sua rápida reação e seu sereno comportamento depois de que lhe fizesse saber que não era a primeira vez que havia empunhado a espada eram provas suficientes.

Do oeste. A frase lhe rondou a mente até que, de repente, recordou o que haviam dito no escritório de Pitney ao referir-se ao homem que se ofereceu para assassinar John. “Do oeste”, havia dito a voz. “considera-se um patriota.”

Olhou novamente a MacCurrie. Ele era do oeste Se consideraria um patriota? Como podia saber? Qual seria a aparência de um homem capaz de assassinar o outro? Seria perceptível a marca de Caín? Ou poderia parecer-se com esse homem, alto, esbelto, atraente, como um guerreiro saído de histórias antigas?

Mas MacCurrie não podia ser o homem enviado pelas vozes para espiar e matar. Havia salvo sua vida, não atentado contra ela, ainda quando disse quem era. Tinha assassinado aos atacantes; não tinha detectado nenhum indício de que se conhecessem entre eles. E ela tinha sido só motivo de surpresa e preocupação para ele. O highlander preocupou-se porque ela vivesse. Não, MacCurrie não era uma ameaça.

O homem loiro sim era. Tinha tentado matá-la, teria observado como seus asseclas assassinavam sem piedade. Tremeu ao recordar essa mão tentando apanhá-la, a cruel faca brilhando ao sol. O perigo não tinha passado, só tinha começado. E não era ela a única que estava em perigo. Também tinham Britta e Ned; teria que ter ido sozinha. Deveria haver-se dado conta de que homens capazes de discutir com tanta calma o assassinato de outro não teriam escrúpulos em acrescentar outras vítimas a sua sangrenta lista.

Tinha decidido arriscar a vida para advertir a John, mas deveria ter consultado antes ao resto se queriam compartilhar esse risco. Nem sequer tinha contado a verdade sobre o lugar ao que se dirigiam, nem o perigo que implicava, e agora Evan estava morto.

“Ellen Graham”, pensou James. De Netherby. Que demônios estava fazendo atravessando toda a Escócia com um homem, uma donzela e um menino? Acaso não tinha um pinga de sensatez? Deveria saber quão perigosa era a campina e quão iminente era a possibilidade de uma guerra. Uma mulher como ela deveria viajar com um homem que pudesse protegê-la. Obviamente, Evan Stuart não tinha sido capaz.

Por que se dirigiria para Dunfallandy? Seria uma reunião de homens, alguns muito rudes. Uma jovem como ela, obviamente de boa criação, não tinha lugar entre eles. Para falar com seu primo, havia dito. Acaso iria se reunir com um homem? Não levavam pertences, mas isso não queria dizer nada. Muitas mulheres deixavam suas joias quando empreendiam uma viagem.

Certamente era consciente de quão bonita era. Haveria muitos homens desejando compartilhar sua cama. Seria pois a amante de alguém em busca de um dia ou dois de prazeres ilícitos enquanto tomavam decisões que podiam desencadear uma guerra? Franziu o cenho. Seu comportamento tinha sido próprio de uma jovem inocente, não o de uma adúltera. E agora estava



chorando novamente.

Havia dito que precisava falar com seu primo. Graham, pensou.

—É você parente de John Graham de Claverhouse?

Não respondeu. Adiantou o cavalo até ficar junto ao dela e repetiu a pergunta. Olhou-o surpreendida e se secou as lágrimas das bochechas.

—É meu primo, senhor.

—John Graham, Visconde de Dundee, é seu primo?

Assentiu novamente.

—Sim, Dundee é meu primo.

—Por que se dirige a Dunfal Andy, senhorita Graham? Ou acaso é senhora?

Olhou-o sem piscar.

—Senhorita.

—Ah. Bem. Senhorita Graham, por que se dirige a Dunfallandy?

—Já disse. Preciso falar com minha primo.

—Você deve ser... muito próxima... a ele, possivelmente?

Suas bochechas se ruborizaram e entreceitou os olhos.

—John é meu primo —disse friamente—. Nada mais. É você muito atrevido, senhor.

—O que deve discutir com Dundee? Ou possivelmente vai reunir se com outro? Alguém do regimento de seu primo possivelmente?

Olhou-o furiosa.

—Bem?

Apertou os lábios até que formaram uma linha. Tinha feito isso para enfurecê-la.

—É por isso que pode imaginar? —Perguntou com tom contido—. Que dirijo a um encontro amoroso em tempos como estes? Com a perspectiva de que Guillermo de Orange seja declarado rei e com a possibilidade de uma rebelião? Quem poderia pensar no amor agora, senhor MacCurrie?

—Muitos.

—Não eu.

—É uma lástima, Ellen Graham.

Abriu a boca e a fechou rapidamente. Estava realmente furiosa, pensou ele. Bom, era preferível a seu pranto.

—Por isso se dirige a Dunfallandy, MacCurrie? —perguntou ela—. Para um encontro amoroso?

James observou sua expressão enfurecida, depois riu tão sonoramente que Duncan se virou para olhá-los.

—Não, pequena. Vou para Dunfallandy para discutir o futuro da Escócia, como você sabe muito bem. E me perguntava por que a prima de Dundee perambulava pela campina sem adequada proteção.

—Levava dois homens comigo.

—Já viu que não era suficiente.

Esporeou o cavalo para pô-lo ao trote. James a deixou adiantar-se e observou o movimento



de seus quadris. Quem tinha tempo para o amor? Sorriu para si e deu uma olhada nos corpos nas garupas dos cavalos. Tinha razão. Açou seu cavalo e se emparelhou com ela novamente.

—Desculpo-me por havê-la ofendido, Ellen Graham —disse.

Ela o ignorou.

—Sinto muito. Sinceramente.

—Não é nada —assentiu ela finalmente.

—Agora, pequena, me diga, por que se dirige a Dunfallandy?

—Preciso falar com meu primo.

—Sim, todos desejamos o mesmo. O que a traz por aqui a risco de sua vida, Ellen? E por que alguém quer matá-la?

—Não sei por que querem me matar.

Olhou-a nos olhos durante um longo momento.

—Acredito que sabe.

James deixou que o cavalo ficasse detrás do dela e a observou. Ela sabia muito mais do que dizia. Encolheu os ombros. Descobriria logo.

O Castelo Dunfal Andy surgiu imponente recortado contra o céu, suas torres apenas se podiam divisar por causa das fortificadas muralhas iluminadas com as últimas luzes do crepúsculo. Seu desenho carecia de graça mas sua majestuosidade tinha dissuadido a possíveis agressores durante anos. A entrada ao castelo se alcançava atravessando monumentais portões fechados e vigiados das alturas. As tochas iluminavam a ponte levadiça; fileiras de homens apostados e armados observavam sua aproximação. MacCurrie fez um gesto a Ellen e ao resto para que esperassem e se adiantou até deter-se frente aos portões. Levantou a vista para os sentinelas e levantou os ombros.

—Sou MacCurrie de Torridon —disse em tom firme—. Venho à reunião. Trago homens mortos comigo, assassinados nestas terras. Procurem o Fergusson.

Aguardou sem mover-se com a mão apoiada languidamente nas coxas e o cabelo brilhando a luz da tocha enquanto os guerreiros sussurravam entre eles. Só a postura rígida de suas costas evidenciava sua tensão.

Ellen o observou intrigada. Quem seria esse homem que não parecia sentir temor? Seu próprio valor a estava abandonando. Olhou a Britta e Ned. Os olhos da jovem estavam imensamente abertos e seus lábios tremiam, mas a expressão de seu olhar era equânime quando observou a Ellen. Ned estava olhando à multidão que se reuniu ao redor deles. Deveria haver ido sozinha. Ellen ignorou os olhares curiosos das que era alvo, igual a MacCurrie e Duncan.

MacCurrie de Torridon. Havia dito com tal segurança que ela se deu conta de que significava algo mais para os homens de Fergusson que para ela. Olhou suas costas, seus largos ombros e sua esbelta cintura. Um homem imponente, um homem muito atraente. Se o tivesse conhecido em outras circunstâncias a teria fascinado. Olhou surpreendida quando uma voz surgiu entre os homens.

—Torridon, bastardo, o que é isso de trazer mortos com você?



—Não sou eu o bastardo, Fergusson —gritou MacCurrie ao homem grisalho cuja cabeça era visível agora à luz da tocha—. Quem está assassinando a viajantes em suas terras é. Pensei que gostaria de saber.

—OH, sim, queria saber, embora não sou muito aficionado a malotes novos. Aguarda um instante, amigo, enquanto abrem as portas.

MacCurrie olhou para ele, assentiu com a cabeça a Duncan e depois se virou para o castelo e aguardou. Quando finalmente as portas se abriram, guiou ao grupo até o pátio interior, que estava iluminado por tochas, igual aos lances de escada que conduziam às portas do castelo.

O pátio cheio de homens, a maioria vestia roupas das Terras Altas e muitos a olhavam fixamente, a ela e a seus acompanhantes, sem ocultar seu interesse enquanto se dirigiam ao pé das escadas. Ellen procurou John entre a multidão, mas só viu estranhos. Tentou ignorar os comentários que faziam sobre ela.

Ned desmontou e ajudou Britta a fazê-lo. Duncan desceu do cavalo. Ela deu um pulo quando sentiu uma mão na coxa e se encontrou com os olhos azuis de MacCurrie, que estendia os braços.

—Ellen, me permita ajudá-la.

Ela assentiu e apoiou suas mãos sobre os ombros ao mesmo tempo em que sentiu as dele em sua cintura. Levantou-a e a atraiu contra seu corpo, deixando-a deslizar-se brandamente até ficar frente a ele. Antes que pudesse protestar, sentiu sua boca no ouvido lhe sussurrando:

—Seja precavida, Ellen. Conte só a Dundee tudo o que aconteceu e quem supõe que a atacou. E tenha muito cuidado, pode haver cúmplices dos atacantes aqui. Fergusson é de confiar até a medula, mas não diga nada a ninguém até que fale com seu primo.

Tinha-a pressionada contra ele, com as mãos ainda apoiadas contra seu corpo; depois de um segundo, deixou-a no chão.

—Me diga que entendeu, Ellen —disse, e lentamente tirou as mãos da sua cintura, sustentando ainda seu olhar—. Me prometa que será precavida.

—Sim —sussurrou—. Serei.

Permaneceu a seu lado enquanto Fergusson atravessava a multidão para ir a seu encontro, seus olhos passeavam de Ellen a MacCurrie.

—Torridon! —disse Fergusson, estreitando a mão de MacCurrie. Olhou para Ellen de cima a baixo e passou frente a ela para saudar Duncan—. MacKenzie. —Assinalou a Evan e aos outros—. Perdeu alguns homens, né? O que aconteceu?

—Contarei a história saboreando um uísque —disse MacCurrie.

Fergusson deu um olhar aos homens que os rodeavam e depois a voltou para MacCurrie.

—Bom, é obvio, meu amigo. Boa ideia. Cuidaremos de seus desafortunados amigos, de acordo?

—Obrigado, senhor —disse MacCurrie.

Fergusson tocou suas costas.

—Vem, então? —perguntou, e iniciou a marcha. Ao pé da escada, Fergusson se deteve e assinalou a Ellen—. Chamarei a alguém para que acompanhe a sua mulher enquanto conversamos.



MacCurrie negou a cabeça.

—Fica comigo. Todos eles ficam comigo.

—Ah, sim?

—Sim. Dundee chegou?

—Ainda não. Esperamos que o faça a qualquer momento. Por quê?

—Preciso falar com ele.

Fergusson riu.

—Você e o resto de nós, amigo. Esperará sua vez, suponho. Entre —disse, e o guiou até o interior do castelo.

O vestíbulo era amplo, de tetos altos e quadrado, um recinto prático e funcional, sem adornos. Havia muito ruído, estava repleto de homens de pé ou frente às mesas que chegavam ali, a maioria com vestimenta das Terras Altas, e todos armados. A seus pés, os cães brigavam pelos restos de comida enquanto os servos, todos os homens, levantavam as mesas. Não havia nenhuma só mulher à vista.

Fergusson os guiou através da concorrência, mas muitos detiveram MacCurrie para saudá-lo. O chamavam Torridon. Percebeu que devia ser o conde de Torridon. Por isso era tão arrogante; tinha sido criado assim. Sua aparência coincidia com a que ela imaginou de um conde do oeste, de porte gracioso e ameaçador.

Apoiou-lhe uma mão nas costas para conduzi-la através da multidão, mas não lhe apresentou a ninguém, nem sequer ao homem mais velho, um alto highlander com cabelo grisalho que o deteve com uma mão.

—Me alegro de que tenha vindo, amigo —disse o homem—. É agradável vê-lo. —Saudou Ellen com uma leve inclinação de cabeça e seu olhar não perdeu detalhe de sua figura. Sorriu-lhe e logo olhou a Duncan—. E a ti MacKenzie. Não sabia que viria.

MacCurrie estreitou a mão do homem.

—Tínhamos que estar presentes, Kilgannon —assinalou a habitação—. Todos tínhamos que estar presentes.

Kilgannon assentiu.

—Tem razão. Tempos notáveis, não é assim? Lamento por seu pai, Neil —sorriu de repente—. Ou é James com quem estou falando?

Fergusson riu bruscamente.

—Kilgannon, quem a não ser Neil MacCurrie podia estar aqui? Pedi a cada um dos clãs que chamasse seu chefe. Veio você. portanto, não pode ser outro que Torridon.

—Eu estou aqui —disse Kilgannon—. Mas se fosse Neil, iria querer estar em ambos os lugares. Estou contente de que os MacCurrie estejam representados, meu amigo.

—Obrigado, senhor —disse MacCurrie, tentando dominar o sorriso que pugnava por sair de seus lábios. Colocou-lhe a mão sobre o braço e a guiou através da multidão. Subiram as escadas em espiral que estavam no canto do salão. Seu anfitrião os guiou para um pequeno quarto do primeiro andar. Solicitou a Britta e a Ned que aguardassem fora junto aos guardas. Olharam a Ellen pedindo instruções, ela assentiu e permitiu que MacCurrie a conduzisse até o interior do quarto.



Era uma sala surpreendentemente cômoda nessa fortaleza espartana, com uma grande escrivaninha e repleta de prateleiras com livros. As paredes estavam cobertas de tapeçarias e pesados cortinados rodeavam o grande vitrô do canto. Fergusson serviu dois copos de uísque, localizou-se detrás da escrivaninha e olhou para MacCurrie.

—Agora, Torridon —disse—, me conte.

MacCurrie ofereceu uma cadeira a Ellen, depois se sentou a seu lado. Duncan permaneceu de pé perto da porta, com os braços cruzados sobre o peito.

—O que aconteceu? —perguntou Fergusson—. E onde está o resto de seus homens?

—Só viemos Duncan e eu desta vez —disse MacCurrie.

Fergusson entreceitou os olhos.

—É o chefe de um poderoso clã do oeste e viajam dois homens sozinhos? Além disso, traz uma mulher.

MacCurrie fez um gesto negativo com a cabeça.

—Ela não é minha mulher. Encontramos quando estava sendo atacada no caminho do rio.

Fergusson estudou Ellen com atenção, fixando o olhar em sua saia enlameada e em seu rosto, depois se voltou para MacCurrie.

—Não te pertence ?

MacCurrie não pôde evitar um sorriso zombador.

—Não, não é minha.

—Comportam-se de um modo muito amistoso para serem estranhos, meu amigo. Quem é ela?

MacCurrie bebeu seu uísque, observando-a por cima do copo.

—Ela é Graham de Netherby.

—Netherby né? Onde fica isso?

—Perto de Dundee.

—Alguma relação com Dundee?

—É meu primo —disse ela.

Fergusson piscou um olho ao MacCurrie.

—A prima do Dundee! Certamente.

Ellen piscou, mas tentou manter um tom de voz calmo.

—Sou a prima de Dundee, senhor.

Fergusson bebeu um gole de uísque e apoiou o copo na mesa com um golpe surdo, observando a com maior interesse.

—O que a traz por aqui, senhorita Graham?

—Desejo ver meu primo, senhor.

Fergusson se reclinou mais.

—Você cavalgou desde Netherby para ver Dundee? Acredito que poderia havê-lo feito em sua casa, pequena. E vendo como MacCurrie a desceu do cavalo, acredito que veio por outra razão. Possivelmente para encontrar-se com Torridon longe de casa, longe dos olhos de seu pai? Um último encontro antes que Torridon se case com a filha de MacKenzie?

As bochechas de Ellen arderam. Tanto Fergusson como MacCurrie a observaram,



provavelmente também Duncan.

—Não conhecia lorde Torridon até duas horas atrás, senhor. Estou aqui para ver meu primo John.

Fergusson riu.

—Senhorita Graham por que você está aqui? E não me proporcione uma simples desculpa. Preciso saber quem está sob meu teto e por que. Como sei que você não representa uma ameaça para Dundee?

—Pergunte a Dundee quem sou —disse ela.

—Eu pergunto novamente, senhorita Graham por que você está aqui? Tem dez segundos para me dizer a verdade antes que a expulse.

Ellen respirou profundamente. Não diria a Fergusson por que tinha ido. Na realidade, não tinha que lhe dizer absolutamente nada. Afastou a imagem do homem loiro e ficou de pé.

—Não será necessário, lorde Fergusson. Encontrarei eu mesma a meu primo. —recolheu a saia e empreendeu a marcha para a porta.

Duncan a observou aproximar-se com o rosto impassível mas com olhos inquietos. MacCurrie ficou de pé e Fergusson riu.

—Sente-se, senhorita Graham —disse Fergusson—. Aguardarei que Dundee chegue e então saberemos a verdadeira razão pela qual se encontra aqui.

Ellen lhe dispensou um gélido olhar.

—Obrigado, senhor, mas...

—Sente-se, senhorita Graham —rugi Fergusson—. Não permitirei que transpasse essa porta. Diga a sua mulher que se sente, Torridon, ou me verei na necessidade de obrigá-la a que o faça. —Se serviu de mais uísque.

—Ellen —disse MacCurrie calmamente—. Poderia sentar-se, por favor?

Negou com a cabeça.

Aproximou-se dela.

—Eu peço por sua segurança, Ellen. Nos permita protegê-la até que Dundee chegue.

Não soube exatamente o que foi o que viu em seu rosto ou o que distinguiu em seu tom de voz tranquilo, mas a convenceu. Finalmente assentiu e se sentou de novo, sentindo-se idiota, uma vez que confortada.

Fergusson grunhiu.

—O que devo fazer com ela, Torridon?

MacCurrie se sentou e bebeu de seu uísque.

—Deixa que fale com Dundee.

—Este não é lugar para uma mulher, sabe, e muito menos para uma mulher como ela.

O highlander encolheu os ombros.

—Estou de acordo. Mas o que outra coisa podia fazer, deixá-la no caminho? Coloque a em um lugar seguro.

—Não tenho mais quartos. Já há três ou quatro homens em cada um.

—Tem um disposto para mim, não é verdade?

—Sim.



—Pode ficar lá e estará segura.

Fergusson riu.

—Será o único homem aqui com uma mulher em sua cama, Torridon. E só estará segura se ficar no quarto também. Tenho centenas de homens aqui. Não posso me fazer responsável pela virtude de uma mulher.

Ellen abriu a boca para responder, mas MacCurrie se adiantou com tom tranquilo.

—Assumo a responsabilidade dela, ao menos até que chegue Dundee. Só te peço um quarto seguro em que se possa ficar por um tempo. Certamente, não negaria a jovem um canto do castelo.

—Muitos a viram, moço. Estarão rondando para ver onde se encontra.

—Terão que passar sobre mim.

Fergusson explodiu em uma gargalhada, depois se reclinou sorrindo marotamente.

—Sei que o trama entre os dois. Bem. É sua responsabilidade então. Agora, como está o oeste?

—O oeste está tentando averiguar o que está acontecendo realmente. E aqui?

—Tenso, moço. Saberemos mais quando Dundee chegar. E antes que me pergunte isso outra vez: não sei quando fará. Mantém em segredo seus deslocamentos por estes dias — suspirou—. Lamento a morte de seu pai. Foi um bom homem. Quando aconteceu?

—Quinze dias atrás.

—Portanto, agora é o Conde de Torridon, não é?

—Sim.

—Faz bastante tempo que não vejo seu irmão. Como se encontra?

—James está bem. E sua família?

—Enviei-os longe daqui para que vocês não incomodem as minhas belas filhas. — Fergusson assinalou a Ellen—. Este não é um lugar apropriado para uma jovem decente.

—Quem já chegou?

—Kilgannon, Keppoch, MacDonald de Sleat, Lochel. Seaforth está para chegar. Ouvi que casará com uma Mackenzie, como seu pai.

—Falaram.

—Realmente são necessárias mais alianças com eles?

—Não assinei um compromisso ainda.

Fergusson olhou para Ellen.

—Acredito que te traz algo mais entre mãos agora, né?

MacCurrie bebeu seu uísque. Bateram na porta e um jovem introduziu a cabeça para avisar.

—Senhor —disse ao Fergusson—. Mais chegadas.

Neil MacCurrie levantou a vista da água e disse a si mesmo que James estava bem. Não era perigo que sentia que podia afetar a seu irmão, mas sentia certo desassossego, uma vibração que sensibilizava o vínculo entre os gêmeos, como se houvesse algo que impedisse o fluxo de emoções, ou que o desviasse para outro curso. Algo tinha acontecido, algo que jamais tinha acontecido antes. O sentimento não era urgente, não era algo que o obrigasse a empunhar as



armas e sair à busca de James. Mas algo tinha acontecido.

Encolheu os ombros e observou o entardecer. O inverno estava se afastando finalmente, embora o clima ainda não tinha dado claros sinais disso. Ainda fazia frio, mas o sol havia empreendido seu caminho por volta do oeste e se ocultava cada vez mais tarde, cada vez mais perto da posição do solstício do verão. A primavera se aproximava.

Neil deslizou a mão pela pedra do parapeito e disse a si mesmo que James se encontrava a salvo. Ele saberia se não fosse assim.

Ouviu-se o ruído das botas dos homens nos degraus de pedra, retumbando contra as paredes da estreita passagem. Fergusson os guiou a passo vivo enquanto descia as escadas. MacCurrie o seguiu a poucos pés de distância; mais atrás, Ellen. Recolheu as saias para não tropeçar. Duncan caminhava detrás dela e, um pouco mais afastados, seguiam-nos Britta e Ned e quatro guardas de Fergusson.

O anfitrião estava furioso por sua negativa de ser trancada no quarto enquanto os homens desciam para ver quem havia chegado. Não importava. Fergusson havia pronunciado um som de desgosto quando ela rechaçou a escolta, depois cruzou o quarto, resmungando sem se virar.

—Ela é assunto seu, Torridon. Fique ou desça, como preferir.

Virou-se para olhar MacCurrie, mas ele não disse nada, só assentiu com a cabeça e saiu atrás de Fergusson. Observou-o se perguntando se a abandonaria, mas ele havia se detido na soleira para olhá-la, sorridente.

A transformação era surpreendente. Não parecia o severo gigante cuja expressão parecia indecifrável. O sorriso o transformava em um homem encantador. Formava uma covinha na bochecha esquerda. Seu sorriso se ampliou e apontou a porta.

—Venha, Ellen. Vejamos se Dundee está aqui — disse.

Seguiu-o, perplexa, esse homem parecia muito diferente ao que tinha conhecido tão somente algumas horas antes. Neil MacCurrie era certamente enigmático. Ou seria James o enigmático? Obviamente ambos os irmãos eram tão parecidos que todos se confundiam. Neil era o conde de Torridon, e este homem tinha deixado que os outros pensassem que era Neil, mas Duncan o havia chamado de Jamie. Por que mentiria sobre sua identidade?

Olhou para baixo, para MacCurrie, deteve-se em seus amplos ombros que enchiam a largura da escada, e em seu cabelo escuro iluminado pela luz das tochas. Ele a olhou com seus olhos azuis na tênue luz. Sorriu-lhe e continuou descendo. Neil ou James? Acaso importava?

Do oeste. A frase a sacudiu como um golpe. Esqueceu-se do homem do oeste que tinham mencionado. Poderia ser MacCurrie? Não queria acreditar. Mas... se manteria a seu lado para protegê-la? Ou porque era a maneira mais simples de aproximar-se de John?

O corpo destroçado de Evan era cabal testemunho da crueldade dos homens que tinham conspirado contra a vida de seu primo. Poderia ser MacCurrie um deles? Poderia ser tão hipócrita? Observou suas costas erguidas. Neil ou James? Por que mentiria?

Ao final da escada seguiu Fergusson e MacCurrie através da multidão, até onde se encontravam os recém-chegados, aproximadamente vinte highlanders estavam sendo recebidos. John não se encontrava entre eles.



Capítulo 4

James fez um gesto de assentimento a Glengarry, que estava frente a ele.

—Sim —disse James— mas não há possibilidades de um encargo pacífico ao trono. Sabemos como dirigir uma violenta, mas não algo como isto.

Glengarry, o chefe dos MacDonnell era jovem. “Muito jovem”, pensou James, “para ter a responsabilidade de dirigir o clã”.

—Escolheram Guilherme —disse Glengarry—. Agora o vão sancionar legalmente.

—O que pensa fazer? —perguntou James.

—O mesmo que você. Ver se conto com boa companhia, depois apoiar ao rei Jacobo. Mas Guilherme tem um exército alistado e o rei Jacobo dispersou o seu.

—Pode reagrupá-lo rapidamente se precisar —disse James—. Provavelmente já tenha começado. Por que outra razão viria Dundee?

Olhou para Ellen. Estava sentada em silêncio ao final da mesa, aparentemente com o olhar fixo, ausente. Mas a conhecia o suficiente para dar-se conta de que estava escutando cada palavra que havia dito a Glengarry, assim como também o que tinha contado Kilgannon com orgulho sobre as façanhas de seu neto de três anos, Alex, aparentemente o menino mais bonito do mundo.

Tinha escutado mas não havia dito uma palavra alguma, nem sequer tinha olhado aos homens. Estava sentada junto a seus servos, observando aos presentes com seu pálido rosto totalmente inexpressivo. O que estaria pensando?

—É a prima de Dundee? —perguntou Glengarry assinalando a Ellen.

James encolheu os ombros.

—Segundo o que ela afirma.

Glengarry aproximou seu assento de Ellen, quem levantou a vista quando se aproximou e o olhou com expressão cautelosa. MacDonnell lhe sorriu.

—Senhorita Graham? —Estendeu a mão e se apresentou—. Entendo que você é de Netherby.

—Sim—disse Ellen.

—Você tem uma irmã. Elizabeth? Casada com um membro de nosso clã, os MacDonnell.

Ellen negou com a cabeça.

—Minha irmã se chama Margaret e está casada com Hugh MacDonnell.

—E têm dois filhos, não é assim?

—Não. Estamos falando do mesmo Hugh MacDonnell? Minha irmã e seu marido não têm filhos. Não tinham filhos, na realidade, porque a situação já poderia ter mudado.

Glengarry sorriu amplamente; aparentemente Ellen tinha passado no exame.

—É óbvio no que estaria pensando? Devo estar mais cansado do que acreditava. Hugh não se encontra aqui porque o nascimento está previsto para qualquer momento.

James observou como o jovem chefe MacDonnell falava quedamente com Ellen, dizendo que



sua irmã era encantadora e que estava extremamente feliz de que um membro de seu clã tivesse casado tão bem. Ela sorriu e as linhas que sulcavam a testa em sinal de preocupação se distenderam. James cruzou os braços e franziu o cenho. Não a tinha visto sorrir até esse momento.

—Lamento pelo seu pai.

James olhou-o em surpresa. Tinha estado observando o salão com Duncan durante a última hora, prestando atenção para determinar com quem falava cada um dos chefes dos clãs e os quais tão somente observavam igual a ele. Os MacCurrie tinham estado ausentes das reuniões das Terras Altas durante mais de um ano. Era o momento de ver quem se aliava com quem.

Glengarry tinha estado conversando com Ellen durante um bom momento, tinha prometido levar suas cartas que ela escreveria para sua irmã e para sua mãe. Depois de que ele se afastou, Ellen tinha permanecido sentada em silêncio junto à Britta e a Ned, até que se aproximou de James e colocou uma mão sobre seu ombro.

—Não pude evitar escutar o que disseram —disse—. Lamento sua perda.

—Obrigado.

—Perdi a meu pai faz vários anos.

—Sinto muito.

—Ainda sinto falta dele.

James lutou contra a emoção provocada por suas serenas palavras.

—Sim —disse finalmente.

—Tem um irmão?

—Sim.

—Só um?

Tentou ocultar o sorriso.

—Sim. Só um. E você?

—Não tenho irmãos. Tenho duas irmãs.

—Uma delas casada com um integrante do clã de Glengarry.

Ela assentiu, advertindo que reconhecia implicitamente ter estado escutando a conversa.

—E a outra?

—Casada com Tom Stuart, oficial de John.

—Stuart? Algum parentesco com Evan? Acaso com o rei Jacobo?

—Só compartilham o mesmo sobrenome.

—Mas um soldado leal ao rei, sem dúvida, se forma parte das tropas de Dundee.

—Tom e eu nunca discutimos sobre política.

—Mas você e Dundee sim?

—Sim.

Tão belos olhos. Tão bela mulher. Imaginou discutindo de política com Dundee. Devia ser muito categórica. E Dundee bastante versátil. Agora que pensava, podia distinguir as semelhanças fisionômicas; parecia-se com seu primo em seus traços harmônicos, no queixo suave mas bem definido.

—Você é James ou Neil?

A pergunta o pegou despreparado, e James riu tão sonoramente que várias cabeças se



voltaram para eles.

—E então? Kilgannon perguntou se era Neil ou James —disse ela—. Fergusson disse que Neil era o conde de Torridon, e embora você afirmou ser, Duncan o chamou de Jamie quando estávamos no caminho.

—Você é surpreendente, senhorita Ellen Graham. Quando Duncan me chamou assim?

—Quando você... quando nós... quando você estava...

—Em cima de você? Ah, sim, lembro-me de ter estado em cima de você. Mas não recordo que Duncan me chamado assim, mas... pude ter estado muito concentrado no que estava fazendo. —voltou-se para seu primo—. Duncan, é possível que me chamou de Jamie naquele momento?

Duncan encolheu os ombros e bocejou.

—Posso ter feito isso.

—Por que haveria você de ocultar sua identidade?

—Por que o faria? —James a estudou durante um longo momento—. Um simples equívoco de nome, pequena. Você alguma vez chamou alguém por engano com outro nome?

—É tão parecido a seu irmão que ninguém pode reconhecê-los? Como pode ser?

—Somos gêmeos.

Apertou os lábios.

—E já que estamos no carro das perguntas, Ellen, por que veio aqui?

—Já disse...

—Sim, mas por que deve falar com Dundee? Veja, pequena, minha pergunta aponta a qual é o objetivo na realidade. Traz notícias a seu primo da parte do rei Jacobo?

Ellen negou com a cabeça.

—Assim o supus. Acredito que o rei conta com outros meios de comunicação com seu primo que não sejam através de você, portanto, o que outra coisa poderia ser? Algo referente a sua família? Algo tão importante para que não possa esperar a que lhe seja informado por carta, algo que deve dizer pessoalmente?

Ela afastou o olhar.

—Tolice —disse ele—. Estive perto não?

—Não —disse dando as costas.

—Ninguém mais poderia ter vindo? Não poderia ter enviado a mensagem com Evan? Ou possivelmente veio para ver seu cunhado Tom?

—Tom se encontra em sua lua de mel com minha irmã.

—Uma viagem assim em tempos como estes?

—Não mais absurdo que um casamento em tempos como estes.

—Quem tem tempo para amar, Ellen? —disse, repetindo suas palavras—. por que não enviou a mensagem com Evan?

—Tinha que fazê-lo pessoalmente.

—Mas tem medo.

Ela respirou profundamente.

—Evan está morto, senhor MacCurrie. E não pretendo negar que, salvo por Britta e Ned, me encontro bastante só aqui.



—Você não está sozinha, pequena —disse quedamente—. Conta comigo, e com Duncan.

—Não o conheço, senhor.

—Supõe que depois de haver salvado a vida a jogaria aos lobos?

—Espero que não, mas sei muito pouco de você, senhor.

Sentiu a reação de seu corpo ao ver como brincava com seu enfeite, retorcendo a fina corrente de ouro lavrada da qual pendia um pingente. Não o tinha visto antes. Era o escudo dos Graham. Era óbvio que a família significava muito para essa jovem.

—Não estou muito certa de seu nome.

—Eu disse, pequena. MacCurrie de Torridon.

—Há dois MacCurrie de Torridon.

—Na realidade, muitos, se formos tão específicos. —inclinou-se sobre Ellen, tão perto que pôde sentir seu fôlego na testa e ver como os cílios lhe projetavam sombras nas bochechas.

Respondeu em voz firme—: Sou filho de Alistair MacCurrie, Ellen. Tem minha palavra.

Ellen sentiu como seu corpo reagia com sua proximidade e olhou fixamente seus lábios.

Como seria o roçar desses lábios nos seus?

—Tanto Neil como James são filhos dele —sussurrou—. Qual deles é você?

Sorriu repentinamente, os dentes brancos ressaltaram na pele escura.

—Ambos.

Ellen se reclinou em seu assento afastando-se dele, dominada pela ira.

—É óbvio que está desfrutando disto, mas não me parecem apropriadas as brincadeiras, senhor MacCurrie. Evan está morto.

—Muitos homens morreram —disse com tranquilidade—. E daí?

—Não o afeta nenhuma dessas mortes?

—Qual? Você cavalgou através da Escócia com uma jovem, um rapaz e um homem. E foi atacada. Deveria ter viajado com dez homens, pelo menos.

—Não tinha tempo para reunir dez homens.

—Por quê?

Ellen o olhou fixamente, custou reprimir o desejo de contar toda a história. “Não seja tola”, repreendeu-se, “não confie nele, não confie em ninguém”. Respirou profundamente e ficou de pé, Britta e Ned a imitaram.

—Boa- noite, senhor MacCurrie.

Ficou de pé frente a ela, bloqueando o caminho.

—Aonde vai, Ellen? —cruzou os braços sobre o peito com evidente ira. Olhou a seu redor percebendo os olhares curiosos concentrados neles, fez-se um repentino silêncio ao interromper as conversas.

—Por favor me deixe passar, senhor MacCurrie —suspirou.

—Não pode ir a nenhum lugar. Temos somente um quarto. —Ned se adiantou mas MacCurrie o deteve com o olhar—. Quietos, moços.

—Tem que haver algum outro lugar onde possamos ir —disse ela.

—Já ouviu o que disse Fergusson. Não há outro quarto disponível.

—Dormiremos no corredor.



—OH, sim, Ellen. Você, sua donzela e duzentos homens. É uma boa ideia.

—Tem alguma melhor?

Sorriu lentamente, deslizando o olhar para baixo para subi-la novamente até seu rosto.

—Sim.

—Não dormirei com você.

—Acaso pedi?

—Você disse a Fergusson que eu podia ficar em seu quarto.

—Assim disse. Mas não disse que eu permaneceria lá. Fergusson assumiu que o faria, pequena. E você também.

Ellen sentiu que avermelhavam suas bochechas.

—Onde você dormirá?

MacCurrie encolheu os ombros.

—Não sei ainda. —Deu um passo para um lado e a deixou passar—. Procuremos Fergusson para perguntar.

Fergusson resmungou, mas encontrou um quarto para MacCurrie.

—Não tão boa como o primeiro, em que por sua insistência dormirá a senhorita Graham, mas servirá a tal propósito.

MacCurrie simplesmente assentiu e aceitou que os guiasse um servo de Fergusson até o quarto destinado finalmente a Ellen. Fechou a porta e a observou enquanto ela estudava o quarto. Britta e Ned olhavam a seu redor com os olhos muito abertos. A quarto era pequeno mas estava limpo. Junto ao fogo havia duas cadeiras e uma mesa com castiçais próximo da parede. No canto estava a cama, Ellen deu uma olhada, depois se virou para olhar de frente a MacCurrie e a Duncan. Pareciam muito altos no reduzido espaço. Como seria seu quarto?

—Imagina o que nos teriam dado se não fosse um conde —disse Duncan a MacCurrie.

—Está limpo —disse ele.

Duncan falou em gaélico e MacCurrie assentiu.

—Vocês deveriam usar este quarto, senhor MacCurrie. E eu o menor.

Negou com a cabeça.

—Não. Usaremos o outro, pequena. —Revisou atrás das cortinas e debaixo da cama, depois se virou para ela—. Poderíamos compartilhá-lo.

—Acredito que não —disse ela.

—Então faremos turnos de guarda.

—Dormirei bloqueando a porta—disse Ned.

—Se dormir não será de grande utilidade —disse Duncan.

—Se for necessário, não dormirei.

—Não é necessário, colocarei ferrolho à porta —disse Ellen.

MacCurrie negou com a cabeça.

—Não basta. Duncan, você fica com o primeiro turno. Ned, durma um pouco; ficará com o segundo. E eu, o terceiro —MacCurrie se aproximou da soleira—. Procure descansar, pequena. Falaremos pela manhã. Ned, não durma em seu turno hein!



Ned assentiu e fechou a porta, depois olhou para Ellen e Britta.

—Dormirei aqui —disse, e se deitou no chão contra a porta.

Ellen levantou a cabeça. Para sua surpresa tinha dormido várias horas, embora seus sonhos foram perturbadores. Tentou despertar e escutar, ficou tensa quando ouviu o rangido da porta ao abrir-se, tranquilizou-se ao escutar o sussurro de Duncan e a resposta de Ned.

Afastou as mantas, levantou-se e cruzou o quarto para reunir-se com eles. O quarto estava tenuemente iluminado pelas chamas do fogo que se extinguiu. Tinha dormido vestida, havia tirado só o espartilho e as saias do vestido; de qualquer forma, vestiu a capa e se aproximou dos homens.

—Colocarei o ferrolho — disse em voz firme.

Duncan assentiu. Ned agarrou sua manta e se dirigiu ao corredor enquanto colocava o ferrolho e se certificava de que ficasse bem fechada.

—Meu primo te substituíra —escutou o que dizia Duncan a Ned, e logo ouviu o ruído surdo de botas contra a pedra. Depois, silêncio.

Ellen atçou o fogo e voltou para a cama junto à ainda adormecida Britta. rodeou-se com os braços e pensou em tudo o que tinha acontecido desde que tinha deixado Netherby. Onde estaria John? Negava-se a pensar que possivelmente o homem de cabelo loiro o tinha encontrado no caminho. Ninguém conhecia seus movimentos exatos, pensou. Esse homem tão somente poderia supor a rota que podia utilizar. John podia se aproximar de qualquer lugar, tanto do leste como do oeste.

Do oeste. A quem se teria referido o homem loiro? Já se encontraria ali, esperando como ela, como todos, a chegada de seu primo? O mero pensamento a paralisou e se cobriu com as mantas.

Poderia ser MacCurrie? Acaso importava que fosse James ou Neil? Suas evasivas eram inquietantes. Tinha esperado que se relacionasse com os outros chefes dos clãs, mas havia se mantido sozinho e afastado. E tinha estado a observado. Tinha escutado cada palavra da conversa que tinha mantido com Glengarry. É obvio, ela tinha feito o mesmo quando ele tinha falado com Kilgannon e com Glengarry.

Não deveria confiar nele, mas tanto ele como seu primo Duncan tinham insistido em protegê-la. Quando chegasse John, pensou com um bocejo, saberia o que fazer.

Despertou sobressaltada, sentou-se na cama e examinou o quarto. O fogo ainda crepitava e brindava um pouco de luz. Através da fresta da porta e o chão de pedra pôde ver sombras que se moviam atrás da sólida porta, ouviu um ruído como se alguém estivesse arrastando algo, depois o arranhão de botas contra a pedra. Deslizou-se para fora da cama.

Ned não usava botas.

Correu para a porta, pressionando o ferrolho justo quando tentavam abri-lo, uma vez, e outra. Ofegou baixando o ferrolho com todas suas forças.

—Senhorita Graham? —O sussurro era suave. Provinha justo detrás da porta—. Senhorita Graham?



Ned jamais a tinha chamado assim. Olhou fixamente a luz que passava por debaixo da fresta da porta, tentando descobrir algum movimento, depois, lentamente, soltou o trinco e apoiou o rosto contra o chão de pedra. Podia divisar duas figuras justo detrás da porta. Pés, sem dúvida.

Enquanto as observava, as figuras se afastaram com rapidez. E a luz se apagou. Se encolheu no chão olhando fixamente a escuridão. A tocha que tinha estado justamente frente a sua porta tinha se apagado. O corredor estava às escuras. Teria sido Ned? Escutou o roçar do couro sobre a pedra.

—Sei que pode me ouvir, senhorita Graham —sussurrou. Sentiu o sangue congelar. Era a mesma voz que tinha escutado no escritório de Pitney. Tinha certeza—. Por favor, me deixe entrar, senhorita Graham. Tenho medo.

Pressionou a boca com a mão e procurou grosseiramente a arma, mas recordou que Duncan a tinha. Tudo o que a separava do assassino era uma simples porta. Onde estaria Ned?

—Senhorita Graham?

Fechou os olhos e começou a rezar.

James amaldiçoou ao virar no canto das escadas. O curto corredor estava às escuras, assim elevou mais a tocha. Ned, envolto na manta, de costas ao corredor jazia esparramado a cinco pés da porta. O jovem era um inútil; tinha deixado que a tocha do candelabro se extinguísse.

Depois a viu atirada ao chão. Apagada, a ponta tinha sido jogada contra a parede. Inclinou-se para examiná-la. Por que alguém teria apagado a luz? Revisou a porta para ver se tinha sido forçada, mas estava intacta. Provou abrir o ferrolho, mas não pôde, examinou Ned, descobrindo-o.

Estava vivo mas só pela graça de Deus. Seu espesso cabelo tinha manchas de sangue onde tinha recebido o golpe. Estava inconsciente, sua respiração era entrecortada. James amaldiçoou e golpeou à porta.

—Ellen —murmurou—. Está acordada? Ellen?

Devia estar junto à porta porque respondeu imediatamente.

—Quem é?

—MacCurrie —respondeu, amaldiçoando o subterfúgio urdido, por pouco tinha respondido com seu verdadeiro nome. A mentira não surgiu espontaneamente a nenhum dos dois.

Abriu a porta com expressão consternada. Olhou-o, e depois a Ned. Ofegou.

—Está...?

Negou com a cabeça.

—Não, mas não porque não o tenham tentado. Me ajude a empurrá-lo para dentro.

Assim o fez, sem proferir palavra alguma, fechou a porta com presteza e trancou-a. Ele se inclinou sobre o corpo e separou com cuidado o cabelo para localizar a ferida. Ned gemeu e afastou a cabeça para evitar que o tocassem. James sorriu tristemente. O gemido era sinal de que o jovem estava ainda com vida.

Ellen atçou o fogo e acendeu a vela enquanto Britta se movia inquieta na cama. Se aproximou dele olhando Ned com preocupação. James encontrou a ferida e olhou a Ellen.

—Tem um lenço, pequena?

Levantou-se de um salto e revirou em sua bagagem.



—Viverá?

—Sim, acredito que sim. Mas terá uma terrível enxaqueca.

Ellen lhe estendeu um pano de tecido, o qual ele pressionou contra a cabeça de Ned.

—Ouvir algo?

Esperava que lhe respondesse que estava dormindo quando aquilo tinha acontecido, o que fosse que tinha acontecido a Ned, mas ela assentiu nervosamente.

—Sim —sussurrou—. Alguém esteve aqui. Queria que abrisse a porta. Chamou-me “senhorita Graham” e disse que tinha medo. Tentou abrir o ferrolho.

Britta perambulou pelo quarto. Ao chegar junto a eles, jogou-se no chão chamando Ned por seu nome.

—Senhorita Ellen, o que aconteceu? Ned? Ned!

James se levantou e estendeu o pano a Britta.

—Feriram-no. Pressione isto sobre a ferida, mas não o mova —afastou Ellen do servo—. Me conte tudo outra vez —disse, segurando-a pelo braços. Estava tremendo tanto que temeu que desmaiasse.

Escutou em silêncio enquanto uma fúria gelada ia crescendo em seu interior enquanto ela contava como se havia encolhido no chão quando o assassino tinha tentado atacá-la. Aproximou-a para ele, envolvendo-a com firmeza entre seus braços.

—Protegerei-a, pequena —disse—. prometo que não lhe farão mal.

Ellen sentiu que o coração pulsava com força quando ele inclinou a cabeça e se aproximou dela, apoiando a face no seu cabelo.

—Está a salvo agora, Ellen.

Não tinha certeza de quanto tempo permaneceu assim, com a cabeça apoiada em seu peito e ele acariciando seu cabelo. Até que ela deixou de tremer e começou a tomar consciência de sua proximidade. Sentia-se tão sólido, tão seguro. Tão masculino. Podia sentir seu corpo através da camisa e do tecido escocês, podia perceber cada vez que inalava, podia sentir como reagia o corpo masculino ao abraço.

Ele mudou de posição afastando seu quadril do dela. Ellen respirou profundamente e se afastou olhando-o com sorriso envergonhado. Tinha as maçãs do rosto brilhantes, esfregou as mãos contra as coxas e retrocedeu.

—Obrigado —disse ela, afastando o cabelo do rosto. Ele assentiu e seguiu seu olhar quando ela examinou Ned. Britta a olhou indecisa.

—Está acordado —disse Britta.

Ellen e MacCurrie se inclinaram sobre o jovem, mas não o tocaram.

—Ned—disse Ellen—. Como se sente?

Olhou-a com olhos úmidos e franziu o cenho.

—Como um fracassado.

—O cabelo te salvou a vida.

Ned lhe dispensou um sorriso débil.

—Minha mãe me disse que algum dia me alegraria de tê-lo assim.

—Estava acordado? —perguntou MacCurrie—. Os viu?



Ned assentiu vigorosamente; sua expressão se escureceu e colocou a mão na cabeça.

—Eram dois homens, senhor. Vieram de ambos os extremos do corredor.

—Dois homens? —perguntou MacCurrie com voz tensa—. Pôde reconhecê-los?

Ned assentiu.

—O homem loiro que nos atacou no caminho. O outro era um highlander, senhor. Estava vestido como você, mas o desenho escocês era mais marrom. E tinha um ramo de zimbro na boina.

—De zimbro? —perguntou com tom cortante—. Está seguro de que era zimbro?

Ned assentiu.

—Sim.

MacCurrie se sentou de novo sobre os calcanhares e franziu o cenho.

—Conhece-o?—perguntou Ellen.

—Pode ser, pequena. Se tinha um ramo de zimbro na boina, é um MacLeod. Os únicos MacLeod que não desejam nenhum bem a Dundee são os de Assynt. Se estiver certo, não é meu amigo, nem de seu primo.

—Por que não?

—Os MacCurrie e os MacLeod de Assynt foram inimigos desde que Neil MacLeod traiu James Graham, Montrose, em tempos de seu avô. Se um dos homens é de Assynt, tampouco é amigo dos Graham. De nenhum deles. Nem de nós. Temos isso em comum. —inclinou-se sobre ela e a examinou—. Agora temos a um MacLeod e um homem loiro que a perseguem. Por quê? Ellen, deve me dizer por que se encontra aqui.

Ela se negou a dizer manifestando que só tinha que falar com seu primo. Zangou-se mas permaneceu com ela o resto da noite, ajudando-a a cuidar de Ned, sentando-se junto a ela frente ao fogo. Falaram só o necessário, mas durante essas longas horas que passaram juntos frente à chaminé foi consciente de sua proximidade em todo momento, e percebeu cada um dos olhares que lhe dirigiu.

Quando ele se reclinou contra a parede com os olhos fechados, aproveitou para estudá-lo, notou como as chamas faziam jogos de luzes e sombras em suas bochechas e lhe iluminavam o escuro cabelo. Afastou o olhar, incomodada com ela mesma. Devia sentir gratidão, nada mais.

Quando as primeiras luzes cinza da alvorada apareceram, James aguardou do lado de fora enquanto ela e Britta se preparavam para o começo de um novo dia, depois desceram as escadas como se estivessem acostumados a receber juntos a aurora. A noite anterior não havia pensando no estranho que tinha sido tudo, o ingenuamente que tinha procedido. Mas com as luzes do dia se deu conta de que tinha sido uma idiota.

Esse homem era um estranho, um estranho que se comportou admiravelmente, com uma dedicação e amabilidade que a tinham reconfortado, mas mesmo assim continuava sendo um estranho. Se continha sem entregar-se totalmente a ele. Ellen fazia o mesmo.

MacCurrie os deixou frente a uma longa mesa, depois atravessou o salão saudando os outros homens; suas maneiras eram tranquilas enquanto conversava e ria com eles. Notou o respeito que dispensavam-lhe e viu que alguns homens que conversavam com ele se viraram para olhá-la; não tinha nenhuma dúvida de que falavam sobre ela. E depois MacCurrie desapareceu



detrás de um grupo de homens.

Ellen se sentou junto à Britta e um Ned muito pálido, observando como os chefes brincavam e riam. Estavam alegres, mas era indubitável que a preocupação dos highlanders ia aumentando.

Duncan se sentou junto a ela, tinha sido sua sombra durante toda a manhã. Não lhe perguntou nada, mas estava certa de que seu primo lhe tinha pedido que permanecesse perto dela.

—Ellen?

Virou-se e encontrou MacCurrie de pé junto a ela, olhando-a fixamente. Havia-se barbeado e agora mostrava maçãs do rosto pronunciadas e um bem definido queixo. Tinha o cabelo penteado e preso na nuca. Cheirava a sabão. Seus lábios bem delineados, que tinham estado ocultos pela barba de vários dias, eram grossos e sensuais, mas muito masculinos.

Como podia estar tão arrumado? Perguntou-se de uma vez que reparou em sua limpa camisa branca, a jaqueta azul aberta que deixava ver a roupa de seda que usava por baixo e o grande broche adornado com pedras que segurava a manta escocesa jogada sobre o ombro. Seu kilt era azul e verde, do mesmo tom azul que a jaqueta. Parecia um homem que detinha poder e riqueza. Estava armado, como a maioria dos highlanders que se achavam no salão, levava uma pistola no cinturão e levava a espada embainhada na cintura. E seus olhos ainda deixavam traslucir uma fúria contida.

—Seu primo ainda não chegou? —Seu tom era amável, nada mais.

- Não

—Esperarei com você —disse.

Sentou-se junto a ela, reclinando-se contra a mesa. Colocou uma mão no joelho e ela permaneceu olhando essa mão para evitar seu frio olhar. Seus dedos eram longos e magros; levava um único anel, do tipo que usavam muitos dos chefes dos clãs das Terras Altas.

Uma súbita dúvida a estremeceu. Teria se equivocado? Seria Neil depois de tudo?

Certamente tinha o porte adequado, mas os irmãos eram gêmeos; James devia ser igual. Ele olhou a sua redor com expressão tranquila.

—Senhor MacCurrie, quem são todos estes homens?

James pensou que deveria sentir-se ofendido porque ela não confiava nele. E estava.

Quantas vezes mais devia lhe demonstrar que era digno de sua confiança? Mas ao olhá-la parecia impossível persistir em sua ira. Estava pálida, com o adorável rosto transtornado pela tensão. Estava assustada. Não era mais que uma pequena indefesa em meio de uma reunião de homens, pensou, e sentiu como sua fúria se apaziguava. Ele se comportaria igualmente cauteloso se estivesse em seu lugar.

Apontou o salão repleto de soldados.

—Está vendo alguns dos homens mais poderosos da Escócia, pequena. Vê aquele homem alto que nos está observando perto da lareira? É Alexander MacGannon, conde de Kilgannon. Quem está a sua esquerda é o chefe do clã MacKenzie, o conde de Seaforth.

—Que quer que Neil se case com uma mulher de sua família.

—O próprio. O homem que está do outro lado de Seaforth é Lochiel, líder dos Cameron.

Eles querem que seu primo saiba o que eles pensam antes que o encontro se inicie. Todos



querem saber o que fará o rei Jacobo.

—O que opinam sobre Guilherme de Orange?

—Não é esse o ponto crucial da questão?

—O que pensa você?

— De Guilherme de Orange, que se apresenta para reclamar o trono do rei Jacobo quando não tem direito legal nem moral para fazê-lo? Não muito.

—E o que pensam os outros?

—É muito possível que o mesmo.

—Então eles, e você, apoiam ao rei Jacobo?

—Não necessariamente. Depende.

—Do que?

Supunha que a prima de Dundee teria as mesmas opiniões políticas. E se não fosse assim?

Estaria ali para averiguar quais dos clãs apoiavam ao rei Jacobo e quais a Guillermo? Encolheu os ombros; não importava. Guilherme já devia ter homens que reportavam diretamente a ele. Ao cabo de dois dias tudo o que se dissesse ali seria discutido em Edimburgo.

—Depende —disse—, pelo que faça a maioria dos clãs. Pelo que faça a França. Do que faça Dundee. Nenhum de nós tem vontade de perder nem a vida nem as terras.

—Mas certamente isso não aconteceria.

—Poderia ser. Se perdêssemos.

—Acredita que o rei Jacobo poderia reunir suficiente apoio para enfrentar a Guillermo?

—Pequena, essa é a razão pela qual estamos aqui, para ponderar justamente isso.

—O que dirá você?

—Escutarei primeiro, logo decidirei. Antes de comprometer os MacCurrie em uma guerra, preciso saber que estaremos bem acompanhados.

—Ellen! —A voz veio do outro lado do salão.

Virou-se e viu David Grant que se dirigia para ela com passo rápido. Ficou de pé para saudá-lo.

—Ellen! —disse David quando chegou perto—. Graças a Deus que te encontrei!

A seu lado, MacCurrie permanecia de pé e observava com olhos entrecerrados.

—O que está fazendo aqui? —gritou—. Aconteceu algo ruim em casa?

—Não. B me enviou para te buscar. Disse-me que viria para advertir Dundee do plano para assassiná-lo. Onde está ele? —dispensou a MacCurrie um olhar penetrante—. E por que se encontra no meio desta multidão?

—Ellen. —MacCurrie falou com voz fria. Levou a mão para o punho da arma—. Conhece este homem?

—É obvio que me conhece —disse David—. Vai casar-se comigo. E quem é você, senhor? Onde está Dundee?

—Não está aqui ainda —disse Ellen—. David, não vou me casar com você.

—Falaremos disso em particular —disse David—. A tia B fez que tudo mudasse. Direi a você quando estivermos sozinhos.



MacCurrie deu um passo para o lado.

—Portanto é melhor que me retire e os deixe sozinhos.

—Não, por favor, fique —disse Ellen colocando a mão sobre seu braço. Encontrou-se com seu olhar, viu a ira em seus olhos, e retirou a mão—. Lorde Torridon, apresento a David Grant de Dundee. David, ele é Neil MacCurrie, conde de Torridon.

David inclinou apenas a cabeça.

—Torridon.

MacCurrie devolveu a saudação sem emitir palavra.

David se inclinou sobre ela.

—Que demônios está acontecendo? Por que está com ele aqui?

—Atacaram-nos no caminho; lorde Torridon me resgatou.

—Foram atacados no caminho?

Ela assentiu.

—Sim. Evan foi assassinado.

O rosto de David se avermelhou.

—Por que veio aqui sozinha? No que estava pensando? Por que não me disse nada?

—Não havia tempo.

—Mas é verdade que veio para alertar Dundee sobre um plano para assassiná-lo?

Ellen desviou o olhar do rosto furioso de David para encontrar os frios olhos de MacCurrie.

Ambos esperavam sua resposta.

—Eu... —começou a dizer, mas se virou quando Britta ficou de pé e se aproximou.

—Senhorita Ellen, olhe! Seu primo chegou!

Capítulo 5

John caminhava nervosamente frente à chaminé e Fergusson o observava da cadeira da escrivaninha frente a qual se achava sentado quando fizeram entrar Ellen seguida de David e dos highlanders.

—Ellen! —gritou John estendendo os braços—. Fergusson me acaba de contar que foi vítima de um ataque durante a viagem. Encontra-se bem?

Ellen correu a seus braços e beijou seu rosto.

—OH, John, graças a Deus que está aqui! Está bem?

Abraçou-a com mais firmeza.

—Estou bem, mas não posso acreditar... —se interrompeu e se virou para MacCurrie enquanto mantinha abraçada a Ellen.

MacCurrie sorriu amplamente e estendeu a mão.

—Dundee, passou muito tempo. Encontramo-nos em Claverhouse da última vez.

John estreitou sua mão e devolveu o sorriso.

—Torridon, tem razão, passou muito tempo. Lamentei saber da morte de seu pai, era um bom homem.

—Sim, era, obrigado.



—Agradeço que tenha salvado a vida de minha prima. A você também, MacKenzie.

Duncan apertou a mão de John.

—Fico feliz em ter ajudado, senhor.

—A mim também. Se não tivessem estado ali, teria sido um dia desgraçado para minha família —disse John enquanto soltava Ellen—. Não posso imaginar minha vida sem minha prima. Grant, é bom voltar a vê-lo. O que o traz por aqui?

David estreitou a mão de John.

—A tia B me enviou em busca de Ellen, senhor.

—E como se encontra a tia B?

—Preocupada com vocês. Quem está tentando te matar?

John riu com pesar.

—Quem não está, nestes dias? —Sua expressão se tornou sombria—. Vi o corpo de Evan lá embaixo. Sabe quem lhes atacou? —perguntou a Ellen.

Negou com a cabeça. Manteve-se em silêncio, não diria nada até que estivessem sozinhos.

—Me conte o que aconteceu —disse John sentando-se em uma sala.

Ellen lhe brindou com um sucinto relato do ataque e do resgate; depois MacCurrie e Duncan deram sua versão dos fatos. A atitude de MacCurrie era tranquila, mas seus olhos relampejaram quando descreveu ao homem que tinha ameaçado Ellen. Depois relatou o ataque que Ned tinha sofrido, o que fez que Fergusson se inclinasse para diante para efetuar perguntas pontuais. Era óbvio que o anfitrião estava aborrecido com a história de MacCurrie.

Quando terminaram, John uniu as palmas das mãos.

—Torridon, MacKenzie, tenho com vocês uma dívida ainda maior do que tinha pensado, estou muito agradecido, senhores.

MacCurrie assentiu. Duncan sorriu.

—Fergusson —continuou John—. Agradeço profundamente que tenha protegido a minha prima.

—Foi Torridon, não eu, senhor —disse Fergusson—. cuidou que ela. Passou a noite a seu lado.

Ellen ia protestar mas foi interrompida por MacCurrie.

—Depois de que o jovem tinha sido ferido —esclareceu o soldado—, permaneci a seu lado para ajudá-la a cuidar dele. Éramos quatro e não houve nada impróprio.

—Vi como a ajudou a desmontar do cavalo, jovem —disse Fergusson—. Vejo os olhares que lhes dispensam. Não agem como estranhos.

MacCurrie encolheu os ombros.

—Sua imaginação é muito grande.

Fergusson soprou.

—Pois será questão de minha imaginação. —ficou de pé—. Um brinde cavalheiros —disse servindo um copo de uísque a cada um dos homens—. Torridon, MacKenzie, Grant... senhorita Graham seria tão amável de nos acompanhar?

—Não, obrigado —disse Ellen.

Fergusson elevou a taça.



—Pelo êxito da reunião. —Os homens repetiram suas palavras. Fergusson olhou para Ellen—. E por burlar à morte.

Ellen sentiu que um calafrio percorria suas costas.

—Por burlar à morte —repetiu John, e o resto o seguiu.

Ellen se encontrou com o olhar de MacCurrie quando ele baixou a taça.

—Por burlar à morte —disse MacCurrie quedamente, fazendo um gesto com o copo.

Depois de alguns minutos, deixaram sozinhos John e Ellen no escritório. Quando o anfitrião se retirou, fechou a porta, aproximou-se da janela e agarrou as mãos dela entre as suas.

—Ellen, o que aconteceu? Por que está aqui?

—OH, John —disse de repente, próxima às lágrimas—. criaram um plano para te assassinar! Estava em Netherby...

Quando terminou a história, John estava sentado frente a ela com o queixo apoiado nas mãos. Tinha escutado sem interrompê-la, observando-a com expressão impávida.

—Não é a primeira vez que alguém deseja me ver morto —disse com voz tranquila—. Nem será a última, suponho.

—John, está em perigo cada minuto que se encontra em Dunfal Andy!

—Estive em perigo durante anos, querida. E estou quase certo de que não me surpreenderei ao descobrir as identidades dos que estão conspirando para me assassinar. Acredito que tenho certa ideia dos quais podem ser.

—Deve ir imediatamente! Esta noite!

—Não posso ir, Ellen. Vim para falar com os representantes dos clãs das Terras Altas, e tenho a intenção de fazê-lo.

—Eles podem falar sem você. Alguém pode te informar do que decidam. Não tem por que ficar aqui. John aqui há pelo menos dois homens que têm a intenção de te matar! Já assassinaram Evan e tentaram matar o Ned.

—E a você, Ellen. Não acha que não me dou conta disso. Estou bem a par do perigo. E estou furioso porque se visse tão exposta a ele. Mas preciso me reunir com estes homens. Preciso escutar o que cada um tem a dizer, não posso ir agora.

John deu tapinhas na sua cabeça.

—Não sou tolo, Ellen. Estou protegido todo o tempo, como você o estará de agora em diante. Sei que estou em perigo; do momento em que abandonei a Convenção soube que era um homem marcado. Minha cabeça tem preço, querida, não sabia? Poderia obter uma recompensa por informar sobre meu paradeiro.

Riu brandamente.

—Dunfal Andy é tão seguro como qualquer lugar, possivelmente mais que outros. A maioria dos highlanders são leais ao rei Jacobo, não a Guilherme de Orange. Preciso estar aqui, falar com eles, decidir o que faremos. Ellen querida, estes homens estão me observando. Se fugir porque alguém quer me matar acha que me seguiriam à guerra? Você o faria? Por que alguém apoiaria a um homem que tem medo de enfrentar ao perigo e pedir a outros que o façam? Se fujo, tudo o que tenho feito será em vão. Não serei merecedor de credibilidade.

John se afastou e a observou.



—Ellen, sou eu quem deveria preocupar-se porque se encontra aqui! Está exposta ao mesmo perigo que eu. Se não fosse por Torridon e MacKenzie teriam matado você e nenhum de nós saberíamos o que lhe tinha acontecido.

—Escrevi a B antes de partir.

—Como se atreveu a viajar a cavalo e de noite, Ellen?

—Como poderia havê-lo evitado? Em quem poderia ter confiado para levar-lhe uma mensagem?

—No Evan.

—Não poderia haver pedido que arriscasse a vida e ficar tranquilamente a salvo em casa.

John sacudiu a cabeça tristemente.

—Está usando meus próprios argumentos em meu contrário.

—É certo. Mas me diga, se tivesse estado em meu lugar, poderia ter permitido que alguém se arriscasse por algo que era sua responsabilidade?

—Ellen. Sou um soldado. Sou homem.

—E eu, mulher. Não é questão de sexos. Tinha que estar segura de que receberia a mensagem; era minha responsabilidade. E só pelo fato de havê-los escutado corria risco em casa. Haveria sido uma tolice permanecer lá. Não sei se Pitney está envolvido ou não, mas embora não o estivesse me protegeria? Poderia ir embora se quisesse?

A expressão de John se tornou sombria.

—Isso é verdade. —Olhou-a nos olhos—. Não pode retornar a seu lar até que descubramos quem são os assassinos e se Pitney está nisso também. Enviarei a meus homens para investigar. —Sacudiu a cabeça—. Foi muito valente, Ellen. Tola, mas valente. É o sangue dos Graham.

—O que nos faz ser tolos ou valentes, John? Ou ambas as coisas? —Sorriu e depois ficou séria—. Não tinha alternativa. Se tivesse vindo sozinha, Evan ainda estaria com vida.

—E pode ser que você não. Não é responsável pela morte de Evan. Outros o são. Dou graças a Deus pela intervenção de Torridon e Mackenzie. —Estudou-a durante um momento—. O que há entre você e Torridon? Quão... próximos estão?

Ellen levantou o queixo.

—Conheci-o quando ele e Duncan me resgataram.

—E a partir de então?

—Conversei com ele, isso é tudo. Ficou conosco ontem à noite para assegurar-se de que Ned sobrevivesse, Fergusson faz tempestade num copo d'água.

—Então, por que seu rosto está tão ruborizado?

—Foi muito amável. —Afastou a lembrança de seu abraço—. John, apenas o conheço. Na realidade, nem sequer estou certa de quem é, se for Neil ou James. Duncan o chamou de James, mas deixou que todos pensassem que é Neil.

—Neil é Torridon, Ellen e só os chefes foram convidados.

—Não te incomoda que possa estar mentindo?

John encolheu os ombros.

—Na verdade, não importa qual dos irmãos seja. Se for James, certamente conta com o consentimento de Neil; estão muito unidos. E para meu propósito dá no mesmo. Conheço os



MacCurrie há anos; Tom se instruiu com eles. Ambos são leais. A desconfiança é uma espada de dobro fio, Ellen. A precaução está bem, é verdade, mas também se pode perder um bom aliado por desconfiar dele.

—Pode ser, mas se sobrevive para lamentá-lo.

Inclinou-se para beijar a sua prima.

—Não se preocupe pelos MacCurrie, querida. Se importa qual dos irmãos seja?

Ellen fez uma pausa para considerar.

—Não —disse, dando-se conta para sua surpresa de que não importava. Tudo o que queria era a verdade—. Mas acredito que é James.

John riu.

—Descobrirei. Enquanto isso, necessito que escute e observe tudo enquanto esteja aqui, e que me diga o que consiga averiguar. Possivelmente possa encontrar aos homens que escutou conspirar. —ficou de pé—. Ellen, vou ordenar que lhe vigiem todo o tempo, mas necessito que me prometa que terá muito cuidado.

—Prometo.

—Bem. Agora devemos descer. Todos já esperaram o suficiente.

Ellen assentiu, não muito satisfeita mas resignada.

James viu Dundee e Ellen entrar no salão, rodeados pelos homens de Dundee. Bem, pensou, ao encontrar Dundee ali, já não devia preocupar-se com ela. Deveria sentir-se aliviado. Então por que experimentava esse sentimento de perda? Observou como Dundee era recebido pelos outros highlanders, tentando detectar quem o saudavam sorridentes e quem com receio.

Dundee obteria considerável apoio ali; já o tinha corroborado nas numerosas conversas que tinha mantido com os outros chefes. Mas não todos o respaldariam, nem a ele e nem ao rei Jacobo. Estavam também os que se achavam pressentes só para poder brindar a Guilherme toda a informação que pudessem reunir. E também havia, pelo menos, dois homens que pretendiam algo mais dessa reunião.

Depois do ataque que Ned tinha sofrido na noite anterior tinha estado procurando a algum dos MacLeod entre os presentes. Mas qual? Alguns deles ainda viviam nas terras vizinhas com Torridon. Alguns jamais tinham reconhecido o direito dos MacCurrie sobre os prédios em disputa. Durante décadas se suscitaram vários incidentes de violência entre ambos os clãs. Alguns anos atrás, seu pai tinha sido vítima de uma emboscada dos MacLeod e ao defender-se tinha matado a um deles. Essa morte jamais tinha sido esquecida nem vingada, embora durante anos tinham ameaçado fazê-lo. Poderia haver nesse momento algum dos MacLeod entre eles? Mas Ellen Graham já não era sua responsabilidade; não necessitava envolver-se no assunto.

Dundee se sentou à mesa quase ao final do salão rodeado por soldados. Ellen, sentada a poucos metros de distância, estava olhando a sala a seu redor. Não o viu. James observou tudo durante um momento; depois pensou que devia dizer algo a Dundee.

Ellen observou MacCurrie quando se aproximava da mesa. O highlander a saudou com uma inclinação de cabeça mas se deteve na frente de John, inclinou-se e muito sério disse algo. John o



escutou com expressão reservada e MacCurrie disse algo que o fez sorrir. O que haveria dito?

—É necessária uma explicação.

Virou-se a volta e viu David de pé junto a ela. MacCurrie observou como David se localizava a seu lado.

—Sim, David, é necessário. O que te induziu a dizer que íamos nos casar?

—Sua tia B me pediu que te buscasse e que a levasse a sua casa.

Ellen abriu os braços.

—O que isso tem a ver com sua declaração a MacCurrie de que íamos nos casar ?

—Estive-te observando, Ellen. Esse homem toma muitas liberdades.

—Não tomou liberdades.

—Chama-a de Ellen.

—Você também.

—Eu te conheço há anos. Não tem nenhum direito de falar dessa maneira.

—Se não o tivesse achado correto, não teria permitido.

—Passou a noite com ele.

—Passamos a noite com um jovem que tinha recebido um golpe na cabeça. David, me responda o que te perguntei. Por que disse que íamos nos casar?

—Sua tia quer que nos casemos. Seu padrasto também.

—Falou com Pitney?

David assentiu.

—Quer que retorne a salvo a seu lar.

“Com certeza quer”, pensou Enquanto ela examinava David, lutando para controlar sua indignação. Podia ter razão. Sem dúvida, B tinha sido sua defensora sempre que tinham conversado ultimamente, e quanto a Pitney, não era nenhum segredo que via com bons olhos seu compromisso com Grant. Mas ela e David jamais tinham falado de matrimônio.

Era absurdo. E economicamente improvável; não tinham com o que viver, embora assim o quisessem.

—Não importa que a tia B e Pitney queiram que nos casemos.

Seu rosto avermelhou.

—Ficaria feliz de me casar com você, Ellen.

Feliz, pensou. Não era exatamente um voto de eterna devoção. Amor não correspondido, havia dito Ned.

—E o que acontece com Catherine?

—O que acontece ela?

—Ela acredita que a ama; declarou-lhe seu amor. Pensa que vão se casar.

Ele olhou fixamente as mãos.

—David? Fez Catherine acreditar nisso?

—Pode ter pensado.

—Porque assim o fez supor.

Olhou-a nos olhos, seu tom de voz foi suplicante.

—Tudo mudou agora. Acredite, tudo mudou. Podemos nos casar agora.



—David, não te entendo.

—Não é necessário que o faça, Ellen. Só deve saber que agora podemos nos casar.

—David... —tentou manter um tom de voz amável—. Não posso me casar com você.

—Pode. E o fará.

Ellen o olhou fixamente tentando organizar seus pensamentos. Era óbvio que David não estava contando tudo. Tinha que perguntar novamente, mas antes devia se controlar. O que tinha mudado? O que lhe tinha prometido Pitney? Dinheiro, certamente, suficiente para que David quisesse casar-se com ela e desdenhasse Catherine.

Ou teria sido B? Sua tia avó era muito rica. Possivelmente tinha devotado parte de sua fortuna a David. Mas não, não seria próprio dela. B teria devotado o dinheiro a ambos, ou a ela, se casasse com David. Quanto mais considerava o assunto, mais provável parecia que B houvesse feito exatamente isso.

—B prometeu dinheiro se casasse comigo?

David afastou o olhar, e Ellen sentiu como seu gênio se encrespava de novo. B havia prometido; possivelmente Pitney também, e David tinha aceito os oferecimentos feitos. Esfregou as mãos sentindo-se suja de repente. E humilhada. Aparentemente ninguém acreditava que Ellen Graham podia casar sem que houvesse dinheiro envolvido. A questão do amor não tinha sido mencionada, nenhuma pretensão de afeto. Por que outro motivo ele iria querer para se casar?

Fergusson subiu ao estrado e chamou a atenção da concorrência. Recebeu a todos os presentes mencionando que estava certo de que todos sabiam quão transcendentais eram esses dias para Escócia. Pediu a John que se aproximasse. John sorriu quando passou junto a Ellen e fez um gesto aos homens a quem tinha atribuído sua proteção.

Afastou David de sua mente e observou como John era recebido com jubilosos gritos pelos highlanders. Levantou os braços, agradeceu suas expressões e manifestou sua gratidão pela presença de todos na reunião.

—Gratidão que também sente seu rei —disse John— quem agradece sua prova de lealdade no passado. E requer sua ajuda no presente.

—Está aqui para reunir um exército, Dundee? —gritou um dos soldados.

John assentiu.

—Me deem suficientes homens e recuperarei o trono da Escócia. —Sorriu diante das expressões de aprovação.

—Quantos necessita? —gritou o mesmo homem que tinha falado anteriormente.

—Quantos há? —John aguardou que as risadas acalmassem—. Antes disso, tenho que realizar outro pedido mais pessoal. Minha prima Ellen Graham foi atacada durante a viagem quando vinha para cá para me advertir sobre um plano para me assassinar. Se não fosse por lorde Torridon e Duncan MacKenzie estaria morta.

Uma onda de murmúrios surgiu dos presentes.

—Procuramos um homem loiro —continuou John—, dezesseis pés de altura que usa roupas das Terras Baixas. E a um highlander que participou também no ataque perpetrado ontem à noite contra o servo de minha prima. Usava um ramo de zimbro na boina.

—Um MacLeod? —perguntou Glengarry.



John encolheu os ombros.

—Ou alguém disfarçado como tal. Se alguém o conhecer, por favor me tragam com vida. Ele terá o trato que merece.

—Não há dúvida de que responde a Guilherme —disse uma voz do fundo da sala.

—Descobriremos —disse John inflexível—. Peço a ajuda de vocês para encontrar aos homens que tentaram assassinar a minha prima. E para formar um exército para lutar contra Guilherme de Orange.

—Dirigirá o exército pessoalmente? —escutou-se a voz de MacCurrie e Ellen dirigiu o olhar para ele. Encontrava-se sentado perto da frente, junto a Duncan e com Alexander MacGannon a sua esquerda.

John assentiu.

—Será uma honra dirigir aos clãs das Terras Altas que apoiem ao Rei.

—Quem dirigirá a nossos homens? —perguntou Kilgannon.

—Cada Chefe guiará a seus homens. E pedirei a cada um deles que forme parte do Conselho de Guerra. Devemos procurar o consenso.

Escutou-se outra ronda de aplausos e depois mais pergunta sobre como se organizaria o exército e qual seria o plano. Depois de uma hora de discussões, a maioria dos chefes expressou sua conformidade, e John, que tinha se mostrado tranquilo e crédulo durante toda a sessão, sorria já amplamente. Ellen não podia estar mais satisfeita. E orgulhosa de seu primo.

—Cavalheiros —disse John—. Vim para requerer sua ajuda para uma das causas mais nobres: pelo rei e pelo país. Nossa nação foi humilhada ao ser usurpado de seu trono. Me ajudem a recuperá-lo para nosso rei, por nosso país. Por nós mesmos. Peço que arrisquem sua vida e seu futuro. Eu farei o mesmo. Logo serei pai; eu gostaria que meu filho crescesse em uma Escócia governada por homens de consciência, não por voluntarismo. Quem está comigo?

MacCurrie ficou de pé. Tirou a jaqueta e sua camisa branca contrastava com a pedra cinza quando levantou a espada. A lâmina da arma brilhou iluminada pela luz que entrava pela janela. Ellen conteve a respiração. Sua voz rugiu por cima da concorrência.

—Os MacCurrie estão com você, Dundee.

—E os MacGannon —disse Kilgannon elevando também a espada.

—Pela Escócia —disse MacCurrie—. E pelo rei Jacobo!

Os highlanders ficaram em pé briosamente proferindo gritos de aprovação.

O resto do dia transcorreu emoldurado em intermináveis discussões. Ellen permaneceu a maior parte do tempo junto à Britta e os guardas que a custodiavam. Em um momento perguntou se podia sair a caminhar pelos jardins. Os guardas não se mostraram contentes, mas John deu seu consentimento e a esperaram enquanto Britta ia em busca de sua capa. Depois seguiram Ellen silenciosamente para os jardins murados de Dunfallandy. Britta, que havia esquecido seu próprio casaco, tremia de frio, assim Ellen disse que aguardasse lá dentro. A jovem brindou-lhe um sorriso agradecido.

Estava ensolarado, mas o ar era frio e os jardins estavam quase vazios. Havia dois homens trabalhando em um canto, estavam plantando apesar da neve que ainda cobria os cantos mais sombrios. Alguns poucos brotos sempre verdes eram o único detalhe de cor sobre as paredes de



pedra.

Ellen caminhou lentamente com o passar do atalho, escutando o ruído de suas próprias pegadas sobre o cascalho seguidos pelo das botas dos guardas. Percorreu o perímetro duas vezes e depois atravessou o prédio antes de render-se ao ar frio. Envolveu-se com a capa e se dispôs a voltar até as escadas que conduziam para o interior.

MacCurrie estava na parte superior da escalinata, observando-a com intensidade.

—Lorde Torridon —disse Ellen a par dos guardas que se detiveram atrás dela.

—Ellen.

Subiu dois degraus e se deteve. Seus olhos eram de um azul gélido; seu queixo, apertado. “Ainda está zangado”, pensou. O vento agitou sua capa e um frio gelado se filtrou até seus ouvidos. Subiu outros três degraus.

—Por que não me falou da conspiração contra seu primo?

—Eu... —deu um olhar aos guardas—. Entrem, por favor. O vento não nos permitirá falar com tranquilidade. —Subiu os últimos degraus e passou junto a ele, que a seguiu até uma pequena sala quadrada que servia como saguão lateral.

—Esperem no corredor —ordenou aos guardas.

—Não podemos fazer isso —disse um deles.

MacCurrie o olhou furioso.

—Farão isso. Solicitem a autorização de Dundee se for necessário. Vão.

—Não podemos deixar sozinha à senhorita Graham, senhor.

—Ela não está sozinha, homem. Está comigo. Eu a protegerei. Agora, vão.

—Estou bem —disse aos guardas—. Por favor, me esperem no corredor.

O guarda assentiu, evidentemente incomodado. MacCurrie esperou até que se retiraram, depois cruzou os braços sobre o peito.

—Por que não me disse isso, Ellen? Pensou que estava envolvido na conspiração?

—Eles mencionaram a um homem do oeste.

—E sou o único homem do oeste aqui?

—Não, é óbvio que não. Mas pensei que não devia confiar em ninguém.

—Nem sequer em quem salvou sua vida? Nem sequer no homem que perdeu uma noite de sono para acompanhá-la em sua vigília? Nem sequer quando assim o pedi? Não entendo.

Ellen levantou o queixo.

—Quis fazê-lo, mas havia coisas mais importantes em jogo além de meus desejos, meu Senhor.

Desejos, excelente escolha de palavras, pensou.

—Quer dizer que você desejava confiar em mim mas que decidiu que era melhor não fazê-lo?

Deu um pule com seu tom zombador, mas o olhou nos olhos.

—Sim—disse com voz firme—. Foi assim exatamente.

Permaneceu em silêncio, observando-a com expressão indecifrável.

—Senhor MacCurrie, John é mais que simplesmente meu primo, e há questões mais importantes em jogo que sua vida ou a minha. Ele é um dos mais leais conselheiros do rei



Jacobo. O futuro de um reino depende de seu êxito ou de seu fracasso. Como podia confiar em alguém?

Levantou o olhar para o teto e depois voltou a olhá-la.

—Ellen —disse finalmente—. Tem razão, desculpe. —Agarrou sua mão e levou aos lábios, beijou a palma e logo a liberou.

Ela sentiu um tremor e todo seu corpo se arrepiou ao sentir seu contato.

—Tinha... tinha medo de não chegar a tempo.

—Pois agora que Dundee foi advertido, o que fará, Ellen? Retornará a seu lar?

Deteve-se antes de responder.

—Não posso.

—Por quê?

—Esse plano para assassinar John...eu escutei em Netherby. No escritório de meu padrasto.

—Então ele sabe.

—Não sei. Não se encontrava na sala. Mas não voltarei para meu lar enquanto ele se encontrar lá. Pode ser que não seja parte do plano, mas acobertava esses homens na casa e sabe que eu escutei a conversa. Se antes me desgostava; agora o desprezo.

—Aonde irá então?

—Não sei. Terei que falar com John.

—Ele partirá logo, pequena. Todos iremos logo.

—Sei.

—Vai se casar com Grant?

—Não.

—Ele diz que sim.

—Sei. Mas eu digo o contrário.

—Por que ele o assegura?

Negou com a cabeça.

—Não sei. Realmente, não sei.

—Não tem sentido.

Ela suspirou.

—Senhor MacCurrie, neste preciso momento há muitas coisas em minha vida que não têm sentido. Nem sequer sei com quem estou falando. Você é James ou Neil?

James sorriu. Pequena tenaz, né? Não deveria dizer nada. Mas tampouco podia ignorar sua pergunta. Olhou-a fixamente nos olhos.

—Você está falando com Torridon, pequena. Neil se converteu no amo das terras que herdou e recebeu o título de conde apenas quinze dias atrás, entende-me? É importante que seja reconhecido como um líder forte. Há gente que o porá a prova; se estivesse ausente poderiam tentar algo para apropriar-se das terras que pertenceram aos MacCurrie durante gerações. Portanto, deve permanecer em Torridon e estar preparado para enfrentar a qualquer desafio.

—Realmente pensa que podem desafiar sua liderança?

—OH, sim o farão. Mas também deve estar aqui, em Dunfallandy, para representar ao clã e



para participar da rodada de decisões. E só o chefe do clã pode decidir se unimos a Dundee ou não. Portanto, Neil deve estar presente aqui também.

—Qual é você?

—Estou aqui, pequena. Isso não indica que sou Torridon?

—Não. Indica-me que é um dos irmãos. Acredito que é James.

—Acha?

Ellen assentiu.

—Duncan o chamou de Jamie.

—É o que você disse.

Seus olhos relampejaram.

—A confiança, senhor MacCurrie, deve ser brindada e merecida por ambas as partes. Com quem estou falando? James ou Neil? “James”, respondeu ele para si. Gostaria que ela soubesse que era James. Mas não podia dizer-lhe não podia arriscar-se a que se soubesse que Torridon não tinha assistido à reunião. Além disso havia outra razão, e a advertia justo nesse momento. Neil era chefe do clã, o conde de Torridon. James não estava desprovido de recursos, mas Ellen podia aspirar a outra coisa. Pela primeira vez em sua vida sentiu uma pontada por ser o irmão menor. Não sentia inveja do que tinha herdado Neil; mas descender de um nível de igualdade ao de vassalo era uma transição que ainda não tinha podido assimilar. Levaria seu tempo.

Olhou Ellen nos olhos. Como odiava esse jogo.

—Está você falando com o Torridon, pequena.

—Estou?

Pôde ver a decepção em seus olhos. E faltou pouco para que lhe dissesse a verdade nesse momento, mas escutou passos rápidos que se aproximavam. Ned irrompeu da esquina.

—Senhorita Ellen, lorde Torridon! Eu o vi! Vi ao homem loiro! Está no corredor dos histriões agora! Rápido! —gritou ao cruzar a soleira.

James agarrou Ellen pela mão e a arrastou atrás de si seguindo rapidamente ao jovem.

Entraram em salão e examinaram a multidão, ignorando os olhares curiosos que despertavam pelo seu caminho. Ao final do corredor havia uma arcada a que davam as levantadas escadas que conduziam à galeria dos histriões, que estava acima deles. Deteve-se ao pé das escadas, soltou a mão de Ellen e desembainhou a espada.

—Fique aqui — disse, e começou a subir as escadas junto a Ned.

—Tome cuidado —sussurrou ela.

Olhou-a por cima do ombro.

—Farei —disse, e continuou subindo.

Ellen deu um passo para o lado da escada e observou como subia os degraus de três em três até que desapareceu em uma curva.

Esperou inclinada para diante com os olhos fechados, esforçando-se por ouvir algo. Percebeu o ruído de suas botas sobre a pedra e como se deteve o chegar ao piso superior, depois ouviu seus passos sobre o chão de madeira. O som das risadas do salão onde se encontrava John sufocava o ruído de qualquer tipo de pegadas. Seu corpo se enrijeceu e retorceu as mãos.

Um momento depois sentiu a alguém descendo a toda pressa a escada. Ellen retrocedeu e



se ocultou junto a Ned. Se fosse o homem loiro não teria forma de defender-se, pensou. Olhou a seu redor em busca de uma arma ao tempo que MacCurrie apareceu na escada.

—Foi embora —disse.

—Mas eu o vi —gritou Ned.

MacCurrie levantou a mão acalmando os protestos do jovem.

—Não se inquiete, moço. Alguém esteve ali encima. Há rastros de pegadas marcadas no pó.

Ned respirou profundamente enquanto olhava para Ellen com expressão satisfeita.

—O que está acontecendo? —Duncan apareceu na soleira do corredor empunhando a espada.

—O moço viu o homem loiro na galeria mas quando cheguei já tinha sumido — disse MacCurrie. Duncan demarcou algo em gaélico e MacCurrie respondeu no mesmo idioma enquanto embainhava a espada. Virou para Ned—. Continue vigiando, moço. Agora sabe quem é, por isso tome cuidado, por você e pela senhorita Graham.

Os olhos do Ned aumentaram.

—Dundee quer que retorne ao salão, Ellen —disse Duncan—. Está contrariado porque você ordenou a seus homens que ficassem fora.

—Irei falar com ele —disse Ellen.

Duncan assentiu e voltou para salão seguido de perto por Ned. Quando Ellen passou junto a James, este a agarrou do braço e girou seu rosto para ele.

—Ellen —disse em voz baixa—. Está em perigo, espero que se dê conta, pequena. Me prometa que tomará cuidado.

Olhou-o nos olhos.

—Prometo.

Capítulo 6

Com um golpe brusco, Neil MacCurrie embainhou a espada. Chegaram muito tarde. A fazenda já era uma ruína ardente; o fazendeiro jazia sem vida no exterior da moradia olhando fixamente para o céu. Sua família saía de seu esconderijo chorando e se reunia ao redor do homem morto. Neil se sentiu doente enquanto observava; virou-se e dirigiu a vista para as montanhas.

O mensageiro tinha feito o possível, mas os atacantes tinham tido a vantagem do fator surpresa. Tudo tinha terminado antes que Neil soubesse. Três ataques em três dias. Em lugares afastados, nas fronteiras dos MacCurrie, e cada um mais violento. Mas em todos eles, as vítimas tinham identificado aos MacLeod como responsáveis, os mesmos MacLeods que sempre tinham causado problemas.

Fez um juramento perante a viúva, que soluçava e dava um beijo na testa de seu marido morto, e perante os meninos, que se inclinavam chorando sobre o corpo inerte de seu pai. Por Deus que os MacLeod pagariam por isso.

Ellen permaneceu sentada hora após hora junto à Britta e Ned enquanto John dirigia as



discussões. Falou-se interminavelmente sobre os recursos de cada um dos clãs e sobre a disponibilidade de navios e de armas. Questões que a princípio a fascinaram, mas quando a conversa começou a girar sobre assuntos que pouco interessavam, deixou vagar sua atenção.

MacCurrie estava sentado junto a Duncan na cabeceira da mesa; David perto dela. Não tinha falado com nenhum dos dois desde que tinha retornado ao salão.

MacCurrie fez um comentário que provocou uma risada geral, e sua atenção se centrou nele outra vez. Não sabia o que pensar sobre a conversa que tinham mantido, mas ao olhar-se fixamente a mão recordou o momento em que tinha roçado a palma contra sua boca. A simples lembrança ainda a emocionava, provocando um súbito calor que percorria todo o seu corpo.

Se reagia assim com um beijo na palma da mão... o que sentiria com um beijo nos lábios?

Nunca saberia. Provavelmente nunca voltaria a vê-lo depois de que a reunião terminasse, jamais poderia saber qual dos irmãos tinha despertado um interesse tão veemente.

Existiria alguém tão atraente como ele? Sorriu; de fato eram dois. Deus tinha abençoado as mulheres da Escócia com esses dois homens tão soberbos. Suspirou, reconhecendo que o perderia. Saberia que dentro de alguns meses Torridon iria desposar a jovem MacKenzie? Recordaria ele alguma vez que tinha estado com ela em Dunfallandy? Acaso o exército que se formaria a partir das decisões desta reunião mudaria tudo?

Guerra. Ninguém tinha mencionado a palavra, mas flutuava no ar como um eco que ricocheteava surdamente contra o teto. Guerra para recuperar o trono do rei Jacobo. Estava convencida de que Guillermo tinha usurpado o reino de seu sogro, de que tanto o Parlamento como a Justiça e o rei Jacobo deveriam ter evitado a invasão de Guillermo para colocar Maria no trono. Mas... guerra.

Inclinou-se para a esquerda para ver o perfil de MacCurrie, sua expressão severa. Partiria à guerra. Com seu irmão. E Duncan. E John. Voltariam para seus lares? Ficaria órfão o filho de John? O clã MacCurrie perderia a esses esplêndidos homens? Tremeu e se agasalhou em seus próprios braços. Tinha vindo para salvar a vida de John, mas percebia que existiam forças mais poderosas em jogo que as do homem loiro e seu cúmplice.

Fergusson levantou os braços para interromper a conversa e anunciou que a comida estava servida ao final do salão. John propôs continuar as discussões depois de comer. Os homens reunidos no salão estiveram de acordo e ficaram de pé. .

James estirou o corpo ao ficar de pé, não estava acostumado a permanecer inativo durante tanto tempo; necessitava de um longo rodeio mas não podia deixar Dunfallandy. Possivelmente daria um passeio pelo exterior do castelo como tinha feito antes. Possivelmente pudesse encontrar Ellen. Dirigiu o olhar para o lugar onde ela se encontrava mas uma maré humana bloqueou sua visão.

Já não devia preocupar-se com ela, repetiu-se uma vez mais, mas sabia que era mentira. Tinha se preocupado por ela quando tinha abandonado o salão para passear pelos jardins. A tinha seguido porque não estava certo de que os homens do Dundee advertissem o perigo real que a espreitava, tinha permanecido no alto da escada, desafiando o frio, para observá-la enquanto ela percorria os atalhos. Via-se pequena contra as cinzas murallas de pedra,



uma frágil mulher presa em um matagal de violência.

Tinha visto os homens que a tinham atacado no caminho considerando-a um obstáculo para seus propósitos. E isso era o que mais temia. Dundee era um soldado treinado e não duvidaria em reagir devidamente diante de uma agressão, mas Ellen não estava preparada para defender-se da crueldade de homens que eram capazes de matar por ambições políticas. Ou por cobiça.

Seriam simples mercenários ou haveria alguém rico e poderoso detrás de tudo isso? Não era seu problema, repetiu-se uma vez mais. Demônios, pela razão que fosse... e suspeitava que aqueles olhos, aquele rosto e aquele corpo poderiam ter muito a ver, não ia se afastar de Ellen Graham. Pelo menos nos dias seguintes, possivelmente ela partiria com seu primo, e não voltaria a vê-la. Mas até esse momento se ocuparia de que estivesse bem protegida.

Duncan estava conversando com MacGannon. James o saudou com a mão antes de afastar-se.

Encontrou-a facilmente, de pé com sua jovem criada e com Ned junto à mesa onde tinha permanecido toda a tarde. Estava tentando dominar um cacho que caía sobre o pescoço. Recordou o roçar de sua palma nos lábios, a carícia de seus dedos em sua boca. Como seria acariciar esse pescoço? Beijá-lo?

Dirigiu-se para ela, mas se deteve o ver que Grant lhe tinha adiantado e nesse momento se inclinava sorridente sobre ela. Ellen levantou a vista com uma expressão séria e o saudou com uma leve inclinação. Grant aproximou sua cabeça a dela. James girou sobre seus calcanhares.

Caminhou rapidamente para os estábulos. Seus cavalos garanhões estavam bem e durante um momento ficou admirando esses animais que junto com Neil havia levado a Torridon. Os tinham criticado por importar esses imponentes garanhões espanhóis que diminuía aos cavalos de menor tamanho das Terras Alta, mas eram mais rápidos que qualquer cavalo que tivesse visto. E eram uma das razões pelas que Ellen Graham ainda se achava com vida. Se ele tivesse tido um cavalo das Terras Altas; agora estaria morta; jamais poderia havê-la alcançado a tempo.

Ela se casaria com David Grant. Não deveria se importar. E não importava, pensou. Retornou lentamente ao salão. O vínculo que os unia se romperia quando partissem. Havia outras mulheres.

Havia um grande bulício no salão por causa das conversas exaltadas e jubilosas dos chefes dos clãs, alguns já tinham partido posto que era evidente o curso que teriam as conversas. A reunião terminaria logo. Se Dundee não tinha sido já imputado como traidor, seria-o na reunião, e todos os assistentes seriam considerados suspeitos.

James permaneceu na porta, examinando as mesas. Duncan continuava no mesmo lugar onde o tinha deixado. Ellen não estava à vista, mas David estava sentado junto a Ned.

Britta tinha se retirado também. Possivelmente Ellen tinha subido. James se dirigiu para o Duncan, mas ficou paralisado quando viu um homem que escapulia rapidamente cruzando uma das portas da esquerda. Conhecia esse homem, era um dos MacLeod de Gairloch. James correu atrás dele.

O corredor de pedra estava escuro porque nem todas as tochas estavam acesas e a sombra do homem que fugia dançava nas paredes. James o chamou a gritos embora não esperava que se detivesse, e não se equivocou. MacLeod fugiu girando em uma esquina, depois em outra, desceu



um lance de escadas e entrou na cozinha.

A luz e o calor repentinos o obrigaram a piscar e duvidou por um segundo. A cozinha, com seu amplo teto abobadado, estava profusamente iluminada por várias tochas alinhadas nas paredes e pelos fornos que iluminavam as mesas de trabalho. MacLeod enfrentou a ele empunhando a espada. Atrás dele, o pessoal de cozinha se dispersou proferindo gritos dissonantes, muitos fugiram.

MacLeod agitou a espada.

—Para trás, Torridon!

James deu um passo para diante ao reconhecê-lo. Angus MacLeod, cujo pai havia pertencido ao clã dos MacLeod de Assynt.

—O que faz aqui, Angus?

MacLeod sorriu zombeteiramente.

—Só os condes podem assistir a esta reunião?

—Só os chefes foram convidados. Por que está aqui? —adiantou-se outro passo.

—Retroceda! —MacLeod investiu brandindo a espada.

James desembainhou a sua e se inclinou para diante.

—Desejará não ter feito isto.

—Por quê?

—Porque vou matá-lo.

—Tente, MacCurrie—disse MacLeod.

James esquivou a estocada, burlou sua investida e o atacou. O golpe rasgou sua coxa.

—Por que atacaram ao servo da senhorita Graham? Por que tentaram enganá-la para que saísse do quarto?

—Não sei do que está falando —disse MacLeod deslocando-se para a direita.

—OH, sim, sabe. Por quê? Quem é seu cúmplice, esse homem loiro?

MacLeod carregou contra ele com um rugido. Apontou a espada ao coração de James, que conseguiu rebater o golpe e dobrar sua mão enquanto o empurrava contra a parede.

—Quem é? —perguntou James, pressionando a garganta com a lâmina da espada.

O homem cuspiu aos olhos. James manteve firme a espada mas retrocedeu e limpou os olhos com a manga.

—Quem é? —demandou James, pressionando a lâmina da espada contra a garganta de MacLeod—. Quem é? Pagou-o para aterrorizá-la ou o fez por própria iniciativa?

—Pagou-me.

—Quem? —MacLeod se retorceu e tratou de soltar-se, mas James se inclinou para a esquerda e o impediu de fugir—. Quem é ele? Diga-me bastardo!

—Fraser. Cecil Fraser.

—Por que quer assassiná-la?

—Quer matar ao Dundee, estúpido! Ela é só um obstáculo.

—Então por que...

MacLeod se retorceu novamente, extraiu uma faca do cinturão e tentou cravar em James, mas ele conseguiu se esquivar com um salto para trás, MacLeod lançou outra navalhada e



conseguiu cortar na mão esquerda. Ao tentar dar um novo golpe, James o atravessou com a espada. Olhou-o fixamente durante um momento, até que caiu lentamente ao chão, já sem vida.

Ellen ouviu os gritos, viu os homens que corriam para a porta. John foi até seu lado e seus homens os rodearam como um escudo humano. Colocaram as armas em posição de ataque e ficou rodeada de soldados que brandiam as espadas para defendê-la do perigo. David desencapou a espada e olhou a seu redor com preocupação.

Onde estava MacCurrie? Topou com o olhar de Duncan, que tinha estado conversando com outros soldados e começou a aproximar-se, sua avermelhada cabeleira se destacava entre a multidão.

Seu bonito rosto evidenciava sinais de grande preocupação.

—O que foi? O que aconteceu? —perguntou a John, que fez um movimento negativo com a cabeça expressando desconhecimento. Ellen viu que Duncan se detinha e olhava fixamente para uma porta lateral. Não podia divisar o que ele estava olhando; os homens que a rodeavam eram muito altos.

—Calma, cavalheiros —gritou Fergusson dando um salto para subir sobre a mesa—. Não nos estão atacando. Tudo está bem.

—O que aconteceu?—gritou John.

—Torridon matou a um homem em minha cozinha.

Ellen atravessou o salão. Os homens de John a haviam levado, junto com Britta, ao andar superior, dois deles faziam guarda na porta do quarto. John não tinha aceito nenhum tipo de protesto. Tinha-lhe ordenado ir com seus homens e tinha prometido voltar para contar o que tinha acontecido. Britta se encolheu na cama, mas Ellen estava completamente acordada, se perguntando se teria morrido o homem loiro. E MacCurrie? Estaria ferido?

Duas horas mais tarde, Ellen escutou que os guardas saudavam John; abriu o ferrolho para deixá-lo entrar.

—John o que aconteceu?

—Torridon encontrou a um dos homens que tinham atacado Ned e o matou.

—O loiro?

—O highlander.

—Ele está bem ?

—Não, está morto.

Ellen levou a mão à garganta.

—MacCurrie está morto? —sussurrou.

—Não, Ellen —disse brandamente aproximando-se do fogo—. O outro homem está morto, um dos MacLeod.

—OH! —ele notou como seu rosto se avermelhou.

John se sentou em uma das cadeiras e estirou as pernas. Ela se derrubou em outra.

—Como aconteceu? —perguntou outra vez.

Os olhos do John tinham um brilho divertido ao olhá-la novamente.

—Torridon se encontra bem, querida. E neste momento está respondendo às perguntas de



Fergusson. A reunião terminou. A maioria dos homens partirão amanhã.

—Está satisfeito? Prometeram ajudar com homens, não é verdade?

John assentiu.

—Alguns o fizeram. Muitos retornarão a seus lares para alistar-se na guerra. Outros aguardarão para constatar que os que prometeram unir-se cumpram a palavra empenhada. Mas conseguimos, Ellen. É o início da formação de um exército.

—John, tem possibilidades de vencer?

—Não o faço sempre? —sorriu e depois sua expressão se tornou sombria—. Partirei amanhã. Devo ir falar com vários dos clãs que não puderam vir. Depois devo retornar para casa, Jean está quase no dia de parto e devo estar com ela.

—É obvio.

—Partirei pela manhã.

—Irei com você.

—Não, não posso te expor a mais perigo, Ellen, e para onde vou não posso garantir sua segurança. Quero que fique aqui com Fergusson.

Ellen o olhou horrorizada.

—OH, por favor, John! Não posso ficar aqui!

—É o mais seguro. Desgraçadamente, agora todos sabem que é minha prima, e isso a converte em um alvo. Fergusson não é um homem mal, querida, só é resmungão.

A cabeça dava voltas. Sabia que não podia retornar a Netherby. Mas ficar ali com Fergusson depois de que todos se fossem...

—Posso ir para Glengarry —disse ela—. Mamãe se encontra lá com Margaret. Possivelmente estejam também Floresce e Tom.

—Mandeí procurar o Tom. Reunirá-se comigo no caminho —considerou John—. Mas provavelmente Floresce fique com sua mãe e com Margaret.

—Estou certa de que Tom não permitirá que Flora o acompanhe. Quando souber que está reunindo as tropas, vai querer que Flora permaneça em um lugar seguro. Glengarry se encontra longe de Edimburgo.

—Possivelmente não o suficiente. Mas tem razão, possivelmente seja melhor que vá para Glengarry. Deverá permanecer aqui até que Hugh possa enviar homens para te buscar.

—Posso ir por minha conta. Posso viajar esta noite com Britta e com Ned.

—Não pode falar a sério, Ellen! Olhe o que aconteceu antes!

—Possivelmente possa autorizar a dois ou três de seus homens para que me acompanhem, John.

—E não tem em conta aos homens que a atacaram?

—Foram atrás de você, John, não de mim.

—Mas lhe atacaram.

—Só para evitar que te pudesse alertar. Já não estou em perigo, John.

Estudou-a durante um momento.

—Conhece um homem chamado Cecil Fraser?

Negou com a cabeça.



—Quem é?

—O homem que contratou MacLeod para que atacasse Ned. E a você e a mim supostamente. Não o conhece?

—Não reconheço o nome, mas estou certa de que se trata de um dos homens que escutei, que disse que viria aqui.

John assentiu.

—Opino o mesmo. Devemos continuar investigando. Alguém o deve conhecer. —Juntou as mãos—. Amanhã enterraremos Evan.

—E depois partirão.

—E depois partiremos. Falarei com você amanhã. Descanse um pouco, querida —disse ao ficar de pé. Beijou-a na bochecha e a tranquilizou dizendo que deixaria alguns de seus homens fazendo guarda frente à porta durante a noite.

—Seu servo aguarda lá fora. Eu gostaria que dormisse aqui. Já foi ferido uma vez. Não necessitamos de mais incidentes.

Abriu a porta para que John saísse e entrasse Ned. A preocupação nos olhos do jovem era evidente, mas sorriu quando ela suspirou ao fechar a porta atrás de seu primo. Ficar até que Hugh pudesse vir buscá-la? Se Glengarry ia reunir-se com John poderiam passar meses até que voltasse a procurá-la.

—Seu primo deixou dois homens lá fora, senhorita Ellen—disse Ned—. E certamente Torridon voltará também.

Olhou-o surpreendida.

—Voltará?

Ned assentiu.

—Esteve aqui antes, duas vezes, na realidade, a última justo antes que Dundee saísse.

—Ergueu-se e estufou o peito—. Falamos durante um bom momento.

—Falaram? Do que?

—Sobre o senhor Grant. Estava muito interessado no senhor Grant.

—O que lhe disse, Ned?

Ned se ruborizou.

—Foi muito insistente, senhorita Ellen.

—Entendo. O que lhe disse?

—Disse que o senhor Grant queria casar-se com você, mas que você não queria casar-se com ele porque considerava que devia fazê-lo com a senhorita Catherine, já que o tinha proposto antes.

—Entendo. E que respondeu?

—Não disse nada, senhorita. Só escutou.

David a estava esperando quando desceu, pouco antes que se levasse a cabo o funeral.

Saudou os homens que a escoltavam, depois se localizou em um degrau mais abaixo de onde ela encontrava-se; sua expressão era séria, e seu tom sombrio.

—Sinto muito, Ellen —disse—. Evan não merecia morrer atirado em um caminho.



—É verdade.

—Não deveria vir até aqui.

Levantou a vista para olhá-lo.

—O que quer dizer, David? Se tivesse ficado em casa, Evan ainda estaria vivo?

David avermelhou.

—Bom, não é assim?

Abriu a boca para lhe responder mas mudou de opinião. Não tinha defesa possível, David tinha razão. Evan tinha morrido por sua culpa. Já havia dito a si mesma várias vezes. David limpou a garganta e ela o olhou novamente.

—Vim para levá-la para casa, Ellen.

—Não irei para casa. Mas escrevi uma carta a B. —Extraiu-a do bolso e a estendeu—. Poderia entregar-lhe por favor?

—Não irá? Aonde irá?

Ela explicou brevemente, e David se virou olhando furioso para John.

—Seu primo assume muitas responsabilidades. As Terras Altas nunca são seguras, e muito menos quando existe uma ameaça de guerra. Levarei você a sua casa no Netherby.

—Não voltarei para casa enquanto Pitney se encontre lá, David. Não posso.

—Eu posso te proteger!

—Não posso permanecer na mesma casa que esse homem.

—Pois fique com B. Ou comigo.

Negou com a cabeça.

—Irei para Glengarry.

David açoitou as luvas contra a coxa e entreteceu os olhos.

—Ellen, não estou de acordo com essa decisão.

—Sim —disse tranquilamente—. Sei.

—Falarei com Dundee. Iremos depois de que termine o funeral.

Foi um mísero funeral. Ellen permaneceu de pé junto a John e Fergusson enquanto pronunciavam as orações e enterravam Evan. Manteve segurando o anel e o distintivo dos Stuart que tinha usado até sua morte; os entregaria a Tom quando o visse e explicasse como o seu primo havia falecido.

Tentou conter o pranto; atrás dela, Britta soluçava ostensivamente enquanto Ned agarrava pela mão tentado, em sua estupidez, consolá-la. Fergusson tinha sido bastante amável, pensou Ellen, ao desculpar-se pelo percalço. Percalço, pensou. Não tinha sido um simples percalço. Havia sido um assassinato, simples e banalmente.

MacCurrie e Duncan permaneciam do outro lado da tumba, junto a David e a vários dos chefes dos clãs que ainda se encontravam lá. James não tinha falado com ela, tampouco Duncan, mas ambos a saudaram com uma inclinação de cabeça.

O rosto de David estava contraído e vermelho de ira quando a olhava. Ainda estava furioso.

Obviamente a conversa com seu primo não tinha terminado bem. David observava John com os olhos entrecerrados. Por um momento a assaltou uma dúvida. Poderia David ter estado a par da conspiração para assassinar John?



Secou as lágrimas das bochechas de novo e limpou o nariz com um lenço. Nada disso parecia real. Não era possível que Evan estivesse morto nem que John fosse à guerra. Mas tudo era verdade, e devia confrontá-lo. Primeiro, devia controlar as lágrimas. Levantou o olhar da tumba e o desviou para o vale que se estendia abaixo, coberto nesse momento pela chuva e por nuvens baixas que obscureciam a paisagem. Iluminado pelo sol parecia mais verde. Como o havia visto antes através da janela de seu quarto quando tinha estado pensando em MacCurrie.

Agora ele se encontrava sob a chuva, com a cabeça descoberta e a boina na mão enfaixada, mas parecia estar bem. A chuva empapava seu cabelo, caía pelos ombros e escorria sobre a jaqueta curta e a manta escocesa. Podia ver como a camisa grudava à pele perto do pescoço. Estava incrível. E essa era a última vez que o veria.

Uma vez finalizado o serviço fúnebre, John a agarrou pelo braço e a conduziu para o salão onde Fergusson tinha disposto um café da manhã para seus hóspedes. Sentou-se em um banco sem levantar a vista das mãos enquanto os homens conversavam a seu redor e Britta suspirava tentando secar a água da capa.

—Ellen como está você, pequena?

Levantou a vista e se encontrou com os olhos azuis de MacCurrie. Não pôde evitar que as lágrimas brotassem outra vez.

—Obrigado por vir ao funeral de Evan — indicou um banco para que se sentasse a seu lado enquanto secava as lágrimas—. Desculpe, não posso deixar de chorar.

Sentou-se junto a ela.

—Não se preocupe comigo, pequena. —Esperou a que se acalmasse e continuou—: Lamento que esteja tão triste.

—Evan morreu por minha culpa. Se não fosse por mim, encontraria-se a salvo na casa de Tom. Foi meu engano, sabia que podiam me seguir mas nunca imaginei que poderiam matá-lo!

—Ellen —disse MacCurrie com voz cálida, aproximando-se mais dela—. Não foi culpa sua; não foi a que ameaçou a vida de seu primo. Se não fosse por você, pequena, poderia ser seu primo o que estivesse na tumba de Evan. Você foi muito valente ao cruzar toda a Escócia para adverti-lo. Não tem culpa de que haja homens que desejem assassiná-lo, nem que tenham querido matá-la para impedir que você o advertisse. Você fez o melhor que pôde. Olhe para Dundee —Ellen olhou para John, que estava de pé conversando com Fergusson—O melhor que pode acontecer a Escócia é que seu primo se encontre aqui, pequena. E se tivesse culpa de algo, eu também teria. Se pudesse ter chegado minutos antes...

Com um gesto desprezou suas palavras.

—Como pode sequer pensar nisso? Salvou nossas vidas. Você não tem a culpa de que Evan tenha morrido. Graças a sua coragem, Britta, Ned e eu continuamos com vida. Quero agradecer ao senhor. E a Duncan.

—Foi uma honra —disse brandamente. Olhou seu cabelo, a boca, os olhos—. Desejo-lhe o melhor, Ellen. Desejo uma feliz e longa vida.

Piscou para dissipar as lágrimas.

—Você já vai?

—Logo.



Olhou-o fixamente desejando poder aproximar-se e acariciar a bochecha; assentiu e tentou memorizar a imagem de seu rosto.

—Também desejo o melhor, senhor MacCurrie. Sempre o recordarei com gratidão.

—Obrigado, pequena.

Deslizou um dedo sobre a bandagem que cobria sua mão esquerda.

—Quem era o homem que matou ontem à noite? Lhe fez isto?

MacCurrie assentiu.

—Um dos MacLeod. Aparentemente não estava sozinho, mas seus cúmplices partiram e correrá a notícia de que o matei.

—Trará consequências para Torridon?

James encolheu os ombros.

—Tentarão. Meu irmão se encarregará disso.

—Cuide-se durante a viagem, senhor MacCurrie.

—Farei isso e você também, Ellen Graham. —James segurou sua mão e a roçou fugazmente com os lábios. Desejava agarrá-la em seus braços e beijar essa formosa boca mas já tinha provocado suficiente alvoroço a noite anterior. Beijando-a não ganharia a simpatia de ninguém, e menos ainda a de Ellen Graham. Quem tinha tempo para o amor?

—Cuide-se na viagem de volta, pequena.

Acariciou-se o cabelo que caía sobre os ombros.

—Não retorno a meu lar, ficarei aqui e logo irei à casa dos MacDonnell, com minha irmã.

James recordou Glengarry inclinando-se sobre Ellen, a maneira em que lhe tinha sorrido.

Sabia que Glengarry a receberia calidamente. Quão perto viveria sua irmã de Glegarry?

—Como chegará até lá?

—John quer que fique aqui até que meu cunhado possa enviar homens para me buscar.

Mas se for necessário irei por minha conta.—Levantou uma mão para acalmar seu protesto—. Meu primo já me advertiu, senhor MacCurrie. Aí vem Fergusson com ele.

—Ainda está aqui Torridon? Pensei que já tinha ido —disse Fergusson.

—Estou me despedindo. —James ficou de pé e estendeu a mão—. Obrigado por sua hospitalidade, senhor.

Fergusson agarrou sua mão e deu um forte apertão.

—Sempre é bem-vindo, Torridon. Mas não retorne muito cedo né? Os problemas o perseguem, moço. Não tenho intenção de te ofender, mas me alegra vê-lo partir. Primeiro me traz homens mortos, depois um homem é ferido em minha casa, logo mata a um homem em minha cozinha. Só Deus sabe o que mais poderia acontecer.

—Já vou. Tudo se tranquilizara agora.

Fergusson apontou a Ellen.

—Ela ficará aqui, portanto, quem sabe o que pode acontecer.

James deu um olhada em Ellen.

—Cuidará bem dela Fergusson?

—Já disse que o trato entre vocês não era o de dois estranhos —disse a Dundee—. Estará segura, Torridon. Não deve preocupar-se. Sei como cuidar de uma jovem. Estará bem aqui. Volte



para seu lar, se case com a jovem que Seaforth escolheu para você e se esqueça desta. Todos os gatos são pardos na escuridão não é assim? —riu ruidosamente.

James piscou nervosamente tentando controlar o desejo de lhe arrancar os dentes com um murro. Ellen se ruborizou. James dirigiu o olhar para Dundee e descobriu a fúria refletida em seus olhos.

—Não posso abusar mais de sua hospitalidade, lorde Fergusson —disse Ellen com frieza—. Irei por minha conta a Glengarry.

Fergusson soprou.

—OH, sim, é uma excelente ideia. Dessa maneira Fraser poderá matá-la sem impedimento algum.

—Não acredito que continue em perigo. É a John que Fraser quer, não a mim, senhor.

—Por sua segurança, é melhor que considere que ainda está em perigo, pequena —disse Fergusson—. Não é assim, Dundee?

John assentiu.

—Temo que sim, Ellen. Será melhor que permaneça aqui.

Ellen olhou primeiro a seu primo e depois a Fergusson. Não ficaria com esse homem nem uma noite mais, mas com protestos não ganharia nada. Manteve um tom de voz tranquilo.

—Se ainda estiver em perigo, seria egoísta de minha parte expô-lo a você permanecendo aqui, senhor. Se for verdade que Fraser persiste em sua intenção de me fazer mal, ao ficar ponho em risco a toda sua gente. Alguém de sua família poderia sair machucado quando esse homem tentar se aproximar de mim. E quando se espalhar que Dundee está reunindo um exército, você poderia arrepender-se de estar alojando a sua prima. É mais prudente que eu vá. Possivelmente poderia me mandar um ou dois homens para que nos acompanhem.

Deu um olhar a MacCurrie, que a observava com uma mescla de assombro e diversão em os olhos.

Fergusson assentiu pensativamente.

—Poderia estar certa.

—Não —disse John incomodado—. Ellen, deve permanecer aqui. Fergusson, deixarei a dois de meus homens para protegê-la. Coloque-a em um quarto afastado. Mas não a quero sozinha pelo caminho.

Ellen levantou o queixo mas MacCurrie falou antes que ela.

—Tenho uma ideia melhor —disse—. Dundee, se me der esses dois homens, eu levarei Ellen a Glengarry a caminho de casa.

—Afastará-se de sua rota.

—Não realmente; só um dia ou dois, isso é tudo. Mas dessa maneira ela estaria a salvo e eu poderia voltar para casa. E você não teria que preocupar-se mais com ela —MacCurrie se virou—. Será uma honra escoltá-la, Ellen.

—Penso que é uma boa solução —disse John—. O que acha, Ellen?

—Sim —disse com a respiração contida—. Sim, está bem. —Olhou para MacCurrie. Teria alguns dias a mais para estar com ele—. Eu agradeço, senhor.

Um breve sorriso se esboçou nos lábios de MacCurrie e depois disse ao John:



—Partiremos assim que Ellen esteja preparada, Dundee.

—Uma hora?—sugeriu John.

Ela assentiu. Fergusson, evidentemente contente, comunicou que tinha preparado comida para eles levar.

—Avisarei Duncan —disse MacCurrie antes de retirar-se com grandes passos.

Observou-o ir com passo rápido e o queixo levantado. Precaveu-se de uma luz que escondiam seus olhos e que não tinha visto antes.

Triunfo.

Capítulo 7

—Não pode estar falando sério, Dundee —disse David a John. Desde que haviam deixado Ellen em seu quarto, tinha-o seguido protestando todo o tempo.

A princípio, John tinha explicado a razão pela qual Ellen devia viajar com MacCurrie, mas David tinha continuado com seus protestos. Finalmente, John, com um gesto exasperado de suas mãos, tinha comunicado a ele que a decisão estava tomada. Sem interromper o rápido recolhimento de seus pertences com a ajuda de Britta e Ned, Ellen também negou com a cabeça quando David recorreu a ela.

David continuou com a mesma ladainha durante dez minutos. Inclusive no atarefado exterior do edifício onde os homens de John preparavam os cavalos. E frente a MacCurrie e a Duncan, quem intercambiava olhares divertidos ao escutá-lo.

—Já chega, Grant —disse John com as mãos em alto—. Ellen irá com eles.

—Pois então, eu também irei—disse.

John suspirou e se deu a volta para o highlander.

—Torridon? —perguntou John.

MacCurrie encolheu os ombros.

—Se Ellen quiser.

Ellen assentiu com a cabeça.

—Prepare suas coisas, Grant—disse MacCurrie—. Não nos atrasaremos por você.

James observou como Grant escapulia rapidamente. Maldição, não tinha contado com isso. Franziu o cenho, depois viu que Dundee o chamava com um gesto para que se afastassem dos outros. James o seguiu até a mural a exterior.

Dundee lhe estendeu a mão.

—Obrigado novamente, Torridon. Minha prima é muito prezada para mim. Me alegro de que viaje com alguém em quem posso confiar, que pode protegê-la. Tinha medo de que tentasse viajar por sua conta própria.

—Acredito que o teria feito —disse ao lhe estreitar a mão—. Agradeço sua confiança. Prometo que velarei por sua segurança.

—Também confio em que manterá intacta a reputação de minha prima.

—Não sofrerá dano algum, Dundee. E menos de minha parte. Não dou minha palavra à toa. Dundee assentiu, aparentemente satisfeito.



—Bem, confio em sua palavra.

—Além disso sabe que teremos Grant de vigia.

Dundee riu.

—Isso o faz mais interessante ainda.

Partiram depois do almoço, quando a chuva já tinha amainado e Dundee esteve preparado.

Os dois grupos cavalgaram juntos até o rio Tummel, onde deveriam separar-se. Ellen beijou John no rosto e desejou boa viagem. Depois o viu encaminhar-se para o sul com seus homens. Se perguntou se voltaria a vê-lo.

Estava surpresa de que John tivesse permitido viajar com esses homens das Terras Altas. Seria prudente que MacCurrie a escoltasse? Fechou os olhos recordando o roçar de seus lábios na mão. Deveria afastar-se desse homem, na realidade era conveniente que David os acompanhasse.

Ellen observou como MacCurrie dava ordens aos poucos soldados que os estavam acompanhando para o norte, e tentou não ver que Ned segurava sem pudor a mão de Britta, desafiando com a olhar a qualquer um que pudesse questioná-lo. Repentinamente, sentiu-se sozinha. David não a amava. E MacCurrie? Era melhor não pensar nele. Essa viagem terminaria e MacCurrie retornaria a seu lar para contar a seu irmão tudo que tinha acontecido para assim preparar-se pelo que pudesse enfrentar.

James pôs o cavalo a galope e se colocou na frente do grupo, com Duncan a seu lado; Grant cavalgava atrás deles; mais atrás, Ned e Britta, e depois Ellen. Os homens de Dundee iam na retaguarda.

—Não é a viagem de volta que esperava —disse Duncan.

—Não tive intenção de te surpreender com as mudanças.

—Acredito que nem sequer você o tinha pensado antes de falar, Jamie, não é verdade?

James sorriu.

—Não.

—Não me surpreendeu que não a deixasse ficar com Feirgusson nem que Grant se oferecesse para acompanhá-la à sua casa.

James soprou impaciente.

—Grant? E Fergusson não pode protegê-la.

—Tenhamos a esperança de sermos capazes, amigo. Não me pude fixar em quantas pessoas nos viram partir.

—Eu tampouco. —Viu Ned aproximar-se de Britta e agarrá-la pela mão—. Acha que o moço saberá lutar se chegar a acontecer?

—Deveríamos descobrir esta noite, não acha?

—Boa ideia. —James deu um longo olhar a seu primo antes de falar—. Duncan, preciso que volte para casa. Neil deve saber que a guerra se aproxima.

Duncan arqueou as sobrancelhas.

—E te deixar sozinho?

—Não estarei sozinho. Tenho os homens de Dundee. E Grant.

—E a duas mulheres e um menino. Eu não gosto da ideia.

—Neil deve estar a par do acontecido, Duncan. Uma semana pode fazer tudo mudar.



E... —Passou a mão pelo cabelo

—E o que?

James franziu o cenho.

—Continuo tendo essa intuição. Neil precisa de nós. Ou o fará a qualquer momento.

—É assim?—perguntou Duncan com calma.

—Sim.

—Uma intuição? Similar a que experimentou quando Neil quebrou o braço e soube que algo tinha acontecido? Quando foi atacado em Inverness e Neil soube que estava em perigo e pudemos encontrar antes que o assassinassem? Esse tipo de “intuição”?

—Sim.

Duncan, zangado, deixou escapar um sopro de frustração.

—Demônios. —Olhou para o céu e depois para James—. Está bem, irei. Mas será melhor que seja por uma boa razão.

—Acredito que há. Embora também posso me equivocar.

—Não acredito. Não sei como o fazem, mas o vi muitas vezes para não acreditar nisso.

Quando quer que vá?

—Amanhã. Pode te desviar quando chegarmos ao cruzamento de caminhos.

—Sim. Farei isso.

—Obrigado. —James assinalou com a cabeça a Ned—. Acha que vai armado?

—Não acredito. E Ellen? Pensa que é conveniente devolver a pistola que tiramos dela?

Tenho-a em minha bolsa.

James franziu o cenho. Esqueceu-se da pistola.

—Não sei. Eu perguntarei —disse quando Duncan a estendeu.

Ellen viu que MacCurrie se aproximava dela. Cavalgava como se tivesse nascido sobre um cavalo. Estava ainda mais formidável que no castelo, inclusive mais perigoso, com todas suas armas e o escudo presos ao cavalo. Um highlander, pensou, um guerreiro, e a estava protegendo.

—Como se encontra, pequena? —perguntou-lhe quando chegou a seu lado.

—Bem, obrigado. Estou admirando a paisagem. —A maioria das árvores tinham ainda pouca folhagem, mas o verde incipiente dos brotos contrastava com a tonalidade escura dos pinheiros. Em poucas semanas esse vale estaria muito diferente.

—De verdade? Espere a vê-lo no verão.

—Agora é bonito. Olhe as levantadas ladeiras das montanhas e as árvores que bordeiam o rio. Onde estamos? Como se chama este lugar?

—Passo Killiecrankie. E tem razão. É um bonito lugar. —Olhou-a de soslaio—. Ellen, quer que devolva sua pistola? Sentiria-se mais segura com ela?

Olhou-o nos olhos. Tão azuis, pensou, e se esforçou por concentrar-se no que estava perguntando. A pistola, esqueceu-se dela.

—Sim, obrigado —disse—. Era de meu pai.

A alcançou.

—Sabe como usá-la?

—É obvio. —A colocou no cinturão.



—Realmente teria ido sozinha a Glengarry?

—Sim. Embora teria gostado que me devolvesse a primeiro pistola.

—Me alegre de que tenha aceito que a escoltemos.

—Alegre-me que o tenha proposto. Obrigado, senhor.

—É um prazer, pequena. Também vim dizer qual dos irmãos sou.

Olhou-o fixamente.

—De verdade?

—Sim, de verdade. Não pude dizer em Dunfallandy. Teria que ter explicado por que Neil precisava estar em ambos os lugares.

—Sim. Você é James, não é assim?

Sorriu lentamente enquanto a olhava aos olhos e depois à boca.

—Sim.

—De verdade?

—Sim.

—Obrigado por me dizer isso senhor MacCurrie.

—James, pequena. Eu a chamo Ellen, eu gostaria que me chamasse James.

—James —disse—. Quem parece Neil mas não é Neil.

—Importa?

—Sim.

Assentiu lutando contra a repentina decepção. É obvio que importava. Importaria a qualquer um.

—Não sou o conde de Torridon.

—Não, Neil o é. Mas James me salvou a vida e agora está me protegendo de novo.

Seu humor melhorou.

—Pensou que estava desiludida? —perguntou.

Não pôde responder, confuso por seus próprios pensamentos desencontrados. Grant se virou para observá-los, e James jogou um olhar antes de voltar a vista a Ellen. Ela inclinou a cabeça.

—Você é quem é, James. E para mim não há diferença se for um conde ou um fazendeiro.

Você me salvou a vida, em mais de uma ocasião, e estou muito agradecida. Agradecida, pensou. Sim, um sentimento apropriado. Era inútil se perguntar se podia provocar outro tipo de emoção. Não significava nada qual dos irmãos era na realidade, nem deveria fazê-lo. Ellen poderia sentir-se presa em uma situação perigosa e agradecida pelo amparo que lhe brindava, mas se esqueceria dele uma vez que estivesse a salvo.

—Pensa que haverá guerra?

—Sim.

—E o que acontecerá? Quem ganhará?

—Não sei, pequena —disse quando Grant se uniu a eles—. Devo falar com os homens de seu primo, Ellen. —Aguçou o cavalo e se afastou dela deixando que Grant cavalgasse a seu lado.

Passaram a noite em uma pequena estalagem. Ellen permaneceu acordada no quarto que compartilhou com Britta pensando e escutando as risadas do salão. James MacCurrie. Sabia todo



o tempo. Estava contente de que o tivesse contado sem que o perguntasse novamente. Mas algo tinha acontecido durante o transcurso da conversa; tinha notado como se tornava distante. Não importava, pensou. Era provável que agisse inteligentemente. Seria uma curta viagem, e logo, se separariam.

Deu voltas na cama, inquieta. Depois escutou o ranger do quarto contíguo, onde dormiam James, Duncan, David e Ned. Estaria dormido? Ou acordado, movendo-se inquieto igual a ela a polegadas de distância?

O dia seguinte amanheceu limpo e espaçoso; a seu passo, uma brisa forte balançava as folhas das árvores. Os pinheiros estavam rodeados por bétulas, sorbus e carvalhos⁶ que elevavam seus galhos novos ao céu, saudando o sol. Ellen desfrutou de seus mornos raios e se concentrou em seus próprios pensamentos.

David apenas lhe falou, embora cavalgasse junto a ela. James não teve nada a dizer além de desejar bom dia durante o café da manhã. Tinha interrompido a interminável conversa de Ned com o hospedeiro, fulminando ao moço com o olhar antes de lhe ordenar que saísse. Não tinha afetado muito a Ned que continuou falando.

A noite anterior, antes que se retirasse a seu quarto, James e Duncan tinham dado algumas lições a Ned. Posteriormente, o moço explicou e a Britta como se devia investir e retroceder com cada estocada e quais eram os movimentos certos em ataque e em defesa, e explicou a importância do escudo à donzela, quem o escutou com os olhos desmesuradamente abertos demarcando as respostas apropriadas.

Duncan se despediu ao meio dia, o que provocou grande surpresa. Tinha suposto que viajaria com eles até Glegarry e assim o disse, mas Duncan disse que devia voltar para Torridon para informar a Neil sobre a reunião. Ellen se recuperou da surpresa e agradeceu que houvesse salvo sua vida.

Pouco depois, Duncan se afastou cavalcando enquanto subia a montanha que o levaria para o norte e o conduziria até Torridon. James o observou até que se perdeu de vista. E Ned continuava falando. E o continuou fazendo até que pararam para almoçar a um lado do caminho perto de um pequeno riacho afastado do caminho principal.

Os homens de John agarraram a comida que o hospedeiro tinha preparado e se acomodaram sob uma árvore; Ned e Britta se sentaram juntos em uma rocha perto da água e conversaram em voz baixa de mãos dadas. James, David e Ellen se sentaram em um penhasco sobre o riacho que os resguardava do vento.

Ellen lutou contra o desejo de encostar-se na grande rocha e desfrutar do sol como um gato enquanto James estirava as longas pernas e se reclinava contra a pedra. Em um primeiro momento, David se sentou muito erguido, espantando uma abelha com a mão. Conversaram sobre a paisagem, as montanhas que se avistavam no norte, as árvores que cresciam ao sul, os que havia no Netherby, o fim do inverno...

—Breve, o vale estará lindo —disse Ellen, assinalando a paisagem que se estendia frente a

⁶ Tipos de árvores



eles—. Logo as árvores se carregarão de folhas e as montanhas de urzes.

James sorriu.

—Estamos justo no limite das Terras Altas. Será mais bonito à medida que avancemos para o oeste.

—Não são áridas as terras do oeste? —perguntou David a James.

—Algumas sim —disse James—. O vale de Torridon é fértil e há muitas fazendas sobre a costa. Mas a terra ao redor do castelo é rochosa. Cultivamos jardins atrás das muralhas, é obvio, mas há um só velho carvalho nativo.

—Um só carvalho nativo? —perguntou Ellen.

James assentiu.

—Sim, muito velho.

—Netherby Hall é muito bonito—disse David—. Tem vistas para todo o vale. E a tia de Ellen, B, tem uma casa com vistas ainda melhores. A terra é muito fértil, muito rica. Um homem poderia viver muito confortavelmente lá.

Ellen nunca tinha escutado esse tom de voz antes, um tom de posse. Haveria B prometido só dinheiro? Perguntou-se Ellen, ou algo mais? Sentiu um calafrio. Algo havia mudado em sua ausência, algo importante. Não podia suportar escutá-lo falar de seu lar como se lhe pertencesse, e se virou para James, tirando o primeiro tema de conversa que lhe ocorreu.

—Está acostumado a navegar? —perguntou—. Escutei que muitos highlanders o fazem.

James riu.

—É mais fácil que viajar por terra, pequena. Sim, navegamos com frequência, para comercializar, pescar e para proteger nossas terras.

—Escutei que não têm muitas opções, já que não há caminhos —disse David.

—Não há caminhos como no leste, é verdade —respondeu James—. Mas o prefiro. Mantém a todos separados de nós, salvo aos mais tenazes.

—É uma maneira lenta de viajar —disse David.

James olhou a Ellen com os olhos sorridentes.

—Vale a pena esperar algumas coisas.

Cavalgaram até o anoitecer, depois acamparam em um pequeno vale e perto de um estreito rio. James tinha estado calado a maior parte da viagem, e seguiu assim até que acendeu uma fogueira no meio da clareira. Disse aos homens de John que fizessem o primeiro turno de guarda e que ele e Ned fariam o seguinte. Depois se localizou sob uma árvore e ficou observando como Ellen e Britta preparavam suas camas. David estendeu uma manta perto delas. Quando Ned lhe pediu permissão para ir caminhar com Britta, James fez um gesto negativo e assinalou o outro lado do fogo.

—Descanse agora, moço. Não poderá dormir logo, asseguro isso.

Ned não protestou. Ellen se agasalhou com sua capa. A tarde tinha sido cálida sob o sol, mas de noite a temperatura tinha baixado, James se levantou para atizar o fogo mas não lhe dirigiu a palavra.

Tinha dormido mal e despertou frequentemente para assegurar-se de que tudo estava bem, mas já estava completamente acordado. Era hora de relevar aos outros. Ned dormia



profundamente do outro lado do fogo ainda ardente e roncava brandamente junto a David. Britta dormia de costas a James. Ellen, de frente a ele, com uma mão sob a face e a outra contra o peito. Observou como seu corpo estendido de lado se movia ao respirar e como a luz do fogo dançava em sua bochecha. Teria Grant acariciado essa bochecha alguma vez? Parecia um pensamento desagradável e se virou para olhar para a escuridão.

Tinha começado a estirar os braços, mas ficou paralisado ao escutar um estalo, depois outro, e o relincho dos cavalos que de repente começaram a mover-se inquietos. A pele da nuca se arrepiou. Inclinou-se para diante desembainhando a espada. O mesmo ruído outra vez, como se alguém estivesse tentando aproximar-se escondido. Pelos ruídos, parecia que não era só um, a não ser vários.

Permaneceu agachado e se moveu para Ellen. Atrás dele, do lugar onde estavam os homens de Dundee, sentiu um grito sufocado. Já estavam todos acordados. Ned olhou Britta que arrastou-se para ele enquanto David piscava tentando examinar a escuridão. Ellen procurou a pistola e se dispôs a ficar de pé.

James deu um salto para ela.

—Fique quieta! —gritou-lhe—. Em guarda, Grant!

A suas costas, escutou o primeiro grito de guerra e se virou precipitadamente. Quatro, cinco, seis homens corriam para ele brandindo suas armas, que brilhavam à luz do fogo. Ellen gritou e Britta começou a chorar.

James ficou de pé protegendo Ellen com seu corpo, que gritou quando o primeiro dos atacantes avançou para eles e voltou a gritar quando o homem caiu sobre o fogo desprendendo faíscas.

Sobreveio um caos total. James brigou com outro homem, depois agarrou Ellen pelo braço e a empurrou para seu lado. Não podia ver nem Britta nem Ned mas escutava os gritos do moço mesclados com os dos atacantes. Depois, escutou os alaridos dos homens de Dundee, depois um forte rangido contra os arbustos e os nervosos relinchos de alarme dos cavalos.

James chutou as brasas para apagar o fogo quase extinto e se penetrou na escuridão, virou-se bruscamente para defender-se de um terceiro homem que avançou contra ele.

Ellen girou a pistola e disparou para o lugar onde estava o atacante, seu rosto se converteu em uma máscara de terror ao ver o corpo que se retorcia ao cair. James o despachou rapidamente, agarrou com força o braço dela e a empurrou para as árvores junto a ele.

Escutou o grito frenético de Britta e o alarido de Ned. E depois, nada. Sustentou Ellen contra seu peito e tentou escutar, e lentamente saiu da clareira.

Neil passeava pela sala, atçou o fogo e começou a passear inquieto outra vez. Só era um pesadelo, pensou. Mas sabia que não era assim. Era uma advertência de que James estava em perigo. Não sabia onde nem por que, mas James estava em perigo. Colocou-se de pé junto à janela e lutou contra o impulso de agarrar um cavalo e cavalgar desenfreadamente até Dunfal Andy.

“James”, pensou, “deve tentar se manter a salvo e retornar para casa”. Olhou fixamente para a água, à magra lua que mal iluminava as montanhas do outro lado do lago. Deveria ter ido eu, pensou. Deveria ter ido.



A lenda dizia que iriam à guerra e que logo sobreviriam cinquenta anos de paz liderados por ambos os irmãos. Não um sozinho, pensou. Não um sozinho. A profecia dizia que o mais jovem traria uma jovem do leste e a seguiria quando ela partisse. Casaria com ela. E Neil se casaria com outra do mesmo nome.

Franziu o cenho. Pela primeira vez em sua vida rezou por que a lenda fosse verdade, para que James não caísse morto ou ferido em algum lugar do leste. Jogou a manta escocesa sobre os ombros, iria ver o carvalho, a única prova tangível da lenda. E logo à capela a rezar para que o profeta tivesse estado certo.

Ellen tentou não gritar. James a tinha jogado debaixo de alguns galhos caídos e havia ordenado que permanecesse imóvel sem importar o que acontecesse, e tinha partido.

Quanto tempo tinha transcorrido? Pareciam horas, mas não podia ser. Esforçou-se para ver algo, mas tudo estava escuro e só se ouviam ruídos de luta.

David tinha fugido correndo. James tinha se jogado a seu lado para protegê-la, havia-a defendido e a tinha escondido nos arbustos. Ned tinha lutado ao menos contra um dos homens, enquanto Britta soluçava atrás dele empunhando um punhal. Mas David tinha fugido, com os olhos apavorados, quando os homens atacavam James. Tinha a arma na mão, poderia havê-lo ajudado, ao menos com um deles. Mas não o tinha feito. Tinha-a olhado nos olhos e havia escapulado na escuridão.

Ellen deu um salto quanto sentiu que algo corria sobre a mão, depois se acalmou e tentou escutar. Ouviu gritos ao outro lado da clareira, depois um disparo.

—Acertei Torridon! Eu o vi cair!

—Encontrem! —disse uma voz muito perto dela—. Tragam-no. E procurem por ela. Não pode estar longe.

A voz não provinha além de dez pés de distância, Ellen tampou a boca com a mão para sufocar o grito. Era a mesma voz que tinha escutado em Netherby, a do homem que ia a Dunfal Andy. A do homem loiro. E James jazia ferido perto dali.

—Não está aqui! —gritou o homem do outro lado da clareira—. Mas eu o vi cair!

Escutou como amaldiçoava o homem que estava perto dela, e depois um rangido a sua esquerda. Agachou-se mais ainda e tentou ver através dos ramos. Os movimentos cessaram, e esperou. Fechou os olhos e rezou.

—Agarramos aos soldados, Fraser —gritou um dos homens.

“Fraser”, pensou Ellen. Cecil Fraser era o homem loiro. O assassino de Evan.

—Apanhei ao moço—disse o homem.

—E a donzela? —perguntou Fraser.

—Não posso encontrá-la.

Ellen conteve um soluço. James, Ned, Britta. E David tinha fugido.

—Não me importa. Viemos por Graham —disse Fraser—. Onde está? E encontrem o Torridon!

—Está ferido. Vi que o derrubamos.

—Quantos homens perdemos?



—Só ficamos você e eu, Fraser —disse o homem—. Dos sete que éramos só ficamos nós dois. Disse que seria fácil. Salvo por um deles, todos revidaram. Disse que o moço era muito jovem para representar um perigo.

—Reavivem o fogo —disse Fraser friamente—. Devemos encontrá-los.

Ellen se afastou dos arbustos e se arrastou, afastando-se da clareira. Se avançassem através dos árvores com tochas, encontrariam-na. Manteve-se agachada e observou a seu redor tentando deslocar-se silenciosamente para esconder-se detrás dos arbustos e dos matagais. Podia ouvir que as vozes se apagavam enquanto ela se arrastava sigilosamente.

O terreno se ia elevando colina acima, procurou reconhecer onde estava, tentando recordar por onde tinham chegado a clareira, mas ficou paralisada ao escutar um ruído atrás dela. Alguém avançava em sua direção. Ainda levava a pistola de seu pai na mão e a sustentou com firmeza, mas a pólvora para recarregá-la tinha ficado junto ao fogo, era impossível recuperá-la.

Ellen se virou para enfrentar-se ao novo perigo sustentando em alto a arma e esforçando-se para ver através da escuridão. Ofegou quando sentiu uma mão que tampava sua boca. Outra mão a agarrou com força atraindo-a para o corpo de um homem. Retorceu-se aterrorizada tentando morder a mão que a amordaçava.

—Ellen —sussurrou James.

Sua respiração se tornou um assobio e ele a soltou.

—Não diga nada. Não faça ruído. Me siga.

Deslizou-se arrastando-se ao pé das árvores, e ela fez o mesmo recolhendo as saias.

Depois de um momento ele girou para ela e apontou.

—Dois dos cavalos estão ali—sussurrou ele—. Os montaremos e nos afastaremos em silêncio. Não faça nenhum ruído.

—James. É Fraser!

—Sim. Vamos.

—E Britta e Ned?

Sussurrou-lhe ao ouvido.

—Voltarei para ajudá-los, mas agora devemos ir. Por favor.

—Mas...

—Vamos! —Empurrou-a para diante.

Saíram ao caminho e depois galoparam durante duas milhas, até que ele se deteve e se virou para olhá-la. Viu seu rosto sério iluminado pelas primeiras luzes da alvorada, estava sujo e coberto de sangue.

—Encontra-se bem, pequena? —perguntou—. Está ferida?

Negou com a cabeça.

—Você está bem? Tem sangue no rosto.

—Estou bem—disse limpando a bochecha.

—Por que nos persegue?

—Perseguem a você, Ellen. Eu gostaria de havê-lo matado em vez de feri-lo.

—Feriu ele?

—Sim. No braço. Teria conseguido matá-lo se tivesse brigado só contra ele. Não eram



soldados, nem sequer estavam bem treinados. Fraser era o único que sabia o que estava fazendo.

—Disseram que o tinham ferido!

Sorriu-lhe com um sotaque de brincadeira.

—Disseram?

—Disseram que tinham matado a dois homens de John. Sabiam quem éramos, James!

—Sim. E nos seguiram.

—Mas como?

—Suspeito que Ned disse ao hospedeiro para onde nos dirigíamos.

“É possível”, pensou Ellen. Ned não tinha deixado de falar apesar de que James havia advertido que não o fizesse, era provável que tivesse escapado essa informação. Sacudiu a cabeça ainda emocionada pelo que tinha acontecido. Os homens de John estavam mortos. E Britta e Ned?

—Devemos voltar por Britta e Ned.

—Pôde vê-los?

—A princípio. Ned estava lutando.

—Bom moço. E Grant?

—Fugiu.

—Fugiu? —Afastou a vista da dela -. Não vi nem a Britta nem ao Ned no chão, pequena.

Pode ser que tenham conseguido fugir.

-Eram sete atacantes. Só dois sobreviveram, James, devemos voltar.

Negou com a cabeça.

—Não agora. Farei-o quando houver luz. —Guiou o cavalo para fora do caminho, para os árvores—. Quando puder ver, voltarei.

—Irei com você.

—Ficará aqui.

—Pois irei sozinha.

—Ellen —disse com voz fatigada—. Não posso pô-la em perigo novamente, pequena.

Esperemos a luz do dia, então discutiremos.

Ela assentiu. Ele deslizou brandamente do cavalo e a ajudou a fazer o mesmo.

Esperaram durante o que pareceu uma eternidade, James recostado de costas com os olhos fechados e Ellen observava firmemente o céu à espera do amanhecer. A luz da alvorada surgiu lentamente nessa manhã de neblina, mas finalmente se deixou ver. Virou-se para James e deu-se conta de que a estava observando.

—Irei com você—disse ela.

Ele assentiu.

Capítulo 8

O lugar estava vazio, salvo por seus pertences, que estavam espalhados por todos os lados.

James tinha insistido em ir primeiro e voltar depois para ver se não havia ninguém. Ellen olhou a seu redor sem poder acreditar, tão somente algumas poucas horas atrás, sete pessoas tinham estado comendo ali. Agora só havia pasto condensado, galhos partidos e marcas escuras



na terra onde o sangue tinha filtrado. Sua bagagem estava toda revirada e sua roupa espalhada sobre o lodo.

Tinham aberto também a de James e a tinham jogado debaixo de um arbusto. Os cavalos de Britta e Ned se haviam grupados receosos junto com os dos homens de John. Fraser tinha pego só seus cavalos e seus mortos. Encontraram os corpos dos homens de John, um perto do caminho e o outro próximo a clareira. Mas não havia rastro nem de Britta nem de Ned. Tampouco de David. Ellen permaneceu perto dos restos da fogueira. Ali tinha disparado a um homem e tinha visto como James o matava. Certamente tudo era um pesadelo.

—Acredita que Fraser levou Britta e Ned? —perguntou a James.

—Por que não levaram seus cavalos?

—Possivelmente pela pressa.

—Se tivessem pego Britta e Ned haveriam levado seus cavalos. David se foi.

Ela assentiu.

—Olhou atrás desses arbustos ?

—Três vezes, James. Não estão aqui.

—Sim —suspirou ele—. Enterrarei aos homens de John enquanto você reúne as coisas.

—Ajudarei-o —disse.

Olhou-a nos olhos, depois assentiu.

Enterraram-nos junto a um velho carvalho cavando tão profundo como foi possível a terra dura que, embora já não estava congelada, continuava úmida. Quando finalmente fizeram rodar os corpos para o interior das improvisadas tumbas e os cobriram com terra, James disse uma prece em gaélico e Ellen outra em inglês.

Retornaram ao riacho e se lavaram inclinando-se um ao lado do outro sobre a água, onde Ellen pôde ver refletidas as imagens de seus rostos cansados. James lavou as mãos, depois o rosto, fechou os olhos e deixou rodar as gotas de água sobre seu rosto antes de se secar.

Depois ajudou Ellen a recolher as coisas; dobrou sua velha manta escocesa antes de guardá-la na bagagem.

Ellen permaneceu de pé no meio da clareira olhando a seu redor uma vez mais.

—Britta? Ned? —gritou novamente mais forte. Outra vez. Escutou, mas não ouviu nada mais que o ruído dos cavalos inquietos, o sussurro das folhas das árvores e o murmúrio do riacho.

—Britta! Ned! —Esperou, rogando que a ouvissem. Mas não obteve resposta. Olhou ao céu, a neblina ainda ocultava as pontas das copas das árvores, e se virou para James—. O que faremos agora?

—Retornarei para casa.

—A sua casa.

—Sim.

—Não para Glengarry?

—Não.

Ellen o olhou fixamente, o desconcerto a afligiu. Iria deixá-la ali. Abriu a boca para protestar, mas a fechou sem emitir palavra. Tinha salvado sua vida uma vez mais; não tinha direito



a lhe pedir outra coisa. A fuga de David a tinha surpreendido, mas de algum jeito, apesar de que o conhecia fazia poucos dias, tinha esperado muito mais de James MacCurrie.

Ele a observou, com o cabelo solto e a camisa aberta que deixava ver o pelo escuro do peito. Esse homem esplêndido ia abandoná-la no meio de um país estranho deixando-a a mercê de sua própria sorte. Procurou a pistola no bolsinha e guardou o corno com pólvora debaixo do braço. Que assim fosse.

—Irei preparar os cavalos - disse.

Olhou para as árvores.

—De acordo.

Olhou-a fuzadamente e passou junto ao ela para entrar na mata. Ela se sentou em uma rocha.

James franziu o cenho quando a luz do sol o cegou. Doía-lhe a cabeça pelos golpes que os homens de Fraser lhe tinham dado depois de derrubá-lo. Três homens contra um, e ainda estava com vida. Devia sentir-se orgulhoso de si mesmo, mas estava muito cansado para sentir outra coisa que não fosse agradecimento por estar ainda com vida.

A moça não parecia feliz por ter que ir a Torridon ao invés de Glengarry, mas explicaria tudo logo, quando não estivesse tão dolorido. Apoiou-se contra o flanco do cavalo e fechou os olhos. Tinham sido extremamente afortunados. Se Fraser tivesse tido outro homem tão hábil como ele, estaria morto.

Os atacantes tinham tido a intenção de matar a todos; nem sequer se tinham detido para agarrar as armas. Não tinha sido o roubo seu objetivo, a não ser dar a morte, igual no ataque anterior. Mas, por quê? Por quê?

Fraser ainda perseguia Ellen. Dundee tinha contado a todos sobre o ataque, da conspiração contra ele. O homem que James tinha visto em ambos os ataques não era um idiota.

Devia haver uma razão pela qual ainda perseguia Ellen. Vingança? Dinheiro? Ou ambas as coisas, como MacLeod?

Ainda havia vestígios das mortes, pensou Ellen. Algumas manchas escuras que limpariam com a primeira chuva e duas tumbas pouco profundas que com o tempo se afundariam na terra e cujos ocupantes seriam esquecidos. E onde estariam Britta e Ned?

Como David tinha sido capaz de abandoná-la? Tinha dispensado a ela um olhar selvagem e se tinha sumido na escuridão, sabendo que a estava abandonando a seu destino. Possivelmente, pensou com um sombrio sorriso, ainda estaria fugindo. E agora James estava fazendo o mesmo. Não pensaria mais nele, não se perguntaria como tinha podido equivocar-se tanto a respeito de sua valentia.

Tinha salvado sua vida outra vez, e o tinha considerado mais que suficiente. Suspirou. Não eram mais que estranhos, já tinha feito muito mais do que a maioria teria feito. Ele não tinha culpa de que ela supusesse que ele continuaria fazendo-o.

Iria por seus próprios meios a Glengarry. Que escolha tinha? Podia voltar para Dunfallandy com o rabo entre as pernas e esperar a que os homens de Hugh viessem por ela, ou podia ir por seus próprios meios a Glengarry. Seria perigoso ir sozinha, e solitário. Sem Cecil Fraser



espreitando, seria extenuante mas não impossível. Tinha algumas moedas em sua bolsa e a arma. Cavalaria tão rápido como pudesse durante o dia e se esconderia em algum lugar durante a noite.

Não se virou quando James voltou para a clareira nem quando se aproximou dela.

—Ellen?

Não se moveu.

—Ellen? O que está fazendo?

—Esperando.

—O que?

—Que parta.

—Que eu parta —remarcou lentamente cada palavra.

—Sim. —Levantou a vista, foi um engano. Ele entrecerrou os olhos e cruzou os braços sobre o peito—. Você se dirige a Torridon.

—Sim.

Ela ficou de pé.

—E eu vou para Glengarry.

—Para Glengarry. Por seus próprios meios.

—Sim.

—Ellen, o que está pensando? Esqueceu que Fraser deseja matá-la?

—Não. Não o esqueci —disse—. Mas de qualquer modo, isso é o que farei.

Adiantou-se um passo para ela. Pensou que estava preparada para qualquer coisa mas um James MacCurrie enfurecido pareceu intimidador. Assustador. Olhou-a como se fosse golpeá-la até matá-la.

—Maldita idiota! No que está pensando?

—Não grite comigo!

—Não estou gritando! Se estivesse gritando poderiam me ouvir em Edimburgo! Que demônios pensa que vai fazer? —Aproximou ainda mais.

Ela se manteve em seu lugar e seu tom foi gélido:

—Me dispondo a ir a Glengarry, James. O que você pensa estar fazendo?

Afastou-se bruscamente dela, cravando o olhar nas árvores.

—O que estou fazendo? Não sei realmente. Estou me preocupando com uma menina que arrisca sua vida insensatamente. —virou-se para ela com os lábios apertados—Realmente pode ser tão estúpida para pensar em ir sozinha?

Levantou desafiantemente o queixo.

—Aparentemente.

—Sei que não é estúpida, Ellen. Não posso entender por que quer ir sozinha a Glengarry.

—Porque você se dirige a Torridon.

—Assim cruzará sozinha a cavalo toda a Escócia. Como ocorre que teria alguma possibilidade de defender-se de Fraser se ele decide ir atrás de você! Um tiro, Ellen, isso é o que conseguirá! E Fraser dispõe não só de uma arma, mas também de uma espada e de um punhal também. Não consegue compreender quão vulnerável é? Tão pouco importa sua vida? Eu não



arrisco a minha por qualquer um e o fiz por você, Ellen Graham, que estúpido sou. E nada lhe importa! -Levantou o queixo—. Bem, faça o que queira! Exponha-se estupidamente ao perigo. Que Deus a ajude. Vai precisar.

—Obrigado —disse friamente, ele abriu a boca mas desistiu—. James —disse em tom mais suave—. Estou agradecida por sua ajuda, muito agradecida. Sei que continuo com vida graças a sua valentia. Mas agora você retorna a seu lar.

—Sim. E daí?

Apesar do esforço por parecer tranquila e distante sentiu que lhe tremiam os lábios e apoiou uma mão na boca para esconder sua debilidade. Como tinha sido tão cega? Ele se o aproximou até tocá-la mas ela girou a cabeça para afastar-se.

—Ellen, pequena, me olhe. Se não desejar minha presença, ao menos me permita que disponha de alguém para que a acompanhe. Peço que não vá sozinha.

—Você disse que se dirige a sua casa!

—Sim! E daí?

Sentiu uma onda de fúria e fechou os olhos lutando para manter o controle, depois os abriu dominando as lágrimas.

—Você está me abandonando, James. O que se supõe que devo fazer? Não posso retornar a meu lar. Não voltarei para Dunfal Andy. Não resta outra opção além de ir para Glengarry se você vai para sua casa. Agradeço-lhe tudo o que fez por mim.

Abriu os olhos desmesuradamente.

—Pensou que a deixaria aqui? Sozinha? O que a abandonaria?

Assentiu.

—Que tipo de homem acredita que sou? Como pôde supor que a deixaria sozinha e indefesa?

—Você me disse que voltaria para sua casa.

—Mas não sozinho! Iremos juntos. Como pôde acreditar que a deixaria?

—Eu supus... você falou no singular.

Olhou-a fixamente durante um momento, seu tom foi tranquilo quando voltou a falar.

—Fiz isso, é verdade. Mas jamais a deixaria sozinha. Jamais. —Agarrou sua mão entre as suas—. Jamais.

—OH, James...

—Cale-se, pequena —disse com voz doce. Apoiou-lhe a mão no ombro e depois se a deslizou para o pescoço para atraí-la contra seu corpo.

Ellen gemeu e se recostou contra seu peito, sentindo a reação do corpo masculino com a sua proximidade. Sentiu o calor que brotava do interior do dele; como se arrepiava com o seu contato e como todo seu ser clamava por ele. Suspirou lentamente.

Mas ele se afastou bruscamente, liberou-a mantendo o olhar fixo em sua boca até que finalmente a elevou para encontrar-se com os olhos femininos.

—Pequena —disse— Temos só duas opções. Voltar para Dunfallandy e ficar com Fergusson —negou com a cabeça sossegando seu protesto—. Me escute, por favor. Não quero voltar para lá. E a única alternativa é ir a Torridon.



—Podemos ir a Glengarry.

—É muito perigoso. Fraser segue à espreita e sabe para onde nos dirigimos. Ficamos só nós dois e não sei quantos homens ele tem. Não poderei protegê-la se forem muitos, não sozinho. E devo voltar para casa logo que possa. Neil necessita de minha ajuda.

—Por quê? O que aconteceu?

—Não sei ainda. Saberei quando chegar.

—Não entendo. Como sabe que ele precisa de você...?

—Eu tampouco o entendo, Ellen, meu irmão e eu temos uma forma de nos comunicar... é como uma intuição, uma sensação. E a tive em Dunfally Andy, sei que devo voltar para casa porque Neil precisa de minha ajuda.

—Uma sensação?

Olhou-a um tanto envergonhado.

—Sim. Não posso explicar, mas se repetiu o suficiente ao longo dos anos para que confie plenamente nesse sentimento. E Duncan também.

—O que supõe que pode ter acontecido?

—Acredito que MacLeod o está pondo a prova. Há uma parte de terra que ambos os clãs reclamam como própria, e acredito que vão aproveitar a oportunidade para apoderar-se dela.

—Pensa que são capazes de fazê-lo?

—Não em caso de que Neil seja capaz de evitá-lo, e o é.

—Então sempre pensou em ir a Torridon, não a Glengarry.

Negou com a cabeça.

—Meu oferecimento foi sincero, Ellen. Minha intenção era acompanhá-la a Glengarry e quando estivesse lá a salvo voltar para meu lar. Por isso enviei Duncan, para que ajudasse Neil até que eu pudesse chegar. Prometi a Dundee que você não sofreria nenhum mal, e tenho a intenção de manter a palavra dada, mas não acredito que possa cumprir minha promessa se formos a Glengarry. Fraser está à espreita, pressinto.

—Entendo.

—De verdade? Realmente entende? Não posso explicar, mas sei que não me equivoco ao evitar ir para Glengarry. Há algo maligno nesse homem. Desfruta ao produzir dor, goza com o terror que infunde. Acredito que está... não acredito que esteja maluco.

—É verdade. Vi em seus olhos, James. Vi o prazer que provocava meu terror —suspirou—. Não vejo que outra opção temos.

—Eu tampouco.

Inclinou-se para diante de modo que ficou muito perto dela.

—Ellen, você é uma jovem muito valente sabia?

—O que quer dizer?

—Que tem valor, pequena. Muito valor.

Levantou a mão e acariciou sua bochecha. Ele a apanhou e beijou a palma, como havia feito em Dunfally.

—Graham confia em mim para que a proteja?

Ela assentiu.



—Sim.

—Então, virá comigo para Torridon?

—Sim.

Passaram a noite na cabana de um fazendeiro na base das Montanhas Monadhliath. Não pôde deixar de olhá-lo enquanto estava na cama com os três meninos e James dormia no chão com os cães.

Quando despertou durante a noite viu sua silhueta emoldurada pelo fogo. Ficou olhando seus ombros retos e amplos, seu torso comprido e esbelto, sentiu-se agitada por uma estranha ansiedade. Finalmente conseguiu dormir, em seus sonhos acariciava esse peito musculoso, seus dedos deslizaram pelo corpo firme e as mãos masculinas percorriam o seu.

Quando se afastaram uma milha da fazenda, James olhou para o céu examinando a alvorada brumosa.

—A chuva se aproxima.

Ellen viu as primeiras nuvens escuras que avançavam das montanhas.

—Deveríamos procurar refúgio.

—Sim, mas sem crianças e cães cheios de pulgas.

—Possivelmente com uma banheira.

—OH, isso é um sonho, Ellen. Só conseguirá tomar um banho quando chegar em Torridon, pequena.

—Como é Torridon?

—Espetacular —respondeu sem indício de dúvida—. O castelo é muito grande e está construído com a pedra calcária vermelha de Torridon, por isso parece surgir da mesma rocha que o circunda. Está sobre um penhasco que entra nas águas do lago e três de seus lados estão protegidos por escarpados. A suas costas se erguem Beinn Dearg, Beinn Alligin e Liathach, e outras montanhas. Para chegar lá atravessaremos o Vale de Torridon, uma das terras mais belas que verá em toda sua vida, e depois chegaremos aos lagos, primeiro a de Torridon e depois a de Shildaig. Poderá apreciá-los em toda sua extensão do castelo.

—É muito orgulhoso de seu lar.

—Sim, é verdade. Embora agora pertence a Neil.

—Isso o incomoda?

—Não. Tenho meus navios, três dos navios da frota me pertencem, além de várias propriedades, pequena. Posso ser o mais jovem, mas não estou desprovido de recursos.

—E o que acontecerá agora? Ficará em Torridon?

—É obvio.

—E Neil se casará com a jovem do clã MacKenzie segundo os desejos de Seaforth?

—Não sei. É decisão de Neil.

—E você o que fará?

James a olhou nos olhos e isso bastou para que seu próprio corpo reagisse de tal forma que surpreendeu-a. Sorriu de improviso e lhe descobriu uma covinha.

—Quão mesmo tenho feito durante anos, cuidar das costas a meu irmão e rebater os



perigos provenientes do mar.

—Move-se como um homem acostumado ao mar.

—E isso o que quer dizer?

Sacudiu a cabeça.

—Não sei como explicar. Move o corpo com desenvoltura. —Sentiu as bochechas vermelhas com as imagens que cruzaram pela sua mente—. E quem protegerá Torridon dos perigos que ameaçam por terra?

—Neil. Terá que fazer algo para ganhar sua parte, não acha? As montanhas nos servem de amparo contra a maioria dos perigos que podem aparecer por terra. Salvo contra as maldades dos MacLeod —permaneceu calado durante um momento—. O que fará quando chegar a seu lar?

—Decidirei com minha mãe. Pitney é seu marido; tem o controle das terras de Netherby, mas jamais viverei sob o mesmo teto que esse homem. Poderia viver com a tia B, é minha tia pelo lado paterno. Vive perto.

—Está segura de que a acolherá?

—Acredito que sim. Foi muito bondosa conosco.

—Ela quer que se case com David Grant.

—É provável. Mas não o farei.

—O que acontecerá com você quando sua tia B... se for? Terá que voltar para a casa de seu padrasto.

—Netherby era de meu pai, não pertence a ele. Entretanto, jamais voltarei enquanto Pitney se encontra lá.

—Possivelmente se case com alguém que viva nas proximidades.

—Não.

—Não há ninguém que a interesse em todo Dundee?

Sentiu como se ruborizava enquanto ele a observava.

—Não, e embora assim fosse não tenho dote. Meu pai morreu antes que pudesse arrumar essa questão. Não posso contribuir nada a um matrimônio salvo minha própria pessoa.

—Para muitos homens isso seria suficiente. Com sua beleza, e com as conexões de sua família, poderia ter o homem que desejasse. Um homem com título, com dinheiro. Poderia casar-se muito bem.

Dissimulou o efeito que lhe produziam suas palavras.

—Não me casarei se não for por amor.

—Mas projeta sua vida em Netherby.

—É meu lar. —Notou como seus olhos cintilaram—. E você? Casará-se? Tem uma...?

—Não.

—Ninguém absolutamente?

—A ninguém, pequena.

—Mas ficará em Torridon?

—A que outro lugar no mundo poderia ir? Sou o irmão mais novo, Ellen.

—Mas não é pobre, conforme me disse.

Sorriu.



—Não sou pobre.

—Com sua esplêndida imagem e as conexões de sua família, poderia casar-se muito bem. Poderia casar-se com a mulher que quisesse, com uma nobre.

Riu e afastou o olhar, com o rosto avermelhado.

Ela sorriu, definitivamente tinha conseguido envergonhá-lo.

Seu humor se tornou sombrio quando pensou em Britta e Ned. Onde estariam agora? Havia rezado por eles desde seu desaparecimento depois do ataque, mas temia havê-lo feito em vão. Teriam sido capturados? Em tal caso, teriam sido interrogados e haveriam dito a Fraser que seu destino era Glengarry. O que teria feito esse homem depois, alguém para quem a vida tinha tão pouco valor? Sabia a resposta. Se Fraser os tivesse capturado, não viveriam muito.

A tia B estaria preocupada com ela como preocupava a sorte de Britta e Ned.

Embora tinha dado ao David uma carta para sua tia. Quem podia saber onde estava David e se tinha entregue a missiva? Teria que escrever novamente, e a sua mãe, para lhes fazer saber que estava com vida, para dizer onde estava e informar sobre o desaparecimento da Britta e Ned. Mas tudo isso podia esperar que chegasse a salvo em Torridon.

Não permaneceria lá por muito tempo, deveria ir para Glengarry para reunir-se com sua mãe e suas irmãs. E depois o que? Sem dúvida não podia voltar para Netherby, mas aonde podia ir? Ela deu um olhar a James, recordando os pensamentos que tinha inspirado nela, pensamentos que não a abandonariam. No dia anterior, quando tinha prometido que velaria por sua segurança, tinha despertado algo em seu interior que jamais tinha experimentado.

Cavalgava junto a ela, franzindo o cenho enquanto levava os cavalos pelas rédeas. Como seria a vida junto a esse homem? Realmente não o conhecia em absoluto. Sabia que era assombrosamente atraente e valente, que tinha arriscado sua vida por ela. E que desejava que voltasse a tocá-la. Negava-se a pensar nada mais além disso.

James comprou comida para três dias em uma pequena vila. Comeram seu almoço à beira de um lago, sentados sob pinheiros cujas folhas sussurravam agitadas pelo crescente vento. Sobre eles, manchas avermelhadas se destacavam contra o raleado verde da montanha, onde pastava uma manada de cervos vermelhos. Um imponente macho vigiava enquanto as fêmeas e os animais mais jovens se alimentavam.

No céu, cada vez mais escuro, os pássaros estavam inquietos e se moviam rapidamente, como se devessem terminar sua tarefa antes que a tormenta desabasse. James olhou as nuvens, e depois para Ellen. Tinha o cabelo preso atrás da nuca e algumas mechas caíam sobre as têmporas e as bochechas. Suas saias estavam manchadas e as botas curtas tinham as marcas de sujeira da viagem. Era a mulher mais bonita que tinha visto em sua vida.

Essa manhã tinha observado seus movimentos na pequena fazenda enquanto juntava as coisas e ria com os meninos, quando lavava o rosto e as mãos no riacho fora da casa, quando penteava o cabelo antes de prendê-lo. Pela primeira vez em sua vida se perguntou como seria ter uma esposa ao observar essa mulher em suas tarefas cotidianas.

Observar Ellen todos os dias. Despertar ao amanhecer e ver seus longos cílios contra suas pálidas bochechas; descobrir as variadas tonalidades de marrom, canela e avelã de seu cabelo; beijar essa bonita boca e acariciar seus turgentes seios. E de noite sentir como suas pernas



rodeavam-no enquanto ele se afundava nas profundidades de seu corpo.

James sacudiu a cabeça para limpar os pensamentos. Precisava pôr distância entre eles. Estariam sozinhos durante várias noites. Perto de Inverness poderia encontrar pousadas ou fazendas, mas no próximo lance havia muito poucas. Tinha prometido a Dundee que ela não sofreria dano de nenhum tipo, mas a lembrança de como tinha reagido a suas carícias estava ainda muito vívida em sua mente.

Uma mulher com a aparência de Ellen pareceria atraente para muitos homens, com ou sem dote. Poderia casar-se com um homem de fortuna, um nobre, um duque ou um conde. Como Neil. Se ele possuísse o título, poderia aspirar a uma mulher como Ellen, poderia tentar cortejá-la sem medo a ser rechaçado nem a que sua família tentasse dissuadi-la.

Não pensaria no que o futuro podia proporcionar. Ela pertencia a um dos ramos mais poderosos dos Graham do leste, e ele aos MacCurrie do oeste. Não tinham mais futuro para compartilhar que os poucos dias que durasse essa viagem e os do traslado a Glengarry, onde a entregaria aos cuidados do jovem chefe dos MacDonell, que já a tinha estado olhando entusiasmado.

Essa bonita e valente mulher o fascinava. Se as coisas fossem diferentes, estaria considerando uma vida juntos. Mas as coisas não podiam ser diferentes. A levaria a Glengarry como ela desejava, e provavelmente nunca mais voltaria a vê-la. Respirou profundamente. Era melhor confrontá-lo agora. Ela precisava estar com sua família. E ele devia voltar para Torridon para assegurar-se de que Neil se encontrava bem, de que sua preocupação era infundada.

—Parece que choverá —disse—. Será melhor irmos —começou a reunir os cavalos e Ellen ficou olhando-o fixamente.

James falou pouco enquanto cavalgaram durante a tarde, o suficiente para responder suas perguntas.

Ellen o observava em silêncio enquanto se perguntava o que teria mudado seu humor. Haveria dito algo que o tinha ofendido de algum jeito? Comportava-se amavelmente, mas sem essa calidez nos olhos a que se acostumou.

Possivelmente estava preocupado por Neil e pelo que pudesse estar acontecendo em Torridon, ou possivelmente estivesse triste pela morte de seu pai. Ou possivelmente... suas meditações foram interrompidas pelas primeiras gotas de chuva. Levantou a vista e viu as escuras nuvens que tinham se concentrado no topo das montanhas e que agora, muito mais densas, estavam sobre eles.

Não havia nenhum refúgio à vista. Era uma terra selvagem, coberta de árvores e riachos e imponentes montanhas. Tinham passado sozinho um punhado de vilas durante o dia e ainda menos propriedades particulares, e nenhuma delas nas últimas milhas. Uma terra escarpada onde só os mais duros podiam sobreviver. Ellen cobriu a cabeça com o capuz para proteger-se da chuva que se intensificava.

Cavalgaram durante outra milha, depois James ordenou que se detivesse, alcançou as rédeas dos cavalos que guiava e disse que voltaria em seguida. Dirigiu-se para a espessura das árvores e sua figura desapareceu entre a folhagem. Esperou, perguntando-se o que estaria



fazendo. Depois de vários minutos voltou e assinalou a costa.

—Não acredito que a chuva diminua, Ellen, e está ficando tarde. Há uma caverna acima na qual podemos nos proteger —disse afastando a chuva do rosto—. É grande e está seca. Está disposta a ficar lá até que a chuva pare?

Assentiu.

A costa era levantada e as rochas escorregadias. Ellen apertou os dentes e fechou os olhos quando os cavalos encontraram dificuldade para afiançar-se no terreno, mas finalmente chegaram a uma pequena clareira. James desmontou e abriu caminho através do que parecia um espesso matagal, jogando os galhos partidos atrás dele. Depois conduziu o cavalo e retornou um momento mais tarde até onde ela estava.

—Ajudarei-a a desmontar —disse.

Sustentou-a contra ele durante um fugaz momento, depois a liberou e agarrou as rédeas para conduzir seu cavalo. Ellen passou entre os galhos, subiu a um barranco e depois caminhou ao longo de uma gruta nas rochas. Era uma caverna grande, alta, mas larga. Permaneceu de pé entre a garupa de seu cavalo e a do potro de James, piscando na escuridão, enquanto ele voltou para procurar os outros cavalos que estavam sob a chuva.

Quando seus olhos se acostumaram à escuridão pôde distinguir três passadiços a diferentes níveis. Subiu ao que estava no nível mais alto e tirou o capuz. A cova era escura e fria, a água se filtrava por lugares que não se podiam distinguir. Mas o espaço onde ela se encontrava estava seco e resguardado das correntes de ar frio. Havia um passadiço à esquerda e se inclinou para olhar para seu escuro interior, mas não se atreveu a avançar.

Quando James retornou, Ellen o ajudou a tirar as celas e pertences, organizando tudo prontamente enquanto ele escovava os animais. Quando terminaram, saíram de novo para procurar galhos para acender uma fogueira. A tormenta tinha aumentado, o vento soprava furiosamente açoitando a capa dela e a manta de James. Em poucos minutos ficaram ensopados mas tinham conseguido suficientes galhos secos para a fogueira.

De volta na caverna, James a guiou através do passadiço que ela tinha encontrado e desapareceu na escuridão. Ellen o seguiu lentamente, tratando de pisar com cuidado o escarpado chão e franzindo o nariz pelo aroma de pelagem úmida dos cavalos misturado com o do couro e a lã molhada. Não ia ser uma noite muito confortável, mas estariam melhor que lá fora.

Capítulo 9

—Tudo está molhado —disse James enquanto agarrava a madeira—. Levará tempo para acender o fogo.

Estava escuro, mas um feixe de luz de cor cinzenta penetrava por um canto detrás. O espaço era pequeno e de forma arredondada. O chão era plano e as paredes tinham nichos que serviam para colocar velas. James jogou a madeira no centro.

—Como sabia que existia este lugar? —perguntou Ellen.

Respondeu sem levantar a vista.

—Estive aqui com Neil e meu pai alguns anos atrás, quando uma tormenta nos apanhou.



Não tinha certeza de que pudesse encontrar.

—Me alegro de que o tenha feito.

—Assim poderemos nos resguardar da chuva sem correr o risco de que alguém possa dizer a Fraser nosso paradeiro.

—Acredita que ainda nos segue?

—Não o poria em dúvida.

—Por quê?

Olhou-a com o rosto iluminado pelas suaves chama que avivava agitando a mão.

—Não sei, pensei que você poderia me dizer isso

—Não, e não entendo. Supus que alguém poderia nos seguir a Dunfallandy e que estávamos em perigo, mas que era a John a quem Fraser queria matar, e quanto a mim, que queria me silenciar para evitar que pudesse adverti-lo. Mas por que nos persegue agora?

James ficou de pé e a estudou durante um momento. A jovem estava assustada e odiava acrescentar seu temor, mas devia lhe dar sua opinião.

—Persegue só a você, o resto de nós não lhe interessa. É a você a quem busca.

Ellen se rodeou com os braços e o olhou com olhos muito abertos.

—Por quê?

—A intenção de Fraser era matá-la quando a atacou no caminho. Matou primeiro a Evan porque era um obstáculo, e foi atrás de você com o objetivo de liquidá-la. E se não tivéssemos estado ali, o teria feito. —Fez uma pausa e depois continuou—: Nessa ocasião, os homens não tentavam só capturá-la.

A voz de Ellen foi um sussurro.

—Não, e então atacaram a você.

—Na segunda ocasião, primeiro mataram aos homens de Dundee, depois me atacaram. Grant fugiu, e Ned os enfrentou, algo que acredito que não esperavam. Planejavam assassinar primeiro a todos os homens e depois ir atrás de você. Mas não acredito que nessa ocasião a houvessem matado. A vez anterior, Fraser queria silenciá-la. Mas depois... Ellen, seu primo John está sempre rodeado de soldados; está muito protegido para ser um alvo fácil. Acredito que Fraser a queria tomar como refém para obrigar John a que fosse sozinho a um lugar onde pudesse matá-lo.

Seu rosto empalideceu.

—Não tinha pensado nisso.

—Quantas pessoas odeiam o seu primo?

—Não é um homem que tenha inimigos.

James riu aflito.

—John Graham? Pequena, os inimigos de Dundee constituem uma legião. A metade da população do sudeste o odeia, e agora também os que respaldam a Guilherme. Ellen, seu primo tem muitos inimigos. Mas não são os que me preocupam, esses são óbvios. Quem poderia querê-lo morto por outras razões?

—John é um homem muito justo. É escrupuloso, honrado e ajuizado.

—Características que não arranjariam simpatias em muitos setores.



—Não.

—Quem lhe ocorre? Quem poderia beneficiar-se com o desaparecimento de Dundee?

—A menos que o poder do rei Jacobo se restabeleça... —disse ela—. O poder de Dundee debilitou-se. Se não perdeu o título ainda, logo o fará.

—Sim, isso é muito certo. Portanto possivelmente se trate só de vingança por alguma questão que desconhece. Ou... —Soprou com suavidade as chamas adicionando outro galho—. Quem se beneficia afastando você do caminho?

—Beneficia-se?

—Sim. Quem receberia seu dinheiro?

—Meu capital é mínimo, uma pequena herança de minha avó, apenas suficiente para comprar luvas... —Se deteve e o olhou fixamente.

—Mas o que pequena? Acaba de dar-se conta de algo do que se trata?

—David. Disse que a tia B tinha mudado tudo. Pode ser que tenha prometido dinheiro a ele se casasse comigo.

—O que seria uma motivação para mantê-la com vida, para evitar que sofresse algum dano.

—Por isso David queria vir conosco.

—Para protegê-la? —grunhiu James—. Ele estragou tudo não é? Quem herdará as propriedades de sua tia quando ela morrer?

—Provavelmente minha mãe, o que significa que Pitney as controlaria.

—E o que aconteceria se sua mãe a nomeasse sua herdeira?

—E essa seria a razão pela qual David iria querer casar-se comigo?

James franziu o cenho.

—O que outro incentivo poderia precisar? A maioria dos homens a aceitaria embora só contasse com sua roupa de baixo. —Cravou a vista na pequena fogueira tentando ignorar a visão dela nua—. Quero dizer “sem posse alguma” —adicionou quedamente.

—Por que Fraser nos persegue? Poderia ser que fosse atrás de você?

—Por mim? Não acredito. É a Dundee a quem queria matar, a você só procurava detê-la.

O que não consigo entender é por que continua perseguindo-a. Só me ocorre que tenha interesse em pedir resgate. —Deu um passo para ela, depois se deteve. Tinha estado a ponto de envolvê-la em seus braços para consolá-la, e possivelmente algo mais. Amaldiçoou-se por proceder como um animal. Ela necessitava de amparo, nada mais—. Aproxime-se do fogo, Ellen, está tremendo.

Aproximou-se da fogueira e aproximou as mãos do fogo. Ele tirou a boina e sacudi o cabelo, tirou a bandagem escocesa e a espada, depois a bandoleira com a pólvora, e colocou a pistola em cima de tudo. Esticou-se e virou-se para ela, tirou-lhe a capa dos ombros roçando seu pescoço com os dedos.

—Seu cabelo está molhado, pequena. Procurarei seu baú para que possa trocar de roupa.

Virou-se bruscamente para afastar-se antes que parecesse impossível controlar-se para não tocá-la, ouviram-se as pisadas de suas botas no chão de pedra no outro lado da caverna, o mais próximo da saída, enquanto arrastava o baú. Deteve-se para controlar os cavalos. Moviam-se tranquilos, não detectavam ninguém aproximando-se, pensou; na realidade era pouco provável,



sob a chuva que aumentava no exterior, açoitada por ventos cruzados na entrada da caverna. Essa noite estavam a salvo. Sozinhos.

Esperou tranquilizar-se antes de retornar junto a Ellen, e quando voltou, encontrou-a colocando mais lenha no fogo. Ao vê-lo, ficou de pé e o observou aproximar-se enquanto espremia o cabelo encharcado deixando cair a água nas rochas. James deixou aos seus pés o baú com seus pertences, mantendo perto dele o maço com suas roupas. O brindou com um suave sorriso, suas bochechas brilhavam ruborizadas. Sentou-se em uma rocha para tirar as botas, consciente do olhar feminino fixo em seus movimentos. Quando levantou a vista, ela afastou os olhos. Colocou as botas perto do fogo para que se secassem, depois ficou de pé sustentando o pacote de comida com um sorriso.

—Tenho fome, pequena E você?

—Não —disse, mas depois se deu conta do vazio que sentia no estômago—. Sim.

—Não é muito próprio de uma mulher dizer que não e que sim ao mesmo tempo?

—Diz isso por sua grande experiência com as mulheres ?.

—Não me falta experiência nesse terreno.

—Estou certa de que não é inexperiente na matéria. —Afastou os olhos para que não notasse sua confusão.

Alcançou-lhe a bolsa de comida e estendeu a manta escocesa no chão.

—Senhorita Graham, seria tão amável de jantar comigo? Nossas opções podem ser limitadas, mas são abundantes. Rápido, pequena, está molhando a mesa. Troque de roupa enquanto sirvo o jantar. —Diante de sua hesitação, riu brandamente—. Não a olharei.

Ellen assentiu e se colocou atrás dele. Tirou as botas curtas e as meias, e se virou para tirar a saia. Espiou James por cima do ombro, que estava ocupado desatando os embrulhos. Tirou rapidamente a roupa empapada. James tinha razão: sentia-se muito melhor.

Permaneceu nua de pé frente à fogueira desfrutando do calor das chamas que secava sua pele. Vestiu-se rapidamente com pouca roupa; camisa, corpete e anágua somente. Descalça, estendeu o resto da roupa para que secasse frente ao fogo e se sentou na manta.

—Melhor, né?

Ellen assentiu. Lhe deu o pão e a carne envoltos em um guardanapo, depois, ficou de pé e apoiou-se contra a pedra. Desatou o broche que sustentava a parte superior de sua manta escocesa, tirou a jaqueta e a deixou cair ao chão. Depois, com um suave movimento, tirou a camisa por cima da cabeça.

Ela conteve a respiração. Seus ombros eram largos, seu torso era esbelto e estava coberto de um pelo fino que se estendia até o ventre musculoso e desaparecia sob o cinturão. Deixou cair a camisa sobre a jaqueta e se inclinou para agarrar outra do fardo.

—Jamais me acostumei a ficar molhado, e você? —perguntou.

Ellen sacudiu a cabeça enquanto observava como lhe moviam os músculos do braço. Pele suave, braços longos. Despojava-se da roupa com movimentos lentos, como se houvesse se despido milhares de vezes diante dela. Ele a olhou com expressão divertida nos olhos. James MacCurrie sabia exatamente o que estava fazendo.

—Afasto a vista, pequena —disse brandamente.



O fez mas não o suficientemente rápido. Viu como afrouxava o cinturão e como o kilt caía deslizando pelo quadril. Baixou os olhos lutando contra a tentação de levantá-los. Podia ver seus pés frente a ela, seus esbeltos pés e suas fortes panturrilhas quando chutou o kilt para afastá-lo.

Imaginou de pé nu frente ao fogo, da mesma maneira em que ela tinha estado por um momento, desfrutando da carícia do calor das chamas secando sua pele. Se elevasse a vista veria os jogos de luzes das chamas em seu ventre, seu peito, suas pernas, e descobriria que estava olhando.

—Pode olhar agora, pequena —disse, e ela assim o fez. Vestia uma camisa cor creme que chegava até a metade das coxas. Tinha-a deixado aberta no peito e estava rindo dela.

—Ao menos poderia tentar controlar sua diversão — espetou.

—Não estamos em um salão, Ellen. Estamos sozinhos em uma caverna. Não vejo a razão para permanecer com roupa molhada.

—James MacCurrie, você é desconcertante!

—Já me disseram isso antes.

Olhou-o fixamente nos olhos durante um momento e chegou à conclusão de que não estava zangada, só confusa, não só por suas palavras mas também pela reação que lhe provocava. Jogou a roupa que ficou pendurando de uma das saliências da parede de pedra. As vestimentas escocesas de tons verdes e azuis ficaram embutidas na parede como se fossem os drapeados de uma grande cama.

Aproximou-se dela e se sentou na manta, colocou o odre de vinho entre os dois e cravou sua adaga na cortiça. Enquanto o retorcia, levantou a vista e lhe dispensou um olhar apreciativo.

—Você é bonita, Ellen.

Ela conteve a respiração e ficou olhando-o penetrantemente enquanto suas palavras provocaram um calor que percorreu todo seu corpo.

—Obrigado —disse finalmente.

—Não lhe disseram isso frequentemente, não é verdade?

—O que?

—Que é bonita. Por que David não o disse diariamente?

—David! —Ellen sentiu que limpava a mente.

—Disse que é bonita?

Fez um movimento negativo com a cabeça.

—Parece estranho em um homem apaixonado, não acha?

—David não me ama. Demonstra interesse, mas só para despertar o ciúmes de Catherine.

—Veio procurá-la.

—Porque tia B o pediu.

—Desde quando conhece esse homem?

—Conheço-o de toda a vida.

—Sabe o que pensa?

—Não, é obvio que não. O que quer dizer?

—Penso que não conhece David tanto quanto acha. —Retorceu a cortiça lentamente—. Pode ser que realmente lhe interesse, ou possivelmente tenha outras razões.



—Quais, por exemplo?

—Possivelmente seu David soube de que herdaria uma fortuna e se sentiu repentinamente apaixonado por você.

—A fortuna de tia B?

—Pode ser.

Encolheu os ombros.

—Sempre se mostrou solícito com você?

Ela assentiu.

—Tentou provocar ciúmes em Catherine faz tempo, né? —Extraiu a cortiça do odre com um sorriso satisfeito—. Se de verdade está interessado por que fugiu? Se uma mulher que me interessa estivesse em perigo, eu não escaparia.

—James, não há comparação entre vocês dois. Você não fugiu. Estou muito agradecida por me proteger. Profundamente agradecida.

Sorriu.

—Diga-me isso de novo. Eu adoro quando uma mulher se mostra agradecida. —Sustentou a garrafa para cheirá-la—. É uísque! Pensei que era vinho.

—É tão ruim?

—Depende. Me deixe prová-lo. —Levou a garrafa aos lábios, esperou durante um momento e depois a estendeu—. Não é ruim. Beba um pouco, se esquentará.

Saboreou com cautela o uísque fechando os olhos enquanto o forte líquido deslizava por sua garganta. Depois bebeu outro gole.

—Nada mal—disse devolvendo a garrafa.

—Tinha provado uísque antes?

—Você não é o único escocês aqui, James. Tinha provado o uísque antes. Tia B me ensinou a apreciá-lo.

—Meu pai me ensinou.

—Meu pai me ensinou para que se usa. A tia B me ensinou como bebê-lo.

Levantou uma sobrancelha.

—Você bebe uísque?

—Ela bebe. Eu não tenho o hábito.

James esticou as longas pernas.

—O que lhe disse seu pai sobre o uso do uísque?

—Bem, como bebida, obviamente. Pode-se também cozinhar com ele. Usá-lo para limpar feridas ou lavar as mãos. E até para limpar os móveis.

James proferiu uma sonora gargalhada.

—Depende, é obvio, da qualidade do uísque.

—Pequena, o advirto, não viverá muito em Torridon se tentar limpar os móveis com uísque.

—Lembrarei disso.

Comeram em silêncio durante alguns minutos enquanto Ellen olhava fixamente o fogo. Ele estendeu a garrafa novamente.

—Posso ficar muito idiota se continuar bebendo —disse ela bebendo outra vez, e um gole



maior ainda. Depois deixou a garrafa a seu lado.

James bebeu abundantemente.

—E eu posso ter dificuldades para manter a promessa que fiz a seu primo.

—James, você prometeu que não permitiria que ninguém me fizesse mal. Estamos só você e eu. Não posso acreditar que seja capaz de me machucar.

—Beije sua mão, Ellen. Duas vezes.

—Não me fez mal com isso.

Levantou uma sobrancelha.

—Não lhe provocou nada?

—Não digo que não me provocasse nada, mas sim que não me fez mal.

—Não é que não a afetasse, mas sim que não lhe fez mal né?

—Não —disse ela.

Inclinou-se para frente e ficou a escassas polegadas de seus lábios.

—Deseja que continue para ver se a afeta?

Ellen levantou a boca.

—Sim.

Segurou suas bochechas e a aproximou mais para ele, seus lábios foram suaves e demandantes. Ellen colocou as mãos sobre o peito percebendo como pulsava o coração, sentindo a calidez de sua pele sob a fina camisa. Subiu a mão e notou como delineavam os músculos, percebeu como respirava profundamente quando passou o braço atrás do seu pescoço.

Isto era ao que se referiu Margaret, a essa sensação de estar flutuando, de sentir como palpitava ferozmente o coração, de desejar que um homem a acariciasse, a possuísse, de desejar possuí-lo. E tudo por um beijo. Podia sentir como reagia o corpo masculino e a resposta do dele. Sentiu como os seios endureciam e os pressionou contra ele.

Os lábios do homem roçaram os seus, uma vez, duas vezes, depois os reclamou com uma ferocidade que a incitou mais que sua gentileza. Sua língua procurou a dela, e ela respondeu à carícia sentindo que se fundiam seus fôlegos. Finalmente, afastou-se e tampou a boca com a mão. O olhou fixamente enquanto ele a observava com os olhos obscurecidos.

—Não me faz mal —sussurrou olhando seus lábios. Deslizou a mão pela bochecha, detendo-se no queixo, percorrendo o pescoço e posando-a finalmente no peito—. E sim, me afeta.

—A mim também, Ellen. —Baixou a boca para encontrar a dela e atraiu seu corpo contra o dele até que ambos ficaram frente a frente, desceu a carícia ao longo das costas, apertando-a contra seu corpo.

Sabia que devia deter-se, sabia que devia afastá-lo, sabia que tinha que dizer que não devia acariciá-la dessa maneira, mas gemeu novamente e se apertou contra ele, as mãos masculinas acariciaram a cintura, o quadril, as coxas, as nádegas, e ela soube que não o deteria.

Separou as pernas e a apertou entre suas coxas. O coração se agitou ainda mais quando a beijou novamente lhe afundando a mão no cabelo, jogando para trás a cabeça, penetrando sua boca com a língua.

Ellen jogou os braços ao pescoço enquanto se exploravam mutuamente. Sabia que devia dizer para que parasse, mas já não importava. Pela primeira vez em sua vida, abandonou-se à



carícia de um homem e deliberadamente bloqueou todo reparo ou consideração pelas consequências de seus atos. Desejava aquilo. Desejava-o; não podia pensar em nada mais. O coração pulsava loucamente. Ou era o dele?

A respiração masculina era agitada, sua ereção perceptível contra seu ventre. Suas mãos se dirigiram a seus seios, suas carícias foram subindo até a parte superior do corpete para incursionar sob os laços que começou a desatar. Sua pele ardia sob a carícia de seus dedos.

Arqueou as costas para permitir que seus beijos descessem de sua boca ao pescoço e mais à frente, até os seios. Introduziu a mão sob sua camisa e sentiu a resposta imediata do corpo masculino quando deslizou os dedos entrelaçando-os no pelo escuro do peito.

Sua mão finalmente alcançou seus seios, acariciando-os, explorando seu turgente contorno.

Ela gemeu erguendo-se tensamente com a carícia. Gemeu novamente quando a outra mão o rodeou o torso e subiu lentamente afastando a roupa íntima.

Ellen fez o mesmo percorrendo sua pele da perna até chegar a borda da camisa,deslizando-a por cima dos músculos tensos das coxas. Mudou de posição ao sentir a incursão da mão feminina sobre seus quadris, suas nádegas, descobrindo a pele suave e ardorosa.

James deslizou a mão por debaixo do joelho, afastando as saias até roçar a nudez de pele contra pele. Foi subindo a mão com lentidão em uma tortura deliciosa. Levantou a cabeça e lhe sorriu.

—Ellen, desde o primeiro momento em que te vi, senti que estávamos unidos, como se estivéssemos destinados a estar juntos. Não posso explicar, não tem sentido, mas é assim.

—Eu senti o mesmo —sussurrou ela—. E tampouco tem sentido para mim.

—Mas é assim.

—Sim, é assim.

Ele sorriu.

—Me beije outra vez. —Reclamou com tal ferocidade sua boca que a deixou sem fôlego. Tinha sabor de uísque, a néctar. Como um paraíso. Quando afastou a boca, ela gemeu em protesto.

—James —disse—, não pare.

Com um suave movimento tirou a camisa por cima da cabeça e a jogou para trás, sentando nu frente a ela. Era bonito, seu corpo era comprido e esbelto; estava preparado e ofegante por ela, seus olhos se obscureceram com um azul profundo ao ver como ela o estudava.

Atraiu-a para ele para beijá-la profundamente, depois a fez descer sobre a manta inclinándose sobre ela com um sorriso.

—Ellen —disse enquanto percorria seu pescoço com seus beijos—. É tão bonita, minha bela.

Desatou os laços do corpete, afastou a camisa e cobriu seus seios com as mãos. Ele sorriu e se inclinou substituindo as mãos pelos lábios, ela tremeu sob sua carícia. Rodeou-lhe a cabeça com as mãos concentrando-se na sensação desses lábios em seus seios.

Finalmente ele levantou a cabeça.

—OH, pequena é mais doce do que tinha imaginado.

Lhe sorriu.

—Tinha imaginado isto?



—OH, sim, desde o primeiro momento em que te vi.

Pôs a mão sobre a coxa esquerda.

—Eu também.

Riu brandamente produzindo um som cavernoso no peito.

—Verdade?

—Sim. Eu...

Tampou a boca com um beijo impedindo de continuar. Suas mãos avançaram decididamente debaixo de sua saia e acariciou a parte superior da perna. Separou seus joelhos com os seus e subiu a saia. Inclinou-se para trás, olhou-a e sorriu.

Entre gemidos e suspiros sentiu a intensidade de sua carícia em suas coxas, como seus dedos o percorriam a pele deixando um rastro de sensações que a fizeram arder mais que o uísque. Ao contato de sua mão, arqueou-se para recebê-lo.

Ele se inclinou para beijá-la separando os lábios com a língua, e se introduziu em sua boca facilmente. Ellen gemeu, fechou os olhos e se deixou levar por suas carícias, que despertavam nela sensações que jamais tinha sonhado sequer. A respiração lhe acelerou.

—James —disse acariciando as costas e deslizando a mão até detê-la entre os dois.

Quando o rodeou com os dedos, sorriu com o gemido dele. Sussurrou seu nome—: James.

Ao longe, escutou-se um leve ruído, o sopro do vento se fez mais violento. Ellen abriu os olhos; James levantou a cabeça, suas mãos ficaram repentinamente imóveis. O ruído continuou, como centenas de partes de papel sendo espremidos, como milhares de bolsas de couro agitadas pelo vento. Do que se tratava?

Os cavalos começaram a se assustar, os relinchos inquietos logo se tornaram alarmantes. James tirou a mão e se ergueu olhando fixamente a abertura da caverna. Quando seu potro relinchou alarmado, James virou afastando-se dela. Ficou de pé e agarrou a espada e o escudo.

—O que acontece?

Prestou maior atenção observando a entrada durante um momento.

—Morcegos.

—Morcegos! —ficou de pé abruptamente, cobriu os seios com a camisa e fechou o corpete, a saia caiu sobre suas pernas—. Morcegos?

James voltou junto à fogueira. Baixou as armas e lhe dirigiu um olhar penetrante.

—Na parte detrás da caverna —disse levantando sua camisa do chão—. Para onde não nos aventuramos, há um espaço muito grande cheio de morcegos. Milhares. Saem por um grande buraco que há na parte de atrás, mas os pode ouvir por toda a caverna.

—Podem chegar até aqui?

—Suponho que poderiam, mas acredito que procuram comida, pequena, não a nós.

Ellen observou como vestia a camisa pela cabeça, como passava os braços pelas mangas, cobrindo seus ombros, o esbelto quadril, o tenso abdômen e as longas coxas. Respirou profundamente. O que tinham estado a ponto de fazer? E o que fariam agora? Rodeou-se a si mesma com os braços enquanto ele calçava as botas.

—Quer vê-los?



Assentiu. Depois calçou as botas, ainda úmidas. James se aproximou do fogo, agarrou um galho ainda aceso e a conduziu até a entrada da caverna. Os cavalos se moviam inquietos. O som persistente parecia provir atrás deles, depois acima. Ellen olhou temerosa a seu redor enquanto James colocava o ramo em uma greta da parede. Guiou-a até lá fora.

A chuva tinha parado e o vento tinha diminuído. A lua iluminava a paisagem molhada com raios chapeados que penetravam as sombras e outorgavam uma cor cinzenta às rochas e as árvores. No alto, uma nuvem vivente cobria a copa das árvores, depois se foi pulverizando.

O som se tornou mais tênue e em um instante só a lua se pôde divisar no céu.

—Tinha visto algo assim antes?

—Não.

—Eu tampouco, embora haja muitas cavernas em meu lar.

“Meu lar”, pensou. Essa simples palavra lhe recordou as responsabilidades que tinha. Ellen tremeu quando o vento soprou ao redor deles.

—Podemos entrar?

Empreendeu o caminho de volta enquanto ele se detinha para acariciar os cavalos que, embora estivessem mais calmos, ainda tinham os olhos muito abertos. Agarrou da greta o galho que estava quase apagado sustentando-a em alto para iluminar o caminho.

Já de volta, Ellen adicionou mais lenha ao fogo enquanto James tirava as botas. Depois fez o mesmo colocando as do outro lado da fogueira. Tinha o cabelo desgrenhado, os olhos obscurecidos, a roupa ainda amassada. Uma mulher bonita que merecia ser valorizada e amada apropriadamente, não seduzida em uma escura caverna e abandonada por um homem que partiria para a guerra. Quem tinha tempo para o amor?

O que tinha feito? No que tinha estado pensando? Quase tinha comprometido sua virtude apesar da palavra dada a Dundee, da promessa que se feito a si mesmo. Ellen havia estado disposta, sim, mas só pelo efeito do uísque e devido a sua ingenuidade. A culpa era só dele.

—Ao princípio pensei que era Fraser —disse ela.

Um amargo sabor a vergonha invadia James. Tinha-a protegido de Fraser, só para aproveitar-se dela.

—Sim, por um instante eu também pensei. Depois me lembrei dos morcegos.

Ela aproximou as mãos ao fogo.

—Pergunto-me onde estarão Britta e Ned.

Ele não respondeu.

—Pensa que estão mortos—disse ela.

—Sim, é verdade.

—Então onde estão seus corpos? Fraser deixou abandonados os dos homens de John.

—Não tenho resposta para isso.

—Se os tomou como prisioneiros... acha que os manterá com vida?

—Se os apanhou, não os manteria muito tempo como prisioneiros. E embora Britta em um princípio se houvesse escapado, não teria podido escapar de Fraser, Ellen —suspirou—. O mais provável é que estejam mortos.



Se empaparam os olhos de lágrimas.

—Ned ofereceu resistência.

—Sim.

—Acha que Fraser está ainda atrás de nós?

—Poderia ser. Por isso entramos aqui e deixamos os cavalos perto da entrada. Fraser poderia ter falado com o fazendeiro em cuja casa nos alojamos e não pareceria difícil averiguar para onde nos dirigimos. Embora não pareceria simples nos seguir com a tormenta, e certamente não conhece esta caverna. Mas não devemos confiar nisso.

—James, o que aconteceu antes que escutássemos aos morcegos... Eu...

Levantou a mão para interrompê-la.

—Não acontecerá de novo, Ellen.

—Eu...

—Pequena, não voltará a acontecer.

Seu tom era frio ao perguntar:

—Arrepende-se do que fez?

—Sim.

Ellen mordeu o lábio e afastou o olhar lutando para conter as lágrimas. Não podia culpá-lo. Ela tinha bebido muito; ele não a tinha forçado a tomar uísque nem a tinha seduzido contra sua vontade. Quase tinha pedido que fizesse o amor. Sentiu como ardiavam suas bochechas ao recordar o que lhe havia dito. Tornou-se louca?

No que tinha estado pensando? O medo e a solidão que tinha tentado dominar a tinham transtornado? Ou acaso tinha demonstrado ser, ante si mesma e aos olhos de James, uma prostituta que se joga nos braços de um homem a primeira vez que estão a sós? Foi culpa do uísque, ou essa foi a desculpa para fazer o que desejava a qualquer preço?

Seu rosto estava iluminado pela luz do fogo, estava olhando fixamente as chamas com o queixo apertado e o gesto pesaroso. Ainda o desejava. Tinha ouvido falar sobre esse tipo de mulheres, tinha ouvido sua mãe falar com suas amigas quando pensava que ela não estava escutando. Com David, Evan e os homens velhos que Pitney tinha apresentado a ela, havia-se perguntado como podia alguém deixar-se arrastar pela paixão.

Agora tinha a resposta. Tinha desejado a James MacCurrie desde o primeiro momento em que o tinha visto, e continuava desejando-o tanto como antes, embora ele a tivesse rechaçado tão tangentemente.

Não era só por sua aparência. Era muito atraente, mas não se tratava disso. Tinha nascido uma atração mútua tão forte que tinha parecido quase tangível. E ele tinha sentido o mesmo, o tinha percebido imediatamente. E obviamente outros também. Fergusson tinha sido franco; outros, mais discretos. Como poderia ter evitado desejar a esse homem tão esplêndido, como poderia ter resistido a estar em seus braços, em sua cama, embora fosse tão somente uma vez? E agora o que aconteceria?

Neil acariciou a seu cavalo desejando poder acalmar-se com esse simples gesto. Algo havia acontecido, algo que o tinha despertado de seu profundo sono e o tinha obrigado a perambular



pelo castelo, não podia afastar a imagem de uma mulher suspirando.

Quem era? E por que não podia afastar a lembrança de seu suspiro ao pensar em James? Não tinha sido um perigo para James o que tinha percebido, nem temor, a não ser uma emoção que não havia experimentado antes; nem sequer estava muito seguro do que se tratava. Seria real essa mulher, ou um espírito guia que estava fazendo uma advertência? Sobre o que?

Não tinha visto o rosto; nem sabia o que tinha que ver com James. E não era simplesmente uma mulher que o tinha perturbado: era a ruptura do vínculo que tinha com James. A sensação tinha sido leve antes, como a percepção de uma ligeira mudança de curso. Mas desta vez a interrupção havia sido mais definitiva, como se tivesse afastado James dele.

Por quê? Ambos tinham tido mulheres antes; mas isso jamais tinha afetado ao vínculo que existia entre ambos. Mas isto... Quem quer que fosse, estava mudando aos dois. E isso o incomodava. Em parte estava com ciúmes pelo que James estava experimentando, uma estranha e inquietante emoção. Jamais tinha invejado a seu irmão a liberdade que gozava por não ter as responsabilidades que tinham recaído sobre seus ombros.

Na tenra idade percebeu de que James tinha navios e propriedades, mas que nunca herdaria o título nem o castelo. Sempre o tinha considerado um acordo razoável. James teria os meios para fazer sua própria fortuna e a independência necessária para obtê-la, enquanto que ele herdaria a terra, com as obrigações que suportava.

Até que seu pai morreu, os irmãos tinham sido iguais, tinham compartilhado tudo. Mas agora, James estava experimentando uma emoção que Neil não podia compreender, tão forte, tão assustadora que o arrastava para algo inacessível para Neil. Acariciou seu cavalo outra vez, depois dirigiu o rosto para a escuridão da noite. Seu irmão voltaria? E se o fizesse, teria mudado radicalmente? Quem era ela?

Repousavam sobre o chão frio de pedra, Ellen na parte mais afastada da fogueira, envolta, com a insistência de James, em sua manta escocesa; James estava mais perto da entrada, vestido com uma camisa que tinha pego da sacola de roupa, e outra jogada sobre os pés. Ellen dormiu inquieta, afetada por pensamentos que a despertavam de instante a instante.

Estava segura ali, no momento. Não feliz, certamente, a não ser envergonhada de si mesma e convencida de que James a desprezava. Mesmo assim, fisicamente estava a salvo. Necessitava concentrar-se nisso e não é sua tolice. Britta e Ned se encontravam em algum lugar... com vida, rogou; e seu primo John estava reunindo homens para ir à guerra.

Rezou uma prece por John e por sua esposa; e outra por sua família; por Margaret, que, Deus quisesse, teria dado a luz sem inconvenientes a seu primeiro filho; por sua mãe e por Flora, que se achavam tão longe de seu lar. Pela tia B, que tinha ficado sozinha com Pitney e seus desejos de companhia; e por Hugh, que, estava certa, estaria extremamente orgulhoso de seu primeiro filho. E Tom... teria se informado da morte de seu primo? Culparia-a pela morte de Evan? E onde estaria Cecil Fraser?

Como podia haver-se complicado tanto sua vida em tão pouco tempo? Apenas quinze dias atrás se achava em seu lar junto a sua mãe e sua irmã, todas a salvo. Agora os Graham estavam dispersos por toda a Escócia, no meio da luta por um reino. Nem sequer estava segura já de si



mesma, de quem era, de como era.

James se colocou de costas. A pedra estava dura e tinha frio. Aproximou-se do fogo olhando para onde se achava Ellen. Dormia encolhida em sua manta, a lã lhe cobria um dos ombros até a cintura e o quadril. Os cílios escuros ressaltavam contra a palidez de suas bochechas, o cabelo se espalhava sobre as dobras de tonalidades azuis e verdes de sua manta. As cores dos MacCurrie, que representavam a terra e o mar de seu lar. Torridon.

Desejava-a. Levaria-a a seu lar e a manteria a salvo. Seu lar. Neil. Já não sentia a urgência de reunir-se com ele. Esse sentimento tinha sido substituído por uma emoção que não podia reconhecer, não de alarme mas sim de inquietação. Franziu o cenho na escuridão. Retornaria a seu lar logo que fosse possível. Então poderia saber o que acontecia com Neil e com o clã.

E teria Ellen protegida atrás das muralhas de Torridon, onde contaria com todo o clã para protegê-la. Quem tinha tempo para o amor?

Quando Ellen despertou se encontrou sozinha, o fogo se extinguiu. James tinha ido e levado as botas e as armas com ele. O odre de uísque encontrava-se junto a sacola de comida. Levantou-a com uma careta, conservava ainda dois terços de seu conteúdo. Aparentemente não tinha sido necessário muito para alterar o juízo. Levantou-se rapidamente e colocou a roupa, acalmou-se ao ver a manta escocesa estirada na parte de atrás e a pistola perto da entrada.

Ele devia estar perto.

A bruma matinal cobria a copa das árvores e umedeceu seu cabelo e os cílios quando baixou o baú e se deteve para escutar. Três dos cavalos estavam atados a um penhasco saliente que havia fora e os outros se foram. A água gotejava das árvores com muda cadência enquanto ela esperava.

Não muito depois, o cavalo de James levantou a cabeça para olhar para o pequeno riacho que havia abaixo, em seguida escutou a voz de James falando tranquilamente com os cavalos que trazia de volta.

Notou a mudança de sua expressão ao vê-la, tornando-se cautelosa, e percebeu sua hesitação ao falar com os cavalos. Observou suas pernas longas enquanto se aproximava dela e o contorno de seus ombros ao virar-se. Ao ver como acariciava os cavalos, recordou o que essas mãos faziam.

—Bom-dia —disse ela.

—Bom-dia, Ellen. Como se encontra hoje?

—Bem, obrigado. E você?

—Bem. Devemos partir logo que seja possível.

—Estarei pronta em seguida —disse, depois levantou o queixo—. James, devemos falar. Negou com a cabeça e entrecerrou os olhos.

—Não, pequena, não devemos.

—Sim, devemos. —Respirou profundamente—. Ontem à noite bebi muito.

—Não é o que lembro.

—Não me arrependo, James.

—Mas eu sim, Ellen.



Capítulo 10

Choveu no dia seguinte, uma garoa suave que entorpeceu a viagem. Ellen observou James, que cavalgava frente a ela. Não tinha nada a dizer e, aparentemente, tampouco ele. Haveria imaginado o acontecido na caverna, a calidez de seus olhos, a suavidade de suas carícias? Não sabia se queria chorar ou bater nele.

Antes que escurecesse, James se deteve e apontou a cidade frente a eles.

—Inverness. Procuraremos uma estalagem.

Seguiu seu olhar. Inverness. Um porto centenário que se estendia sobre Moray Firth, o imenso lago que se conectava com o resto do mundo marítimo. Atravessada pelo Rio Ness, a cidade serpenteava ao longo de sua ribeira, as edificações se estendiam do rio em aglomerações de ruas sinuosas.

James conhecia o caminho e os guiou por lugares lotados até chegar a uma pequena estalagem, velha mas bem conservada. Ajudou-a a desmontar e pediu que aguardasse no interior enquanto falava com o cavaleiro. Transpassou a porta que tinha indicado e aguardou de pé em um pequeno vestíbulo que tinha dois bancos. Uma escada desaparecia para o andar superior.

—Bom-dia, senhorita —disse uma voz alegre atrás dela.

Ellen se virou. Uma corpulenta mulher a observava com evidente interesse com pálidos olhos azuis que destacavam em seu rústico rosto. Estava discretamente vestida e usava o cabelo preso e puxado para trás, seu avental estava imaculado. Olhou Ellen dos pés a cabeça e depois sorriu.

—Para passar a noite?

—Sim, por favor.

—É um dos gêmeos MacCurrie quem a acompanha?

Ellen assentiu, duvidando o quanto podia dizer à mulher.

—Assim me pareceu. Sempre se alojam aqui. Conhecemos eles e eles a nós. O que facilita as coisas. —Estendeu-lhe a mão—. Janet MacKinnon.

—Ellen Graham —disse Ellen ao lhe estreitar a mão.

—Graham, né? Alguma relação com Dundee?

—É meu primo.

—Seu primo né? Bem, bem, bem. —virou-se e se dirigiu escada acima—. Me acompanhe, pequena. Mostrarei o quarto. Quem a acompanha, James ou Neil?

—James.

—Ah, está muito bem. Neil está comprometido, conforme ouvi. Jamie ainda tem que decidir se irá aceitar a jovem.

—Que jovem?

Janet a olhou.

—Não sabe? Bom, Seaforth quer afiançar a aliança entre os MacKenzie e os MacCurrie através dos compromissos dos dois irmãos com mulheres de sua família. Sua mãe era uma MacKenzie, veja, e isso permitiria uma união de sangue entre os clãs para sempre. É obvio, os



MacLeod também querem que Jamie faça com uma das suas, para superar os problemas que estão tendo com Torridon. Mas você certamente deve estar a par de tudo isso.

Chegaram ao patamar da escada e Janet deu uma olhada à mão de Ellen.

—Não se casou com ele, não é verdade?

—Não.

—Pois necessitarão dois quartos então. Me siga, pequena.

Janet a conduziu até um quarto do segundo andar que dava ao estábulo. Afastou as cortinas e Ellen pôde admirar a vista do céu que já obscurecia, depois se dirigiu para a cama e sacudiu o travesseiro.

—E aqui está ele —disse Janet quando James apareceu na soleira trazendo o baú de Ellen—. Bem-vindo Jamie. —Janet deu um rápido abraço—. Darei um dos quartos de baixo. Já conhece minhas regras.

—A que regra se refere você, senhora MacKinnon?

—Ninguém que não esteja casada pode compartilhar o quarto com um homem. Podem pedir isso quanto desejem, mas não o permitirei.

—Não estamos pedindo.

—Muito bem. Agora, venha Jamie. É Jamie, não é assim? Não posso diferenciá-los.

—Sou Jamie.

—Bom. Bom, venha pequena, mostrarei seu quarto. E evite ir lá embaixo. Tenho uma sala cheia de homens do clã Munroe, e não lhes agrada seu rei.

—Tomaremos cuidado.

Dispensou ao Ellen um olhar sagaz.

—Servirei a comida na cozinha, a ambos. É muito mais seguro. E se alguém perguntar, você não é a senhorita Graham, a não ser a senhorita Sinclair.

—Tão mal está a situação? —perguntou James.

—Assim é.

—Quer que vamos a outro lugar?

—Nem precisa! Beberão até cair e ninguém saberá que você está aqui. Mas não necessito um alvoroço sob meu teto —negou com a cabeça—. Como lhe ocorre que permitiria que fosse a outro lugar, James MacCurrie! Conheço-o desde que era um menino. —virou-se para Ellen—. Quando meu pai estava doente, Jamie e Neil trouxeram laranjas da Espanha. Imagina? Não esquecemos essas coisas. Quando estiver pronta desça para comer, pequena, por onde subiu. Venha, Jamie.

Retirou-se precipitadamente, James a seguiu mas antes de sair se virou para olhá-la enquanto Janet fechava a porta.

O jantar foi servido em um canto da cozinha, junto a um banco próximo à porta que dava ao salão principal. James e Ellen se sentaram em poltronas antigas de madeira junto a uma velha e maltratada mesa de carvalho enquanto as mulheres circulavam a seu redor. Do ruidoso salão chegavam fragmentos de conversas quando a porta se abria. Janet ia e vinha rapidamente, lhes brindando informação enquanto suas empregadas olhavam de soslaio para James.



Janet disse que doze dos Monroe se achavam na estalagem bebendo copiosamente e de muito bom humor. iam a caminho do sul para unir-se ao exército do general Mackay perto de Edimburgo. Tinham circulado notícias sobre Dunfallandy, a respeito dos clãs que se aventurariam a apoiar ao Rei Jacobo. Velhas alianças se renovavam e antigas inimizades recrudesciam. James bebeu seu uísque pensativo enquanto escutava.

Quando Janet se foi, Ellen se inclinou para frente.

—Estamos em perigo aqui?

—Não enquanto mantivermos a boca fechada. Não conheço nenhum dos Monroe, e eles tampouco a mim. Não temos problemas com eles. Mas me surpreende a rapidez com a que hão começado a reunir os exércitos.

Ellen tinha estado pensando o mesmo. A reunião em Dunfal Andy tinha acontecido a apenas alguns dias atrás, mas as notícias tinha viajado mais rápido que eles. Onde estaria John essa noite? E Tom? A guerra jamais tinha parecido tão iminente. Tinha estado tentando não pensar no que aconteceria depois de que os exércitos se levantassem. Todos os homens que amava partiriam para lutar: John, Hugh, Tom.

Janet abriu a porta com os braços carregados de pratos sujos. Os estendeu a uma das jovens, depois se inclinou para James e Ellen.

—Puseram preço à cabeça de Dundee. Vinte mil libras. Vivo ou morto. Guillermo de Orange enviou tropas à casa de Dundee para prendê-lo, mas não se encontrava lá.

Ellen levou a mão à garganta.

—A esposa estava?

—Sim. E o filho de Dundee. Mas não lhes fizeram mal, graças a Deus. Se souber onde se encontra seu primo, diga que não retorne a seu lar.

Os olhos de Ellen se encheram de lágrimas. John tinha um filho pequeno. Que momento para trazer um filho ao mundo. O que proporcionaria a vida a esse pequeno ser?

—Seu primo Duncan esteve por aqui —disse Janet a James—, flertando com todas as minhas criadas como sempre. Disse que você chegaria em breve, mas que viria sozinho.

Não respondeu. Janet riu e deu uns golpezinhos no braço.

—Emudece quando quer, pequena. De onde é você?

Ellen piscou para afastar as lágrimas.

—De Netherby, perto de Dundee.

—Dundee? —Janet cravou um olhar penetrante em James, depois virou-se para Ellen—. Do leste né? Com segurança deve conhecer a lenda, não é verdade?

—Janet —protestou James—. Não é necessário falar disso

—Que lenda?

Janet sorriu.

—OH, é muito linda. A lenda dos MacCurrie. O profeta Brahan disse que um raio partiria o velho carvalho de Torridon a noite que fossem concebidos os gêmeos. E que eles dirigiriam ao clã à guerra e logo teriam cinquenta anos de paz. Que ambos desposariam a jovens do leste, por isso eu sabia que nosso Jamie não se casaria com a jovem MacLeod. Ao menos não com a de Lewis, a não ser com qualquer uma que estivesse ao leste de Torridon.



Tiamat World

A Lenda do Highlander Gêmeos MacCurrie 01

James sacudiu a cabeça.

—É uma tolice. Superstição.

Janet entrecerrou os olhos.

— Seu pai não morreu no dia de seu aniversário? A seu avô não aconteceu o mesmo, e também a seu pai? Não se partiu em dois o carvalho e entretanto ambas as partes continuam vivas? E não vão conduzir o clã à guerra?

—Neil conduzirá ao clã.

—Respondeu minha pergunta, Jamie. —endireitou-se e jogou o cabelo atrás dos ombros—. estive pensando nisso todos os dias. Duncan esteve aqui. Está se cumprindo a profecia. Eu sei e você sabe, e tudo os protestos do mundo não evitarão que se cumpra. —Girou sobre os calcanhares e se afastou.

—Uma lenda—disse Ellen.

James a olhou com olhos cintilantes.

—Sim.

—Que diz que você e Neil guiarão o clã à guerra.

—Sim.

Com um sopro de aborrecimento, James contou a grandes rasgos a lenda. Estava certo de que a partir de seu nascimento tinha sido exagerada pela tradição popular mas, gostasse ou não, muito da lenda se cumpriu.

—Não acredita nela?

Duvidou. O problema era que realmente acreditava nela. Em sua maior parte.

—Agrada-me pensar que gozamos da capacidade de escolher na vida.

—A mim também. —Desceu o olhar a suas mãos, e depois levantou a vista—. James, por que não me deixa aqui, em Inverness? Tenho dinheiro e Janet parece muito eficiente. Estou certa de que conseguirei chegar a Glengarry. Poderia chegar a seu lar muito mais rápido sem mim.

—Te deixar aqui? —inclinou-se para frente tentando controlar o tom de voz e sua fúria—. Te deixar aqui? Ellen, ficou louca? Por que faria isso?

—Seria mais fácil.

—Para quem?

—Para você, James. Eu... —Sua voz se estrangulou e se voltou para trás rodeando o corpo com os braços—. É melhor que nos separemos.

—Sim? Por quê?

—Despreza-me —sussurrou.

—Desprezo você?

Afastou a vista. James a estudou durante um momento perguntando-se a que se referia. Fazia tudo o que podia para cuidar dela, para protegê-la.

—Ellen? Olhe para mim, pequena. Não te entendo. Por que acha que te desprezo?

Tremeram os lábios, e apoiou a mão sobre o colo, depois se dispôs a levantar-se apoiando a outra mão na mesa. Lhe agarrou o pulso.

—Ellen —sussurrou—. No que está pensando?

Ela se derrubou sobre o banco e tentou se soltar. Rodeou-a com mais força.



—Pequena, tinha razão, realmente precisamos conversar. Mas não aqui. Não te desprezo, Ellen Graham. —Olhou ao redor da cozinha, aos servos, que sem dissimulação os estavam olhando—. Não podemos falar aqui.

Janet irrompeu carregando outro turno de pratos sujos.

—Apanhem estes. —Chamou uma das jovens, depois se deteve frente à mesa, agarrando a mão de James que aprisionava o pulso de Ellen. O olhou com o cenho franzido—. Dizem que matou a um dos MacLeod em Dunfal Andy.

James soltou Ellen.

—Sim.

—O que agravará seus problemas com eles.

—Não será de ajuda—disse James com um sorriso.

—Deve controlar seu temperamento, juvenzinho.

—Tentava matar Dundee.

Os olhos da Janet se arregalaram.

—Pela recompensa.

Encolheu os ombros.

—Não sei por que.

—E agora leva a prima de Dundee para casa com você, não é verdade?

—É verdade.

Janet sacudiu a cabeça e se afastou.

—Só tome cuidado, Jamie.

—Tomarei. —Esperou até que Janet começasse uma conversa com seus servos, depois ficou de pé estendendo a mão para Ellen—. Vamos para cima, pequena.

Ellen lhe deu a mão e ele a apertou, depois a conduziu através da cozinha. Passaram junto a Janet, que os olhou com os olhos entrecerrados, e junto às criadas, que observaram a Ellen com curiosidade evidente e a James com admiração.

James a soltou enquanto subiam a estreita escada. Deu um passo para trás para deixá-la passar primeiro e depois fechou a porta e se recostou contra ela. Cruzou os braços sobre o peito.

—Ellen —disse com voz firme—. Como pode pensar que te desprezo?

—Não me dirigiu a palavra nos dois últimos dias.

—Tampouco você a mim.

—Você... quando estávamos... eu não me arrependo dos que fizemos na caverna, James. Mas você me disse que estava arrependido.

Assentiu.

—Sim, sempre o lamentarei.

—Penso que me despreza porque fui tão desavergonhada.

Olhou-a com os olhos desmesuradamente abertos, depois proferiu uma sonora gargalhada.

—Desavergonhada? Ellen, você não sabe o que é ser desavergonhada, pequena. Me acredite, não é.—Fez uma pausa—Pensei que estava zangada comigo porque tinha me aproveitado de você.

—Que tinha se aproveitado de mim? Como se aproveitou de mim?



—Beije você. Forcei você a fazê-lo.

—Eu me joguei em seus braços.

Separou-se da porta.

—Estive feliz de te receber neles.

Cruzou o espaço que os separava em dois passos, rodeou-a com seus braços e a sustentou apertada contra o peito. Ellen o abraçou pela cintura gozando de sua proximidade. Sua mente estava espaçosa pela primeira vez depois de dias. “Desejo-o”, pensou, “e ele me deseja . Nada mais importa neste momento”.

—Ellen, pequena. Foi por minha culpa —sussurrou em seu ouvido.

Levantou o rosto para ele.

—Cale-se, James. Me beije.

James inclinou a cabeça e sua boca clamou pela dela com feroz regozijo. Gemeu quando os lábios femininos se abriram para recebê-lo e permitiram que explorasse sua boca. Sabia que não podia permitir que isto fosse mais que um momento inesquecível, que dormiria sozinho no pequeno habitáculo que Janet tinha atribuído a ele, e que Ellen dormiria sozinha em sua cama. Sabia que não havia futuro para sua atração, que a Escócia estava preparando-se para a guerra e que ele estaria imerso no fragor da luta. Mas nesse momento nada mais importava.

Nada mais, salvo sentir os lábios de Ellen nos seus, seus seios contra seu peito, acariciar sua suave e esbelta cintura. Durante esses escassos momentos só se concentraria em senti-la, em cheirá-la, em gozar de seu abraço e das carícias com as que lhe percorria as costas, o quadril.

—Ellen —disse, voltando-se para trás para deslizar a mão até os seios.

Ela gemeu e se arqueou quando seus dedos encontraram a pele tenra. Seu corpo reagiu como era de esperar. Não, não tinha se equivocado. Não havia interpretado mal seus olhares, nem seu toque. Sentiu a urgência do desejo com tal intensidade que ameaçava vencer sua capacidade de controle. Finalmente levantou a cabeça e a apertou contra seu peito sentindo que o coração lhe pulsava intensamente contra seu rosto. Então escutou passos que se aproximavam pelo corredor.

Dois homens do clã Munroe, encorajados em sua bebedeira, confabulavam frente à porta sobre seus desejos de matar Dundee com suas próprias mãos. Olhou a Ellen, que não os tinha entendido. Era o álcool o que provocava suas palavras, mas se referiam a seu primo apesar de tudo.

—Ellen, não vou deixá-la aqui. Por favor não me peça isso. Quero levá-la para casa e te manter a salvo. Diga que virá comigo.

—É o que deseja realmente?

Assentiu com a cabeça, não muito seguro de poder falar.

—Pois então irei com você.

Afrouxou o abraço e se voltou para trás sorrindo.

—É a mulher mais bonita que existiu, pequena. Deve saber. —Ela negou com a cabeça; ele riu—. Pois direi isso todos os dias até que se acostume a escutar. —A observou durante um momento—. Não está zangada comigo pelo que aconteceu na caverna?

—Não —sussurrou—. Não estou zangada.



—Não voltará a acontecer, pequena, embora possa te assegurar que o desejo ferve.

Olhou-o com olhos obscurecidos.

—Entende por quê?

Negou com a cabeça.

—Prometi velar por você, te proteger. E não quebrarei minha promessa.

—Meu primo John não está aqui, James. Isto é entre você e eu.

—Sim, sei. Não ignoro que tem tanto direito como eu para decidir.

—Obrigado —disse marotamente.

James se acovardou com o tom de sua voz.

—A guerra pode ser iminente.

—Sim.

—E se isso acontecer, participarei dela.

—Entendo.

—Não podemos saber quanto tempo pode durar.

—Nem quem vencerá. Sim, James, sei tudo isso. E sei também que os MacKenzie e os MacLeod querem que se case com alguma de suas filhas.

Ele retrocedeu alguns passos.

—O que?

—Janet me disse que Seaforth quer que se case com uma MacKenzie, igual a Neil. E que os MacLeod querem que se case com alguma das mulheres de seu clã para obter uma aliança.

Franziu o cenho.

—Janet fala muito.

—É verdade?

—Sim.

Agarrou-lhe a mão, mas levantou a cabeça com expressão dura.

—Preste atenção, pequena.

Tinha escutado os cantos que provinham debaixo, mas agora se paralisou de terror ao reconhecer a canção. Tinha sido escrita alguns anos atrás e falava sobre seu primo John pedindo sua cabeça. As vozes se elevaram em coro.

—Em uma bandeja, em uma bandeja, colocaremos a cabeça em uma bandeja —cantavam. De repente o viu tudo claro. James tinha razão. Não importava quão intenso fosse o desejo que sentiam um pelo outro. Quem tinha tempo para o amor agora?

—Entende, Ellen? É mais importante que você e eu, pequena. Desejo você, não se confunda, mas é melhor que não nos deixemos levar por isso.

—Sim. —Suspirou, colocando a mão sobre sua bochecha.

—Algum dia tudo isto passará, Ellen.

Fechou os olhos quando ele a apertou contra seu peito. Respirou profundamente escutando o rítmico batimento de seu coração. Quando levantou seu queixo abriu os olhos e se encontrou com os de ele que se desviaram a seus lábios. Beijou-a brandamente e a liberou afastando-se com um triste sorriso.

Na porta, James manteve o olhar fixo nela até que a fechou. Sozinha, Ellen deixou escapar as



lágrimas que tinha contido.

Neil observou com sorriso satisfeito como seus homens tiravam o gado. Atrás deles a cabana dos MacLeod ainda ardia. Tinha-lhes reclamado o gado roubado de suas cabanas, e mais. Muito mais.

Não tinha matado a nenhum dos que ocupavam as fazendas, objeto de suas jogadas, somente tinha assustado bastante a seus residentes. Essa era a única casa que tinha incendiado porque ali tinha achado o gado roubado dos MacCurrie. Inclusive se tinha mostrado indulgente. Tinha permitido ao fazendeiro e a sua família retirar suas míseras posses antes de incendiar a casa. Tinha ameaçado ao sujeito para enviar uma mensagem a seu laird para que se apresentasse na casa de Neil a fim de resolver o assunto.

Neil elevou a vista para o pico de Ruadh Stac Mor e considerou as ações a seguir. Seria necessário agir cuidadosamente. Duncan tinha chegado na noite anterior, mas com energia suficiente para contar o que tinha acontecido em Dunfal Andy, assim como o ataque perpetrado contra Ellen Graham e a aparente fascinação que James sentia por ela.

E havia trazido notícias das discussões mantidas sobre a guerra. Como haviam temido, era muito provável que se desencadeasse breve, e a menos que James apresentasse raciocínio contra, os MacCurrie respaldariam o rei Jacobo.

Não era momento para desatar um confronto com os MacLeod. Neil queria demonstrar que não podia ser intimidado, que sua gente não podia ser vítima de atropelos, mas não tinha intenção de lutar em duas frentes. No momento tudo estava sob controle.

Chutou uma das brasas que tinha caído a seus pés e dirigiu o olhar para o leste. Ellen Graham. Seu irmão estava se apaixonando pela prima de Dundee.

Contin, Garve, Achnalt, Achnasheen, Kinlochewe. Ellen recordava os nomes dos lugares pelos que tinha passado depois de deixar Inverness, mas sabia que em um mês havia dito que chegariam ao Castelo Currie antes que caísse a noite.

Não havia chovido desde que haviam partido de Inverness, e tinham podido manter um bom ritmo de marcha, algo que alegrou James. Tinha sido atento, cordial, brincalhão e a havia observado com olhos cheios de comestíveis desejo, mas não a havia tocado salvo quando tinha sido estritamente necessário. Tinham passado dias conversando sobre assuntos intrascendentes, e pelas noites se tinham agasalhado em pequenas estalagens, mas em quartos separados. Não sabia o que era pior, não estar segura de se era importante para ele, ou saber que embora lhe importasse não cederia ao impulso.

Tinha tido apenas alguns momentos a sós com ele. Comeram frente a esse formoso lago, com as montanhas erguendo-se imponentes sobre eles, e chegaram no último lance da viagem.

Logo estariam em Torridon, rodeados por sua família, o clã e Duncan. E Neil, com seus planos em relação ao futuro de seu irmão.

Ellen estava esgotada pela viagem, mas a cada milha que a aproximava do Castelo Currie aumentavam seus temores e preocupações. O que diria a família de James sobre ela? A receberiam bem? Não era sua esposa, nem sequer sua amante. Uma vez que estivesse com

Formatado: Inglês (EUA)



eles, James se casaria por conveniências políticas?

E não era só isso. Resistia a ter que confrontar a obrigação de escrever a sua mãe sabendo que Rose se horrorizaria pelo que tinha acontecido desde que tinha deixado Netherby. Temia contar a traição de Pitney, a morte de Evan e o desaparecimento de Britta e Ned.

Também teria que escrever a tia B para adverti-la. Tinham acontecido muitas coisas desde a última vez que tinha visto sua tia avó. E o que teria acontecido a John desde que a havia deixado? Tom teria se reunido com ele? Rezou uma prece em voz baixa pedindo pela segurança de sua família, e por Britta e Ned.

“Que Guillermo seja o rei”, pensou, “mas quero que os seres que amo permaneçam a salvo”.

Ellen tentou dominar o temor que atava a boca do estômago cada vez que pensava na guerra e na destruição que provocaria, mas era o momento de enfrentá-lo. A vida que tinha quinze dias atrás nunca voltaria. Em seu momento, iria a Glengarry para reunir-se com sua mãe e suas irmãs, e deixaria para trás James MacCurrie e Torridon. Mas também era possível que nunca retornasse a seu lar, que nunca mais pudesse subir as escadas de Netherby para admirar o vale e as variadas tonalidades de verde que tinha na primavera, nem as árvores cinzas do outono.

Sacudiu a cabeça para esclarecer seus pensamentos e tratou manter-se ocupada desatando os pacotes de comida e colocando-os sobre a rocha que usariam como mesa improvisada. Sua última refeição juntos antes de chegar em Torridon.

James lhe dispensou um sorriso enquanto subia a colina com os cavalos.

—Pequena, é como se toda sua vida tivesse comido junto a um lago das Terras Altas. Uma imagem muito bonita.

Ellen sorriu enquanto ele se aproximava. Se tivesse estado sozinho teria comido montado em seu cavalo, mas ela tinha estendido uma manta sobre a rocha e tinha disposto a comida como se estivessem no salão de uma fina residência, em lugar de estar em um prado que dava ao pequeno lago. Um prado com excelentes vista, mas um prado enfim.

James se recostou contra uma árvore e estirou as pernas desfrutando da imagem de Ellen emoldurada pelas árvores e com as montanhas de fundo. Muitas vezes com antecedência havia feito uma parada nesse lugar, mas nunca tinha desfrutado de tal sensação de paz.

Não os tinham seguido, e a preocupação por Neil tinha diminuído nos últimos dias, inclusive quando se deteve frente ao vale que conduzia ao Loch Enjoe e às terras de MacLeod. Deveria sentir-se aliviado e ansioso por retornar a seu lar, mas descobriu que não tinha pressa para chegar. Uma vez que se encontrasse ali se veria rodeado por pessoas que reclamariam sua atenção. As conversas sobre a guerra seriam constantes, e os preparativos e discussões, intermináveis. Sem dúvida, Duncan já haveria chegado com notícias da reunião que tinham mantido e sobre a promessa dos clãs para brindar apoio ao rei Jacobo. E Neil esperaria contar com o James para tudo isso.

Ellen estendeu a comida. Essa mulher se converteu em parte de sua vida, e não tinha pressa em compartilhar com outros nem a mulher nem o tempo para estar com ela.

—Me fale sobre sua família —disse ela.

—Que deseja saber?



—Bom, quem vou conhecer?

—Há Neil. Já conhece o Duncan, é obvio. A minha mãe e a minha avó.

—Como se chama sua mãe?

—Anne. Pertencia ao clã MacKenzie, como já sabe. O nome de minha avó é Mairi.

— Como são?

James sorriu.

—Minha avó é muito miúda, mas tem o poder de fazer que todos a escutemos. Meu avô sempre dizia que era ela a que governava Torridon, não ele. E minha mãe, bom, não é a mesma desde a morte de meu pai. Permanece sempre calada enquanto que antes ria todo o tempo. Não é a mesma. É muito frágil agora.

—Não passou muito tempo desde a morte de seu pai. Possivelmente consiga recuperar-se. Minha mãe pôde fazê-lo depois da morte de meu pai. Levou anos, mas pôde interessar-se pelo mundo novamente. E depois cometeu o mais grave dos enganos.

— Qual?

—Casou-se com meu padrasto. Não foram felizes. Nunca está em casa... e me contaram historia sobre os lugares que frequenta. Minha mãe é muito desventurada.

—Por que se casou com ele?

Ellen o olhou fixamente.

—Deixou-se deslumbrar por seu atraente rosto e suas maneiras encantadoras.

—Algo que não acontecerá comigo.

Riu.

—Não esperava que compreendesse.

—Entretanto, pode ser que me deixe levar por um bonito rosto. De fato, aconteceu comigo.

—E conseguiu sobreviver?

—Até agora. Não a conheço a muito tempo. Veremos o que acontece.

Ellen se ruborizou e se ocupou da comida. James a observou, depois levantou a vista para o céu azul do oeste. Suas cores mais brilhantes, as montanhas no alto, os lagos de um azul mais intenso. “Meu lar” pensou. E tê-la lá só aumentaria o prazer que lhe produzia.

James tinha razão, pensou Ellen enquanto o seguia pelo estreito atalho. O Vale de Torridon era tão bonito que não se podia definir com palavras. Na frondosa arvoredo as sorvas, e os carvalhos competiam com incontáveis abetos pelo sol do oeste. No alto, as montanhas eram realmente surpreendentes, altas, desoladas e arcaicas.

Os cavalos formavam uma longa fila que se estendia entre James e ela. Ellen deixou que o seu cavalgasse lentamente enquanto olhava encantada a seu redor. Tinha ouvido falar sobre as montanhas do oeste e a tinham impressionado as que tinha visto desde o Dunfal Andy, mas nada a tinha preparado para a imponência destas.

Uma competindo com a outra em seu afã por alcançar o céu. Pedra cinza, marrom e rosácea subindo para o alto, as bases das montanhas estavam salpicadas por terraços rochosos, musgo e árvores que separavam os penhascos. O lugar que estavam atravessando tinha árvores frondosas e a neblina ocultava o topo das montanhas. Tudo isso fazia recordar as histórias de espíritos e



fadas que sua canção de ninar estava acostumada a contar quando era menina. Seria fácil acreditar nessas criaturas de outro mundo em um lugar assim, seria simples imaginar as formas estranhas saltando de rocha em rocha, ou vê-las avançar lentamente pelo atalho.

James não parecia advertir quão formoso era tudo o que lhes rodeava. Tinha as costas retas e seu olhar se dirigia incansável de um lado a outro. Obviamente não compartilhava seu estado de ânimo.

Observou seu ar consciencioso examinava as árvores e se sentiu contagiada por sua inquietação. Agarrou a pistola de seu pai do cinturão e verificou que estivesse carregada, depois a guardou cuidadosamente.

Não podia ser Fraser. James a tinha convencido de que esse caminho seria seguro. Só restavam os MacLeod.

Neil tocou o ombro de Duncan quando chegou junto a ele.

—Vamos —disse.

Sua primo levantou a vista, ficou de pé e depois o seguiu; como Neil tinha previsto.

—James? —perguntou Duncan enquanto cruzavam o pátio de armas. Neil assentiu—. E suponho que nos dispomos a lhe dar as boas-vindas...

—Sim, antes que os MacLeod o façam.

Nos estábulos encontraram aos homens a quem Neil tinha ordenado dispor-se para sair a cavalo. Poucos minutos depois, a avó de Neil parou junto a seu cavalo e olhou a seu neto com preocupação.

—É Jamie? —perguntou em voz baixa—. Sabe algo?

Neil assentiu.

—Está perto de casa.

—Algo mais?

—Não. —Neil subiu de um salto à montaria e se inclinou para lhe agarrar a mão—. Tenho que ir, avó —disse carinhosamente.

—Que caminho tomarão?

Neil sacudiu a cabeça.

—Não sei, já me darei conta.

—Vá com Deus, então, Neil. E traga para todos para casa.

Neil sorriu sombriamente.

—Tentarei. —Dirigiu seu cavalo para o portão de entrada, lançou um olhar a Duncan e depois saiu ao galope seguido por seus homens.

Tinha tomado consciência quando uma persistente preocupação se tornou em franco temor. James estava voltando para casa. E alguém o estava esperando. Não tinha nenhuma dúvida de que aos MacLeod adorariam vingar-se de seu irmão. “Jamie”, pensou, “estou a caminho”.

Ellen tinha permanecido em silêncio durante um momento, e quando James se virou para ver por que, descobriu em seus olhos que ela tinha percebido o perigo. Fez com que cavalgasse atrás dele durante as últimas milhas, e que os outros cavalos seguissem isso. Levantou a mão e



ela emparelhou o seu cavalo com o dele. Apanhou sua mão, beijou-lhe os dedos e se inclinou para sussurrar ao ouvido.

—Tira sua pistola, pequena. —Assinalou as rochas que se elevavam no atalho frente a eles— Se os MacLeod estão planejando algo, farão aqui.

Mostrou-lhe a pistola.

—Bem. Agora quero que retorne até o arvoredado que estava próximo da estrada. Se esconda lá, Ellen, na espessura. Não fale nem se mova até que eu chame. E mantenha seu cavalo tranquilo.

—Quero ficar com você.

—Não. Deixarei que os outros cavalos se adiantem. E se nada acontecer, te chamarei. Se tratar de uma emboscada, não quero que esteja no caminho. Encontrariam você ali.

—James, não pode lutar sozinho contra vários homens!

—Não estarei sozinho. —Olhou-a com picardia—. Neil está a caminho.

Olhou-o fixamente.

—Como sabe?

—Não posso explicar. Mas eu sei. Só temos que resistir durante um momento, até que Neil chegue. E provavelmente Duncan vem com ele.

—Então espere comigo no arvoredado.

Negou com a cabeça.

—E permitir que Neil me encontre me escondendo? Nem por indício! —Quando ia protestar colocou um dedo sobre os lábios e a calou com sua boca. Seu beijo foi intenso e prolongado, e depois se afastou lentamente.

—Vá, Ellen, antes que esqueça o que devo fazer. —Assinalou outra vez o atalho que haviam percorrido e depois de um momento ela conduziu o cavalo retrocedendo.

Neil se deteve e olhou para o caminho que se estendia pela frente. Duncan se adiantou para chegar junto a ele.

—Sabe que aos MacLeod adorariam vingar-se aqui —disse Duncan.

—Estamos em nossas terras —grunhiu Neil.

—Sim, mas sabe que tenho razão —suspirou—. E suponho que não é o momento para te recordar que acabamos de atacar seis de suas fazendas.

Neil grunhiu enquanto observava o vale para detectar qualquer movimento.

—Vai enviar a alguns homens à montanha? —perguntou Duncan cobrindo os olhos com a palma da mão para olhar para o caminho que subia a ladeira.

—Sim. —Neil lançou um olhar a Duncan—. Quer conduzi-los?

Duncan assentiu.

—Sim, quero estar seguro de que se faz bem. O que fará você?

—Esperar um pouco e observar, depois, quando calcular que chegou lá, cavalgarei pelo caminho. Mantenha-se atento.

—Enviarei um sinal. Vamos esmagá-los atacando-os por ambos os lados. Se é que estão lá.

—E se não for assim. Terá sido um bom treinamento para os mais jovens.

Duncan riu brandamente, depois começou a escolher aos homens. Neil olhou para o



caminho que se estendia frente a ele. Sabia onde era previsível que se encontrassem os MacLeod, em uma curva pronunciada que havia do outro lado. Estava coberta de árvores e rochas que podiam servir de esconderijo para que homem armado que surpreendesse a um viajante despreparado.

Tinha sido ali onde os MacLeod tinham estendido uma emboscada ao jovem Alistair MacCurrie quando voltava de Inverness, mas conseguiu matar ao neto do chefe dos MacLeod e escapar com vida. Tinham passado já trinta anos, mas nenhum dos bandos tinha esquecido. A “curva da morte”, tinha-a chamado o profeta Brahan quando tinha previsto que um dia Alistair mataria a um homem ali e que o fato seria vingado no mesmo lugar anos mais tarde.

Não seria hoje, jurou Neil. Se alguém devia morrer nesse dia, seria um dos MacLeod.

Ali, entre as árvores, produziu-se o movimento que tinha estado esperando. Três homens moviam-se sigilosamente na montanha para posicionar-se sobre o caminho, escondendo-se entre as árvores. Observou que lhes uniam outros três. “Ainda não”, disse-se. Duncan devia estar ainda na metade de caminho.

Os minutos passaram lentamente até que Neil pôde ver o reflexo de uma espada sobre a rocha que estava em cima dos MacLeod. Duncan gostava de enviar mensagens, e também atacar ao inimigo de uma posição mais alta. Neil sorriu, agarrou as rédeas. “Jamie”, pensou, “estou aqui”. Se dirigiu ao caminho fazendo gestos a seus homens para que o seguissem.

Viu aparecer cavalos desmontados na curva, um, outro, e mais ainda. Os MacLeod surgiram de seu esconderijo emitindo estridentes gritos de batalha enquanto desciam correndo à ladeira da montanha, com os homens de Duncan a curta distância atrás eles. Os cavalos desmontados retrocederam, relincharam e se amontoaram bloqueando o caminho enquanto os MacLeod se olhavam surpresos uns aos outros. Neil sorriu e esporeou seu cavalo para pô-lo ao galope.

Ellen escutou os primeiros gritos de guerra a sua direita. Repetiram-se depois no caminho mais abaixo. James. Sua voz, forte sobre o ruído dos cascos, foi atenuando-se ao avançar. Devia provocar um eco porque o mesmo grito surgiu do pequeno vale pelo caminho que subia entre as árvores.

Colocou a mão sobre as orelhas do cavalo mas se deu conta de que ninguém poderia ouvi-lo com esse ruído. Os gritos de guerra se atenuaram ao ricochetear contra as rochas. E depois, silêncio. Se inclinou para diante tentando escutar. E rezou. Ao fim do que pareceu uma eternidade, ouviu a voz de um homem falando baixo no caminho que estava mais abaixo, depois, risadas.

Dois homens. Um deles era James.

—Ellen, pequena —a chamou James—. Venha e conheça meu irmão.

Capítulo 11

Ellen afastou o último galho de seu caminho e olhou fixamente aos dois homens que estavam frente a ela. Eram idênticos. Tinham a mesma altura, e inclusive a mesma postura ao permanecer de pé com as pernas separadas; a mesma cor de cabelo, negro azevinho, preso para



trás também de idêntica maneira, e os mesmos olhos, de uma cor azul profunda. E agora a estavam observando.

Neil estava bem vestido mas com simplicidade. "Usava uma camisa de saffron⁷, calças largas de tartán e uma manta escocesa jogada sobre o ombro presa com um broche. O punho da espada que levava na mão era de ouro brilhante e suas botas eram de indubitável qualidade. Junto a ele, James tinha a roupa opaca pela viagem, e Ellen sabia que a sua estava igual. Precaveu-se de repente de seu cabelo despenteado e de suas saias enlameadas. Cobriu-se com a capa ao aproximar-se deles. Os irmãos a observaram com atenção, ambos com o queixo levemente levantado. James se adiantou com um amplo sorriso, segurou sua mão e a conduziu para Neil, quem a observava sem demonstrar nenhum tipo de emoção.

Era assombroso e inquietante observar esses traços idênticos com expressões tão opostas, James, encantado, Neil impassível. Não podia elucidar se Neil estava contente ou aborrecido por sua presença. Olhou-a dos pés a cabeça, e depois disse algo a James em gaélico.

— Ellen —disse James atraindo-a para ele—. Meu irmão, Neil.

—Lorde Torridon —disse Ellen.

—Bem-vinda, senhorita Graham. —Os olhos de Neil eram frios, e seu tom roçava a rudeza. James lhe contou que tinha tido êxito, que tinham podido tomar prisioneiros aos MacLeod sem que ninguém sáísse ferido, e Ellen assentiu procurando forças em seu contato. Observaria-o, igual a Neil fazia com ela, antes de formar uma opinião equivocada dele.

Apareceu Duncan à cabeça de vários homens. Saudou efusivamente, abraçou primeiro a James, depois a Ellen, com um amplo e cálido sorriso que se apagou quando James contou o último ataque de Fraser.

—Devia ter ficado contigo —disse Duncan.

James fez um gesto negativo com a cabeça.

—Eu te pedi que se adiantasse, Duncan, contava com os homens do Dundee, e com o Ned.

Duncan assentiu.

—Sim, mas de qualquer forma deveria ter ficado. Ned é um menino. O que aconteceu a Grant, o mataram?

James fez um gesto negativo.

—Não.

—David fugiu quando nos atacaram —disse Ellen.

Duncan a olhou com assombro.

—Grant? Nunca teria pensado.

—Eu sim—disse James.

—Estou contente de que ambos estejam com vida —disse Duncan—. Lamento pelos homens de Dundee, e Britta e Ned. Eram boas pessoas.

—É possível que Britta e Ned continuem com vida —assinalou Ellen.

O sorriso de Neil foi sardônico.

—A gente nunca sabe as coisas estranhas que podem acontecer —disse com o mesmo tom



frio que ele.

—Não, nunca se sabe. —Girou sobre seus calcanhares e se dirigiu para seus homens, fazendo um comentário aos que deixava para trás.

—O que disse? —perguntou Ellen a James.

James seguiu com o olhar a seu irmão com expressão preocupada.

—Disse que devemos ir para casa.—Sorriu—Vamos, pequena, um bom banho lhe aguarda. Duncan a segurou pelo ombro.

—Neil está um pouco incomodado neste momento. Tivemos alguns problemas com os MacLeod.

Ellen escutou o que contou Duncan sem prestar total atenção enquanto se preparavam para partir. Sentia tanto fúria como temor. Por que desgostava a Neil tão intensamente? Como podia ser tão diferente de seu irmão? E o que implicaria isso para James e para ela?

Cavalgou junto a Duncan, James ia diante com Neil. Os homens de Neil iam atrás deles, junto aos prisioneiros. Os irmãos quase nem se falaram, mas trocavam olhares tão frequentemente que estava certa de que estavam se comunicando.

—Duncan —disse—. Se conhecem tanto que não precisam falar para comunicar-se?

Duncan observou os primos durante um momento, depois riu.

—OH, sim. Sempre fazem o mesmo. Me deixam louco. Eu gostaria que se expressassem verbalmente para comunicar-se.

—Então não estou equivocada ao pensar que neste momento o estão fazendo?

Duncan assentiu.

—Sim. Olhe, pequena. James acaba de dizer algo que surpreendeu a Neil, já que há levantado uma sobrancelha. Agora olhe ao James,vê? E James lhe responde. Pode ver como Neil está escutando? E nenhum dos dois disse nenhuma só palavra. Desde que os conheço sempre fizeram o mesmo. —virou-se para encontrar seu olhar—. Sempre me perguntei quem poderia romper esse vínculo.

—O que te faz pensar que poderia romper-se?

—A conduta de Neil, está muito inquieto.

Ellen jogou o cabelo para trás.

—Acaso inquieto significa “rude” em gaélico?

Duncan soprou.

—Entendo que não esteja muito contente com ele.

—Não.

—Deve lhe dar tempo, pequena. Neil tem bom coração.

—Não vi sinal de que o tivesse. Nem sequer cortesia.

Duncan riu estrondosamente.

Finalmente deixaram para trás o vale e começaram a bordear Loch Torridon para o oeste,

⁷ Camisa Saffron ou lein croich: camisa de tecido reforçado com 24 linhas entretecido verticalmente e colorido com



cavalgando com os últimos raios de sol que iluminavam os contornos das montanhas que o circundavam. O lago era comprido e extenso, estava salpicado de ilhas e vários grupos de cabanas brancas se amontoavam debaixo dos picos escuros. Duncan explicou que essa era a região alta de Loch Torridon e que se unia com Loch Shildaing para dirigir-se logo para o norte até desembocar no mar.

Nas praias de pedregulhos havia muita atividade, e muitos dos que ali estavam os saudaram em sua passagem. Embarcações de todo tipo se alinhavam amarradas no porto; os navios de maior porte estavam ancorados mais longe da costa, e os botes menores iam e vinham até eles incessantemente. A prosperidade de Torridon era evidente e sua gente parecia bem alimentada. E curiosa. Ellen recordou seu desalinho e tentou recompor o cabelo com os dedos e alisar suas imundas saias.

—Está muito bonita, pequena — disse James enquanto se aproximava.

Sorriu a Duncan, que deixou que seu cavalo ficar atrás deles.

—Estou horrível —suspirou—. Todos se devem estar perguntando a quem trouxe.

—Ellen— disse em voz firme - Não deve se importar a opinião de ninguém salvo a minha, e eu acredito que está bonita. Levante o queixo, pequena, e não deixe que te aflija o humor de Neil. Se comportará gentilmente de agora em diante.

—Não quero ser motivo de problemas entre vocês.

James sorriu abertamente.

—Não foi. E não será. Não se preocupe.

Assinalou a vila a que iam entrar, disse seu nome e contou algo de sua história, depois, apontando as montanhas que estavam do outro lado do lago, as explicou uma por uma. Ellen sorriu, seu humor ia melhorando com a conversa.

Muitos dos habitantes da vila saudaram James e fizeram perguntas em gaélico. Não pôde entender nada do que disseram, mas deduziu que sentiam curiosidade a respeito de Dunfallandy e que estavam dando as boas-vindas. Deveriam perguntar sobre ela também, já que pôde ver a menção de Dundee repetidamente. As pessoas sorriram para ela, e ela retribuiu o sorriso saudando-os em inglês quando se dirigiam a ela.

Diante, Neil estava conversando e rindo com sua gente, seu sorriso era amplo. Poderia haver se passado por James, pensou ao observar Neil quando se deteve para explicar algo aos que estavam à beira do caminho. A semelhança era extraordinária. Não era estranho que o povo falasse dos gêmeos.

Escutou Neil mencionar seu nome sem inflexão distintiva em seu tom de voz. Fez um gesto de assentimento mas não sorriu. Sentiu um calafrio de apreensão, seguido por uma onda de desagrado. Neil a estava medindo. Tinha demonstrado de forma evidente que não permitiria nenhuma intrusão entre ele e seu irmão. Levantou desafiante o queixo. Era hora de que Neil MacCurrie aprendesse a compartilhar.

Rodearam um montículo e Ellen ficou boquiaberta quando viu o imponente e formidável castelo Currie convocado em uma altura pronunciada frente ao vale. Dominava o horizonte, suas

açafrão, usada na Idade Média debaixo da cota de malha.



paredes eram do mesmo arenito rosada que as montanhas atrás, por isso parecia surgir da própria rocha.

Tinha quatro torres arredondadas unidas por elevadas muralhas que se erguiam a beira do escarpado, e um estreito atalho conduzia à porta de entrada da barbacana⁸. Os raios do sol iluminavam a fortaleza por trás, banhando de uma tênue luz os parapeitos da adarve⁹, enquanto que a parte inferior da fortificação ficava inundada em sombras.

Tinha escutado coisas sobre essas fortalezas ocidentais, sabia que eram impenetráveis, e não desconhecia a necessidade de que fossem. Todas essas histórias sobre a natureza violenta dos highlanders e suas sanguinárias incursões se amontoaram em sua mente de repente. Era fácil imaginar o porto lotado de grandes navios de guerra. Agasalhou-se mais na capa quando cavalgaram através das longas sombras que projetava o castelo enquanto o sol se ocultava a suas costas. O que estava fazendo ali, nesse recôndito lugar no fim do mundo?

Com o passar do caminho que subia à porta de entrada se alinhavam algumas casa, até que de improviso, a imponente figura surgiu rodeada de imensas rochas vermelhas esculpidas com estranhos símbolos de espirais e nós intrincados. Ellen jogou a cabeça para trás para olhar para cima, para os homens que estavam postados nos parapeitos, perguntando-se o que encontraria ao transpassá-los. Uma cálida boa-vinda ou a mesma fria recepção que tinha dispensado Neil?

O atalho dobrou duas vezes mais antes de alcançar um segundo portão, não menos imponente que o primeiro. Ao transpassar o parapeito e frente à porta de acesso principal, em um setor de terra estéril a beirada escarpado, estava o velho carvalho.

Ellen cravou o olhar no tronco que se erguia dividido para o céu. Através de seus galhos nus pôde ver a água dos lagos; e, entre eles, as montanhas que James tinha chamado Beinn Currie. Pequenos brotos tinham começado a aparecer, o pálido verde contrastava contra a cor cinza das extremidades seccionadas. Conteve a respiração. Em Inverness, a lenda o tinha parecido divertida quase infantil, mas ali, na escuridão das sombras que projetava o tronco partido, sentiu-se parte de um antigo intuito.

Olhou para James, que estava conversando com Duncan, e depois se encontrou com os olhos de Neil. Assentiu lentamente, como se desse conta da emoção que a embargava, depois Neil afastou o olhar esboçando um tênue sorriso. Exalou a respiração que tinha contido, convencida de que, de algum jeito, havia passado em um exame.

No interior do castelo, o amplo pátio de armas estava enchendo rapidamente de gente que saía dos edifícios. À esquerda estava a antiga torre, construída a beira do penhasco, que se anexavam duas asas de quatro andares cada uma que olhavam para o lago. Na parte interior, outra série de edifícios estava rodeada por cortinas de muralhas fortificadas com parapeitos onde se achavam postados homens armados, inclusive nesse momento, quando o laird do Castelo Currie chegava a seu lar.

Neil começou a repartir ordens enquanto desmontava. Os homens desceram de um salto,

⁸ Barbacana: fortificação situada frente às muralhas que protegia a porta de acesso do castelo. Podiam contar com portais próprios de passagem obrigatório para acessar à porta principal.

⁹ Adarve: conjunto de dispositivos na parte superior das muralhas do castelo, composto basicamente por parapeitos e caminho de ronda, normalmente ao descoberto e destinado a facilitar a defesa e o deslocamento dos combatentes.



dispostos a controlar aos prisioneiros e a segurar os cavalos. Neil e Duncan se dirigiram a grandes passos por volta de um dos edifícios baixos que estava ao outro lado do pátio enquanto James ajudava Ellen a desmontar, sustentou-a contra ele durante um momento.

—Tenho que ajudar Neil com os prisioneiros, pequena —sussurrou—. Me espere aqui, em seguida volto. Não tenha medo, Ellen.

—Não tenho —sussurrou.

Riu e apertou sua mão, depois seguiu ao grupo de homens que rodeavam aos prisioneiros para conduzi-los para o interior do edifício ao que tinham entrado Neil e Duncan. Um cavaleiro colocou seu baú no chão junto a ela e segurou as rédeas de seu cavalo. Ellen ficou sozinha, imersa nesse torvelinho de gente. Olhares curiosos convergiram nela de todas as partes. Algumas mulheres sorriram, mas ninguém lhe dirigiu a palavra. Aguardou com as mãos unidas frente a ela.

Depois de vários minutos viu que as grandes portas se abriam e aparecia uma frágil mulher de cabelo grisalho. Deteve-se um momento, olhou fixamente para Ellen, depois atravessou o pátio a passo lento e sem desviar o olhar. Era magra e miúda, mas caminhava orgulhosamente, com a costas retas e o queixo erguido. Quando esteve mais perto, Ellen pôde ver que seus olhos azuis eram da mesma cor profunda que os de James e Neil.

Quando chegou a só alguns passos de distância, a mulher sorriu e lhe estendeu as mãos.

—Bem-vinda a Torridon —disse—. Sou Mairi MacCurrie.

Ellen sorriu por sua vez e apanhou as mãos que ela tinha estendido, surpreendida ao sentir a força do apertão da avó de James.

—Obrigado por me receber, senhora —disse Ellen—. Sou Ellen Graham.

—Ah. —A anciã a olhou nos olhos—. Duncan falou de você. A prima de Dundee. A jovem que nosso Jamie e Duncan protegeram do perigo.

Ellen assentiu.

—Sim. Uma e outra vez.

—Pois você é duplamente bem-vinda, pequena, porque aguentou momentos muito difíceis. Entre, entre. O ar está ficando muito frio. Deve estar muito cansada da viagem.

Me conte o que aconteceu e por que está aqui e não em Glengarry.

James permaneceu de pé junto a Neil e Duncan, observando como encerravam aos prisioneiros. Neil não os tinha jogado à masmorra, a não ser em uma cela que seu avô tinha feito construir nos estábulos. Manteria aos homens em cativeiro, mas seriam tratados civilizadamente. Que era mais do que mereciam. Neil explicou o que pensava; que uma guerra com as famílias MacLeod de Gailoch só distrairia sua atenção da ameaça maior que provinha do leste.

James sabia que Neil estava certo, mas ainda estava furioso pela emboscada que os MacLeod tinham planejado contra ele e contra Ellen; não tinha dúvidas de que sua intenção era matá-los. Permaneceu do outro lado das grades, olhando fixamente aos fazendeiros que haviam tido a intenção de machucá-los. Por sua parte, os prisioneiros evitaram olhá-lo.

—Eu gostava dos velhos tempos, quando simplesmente se matava aqueles que tentavam nos machucar —disse Duncan aproximando-se.

Os prisioneiros fingiram não ter escutado. James assentiu.



—A mim também.

—Não está descartada essa possibilidade —disse Neil—. Depende do que aconteça de agora em diante. —inclinou-se sobre as grades—. Me escutem, se lhes perdoar a vida e, apesar disso, jamais se atrevam a ameaçar a um MacCurrie ou a suas propriedades, matarei-os com minhas próprias mãos, e não o farei nem lenta nem misericordiosamente. É a meu irmão a quem tentaram matar, e não esquecerei facilmente. Entendem?

Os homens assentiram.

—Bem —disse Neil—. Quero que fique bem claro entre nós o risco que correm. —

Girou sobre seus calcanhares e voltou para pátio, James e Duncan o seguiram. Quando se deteve, James se aproximou e seus olhares se encontraram.

James sabia que seu irmão estava tentando emendar o trato que tinha dispensado a Ellen. Tinham discutido enquanto retornavam a casa, quando havia dito o que pensava de sua frieza. Neil tinha se negado a mudar de atitude e tampouco se desculpou, mas não continuaram discutindo. Sua surpresa pela veemência de James tinha sido evidente. E agora estava tentando cortar a brecha, James não sabia se seria suficiente, mas estava disposto a deixar de discutir.

Ele mesmo se surpreendeu pela profundidade de seu aborrecimento. Tinha esperado uma cordial boa-vinda de seu irmão, ou ao menos amável, mas não sua atitude mordaz. Com a rudeza de Neil, Ellen o tinha observado com olhos muito abertos e expressão temerosa, e James havia sentido uma fúria imediata que o tinha comovido até a medula. Fúria contra Neil. Havia se zangado com seu irmão muitas vezes. Mas essa fúria... nunca. Era incrível. E indelével.

Neil o estava observando nesse momento, perguntando-se o que estava pensando. Pela primeira vez desde que se lembrava, James tinha se fechado a seu irmão, negou-se a responder suas perguntas. Neil queria saber por que Ellen se achava ali e o que significava para James. O que era para ele. Nem sequer ele estava seguro. Mas que o crucificassem se permitisse que alguém lhe fizesse mal.

Ellen olhou maravilhada a seu redor enquanto a avó de James a conduzia através da parte mais antiga do castelo. Tinham atravessado portas que tinham quase quinze pés de altura.

Estavam abertas para receber James, contou-lhe Mairi enquanto a guiava até um salão que teria séculos de antiguidade. Na parte mais afastada do salão havia um vitrô em arco que dava aos lagos. Mairi se deteve frente a ele.

—Este é um de meus lugares preferidos —disse—. Lembra quando estive aqui no dia em que meu filho nasceu, o pai de James, me perguntando como seria. Nunca pensei que sobreviveria. —Dispensou a Ellen um agudo olhar—.Chegou a uma casa que sofre a perda de um ente querido.

Ellen assentiu.

—Sim, sei. Sinto muito sua perda.

—Foi uma perda para todos nós. Minha nora, Anne, não é a mesma desde então. Se perde na metade de uma oração, ou de repente começa a chorar, e todos sabemos por que.

—Minha mãe esteve igual quando meu pai morreu. Deve ser muito difícil para ela. E para você, lady Torridon.



—Quando meu marido morreu, pensei que seria o fim do mundo. Levou anos... Nunca me senti completa outra vez. Mas perder Alistair está além de toda compreensão possível. Ainda me parece impossível de acreditar. Acordo pela manhã e espero vê-lo. —Suspirou e secou uma lágrima—. Mas a vida continua, pequena, e isso é o que faremos. Neil é o laird agora, e está fazendo um bom trabalho. E contará com a ajuda de Jamie e Duncan.

Ellen sorriu.

—James toma suas responsabilidades muito seriamente.

—Sim. E Duncan também. Embora não pareça por suas palhaçadas. —Mairi endireitou as costas e lhe sorriu—. Venha, senhorita Graham, me conte o que aconteceu depois de que Duncan os deixou. E por favor, me chame de Mairi. Anne é lady Torridon agora, e logo o será a esposa de Neil. Prefiro que me chamem por meu nome, pequena.

—Obrigado. Por favor, me chame de Ellen então.

—Assim o farei. Venha agora, vamos procurar Anne.

Levou-a até um acolhedor canto da grande sala onde se achava a mãe de James sentada frente ao fogo. Mairi a conduziu frente a Anne e sorriu carinhosamente ao inclinar-se sobre sua nora.

—Anne, querida —disse Mairi—. Ela é Ellen Graham, a jovem sobre a que nos falou Duncan, a que James salvou dos atacantes na estrada. Veio para casa com Jamie ao invés de dirigir-se para Glengarry.

Anne MacCurrie levantou o olhar para encontrar-se com o de Ellen, seus inteligentes olhos cor avelã estava plenos de tristeza. Estendeu-lhe a mão e sorriu.

—Bem-vinda, pequena. Não sabíamos que ia vir, mas é você bem-vinda. Onde estão os moços, Mairi?

—Já vêm, querida. Apanharam a alguns dos MacLeod —disse Mairi enquanto se sentava em uma cadeira. Fez um gesto a Ellen para que fizesse o mesmo—. Conversaremos um pouco, Ellen, até que venham os moços, e depois providenciaremos um quarto. Sem dúvida vai querer tomar um banho não é assim?

Ellen riu.

—Leu minha mente, senhora. Eu adoraria.

Anne sorriu novamente.

—Então o terá. Agora nos conte, se puder, por que está aqui e não com os MacDonnell?

Mairi realizou a maior parte das perguntas: sobre o lar e a família de Ellen, sobre John, sobre a viagem a Dunfallandy e em relação aos ataques de Fraser. Ellen lhes disse tudo, sem regular informação quando pediram mais detalhes. Nenhuma das duas perguntou sobre James mas quando Ellen elogiou sua coragem e amabilidade, Anne e Mairi trocaram um olhar. Os olhos da avó de James brilharam com especulativo humor, os de sua mãe, com prazer. Ellen teve a suspeita de que havia dito mais do que se propos.

Anne recobrou vida quando James entrou. Deu um grito e ficou de pé para abraçá-lo, disse quão feliz estava de tê-lo em casa e perguntou como se encontrava.

James abraçou a sua mãe carinhosamente.

—Estou bem, mãe. Não se preocupe.



—Preocupe-me tanto quando Duncan me contou do Fraser... —disse Anne—. Quem é?

Por que quer que John Graham morra?

James encolheu os ombros.

—Não sei, mãe. Mas foi muito tenaz.

—Se deseja outra oportunidade para matar Dundee, deveria unir-se aos partidários de Guilherme —disse Mairi.

—Sem dúvida já deve ter feito —disse James—. Vejo que já conhecem Ellen.

—Fui procurar para fazê-la entrar. No que estava pensando ao deixá-la só lá fora?

James se ruborizou.

—la procurá-la, vovó.

—Sim, bom, estivemos conversando um pouco enquanto esperávamos. Ah, aqui estão os moços —disse quando Duncan e Neil entraram.

Ellen percebeu o olhar que dispensou Neil ao James, e a que lhe dirigiu James, e como depois ambos olharam a ela. Respirou profundamente. Não queria interpor-se entre os irmãos, mas parecia que assim era.

Duncan se sentou ruidosamente na cadeira oposta a ela.

—Bem, senhorita Graham, gostaria de ficar aqui durante um tempo ou tomou gosto de viajar?

Ellen riu.

—Ficaria encantada de ficar aqui durante um tempo.

—E nós estamos muito contentes de tê-la conosco —disse Mairi.

Neil analisou Ellen durante toda a refeição, observou como seu irmão escutava cada uma das palavras que ela dizia, como se inclinava sobre ela, como Ellen lhe sorria e tocava seu braço. Duncan tinha razão; a jovem tinha enfeitiçado a seu irmão.

Jamie quase não lhe tinha dirigido a palavra da discussão que tinham tido de retorno para casa. Neil não podia recordar a última vez que seu irmão tinha estado tão zangado. James havia dito, de todas as maneiras possíveis que Ellen devia ser bem recebida, que não devia voltar a comportar-se tão rudemente com ela. Neil esfregou o queixo. Como podia essa mulher haver-se convertido em alguém tão importante para seu irmão em tão pouco tempo?

Nesse momento, sua mãe, sorrindo entre lágrimas, estava descrevendo como havia conhecido seu pai. Ellen Graham se aproximou e apoiou uma mão sobre a dela, que respondeu ao gesto com um agradecido olhar e os olhos cheios de lágrimas. Deveria sentir-se muito contente, pensou Neil. Tinham vencido aos MacLeod sem derramamento de sangue graças a Jaime, e o incidente fazia possível exigir ao chefe uma próxima reunião com a qual planejava terminar, de uma maneira ou outra, com a série de provas às que estava sendo submetido.

Tinha esperado que James dispensasse toda sua atenção a esses problemas, nem remotamente tinha suposto que a jovem sobre a que Duncan tinha falado poderia ser a essas alturas algo mais que uma simples lembrança, nunca imaginou que James a traria para casa. E parece mais incrível ainda quando James a chamou para que saísse do bosque e ela surgiu da espessura das árvores com as saias rasgadas e imundas, o rosto sujo, o cabelo desgrenhado sobre



os ombros. Seu irmão apresentou Ellen Graham como se fosse a mulher mais formosa que jamais tinha existido.

Asseada, devia reconhecer podia ser considerada bonita, se gostasse de morenas. Ele preferia loiras, ou ruivas, não descoloridas como as mulheres das Terras Baixas. Suas cotações sobre a situação política tinham sido sagazes e concisas, embora pouco subjetivas a respeito de Dundee. Mostrou-se muito solícita com James, amável com sua mãe, engenhosa em seus comentários relativos ao castelo e riu com Duncan frequentemente. Tudo o qual achou satisfatório.

Duncan também parecia gostar dela. E sua avó? Neil se virou para olhá-la e se surpreendeu ao descobrir que Mairi o estava observando pensativa. Ruborizou. Sabia que sua avó tinha descoberto o que estava pensando. Estava com ciúmes, não de Ellen, James podia ficar com ela, mas sim de ter perdido a atenção de seu irmão.

Desde que seu pai tinha adoecido, Jamie, Duncan e ele se acostumaram a ficar até tarde pelas noites, bebendo e falando sobre o que deveriam fazer, e isso é o que tinha esperado à volta de Jamie. Havia muitas coisas por dizer, certamente. Mas suspeitava que essa noite não ficaria com ele.

Neil sabia que tinha que ser mais generoso. Deveria estar feliz porque seu irmão tivesse encontrado uma mulher que gostava. Não tinha mencionado nada a respeito de um possível casamento, nem sequer nomeou a palavra compromisso, possivelmente seu amor desapareceria tão rapidamente como tinha surgido. Isso seria o melhor. Tanto Seaforth como MacLeod, e ele mesmo, tinham estado considerando a possibilidade de que James compromettesse sua palavra em matrimônio. Neil se casaria com uma MacKenzie, e tinha estado pensando que Jamie poderia casar-se com uma MacLeod, o que serviria como amparo dos MacLeod de Gairloch.

Nunca tivesse imaginado que James perderia a cabeça por uma Graham. Do leste. Sentiu como se a frase tivesse sido pronunciada em voz alta. Ellen Graham era do leste. Endireitou a costas ignorando o calafrio que lhe produziu a frase. Ele poderia casar-se com uma das jovens MacKenzie de Kintail, mas suspeitava que James nunca se casaria com uma MacLeod das Hébridas. Devia encontrar a maneira de despachar a jovem para Glengarry logo que fosse possível.

Ellen suspirou e se virou na cama. Estava esgotada; a cama era suave e o quarto estava quente. Mas por que não podia conciliar o sono? O jantar tinha sido longo mas fascinante, com as histórias de Anne e as brincadeiras de Duncan, e os contos que tinha acontecido em Torridon durante a ausência de James. A conversa tinha girado frequentemente sobre a situação política e durante grande parte do jantar se especulou sobre o que aconteceria depois.

Nada de tudo isso era o que a mantinha acordada. Neil a tinha observado durante todo o jantar, quase sem afastar a vista. A princípio não tinha notado, presa pelo que havia se informado de James através de sua mãe e de sua avó. Mas cada vez que tinha olhado para onde se encontrava Neil do outro lado da mesa, ele a estava olhando de maneira tal que foi impossível ignorá-lo. Quase não tinha falado com ela, e tinha feito uma só pergunta sobre o que a tinha impelido a ir por si mesma a Dunfally Andy.



James tinha pego sua mão por debaixo da mesa enquanto ela lutava para explicar por que havia sentido a imperiosa necessidade de advertir John, o que motivou elogios de sua coragem por parte de James. Mairi, quem também a tinha observado durante toda a refeição, embora não com a intensidade de Neil, elogiou também a valentia dela.

Depois do jantar, se reuniram no salão com vários dos membros do clã, James apresentou a cada um deles, com um sorriso amplo e apoiando a mão no seu cotovelo ou na costas. Permaneceu junto a ela durante toda a noite, mas não voltaram a ter um momento a sós desde sua chegada.

A família de James tinha sido generosa ao recebê-la. Anne e Mairi tinham dado uma cálida boa-vinda e embora indagadoras, suas perguntas tinham sido formuladas com cortesia e graça. Estava segura de que se perguntariam o que havia entre ela e James, e ainda mais segura de que James seria objeto de perguntas muito mais inquisidoras. Duncan tinha se comportado tal qual era, com seu sorriso franco e sua risada contagiosa.

E Neil? Neil a assustava. Havia dito o estritamente correto, tinha devotado um brinde pela volta de James e pela chegada de Ellen, tinha rido quando se supunha que devia fazê-lo. Não tinha tido o comportamento grosseiro que tinha dispensado no caminho, mas tinha mantido reserva e frieza cada vez que a tinha observado. E o tinha feito constantemente. Sabia que não a queria ali, mas não sabia por que.

O que esperava?, reprovou-se. Que toda a família de James recebesse a uma estranha, como na realidade era, com supremo beneplácito o primeiro dia de sua chegada? Estava se comportando ridiculamente, pensou enquanto dava voltas sem cessar na cama. Amanhã escreveria a sua mãe e a B para contar o que tinha acontecido.

Voltaria a ver sua mãe e a B novamente? Torridon estava tão longe de tudo... devia estar louca quando aceitou vir. Glengarry se achava muito longe, e Netherby parecia estar do outro lado do mundo. Afastou as cortinas que penduravam sobre a cama e observou o céu iluminado por milhares de estrelas.

—Ellen Graham —sussurrou—. O que faz aqui?

Capítulo 12

James passeava de um lado a outro no quarto. Tinha alegado cansaço e havia se retirado a seus aposentos em lugar de ficar com Neil e Duncan para discutir. Estava cansado e possivelmente não estava pensando corretamente. Ainda estava zangado com Neil. E surpreso pela ira que o dominava.

A conduta de seu irmão durante a noite tinha sido impecável, mas James o conhecia muito bem. Neil não queria que Ellen estivesse ali; esse era o problema. E James não tinha intenção de deixá-la ir a nenhum lugar. Se fosse por ele, manteria-a em Torridon, a salvo com sua mãe e com sua avó, até que a guerra terminasse.

E depois da guerra? Não podia imaginar a vida sem ela, não podia conceber a ideia de deixá-la em Glengarry, nem de que retornasse a Netherby com seu padrasto. Tinham trocado só poucas palavras durante o jantar e em todo momento tinham sido observados e escutados. A tinha



Tiamat World

A Lenda do Highlander Gêmeos MacCurrie 01

observado e tinha percebido que ela também a ele, mas um sorriso compartilhado não era suficiente.

Estava linda durante o jantar, com um vestido azul que combinava com seus olhos, um vaporoso corpete de babado deixava ao descoberto os encantadores ombros e o começo dos seios, seu cabelo brilhante à luz dos candelabros. Estava majestosa, magnífica, gloriosa.

Sentiu-se orgulhoso dela ao apresentá-la aos membros do clã, tinha percebido os olhares que lhe obsequiaram os homens, e o exame das mulheres analisando cada detalhe de sua aparência.

Não era só sua beleza o que tinha impressionado; tinha os fascinado com o genuíno interesse que demonstrou por eles, sua risada contagiosa e seu bom humor com as dificuldades para comunicar-se com os que só falavam gaélico. Quando se despediu no final do encontro, já havia conquistado a todos. Parecia agradar a sua mãe e a sua avó. Duncan já se afeiçoou com ela. Mas não assim seu irmão.

Deteve-se frente à janela olhando a lua que se elevava sobre a água. Loch Torridon estava na penumbra, iluminado apenas por uma luz tênue. Suas águas se viam tranquilas desde ali, mas eram agitadas por fortes correntes internas, igual a ele. James se virou e olhou para a porta. Podia sentir a chamada de Neil para que descesse para conversar. Endireitou os ombros. Por que adiar?

Neil e Duncan estavam na biblioteca, Neil com as longas pernas estendidas frente ao fogo.

Ambos se viraram quando ele entrou; nenhum pareceu surpreso.

—Obrigado por vir, Jamie —disse Neil.

James levantou uma sobrancelha. Pelo visto se comunicariam formalmente essa noite. Duncan estaria encantado de não ter que lutar com as comunicações silenciosas dos irmãos. Serviu-se de um copo de uísque e se sentou na cadeira que sempre usava. Os três permaneceram em silêncio durante um momento, depois James se virou para Neil.

—O que vai fazer com os MacLeod? —perguntou James—. Além de supor que vou me casar com uma das mulheres do clã e resolver assim o problema.

Neil sorriu abertamente, e James sentiu que o nó de tensão que o carcomia em seu interior relaxava. Tudo estava bem entre os dois. Fez o correto ao descer.

—Mande chamar a seu laird —disse Neil—. Veremos se virá. Não será Gairloch, acredito, embora tenho escrito a ele e contando o que está acontecendo. Certamente, virá o arrendatário. Se estiver certo, resolveremos o problema sem derramamento de sangue.

—E se estiver enganado?

—Casará-se com uma MacLeod —deu Neil sorrindo amplamente outra vez.

—Me casar, eu? Uma ova!

Duncan bufou e amaldiçoou, e os primos riram a gargalhadas.

A situação estava melhor, pensou James enquanto subia as escadas dirigindo-se a seu quarto. Sem desculpas, nem resolvida, mas melhor. Não tinham mencionado Ellen, nem discutido os planos que tinha Neil para consolidar alianças com os Mackenzie e os MacLeod, nem sobre nenhum plano de casamento. Mas ao menos tinham concordado em enfrentar os problemas



juntos e comportar-se adequadamente entre eles. Era um começo. Estava contente de ter ido. Mas durante todo o tempo tinha estado pensando em Ellen. Não podia separar de sua mente a ideia dela deitada no andar de baixo, do sabor de seus beijos, da turgidez de seus seios na cavidade de sua mão, da carícia feminina em sua coxa. Desejava-a, mas era mais que isso.

Desejava falar com ela, conversar sobre o jantar, compartilhar impressões sobre a família e sobre seu lar. Queria que tomasse parte de sua vida.

Deteve-se frente a seu quarto e se apoiou contra a porta um momento. Golpeou com suavidade, o coração começou a palpitar rapidamente. Esperou, golpeou de novo, e a chamou, e se viu recompensado ao detectar movimentos no interior do quarto. Abriu a porta com os olhos muito abertos, fechando a gola da bata de dormir. Tinha o cabelo solto formando escuras ondas ao redor dos ombros.

—James! —suspirou—. O que está fazendo aqui?

Inclinou-se para frente, roçou-lhe a bochecha com a palma da mão e depois a agarrou por trás a cabeça.

—Senti sua falta, Ellen.

Inclinou-se e ela levantou a cabeça com um suspiro. Quando os lábios se encontraram, ela se inclinou para frente. Agarrou-a pela cintura apertando-a contra ele fazendo mais profundo o beijo.

—Senti sua falta —disse finalmente.

—E eu de você.

—Sairemos para caminhar pela manhã, pequena, e poderemos falar. —inclinou-se para capturar sua boca novamente.

Colocou a mão no seu ombro, depois rodeou o pescoço e o beijou com um ardor que demonstrou, sem lugar a dúvidas, que o desejava com a mesma intensidade. Levantou a cabeça e sorriu, depois se inclinou para roçar os lábios com os seus.

—É muito agradável que sinta minha falta, pequena.

Ela se ruborizou e ele riu, soltando-a com um sorriso. A bata se abriu deixando ver a parte superior dos seios, redondos e generosos. Afastou a vista antes que não pudesse controlar-se.

—Verei você pela manhã —disse.

—Sim —sussurrou ela, e retrocedeu um passo. Olhou atrás dele com os olhos arregalados, e fechou bruscamente a porta.

James se virou e viu Neil. Os olhos de seu irmão disseram que não se havia perdido detalhe do acontecido. James ficou tenso esperando algum comentário sarcástico dele, mas ele simplesmente o saudou com uma inclinação de cabeça e seguiu seu caminho pelo corredor em direção a seu quarto.

A manhã trouxe a chuva consigo, uma persistente enxurrada sem vento que rodava pelas pedras do castelo e deslizava em preguiçosos riachos até as sarjetas. O céu estava coberto de densas capas de nuvens cinzas que deixavam cair sua umidade em repetidas ondas de parcimoniosos torós.

E o dia trouxe notícias do leste, de um mensageiro que chegou cedo ao meio dia. A Convenção Escocesa que tinha devotado a Guilherme e Mary o trono da Escócia, dependia da



informação que trazia o mensageiro, e eles tinham aceito com presteza. Dundee seguia visitando os clãs que não tinham assistido a Dunfallandy, recebendo promessas de apoio, e insistindo aos que já se comprometeram para que se alistassem. Seriam iminentemente convocados à luta.

Dizia-se que o rei Jacobo se encontrava na Irlanda levantando as tropas com muito êxito de convocatória. As forças de Guillermo estavam se reunindo também, seu exército estava crescendo com cada dia que passava. Em Edimburgo buliam os simpatizantes de Guillermo; os que apoiavam a Jacobo estavam abandonando a capital. O leste continha a respiração para ver o que aconteceria em consequência disso.

Neil, James e Duncan escutaram o relatório do mensageiro na biblioteca de Neil. Fizeram algumas perguntas, mas rapidamente ficou em evidência que o homem já havia dito tudo o que sabia, e Neil ofereceu comida e abrigo. O mensageiro se retirou para que discutissem sobre as notícias recebidas.

—Teremos que avisar aos fazendeiros que estão mais afastados —disse Neil.

—E preparar os navios —disse Duncan.

James assentiu. O rei necessitaria de navios para transportar as tropas da Irlanda a Escócia, e Torridon estava bem equipado para brindar ajuda. O desembarque seria no sul, sem dúvida, mas precisavam estar preparados. Seu pai tinha mantido aos homens bem treinados e equipados, por isso contavam com forças combatentes sempre preparadas, mas seria um esforço muito maior do que simplesmente manter Torridon a salvo. Teriam que deixar homens para proteger ao clã e ao castelo, assim como também enviar outros para unir-se a Dundee. Cada um dos MacCurrie tinha que estar preparado.

O cultivo e a colheita teriam que levar a cabo, e os pescadores deveriam sair ao mar com maior frequência. As reservas do inverno estavam quase esgotadas, e Torridon necessitaria de mantimentos para enviar a seus homens e para armazenar em previsão de um lugar, embora não parecesse provável. Havia muito o que fazer. Falaram durante uma hora, depois se reuniram com os outros no salão. James procurou Ellen enquanto Neil e Duncan faziam os acertos para percorrer Torridon. O clã teria uma reunião essa noite, e a gente do castelo estava ocupada com os preparativos pertinentes.

Não podia encontrar Ellen, Sua mãe estava na cozinha falando com a cozinheira, mas Ellen não estava com ela, embora uma das ajudantes de cozinha informou que tinha servido o café da manhã muito mais cedo, por isso era de supor que não estivesse deitada. Percorreu o pátio e os jardins se perguntando se teria dirigido para os edifícios exteriores, mas não pôde avançar em sua busca já que constantemente foi detido por homens que requeriam as últimas notícias.

Ellen olhou para o porto, sumido em um incessante trânsito nesse momento. Tinha parecido pacífico durante o crepúsculo do dia anterior, com os últimos raios do sol sobre os navios amarrados e os botes menores alinhados em longas fileiras na costa. Os tons avermelhados e purpúreos do entardecer refletindo-se na água quieta. Que diferente parecia a mesma essa cena amanhã. A superfície da água estava cheia de embarcações de todos os tamanhos, nas praias cheias tinha tudo menos silêncio. A vila estava ocupada, sua gente ia de um lado a outro.



Virou-se para olhar à avó de James, que permanecia de pé junto a ela. O cabelo prateado de Mairi era enganoso, não perdia detalhe de nada. Tinha conduzido Ellen para os parapeitos que serviam de mirantes da vila e do lago, prometendo que desfrutariam da vista. Ellen suspeitou que tinha algo mais em mente quando Mairi se sentou em um banco de pedra para observar as águas.

—Pedi que construíssem esse banco para mim —disse Mairi—. Estava acostumada a vir aqui para observar o lago enquanto esperava com crescente preocupação que meu marido retornasse para mim. Também me sentava aqui para vê-lo partir. Um dia não voltou.

—Lamento —disse Ellen ao tempo que se sentava junto à anciã.

Mairi agitou a mão.

—Não é necessário, pequena. Foi muito tempo atrás. —Olhou fixamente para Ellen—. No que está pensando?

—Se devo dizer a minha mãe o que aconteceu antes de que volte para casa. Eu gostaria que recebesse minha carta enquanto se encontra em Glengarry.

—É muito simples. Encarregarei-me de que lhe entreguem o material necessário para escrever a carta. E o mensageiro que se encontra aqui poderá levá-la ao sul.

—Duas, na realidade. Escreverei também a minha tia avó, que está em Netherby.

Mairi fez um gesto para que se aproximasse de um dos homens que estava nos parapeitos.

—Diga ao mensageiro que espere por duas cartas da senhorita Graham. Não deixe que parta sem elas. —O homem assentiu e partiu, passando a mensagem de boca em boca— Está solucionado, pequena. Só tem que escrevê-las.

—É conveniente que eu faça isso agora?

Mairi negou com a cabeça.

—Ele aguardará —olhou para a água—. A primavera está para chegar, suponho, mas não sinto que o ar esteja mais quente, Como era o clima no leste?

—Igual. As estradas estavam molhadas.

—Molhadas, mas transitáveis.

—O que prolongou a viagem.

—Tiveram bastante tempo para passar juntos. Sozinhos.

Ellen assentiu. Tal como tinha pensado, Mairi não a tinha levado ali só para admirar a vista.

—Tivemos.

—Disseram que todos em Dunfal Andy acharam que Jamie era Neil.

—Sim.

—Deve ser muito fácil apaixonar pelo conde de Torridon.

Ellen se zangou.

—Suspeitei que não era Neil muito antes de que me dissesse isso. Pergunte e ele dirá.

Escutei Duncan chamá-lo de Jamie.

—Mas então se apaixonou por ele?

Ellen respirou profundamente e olhou Mairi nos olhos.

—James me salvou a vida uma e outra vez. É o homem mais esplêndido do mundo.

Maravilhoso. Mas você já sabe.



A mulher mais velha riu entre dentes.

—Sim, sei. É muito importante para a família. Mas deve saber que não é o laird de Torridon.

—Estou a par.

—Não tem tanta fortuna como Neil, e nunca a terá. Os segundos filhos jamais a têm.

Ellen fez uma pausa e ameaçou falar com cautela.

—Senhora, se está dizendo que Neil é a razão pela qual permaneço aqui, devo dizer que está equivocada sobre minhas intenções. Sinto gratidão por seu neto, não é a avareza que me motiva. James me salvou a vida, mais de uma vez. Trouxe-me aqui para me proteger, sim, mas também para chegar o quanto antes a seu lar para ajudar Neil. Tenho a intenção de ir a Glengarry, e o farei. Na realidade, posso ir com o mensageiro se assim você preferir.

—Não quero nada disso, pequena. Só estou tentando averiguar como você é e por que se encontra aqui.

—Estou aqui porque seu neto me trouxe. —Ellen cravou o olhar em suas mãos tentando controlar a fúria. Quando conseguiu acalmar-se, virou para Mairi novamente—. Se estivesse procurando um homem com título e fortuna, poderia havê-lo encontrado mais perto do meu lar, com muitos menos perigos que enfrentar. Não me dirigi a Dunfallandy em busca de amor, a não ser para advertir a meu primo. Meu objetivo era advertir John do perigo, não um anel no meu dedo. Também há homens em Dundee.

Mairi observou-a durante um momento, depois sorriu entre dentes.

—Boa explicação, pequena.

—Boas intenções, senhora —disse Ellen ficando de pé.

—Não tive a intenção de ofendê-la, pequena. Desculpo-me se o fiz. Como lhe disse, James é muito importante para esta família.

—E Neil tem planos em relação ao casamento de James.

—James se casará com quem seu dever e seu desejo o indiquem. Não tem a liberdade de decidir sem levar em conta todos os fatores. Muitas pessoas se verão afetadas segundo com quem se case. Estou certa de que entende.

—Assim é.

—Bem. —Mairi sorriu novamente—. Sei que Jamie lhe importa muito, Ellen e você a ele. Percebemos. Mas não sei o que nos pode proporcionar o futuro, pequena. Agora, vamos, tem cartas a escrever.

As cartas de Ellen não foram fáceis de escrever, embora as tinha esboçadas mentalmente desde vários dias. O que pensaria sua mãe quando descobrisse que Ellen não se achava segura em seu lar cuidando de B, a não ser em Torridon, que Pitney tinha acobertado aos que queriam matar John, e que inclusive podia estar envolto na conspiração?

B não estaria surpresa, já que várias vezes tinha desconfiado de que Pitney se relacionava com gente indesejável. Ellen adicionou uma linha na carta para sua tia avó, pedindo que não fizesse nada, e ao escrever quase pôde ouvir sua risada cínica. B faria exatamente o que lhe desse a vontade.



Ellen fechou as cartas, selou-as e ficou de pé.

O salão estava repleto de gente recebendo instruções. Duncan estava de pé no meio de um grupo de homens, mudando de lugar as mesas. Anne falava com várias mulheres em um canto e Neil e James estavam olhando mapas com outros homens. Passou junto à avó de James quando se dirigia para o mensageiro. A anciã colocou uma mão no seu braço.

—Pequena —disse Mairi em tom firme—. Quero que meus netos sejam felizes em seus matrimônios. Não tenho outros planos para eles. O que Jamie decidir contará com minha bênção.

Ellen assentiu. Não discutiria sobre isso com outra pessoa que não fosse James.

James a viu logo que entrou na sala. Tinha duas cartas na mão e as entregou ao mensageiro. Tinha esquecido que queria escrever a sua mãe e a sua tia avó. De modo que isso era o que tinha estado fazendo.

—Voltarei em uma hora —disse aos homens enquanto se retirava da mesa.

Neil ficou olhando-o fixamente enquanto se afastava. A conversa sobre a guerra e os preparativos era interminável. Precisava estar um momento com Ellen.

—Você gostaria de sair para caminhar? —perguntou a ela oferecendo o braço.

—Não estava falando com Neil?

—Eu gostaria mais de falar com você, pequena. A chuva parou. Vamos sair.

—Eu adoraria.

Conduziu-a sob o sol cada vez mais intenso através do pátio e com o passar do atalho que conduzia à vila, falando sobre as diferentes edificações que tinham acrescentado e quem o fazia.

—Neil quer acrescentar um anexo no setor oeste, uma asa nova onde possa residir a família. Estivemos discutindo sobre isso durante anos.

—Há suficiente espaço para construí-lo?

—Sim. E estará unido, é óbvio, já há ali uma cortina de muralha. Realmente, será bastante simples. Só teremos que continuar o muro exterior. —Olhou-a fixamente—. A iniciaremos quando voltarmos para casa.

—Da guerra.

—Sim. —Sorriu—. Mal nos vimos desde que chegamos.

—Assim é.

—Teremos que dar um jeito nisso.

—Como?

—Fazendo o que estamos fazendo. —Quando chegou à porta de acesso fez um gesto aos guardas—. Pensei que poderia começar te mostrando o carvalho.

Agarrou-a pelo cotovelo e a fez dar a volta, depois de atravessar o portal, chegaram a um pequeno prédio. Sempre o tinha comovido a imponente árvore velha que representava tanto para seu clã e para ele. Desde tempos imemoriais, sempre tinha estado ali. Os MacCurrie usavam um galhinho de carvalho em suas boinas; o escudo do clã e a insígnia mostravam a silhueta de um carvalho contra o mar.

Manteve-se inteiro por vinte e nove anos, quando tinha partido exatamente como o profeta Brahan havia predito. Parecia-lhe surpreendente. Como pôde saber? James passou a mão sobre a



fenda já curada, mas com vestígios da cicatriz resultante do raio. Reviveu as conhecidas emoções que essa árvore lhe provocava, sobressalto e consciência do destino, agora mesclados com lembranças agridoces de seu pai.

—Não pensei que fosse tão grande —disse Ellen—. Deve ter sido uma imagem imponente quando estava inteiro. —Olhou-o—. É verdade que não acredita na lenda?

—Acredito positivamente nela, pequena.

—Mas disse a Janet que era tão somente superstição?

—Sim, também é. Mas acredito nela. Bom, em parte dela.

—Que parte?

—A que diz que tanto meu avô como meu pai morreriam no dia de seu aniversário.

—Isso já se cumpriu. Que mais?

—A que diz que a árvore se dividiria a noite em que Neil e eu fôssemos concebidos.

—Isso também aconteceu. Que mais?

Seu tom se fez mais profundo.

—A que diz que nós levaremos o clã à guerra.

—Acredito que assim o farei.

Ela suspirou. Era difícil permanecer nesse bonito lugar e pensar na guerra. Longas nuvens estendiam-se no céu e se detinham nos picos das montanhas que se achavam do outro lado do lago. A cena era encantadora, aprazível, se não olhasse atentamente o que acontecia na realidade. Os homens estavam arrastando canhões nas proas dos navios. Olhou o rosto de James tentando gravar seu perfil na memória, a maneira em que o cabelo caía sobre as têmporas, a cicatriz da mão como sequele de sua briga com MacLeod em Dunfalgandy.

Quando estava com ele se sentia segura, protegida, e mais viva, como jamais se havia sentido antes em toda sua vida. Era fácil esquecer-se de que a Escócia estava a ponto de entrar em guerra, que o irmão de James queria que ela partisse, que sua avó acabava de lhe advertir que não se apaixonasse por ele, que seu primo estava levantando as tropas para combater por um rei que havia perdido o espírito de luta, e que sua querida criada tinha desaparecido. Logo voltariam para o castelo e confrontariam o futuro, mas nesse momento bastava estar junto a James.

James respirou profundamente e olhou os encantadores olhos de Ellen, observou como afastava o cabelo que caía sobre a bochecha. Queria elevá-la, virá-la sobre o ombro e levá-la a seu navio para navegar afastando-se de todas as responsabilidades, só para estar com Ellen. Mas isso era impossível. Ainda.

—Há partes da lenda nas que acredito, e outras nas que não quero acreditar —disse—. O profeta também disse que cada um de nós governaria, mas nunca simultaneamente, o que poderia significar que Neil morreria sem ter um filho, e que eu o sucederia.

—Possivelmente há outras maneiras em que se cumpra a profecia sem que implique a morte de Neil. Ou possivelmente a lenda mudou ao ser repetida de boca em boca através dos anos. Possivelmente nem sequer é o que o profeta originalmente disse.

—Sim, possivelmente. Se for o destino, pequena, não posso mudá-lo. Se não for, descobrirei com o tempo.



Ellen assentiu. Ele segurou sua mão entre as suas e a conduziu até o outro lado da árvore, onde se podiam ver os lagos que se estendiam a seus pés, assim como também a cor cinza rosácea das montanhas que se erguiam do outro lado da água destacando-se na claridade do céu. A imagem das ilhas que salpicavam os lagos em seu caminho em volta do mar formando linhas imaginárias que se entrecruzavam sobre o azul profundo das águas.

—É bonita —disse Ellen.

—Sim. Muito bonita. Uma mulher muito bonita. —Levou sua mão até os lábios e beijou cada um dos dedos—. Muito bela —disse, e se inclinou sobre Ellen.

Ela levantou o rosto ao encontro de sua boca sem duvidar, o roçar de seus lábios provocou o desejo de arrancar sua roupa e abraçá-la contra seu corpo nu para explorá-lo novamente. Ao invés disso, beijou-a lenta e profundamente, sem que lhe importassem os que passavam pelo atalho. Falariam deles logo, sabia. Que falassem, pensou, e roçou os lábios uma vez mais.

—Venha, pequena, mostrarei a você os meus navios —disse.

Lhe sorriu e ele riu de bom humor. Quem podia saber o que os esperava? Tinham esse dia; teria que ser suficiente.

James mostrou os navios da costa, depois remou até o mais próximo e a ajudou a subir a bordo com orgulho. Amava esse navio; desde o dia em que o tinham terminado, tinha cuidado dele, assegurando-se de que fosse equipado com o melhor. Desejava que Ellen o amasse tanto quanto ele.

Mostrou-lhe tudo e permitiu que a tripulação se unisse a eles, fazendo comentários enquanto passeavam pela proa.

Falaram sobre a velocidade que alcançava, sobre sua graça para atravessar os turbulentos mares no inverno e para avançar com as suaves brisas do verão. Não possuía um castelo para lhe mostrar, nem joias, nem título. Mas tinha seus navios e suas terras. Mostraria-lhe tudo.

Ellen se mostrou adequadamente entusiasta, embora devia reconhecer que tinha estado só algumas poucas vezes a bordo de um navio.

—Mudaremos isso — ele disse.

Ellen se aproximou do corrimão e levantou a vista para o castelo.

—Vê-se mais imponente desde em terra firme —disse.

—Isso é o que se pretende. Supõe-se que deve sobressaltar de terror aos que tenham a intenção de nos atacar.

—Quanto tempo faz que os MacCurrie vivem aqui?

Encolheu os ombros.

—Séculos. Havemos possuído estas terras durante muitos anos, muitos reis. E passaremos esta tormenta também.

—Acha que o rei Jacobo pode ganhar?

—Sim. Seu primo comandará as tropas, Ellen. Como pode ser de outra maneira?

Permaneceu em silêncio durante um momento, depois suspirou.

—Um mês atrás, minha vida era pacífica. Me diga que o voltará a ser.

—Não posso, Ellen. Suspeito que a vida não voltará a ser pacífica para nenhum de nós durante muito tempo.



Tiamat World

A Lenda do Highlander Gêmeos MacCurrie 01

—Não.

—Escreveu a sua mãe?

—E a minha tia B.

—Bom. Isso te fará sentir melhor.

—Com que frequência recebem notícias do mundo exterior?

—Quer dizer da Escócia ou do resto do mundo?

—Da Escócia.

—Muito frequentemente. —Assinalou a água que se estendia frente ao eles. —Esta é nossa grande via de comunicação, pequena. Constantemente vemos sair e entrar navios que trazem mercadorias e notícias. Possivelmente parecemos isolados quando se chega por terra, mas não o estamos. As notícias nos chegam com rapidez. Logo que seu primo nos peça que nos o unamos a ele, saberemos.

—E então partirão à guerra.

—E então partiremos à guerra. —Levantou a vista para o castelo, depois a olhou—. Eu gostaria que ficasse aqui, Ellen, a salvo com minha família durante a guerra. Considerará?

Olhou-o nos olhos, os seus escurecidos.

—Considerarei.

Neil estava esperando-a quando ela abriu a porta para ir jantar. O coração deu um salto ao pensar que era James quem estava recostado contra a parede, com suas longas pernas embaixo do kilt, seu bonito rosto de perfil. Mas quando se virou para ele, soube que era Neil.

—Senhorita Graham —disse separando-se da parede.

—Lorde Torridon.

—Por favor, me chame de Neil.

—Por favor, me chame de Ellen.

—Posso escoltá-la até o salão?

—É obvio —disse enquanto ele se colocou a seu lado.

Falaram do clima, do maravilhoso entardecer. Ela esperava que terminassem os comentários corriqueiros e chegasse ao ponto que interessava, o qual aconteceu quando se detiveram na parte superior da escada.

—Tem propriedades, Ellen? —perguntou-lhe.

—Não. Uma pequena renda de minha avó, mas não propriedades.

—Então, deve casar-se bem —Seu tom era tranquilo, mas seu olhar intenso.

—Asseguraram-me que sempre terei um lar com minha tia B. Minhas necessidades são poucas. Não preciso me casar absolutamente.

Neil levantou uma sobrancelha.

—Uma mulher independente.

—Sim se fosse necessário. —Desceu quatro degraus; ele a seguiu.

—Que interessante.

—Casarei-me quando assim o desejar —disse Ellen, e continuou descendo as escadas—. Não estou em busca nem de fortuna nem de títulos; conheci homens com títulos, mas sem maneiras.



Quem iria querer um deles? A vida seria um eterno combate.

Neil lançou uma gargalhada.

—Confirmo o recebimento da indireta, senhora.

Cravou a vista nos olhos do irmão de James.

—Não me casarei se não estiver apaixonada.

—Um nobre sentimento. Não muito prático. Tome por exemplo ao Jamie. Se casasse com uma das filhas de MacLeod, evitariam-se os confrontos que tiveram os clãs. Se eu me casasse com uma Mackenzie, fortaleceria a aliança que temos com eles.

—Se estiver considerando casar-se com uma MacKenzie, fortaleceria sua aliança grandemente. Em consequência, certamente iria querer que seu irmão se casasse com quem desejasse. Seria um luxo que você não poderá dar-se.

Neil sorriu sardonicamente.

—Não considerou — perguntou ela —, que possivelmente você está exagerando ao tentar proteger James de mim? Possivelmente ele não necessite nem deseje seu amparo.

Neil lhe dispensou um olhar gélido.

—Possivelmente você quer monopolizar sua atenção. Possivelmente você simplesmente não sabe como compartilhar James com ninguém exceto com Duncan.

—Possivelmente não deseje compartilhar James com uma mulher a quem não importa o que é melhor para ele.

—Se esse fosse o caso, você teria razões para desconfiar de mim. Mas não é. —Se deteve um degrau acima dele, mantendo as olhares ao mesmo tempo—. Me preocupo muito por seu irmão. Ele foi valente e amável, e acredito que é maravilhoso. Só quero o melhor para ele. Mas ele deve escolher o que considerar melhor, não você. Algum dia você terá que compreender o fato de que James tenha sua própria vida, o qual pode incluir casar-se, inclusive com alguém não escolhido por você. Não seria bom que seu irmão, o homem mais próximo que tem no mundo, pudesse ser feliz onde e com quem escolha?

—O matrimônio é uma questão prática, senhorita Graham.

—Lamentável concepção para a mulher que compartilhe sua vida. O matrimônio pode ser muito mais que isso.

Assim foi para seus pais. Disseram que foram muito felizes, e sua infância se viu enriquecida por isso. Observou a mudança de expressão em seu rosto. O dardo havia acertado o alvo branco

—Pense bem antes de me transformar em sua inimiga, Neil. Vocês podem ser gêmeos, mas não são idênticos. Seu irmão tem coração. —Passou junto a ele e continuou descendo as escadas.

—Eu também, Ellen — disse em voz baixa e furiosa—. E destruirei a todo aquele que tente machucar a meu irmão.

—E eu o ajudarei —disse ela.

Os três dias seguintes foram claros e ensolarados. O quarto trouxe visitantes. Laird MacLeod não apareceu, mas enviou um emissário, seu sobrinho, acompanhado de suficientes homens para começar uma pequena guerra. Neil se sentou com James e Duncan na longa mesa do salão. Os três se mantinham sérios enquanto o sobrinho de MacLeod e seus homens falavam entre eles



sem tom nem som. Indubitavelmente, nunca tinham visto alguém tão carente de diplomacia.

Finalmente, MacLeod se dirigiu para a mesa, respirou profundamente, e disse que seu laird estava muito ocupado para ocupar-se desse assunto, que ele tinha ido em seu lugar para falar com Neil. Neil o olhou e levantou uma sobrancelha.

—Não falarei com você —disse Neil—.Diga a seu laird que deve vir ele mesmo para falar comigo. E que traga dinheiro. Tem dívidas a pagar aos homens de meu clã.

O emissário cruzou as mãos diante dele.

—Meu laird diz que você lhe deve dinheiro pelas cinco fazendas que atacou e por todo o gado que levou.

Neil se reclinou na mesa e cruzou os braços.

—Sua gente atacou as moradias de minha gente e matou a três de meus homens. Eu não matei nenhum. Ficarei com o gado. E os prisioneiros, por agora.

—Meu laird diz que seu irmão assassinou a um de nossos homens em Dunfal Andy e que nos deve entregá-lo para que seja castigado.

Neil sorriu lentamente.

—Seus companheiros tentaram atacar a meu irmão em seu caminho de volta para cá. Pergunte a seu laird se quiser a guerra. Diga que se a deseja, ficarei feliz de satisfazê-lo. Diga que meus homens necessitam de práticas de combate e não me ocorre um grupo melhor para arrasar que o seu. Fale que deve pensar muito cuidadosamente o que vai fazer porque nós estamos preparados e desejosos. Agora vá.

Neil esperou até que o emissário e seus homens partissem, depois ficou de pé e fez um gesto a James e a Duncan para que o seguissem. Se os MacLeod queriam guerra, seu humor estava o suficientemente belicoso para agradá-los.

Capítulo 13

Ellen observou James, que caminhava pela sala sumido em uma conversa com seu irmão. Ele já se esqueceu dela, pensou, e tentou controlar o pânico que experimentava.

Era ridículo que se sentisse assim. Certamente era lógico que Neil desejasse discutir o tema dos MacLeod. Por que se sentia tão abandonada?

Sabia por que. Tinha subestimado o vínculo entre os irmãos. Da conversa que tinha mantido com Neil, ele se tinha levado de maneira encantadora com ela, mas havia mantido James tão ocupado que quase não tinham tido um momento para falar, nem muito menos para estarem sozinhos. Sentia falta de James, suas carícias, seus beijos, a atenção que dispensava. Duvidava que James se desse conta sequer de que Neil os mantinha afastados de propósito.

Tinha sido uma idiota ao revelar seu jogo. Se tinha pensado em intimidar Neil MacCurrie, tinha estado muito equivocada. Ele tinha todas as vantagens. Era o irmão de James, e seu chefe. Era razoável que, com a guerra no horizonte, necessitasse a completa atenção de James. Todos estavam trabalhando muito para preparar-se para o futuro.

Perguntou a Anne e Mairi se podia ajudar em algo, e imediatamente a puseram para trabalhar, o qual a ajudou a passar o tempo. Fez trabalhos, cerziu a roupa que os homens



necessitariam para ir à guerra e fiscalizou ao pessoal doméstico enquanto armazenavam mantimentos com a possibilidade de um ataque. O trabalho parecia interessante e ouviu várias histórias de quando James, Neil e Duncan eram pequenos.

A metade de um adorável dia da primavera, quando o ar era quente e vários dos membros do clã tinham saído para desfrutar do clima, laird MacLeod foi anunciado. Ela quase havia esquecido que os prisioneiros ainda aguardavam nas celas dos estábulos. A família se achava almoçando mas tudo foi rapidamente retirado quando o arrendatário chegou. MacLeod já não era jovem, movia-se com dificuldade e seu pesado corpo se balançou ao aproximar-se da mesa.

A negociação foi rápida. MacLeod fingiu que os homens de seu clã tinham agido sem seu conhecimento ou aprovação, e Neil fingiu acreditar. Do mesmo modo, aceitou deixar à maioria dos prisioneiros livres. MacLeod não se faria cargo de nenhuma compensação. Neil conservaria o gado que levou, o qual seria devolvido aos fazendeiros a quem tinha pertencido. E também ficaria com um dos prisioneiros. O neto de MacLeod permaneceria no Castelo Currie como garantia da continuidade do bom comportamento dos MacLeod. Depois, Neil recostou-se no assento enquanto James dizia a MacLeod que se voltasse a haver outra tentativa de emboscada, ele mesmo faria recair todo o poder das forças de Torridon sobre suas aldeias.

MacLeod tentou simular não estar incomodado, mas saiu velozmente da sala com o rosto pálido.

Ellen se dirigiu ao jardim junto a outros para presenciar a partida dos MacLeod. O jovem que permaneceria com eles saudou com a mão a seu avô e depois se virou para Neil para olhá-lo com olhos desafiantes.

—Sabe que está aqui para proteger a paz entre nós? —perguntou-lhe Neil.

O jovem assentiu.

—Façamos isso, juvenzinho. Mantenhamos a paz para variar. Já houve suficiente derramamento de sangue. —Lançou um olhar a James—. E massacres evitados. Sabe que se meu irmão ficasse ferido teriam morrido todos?

O jovem voltou a assentir.

—Bom. Então esperemos que por seu bem, seus parentes se comportem como é devido.

Venha, juvenzinho, vamos conseguir um pouco de uísque. Foi um dia comprido não é assim?

Neil encabeçou a marcha para o interior e todos outros o seguiram, exceto James e Ellen.

—Pareceu fácil —disse ela.

—Sim, se não levar em conta que tentaram nos assassinar na emboscada.

—E por que concordaram tão rapidamente?

—Não necessitamos que haja duas guerras ao mesmo tempo e, obviamente, eles tampouco.

—Fez uma pausa enquanto observava as almenas, depois a olhou nos olhos—. Haverá uma reunião dos clãs do norte em Inverness. Seu primo John estará lá.

—Quem assistirá?

—Duncan e eu.

Ellen o olhou por um momento tentando controlar a repentina onda de medo que a sobressaltou.

—Quando é?



—Dentro de uma semana contando a partir de amanhã.

—Durante quanto tempo estará fora?

—Por volta de cinco dias, possivelmente mais se chover e as estradas se tornarem intransitáveis. — Repentinamente lhe sorriu—. Não espero que haja o mesmo aquecimento que na última reunião.

Ela abraçou a si mesma.

—Pensa que Fraser estará ali?

—Não se arriscará, Ellen. Muita gente sabe quem é e o que tentou fazer. Não, terá retornado para Dundee ou Edimburgo ou aonde quer que seja o lugar de onde provém.

—Possivelmente tenha enviado a alguém mais.

—Seu primo sabe o perigo que corre. Estará bem protegido.

—Posso te acompanhar?

—Adoro sua companhia, mas será melhor que fique aqui. Será uma viagem extenuante e depois terá que retornar para casa. —inclinou-se para beijar sua testa—. Não tema, Ellen. Seu primo estará a salvo.

—E quanto a você e Duncan?

—Também estaremos a salvo, pequena. Não se assuste tanto, Ellen. trata-se só de uma reunião. Estaremos bem. E você estará a salvo aqui.

Ela assentiu, ainda cética.

No dia seguinte chegou um navio proveniente de Kilgannon, trazia cartas de Lochiel e de Alexander MacGannon para Neil. E uma para Ellen de parte de sua mãe. O capitão do navio entregou as cartas em pessoa e depois se uniu a família para a refeição. Ellen tentou concentrar-se enquanto o capitão lhes disse que os clãs que cercavam Kilgannon estavam se preparando para a guerra, mas escutou pouco do que ele dizia, sua mente estava no que sua mãe teria escrito.

Finalmente, o homem partiu com direção norte para trazer mais notícias. Os três primos se retiraram para falar sobre suas cartas e Ellen foi a seu quarto e abriu a carta de sua mãe enquanto fechava a porta atrás de si.

“Minha querida Ellen”, tinha escrito sua mãe.

Os olhos de Ellen se encheram de lágrimas. Tudo estava bem, sua mãe ainda a amava, inclusive depois de tudo o que tinha acontecido. Desabou na cama e continuou lendo.

Rose escreveu que se horrorizou por todo o acontecido. Não estava contente de que Ellen tivesse ido a Dunfal Andy, embora compreendia por que o tinha feito, e a felicitava por sua coragem. Estava agradecida a James por haver salvado a vida e pedia que agradecesse por parte dela. Reconfortava-lhe que Hugh só tivesse comentários favoráveis dos MacCurrie.

Ellen também devia agradecer a Neil sua adorável carta oferecendo sua hospitalidade a sua filha durante o tempo que fosse necessário; Rose enviava saudações a todos em Torridon. Ellen fez uma pausa para olhar ao outro lado do quarto. Neil nunca tinha mencionado haver escrito a sua mãe. Mas de qualquer maneira não faria ou sim?

No referente a Pitney, Rose estava escandalizada além do que podia expressar. *“Sabia que*



frequentava a companhia de homens indesejáveis”, escrevia sua mãe, “mas não tinha nem ideia pelo que planejavam, o teria puxado as orelhas se soubesse, me acredite. Já tinha feito algumas averiguações com o advogado de B antes de partir. Averiguarei mais na minha volta”.

Tudo estava bem em Glengarry, inclusive apesar da comoção existente no resto do país. Margaret tinha dado a luz sem complicações a um menino robusto e saudável. Hugh estava emocionado e se pavoneava como se fosse o primeiro homem que tivesse procriado um filho. Haviam chamado o menino de Richard, em honra ao pai da Margaret e Ellen, o qual havia agradado muito a Rose. Flora ainda estava com eles mas Tom tinha partido para reunir-se com John, e Rose estava temerosa das consequências que poderia conduzir a guerra.

Rose também estava preocupada com a tia B, com Pitney ainda em Netherby. Assim que as coisas estivessem um pouco mais calmas, partiria para Torridon para procurar Ellen. Pelo momento, enviava-lhe seu amor e lhe aconselhava que fosse cuidadosa e que permanecesse onde estava a salvo.

Ellen leu a carta três vezes. Sua mãe escrevia da mesma maneira em que falava, e se precaveu de quanto sentia saudades a sua família. Se só pudessem estar a salvo em Netherby... Mas Pitney se encontrava lá, pensou enquanto a ira a dominava. Ele era a causa de tanto mal. Se não tivesse permitido que os assassinos utilizassem sua casa para planejar o assassinato de John, Evan ainda estaria vivo. E também os homens de John. E Britta e Ned estariam a salvo em seu lar ao invés de acharem-se desaparecidos.

Sorriu ao imaginar sua mãe partindo de volta para Netherby para expulsar Pitney. Não tinha nenhuma dúvida de que Rose sairia triunfante. Se B a apoiasse, possivelmente até poderiam conseguir a anulação do matrimônio; tinham ocorrido as coisas mais estranhas.

Ellen dobrou a carta com cuidado, depois se recostou na cama e observou o dossel enquanto sentia falta da sua mãe, de suas irmãs e de B. Nesse momento parecia impossível ir a Netherby, mas talvez fosse a hora de fazer planos para ir para Glengarry, de confrontar o futuro.

Sabia que James gostava dela, podia notar que seus olhos se iluminavam ao vê-la, percebia seu aquecimento quando ela se aproximava. Mas existia uma certa reserva, um retraimento nele que possivelmente ela nunca conseguisse penetrar. Por que ficava? Para desatar uma guerra com seu irmão e conseguir beijos roubados de James no corredor? Meneou a cabeça. Não transcorreria muito tempo antes que terminasse em sua cama, sem nenhuma promessa, sem anel e sem nenhum plano para o futuro. Se a ruptura era o que ia ocorrer, melhor que fosse agora. Mas como propiciá-la?

Lochiel tinha escrito que estava recrutando homens e planejava contar com o apoio de Neil; Kilgannon tinha escrito algo muito similar. Ambos solicitavam a James um relatório da reunião em Inverness. Os primos quase não falaram de outra coisa durante o jantar. Sua avó se uniu a discussão, mas Ellen permaneceu em silêncio, igual a Anne, quem só manifestou que não desejava perder a outro ser amado. Fez-se um silêncio, depois James se inclinou para diante com um sorriso.

—Isso não acontecerá, mãe. Recorda, a lenda diz que conduziremos ao clã a um período de cinquenta anos de paz. Devemos estar aqui para isso.



— E Duncan? —perguntou Anne—. Pode garantir a segurança de Duncan?

—Ele não pode fazê-lo —respondeu Duncan—. Mas eu sim. Voltarei para casa.

Anne mostrou um sorriso triste.

—Tomo a palavra.

—Eu também—disse Mairi.

—Tudo depende de que a França e Irlanda enviem tropas, mãe —disse Neil—. Se fizerem, triunfaremos rapidamente.

— E se não?

Neil riu.

—Triunfaremos lentamente.

Anne observou a seus filhos e a seu sobrinho um momento, depois assentiu com a cabeça antes de virar-se para Ellen.

—Como se encontra sua família?

—Todos estão bem, obrigado. Minha irmã teve um filho e minha mãe envia saudações para todos. Neil, ela me pede que te agradeça a carta que lhe enviou.

As bochechas de Neil avermelharam.

—De nada. Foi ideia de minha avó, mas me agradou fazê-lo. —Fez uma pausa e depois a propinou um amplo sorriso—. Não sou o ogro que supõe.

—Não —disse Ellen enquanto se ruborizava—. Obrigado de novo.

Neil inclinou a cabeça graciosamente. James agarrou a mão de Ellen por debaixo da mesa e surpreendeu-se ao receber uma resposta apenas morna.

Dois dias depois, James e Duncan partiram ao amanhecer levando cartas de Ellen dirigidas a seu primo e a seu cunhado, foram acompanhados de seis homens e dezoito bandoleiras com pólvora.

Ela tinha levantado cedo para despedir-se de pé, no pátio, junto a Neil sob a brumosa luz, enquanto os homens montavam e se viravam para despedir-se pela última vez.

Duncan disse que esperavam um clima muito mais tranquilo nesta reunião, já que ela não estaria presente. Ellen riu com ele e lhe desejou uma viagem segura. James, quem a tinha observado com expressão indecifrável, aproximou seu cavalo e se inclinou.

—Sentirá minha falta, pequena? —perguntou baixinho.

Colocou a mão na sua bochecha.

—Mais do que imagina. Por favor tome cuidado.

—Tomarei. Farei arder a estrada até Inverness para voltar a estar com você o quanto antes.

—Inclinou-se um pouco mais e beijou sua testa—.Sentirei sua falta, Ellen. Mantenha-se a salvo até minha volta.

Ela assentiu com a cabeça.

—Farei isso—disse—. Você faça o mesmo.

—Farei. —Voltou a acariciar sua bochecha, endireitou-se sobre a montaria e fez um gesto a seu irmão lhe dando o sinal de partida à pequena tropa.

—Que Deus te acompanhe —disse ela.



James saudou com a mão antes de atravessar a primeira torre de vigilância. Neil lançou a Ellen um olhar e depois se afastou dando grandes passos e deixando-a só no pátio. Ela juntou as mãos à altura da garganta e elevou uma prece rezando para que estivesse a salvo, ignorando o sentimento de perda que a sobressaltava.

Tinham passado seis dias desde a partida de James quando Ellen recebeu as cartas. Em um primeiro momento se sentiu feliz. Duas cartas, pensou enquanto caminhava encantada para seu quarto. Nunca tinha recebido duas cartas ao mesmo tempo. Uma era de sua mãe e a outra de tia B. Sorriu para si enquanto abria primeiro a carta de sua mãe.

Tudo estava bem em Glengarry, embora Hugh nem sequer se advinha a considerar fazer uma viagem para Torridon nesse momento. Rose concedeu relutantemente que não seria prudente viajar nesse momento. Os MacDonnell se preparavam para a guerra e estava segura de que os MacCurrie estavam fazendo o mesmo, como à maior parte da Escócia. Sabia que era pouco provável, mas ansiava o dia em que estivessem todos juntos. Se existisse alguma maneira de que Ellen pudesse chegar até eles, sua mãe ficaria encantada.

Ellen ainda sorria quando se dispôs a abrir a carta de B, mas seu sorriso desapareceu ao ler as primeiras palavras que escrevia sua tia avó.

Meu advogado morreu e devo te comentar o que fiz. Você é agora minha herdeira.

Mudei meu testamento pouco depois que partiu. Quando li sua carta em que me contava que Pitney estava com esses homens vis na casa de sua mãe, soube que tinha que mudar tudo. Não podia suportar que minhas propriedades ficassem sob o controle de Pitney, que é exatamente o que teria acontecido se não mudasse o testamento.

Até o dia em que as mulheres casadas possam controlar legalmente suas propriedades, homens como Pitney destruirão fortunas. Não desejava que isso acontecesse a sua mãe. Sei que sempre cuidará dela, o qual foi minha intenção. Cada uma de suas irmãs receberão uma soma de dinheiro considerável mas você herdará minha casa, meus pertences pessoais e minhas terras.

Fiz com que meu advogado redigisse os documentos imediatamente e que os mantivesse em seu escritório. Os documentos referidos a esta mudança desapareceram e ele está morto. Não sei o que pensar. Seu escritório foi saqueado e depois incendiado. A fumaça alertou aos vizinhos, quem achou ao pobre homem amarrado a uma cadeira com um corte na garganta. Quase não posso nem imaginar o horror de seus últimos momentos.

Ellen, Pitney é o único que tiraria proveito deste sucesso. Acaso poderia ter feito algo tão horrível?

Não sei como soube de que tudo tinha mudado, mas faz uns dias que me recriminou isso, estava completamente furioso. Eu só havia dito a meu advogado e a David, que despreza a seu padrasto.

David, a propósito, está fora de si. Pensou que estivesse morta e agora tenta compreender como é que está sã e salva em Torridon. Sabe que sempre te amou. Sempre esperei que se casassem e possivelmente agora possam fazê-lo. O dinheiro que prometi te dar como presente de bodas ainda será seu se o fizer. David conhece os detalhes.



Se cuide muito, minha querida menina. Não te escrevo para te alarmar a não ser para te informar. Minha propriedade lhe pertencerá, e precisa saber em caso de que algo me aconteça. Mantenha esta carta a salvo. O sócio de meu advogado concordou em me ajudar a cumprir meu desejo e está redigindo novos documentos, mas nunca se sabe o que pode acontecer. Fique onde está. Já tomei precauções para me manter a salvo aqui.

Com amor, Bea

Ellen voltou a ler a carta. Olhou à distância para convencer-se de que o que acontecia era real.

Encontrou Neil na sala e o separou dos homens com quem estava conversando, dizendo que precisava falar com ele. Ele entrecerrou os olhos mas a seguiu até um canto da sala e cruzou os braços sobre o peito da mesma maneira em que James sempre fazia. Ela o observou por um momento, tentando achar as palavras adequadas. Finalmente, deixou que lesse a carta de B. Ao finalizar, olhou-a com o sobrecenho franzido, já não havia indícios de impaciência.

—Devo partir imediatamente —disse ela.

—De que maneira ajudará se for para Nerherby?

—Não irei para Netherby; irei para Glengarry. Minha mãe precisa saber do acontecido. Juntas decidiremos o que devemos fazer.

—Acaso B não terá escrito a sua mãe também?

—Possivelmente. Provavelmente. Mas Hugh não a permitirá vir.

Neil a olhou durante um momento com expressão preocupada, depois assentiu.

—Que deseja que eu faça, Ellen?

—Envia homens comigo para Glengarry. Cavalgarei tão rápido quanto me for possível e depois eles poderão retornar.

Neil meneou a cabeça e Ellen sentiu uma profunda decepção no coração.

—Não —disse ele—. Posso te enviar de navio até Kintail e pode cavalgar de lá. Será muito mais rápido.

Ela deixou sair o ar que nem sequer se precaveu que estava prendendo, depois se esticou para lhe beijar a bochecha.

—Obrigado—disse—. Obrigado Neil.

Parecia envergonhado.

—Se houver alguma outra coisa que necessite me dirá, de acordo?

—Farei. Quando poderemos partir?

—Com a maré. Avisarei aos homens. Prepare seus pertences, pequena.

Partiram em questão de horas. Ela tinha reunido suas escassas posses e por uma vez se alegrou de levar tão poucas coisas consigo. Depois escreveu uma carta a James em que lhe agradecia por havê-la resgatado, por havê-la levado a sua casa e por seus cuidados. Não se atreveu a dizer que o recordaria para sempre. Assinou a carta só com seu nome e a deslizou por debaixo da porta de seu quarto.

No andar de baixo se despediu apressadamente de Anne e Mairi, e agradeceu tudo o que tinham feito por ela. Juntaram as mãos e a abraçaram, pedindo que ficasse, dizendo que



temiam por ela. Ellen meneou a cabeça e disse que devia partir. Finalmente concordaram, Anne secou uma lágrima ao se despedir. Mairi mostrou um sorriso valente.

Neil a acompanhou ao navio e a ajudou a subir. Deu-lhe cartas que disse a apresentariam perante os homens cujas terras cruzaria a cavalo e depois se ofereceu a ir com ela. Por um momento ela se viu tentada a aceitar a oferta mas sabia que ele devia ficar em Torridon e lhe agradeceu por deixá-la usar sua embarcação e por haver atribuído aos dez homens que enviava com ela.

—Precisam de você aqui, Neil. É melhor que permaneça em Torridon. Mas agradeço por tudo.

Segurou sua mão entre as suas.

—Desejo uma viagem segura, Ellen Graham.

Os olhos dela voltaram a se encherem de lágrimas e lhe agradeceu seus cuidados novamente.

Ele voltou para o bote e saudou com a mão enquanto remavam para a costa. E depois, ela empreendeu a viagem.

James franziu o cenho. A mensagem de Neil era confusa. Não havia indícios de perigo nem de temor. Só uma desculpa. Por quê? O que tinha acontecido? Ficou de pé, passou junto ao banco lotado de highlanders e se dirigiu para um lateral da lotada sala onde havia menos homens.

Duncan o seguiu mas James só meneava a cabeça. Não sabia o que Neil sentia, mas era poderoso. Satisfação mesclada com remorso? Uma desculpa? Não tinha sentido. Ellen. Só podia tratar-se de Ellen. Sentiu que o coração dava um salto. A mensagem era que não retornasse para casa, mas que estivesse preparado. Mas para que?

Tinha sido um idiota. Deveria ter dito que a amava, deveria haver pedido que se casasse com ele, deveria ter dito que não podia viver sem ela. Fazia só alguns dias que tinha partido e já sentia saudades. Aquilo tinha que acabar. Quando retornasse a Torridon pediria que fosse sua esposa. Ao diabo com as consequências. Iria à guerra; ao menos deveria poder desposar antes à mulher que amava.

De algum jeito resolveriam os detalhes. Conhecia todas e cada uma das coisas que deveriam separá-los, mas nada parecia muito importante nesse momento. Amava-a. E o que fosse que estivesse acontecendo com Neil não mudaria as coisas. Nada do que estivesse acontecendo no mundo as mudaria.

Um rugido de aprovação por parte dos highlanders o devolveu ao presente. Os chefes dos clãs estavam de pé agora, aclamando grosseiramente. Dundee estava de pé sobre a mesa, em frente da sala, com os braços levantados. James não tinha nem ideia do que havia dito mas não importava. Aqueles homens seguiriam Dundee até o inferno e também de volta, isso era óbvio.

Quando Duncan se inclinou para perguntar se estava bem, James assentiu. Estava bem. Desposaria à prima de Dundee e depois iria à guerra com aquele homem.

A vida era de novo simples.

Essa tarde James e Duncan se sentaram com o Dundee e Tom Stuart, o cunhado de Ellen, na



pequena sala que Dundee tinha tomado como própria. Ambos os homens escutaram com expressão impávida enquanto James lhes relatava o acontecido perto de Dunfallandy depois de sua marcha. Tom estava visivelmente zangado enquanto falava de Pitney Malden e do que gostaria de fazer. Negou com a cabeça quando James perguntou se tinha escutado algo de Cecil Fraser, mas disse que faria averiguações.

James entregou as cartas de Ellen e viu como suas expressões se suavizavam ao lê-las. Se precaveu de que aqueles homens gostavam da mulher que ele amava e sentiu uma conexão com eles que nunca tivesse esperado sentir. Logo pertenceriam à mesma família.

—É uma grande mulher, nossa pequena Ellen —disse Dundee—. Sempre foi valente mas não tinha ideia de quão audaz podia ser. Gosto muito dela.

James assentiu.

—Eu também.

—Ah. Isso me parecia.

Tom entrecerrou os olhos.

—Quanto a quer?

James riu.

—Não lhe fiz mal, Stuart. Encontra-se a salvo e bem protegida em Torridon.

—Durante quanto tempo a manterá lá? —perguntou Tom.

—Casarei com ela.

Duncan lançou-lhe um olhar penetrante e Tom se voltou para trás enquanto cruzava os braços.

Dundee sorriu.

—Quase nem me surpreende, MacCurrie. É James e não Neil?

—James, senhor. Todo o tempo.

—Assim acreditei. Tem minha bênção. Que tenham juntos uma longa e ditosa vida. Que todos tenhamos uma vida larga e ditosa. —Pedi uísque—. Finalmente temos algo que celebrar, cavalheiros. —Aguardou enquanto enchiam os copos e depois levantou a taça—. Pelo amor, a felicidade e por burlar à morte.

“Por burlar à morte”, pensou James, as palavras ressonaram em sua cabeça. Sentiu que se crispava o cabelo da nuca.

Ellen franziu o cenho e olhou ao céu. Certamente restava mais uma hora de luz. Mas se precaveu de que não era assim, já estava tão escuro que quase não podia distinguir a fazenda que se achava justo diante dela. Mordeu o lábio enquanto indicava a si mesma ser paciente. O avanço parecia lento, mas só tinham passado alguns poucos dias desde que tinha estado em Torridon lendo horrorizada a carta de sua tia B.

Tinha chegado a Kintail no navio de Neil e ao apresentar aos MacRae a carta que tinha dado a tinham recebido muito bem. Passou uma cômoda noite na casa de Eilean Doam, mas quase não reparou no adorável castelo. Do mesmo modo que no dia seguinte só lançou um fugaz olhar às Cinco Irmãs, as montanhas que custodiavam o caminho para o leste.

Contou as milhas que faltavam até chegar a Glengarry e as horas que tinha estado separada



de James.

Em todas partes se falava de guerra, da reunião em Inverness, da qual se dizia que era a última antes da convocatória para reunir-se com o exército de John. Quem tinha tempo para o amor? Por que, então, se sua mente o compreendia, espremia o coração ao pensar em James retornando a Torridon e sabendo de que a tinha partido?

Provavelmente nunca voltaria a vê-lo. Ouviria dele nos anos vindouros, que se tinha casado com a jovem dos MacLeod ou dos MacKenzie, que Neil também se casou, que os irmãos MacCurrie estavam povoando o mundo com meninos de cabelo escuro que tinham os mesmos olhos tão azuis de seus pais. Seria algo insuportável. Ou acaso a dor se atenuaria com o passar dos anos, da mesma maneira que tinha acontecido a B?

E o que faria ela? Provavelmente nunca se casaria. Viveria com B, e possivelmente também com sua mãe. Três mulheres desafortunadas no amor. Certamente B iria querer que se casasse com David, mas isso terminaria assim que ela relatasse o que realmente tinha acontecido. Quão descarado tinha sido ao retornar a sua casa e dizer a B que estava certo de que Ellen havia morrido. Que história teria urdido para explicar como ele tinha sobrevivido e ela não? Catherine era ideal para ele.

Finalmente chegaram a Glengarry. Os homens postados se negaram a deixá-la avançar mais lá do posto de guarda. Disseram que enviariam uma mensagem a Lorde Hugh informando de que uma mulher que dizia ser sua cunhada tinha chegado do oeste. Ela assentiu, sentindo-se muito desventurada para discutir, e aguardou sob o úmido orvalho quando foram buscá-la. Ao menos tinha parado de chover.

Alguns poucos minutos depois apareceu um homem corpulento vestido de negro cujo cabelo ondeava detrás dele ao tempo que avançava cavalcando a toda pressa pelo caminho que conduzia ao castelo. Os homens do Neil, com o rosto sombrio, murmuraram algo e extraíram as armas.

Os homens de Hugh fizeram o mesmo enfrentando aos estranhos com olhos preocupados. Ellen os ignorou a todos. O homem que avançava velozmente para ela era seu cunhado. Levantou o braço para saudá-lo. Não lhe devolveu a saudação mas sim derrapou até deter-se diante dela, seu cavalo respirava pesadamente.

—É você, Ellen! Por que veio ?

—Recebi carta de B, Hugh. Vim ver minha mãe. Estão todos bem? Margaret encontra-se...?

—Margaret e o bebê estão bem. Todos estamos bem. Mas sua mãe se foi. Saiu rumo a Netherby faz três dias.

—Foi embora? Como pôde ter ido? —James olhou fixamente a seu irmão.

Neil falou a respeito da carta de B, explicou-lhe quão insistente tinha sido Ellen para que a deixasse partir imediatamente. James não conseguia compreendê-lo. Tudo o que compreendia era que tinha partido. Por que não o tinha esperado? Se o tivesse feito tão somente alguns poucos dias mais, ele poderia havê-la acompanhado. Ela conhecia seu itinerário mas tinha preferido não esperá-lo.

—Como pôde deixá-la partir? —exigiu uma resposta de Neil.



Tiamat World

A Lenda do Highlander Gêmeos MacCurrie 01

—Não pude detê-la, Jamie.

—Uma jovem, uma mera jovem insignificante e não pôde detê-la?

—Ellen insistiu.

—Não tentou detê-la —disse James—. A ajudou a partir. Proporcionou-lhe uma maldita embarcação e uma escolta para que se fosse.

—Não foi assim! —disse Neil—. Sim, ajudei-a, mas era o que ela queria. Eu só tentava ajudar.

—Não queria que ficasse aqui.

—A princípio, não.

—Nunca quis que ficasse. Fez tudo o que estava a seu alcance para que quisesse ir embora. Poderia ter ido para Inverness mas quis que fosse eu. Manteve-nos afastados. Não pense que não percebi.

—Não o fiz, Jamie.

Os irmãos se olharam nos olhos, depois James emitiu um som de desgosto.

—Scot, sabia —disse—. Me disse que não pôde detê-la. A verdade é que nem sequer tentou.

—Não —disse Neil.

—Casarei-me com ela, Neil.

—Precisa pensar melhor. Ela é oriunda das Terras Baixas.

—É a prima de Dundee. Isso tem que ser recomendação suficiente.

—Não tem dinheiro.

—E eu não necessito.

—E as alianças?

—Casará-se com uma MacKenzie. Isso deveria bastar.

—Ainda restam os MacLeod.

—Assustou-os o suficiente da última vez. Faça de novo. Casarei-me com Ellen se ela me aceitar.

—Aceitará, Jamie. Não tema que não o faça.

—Então, por que se foi?

—Temia por alguém a quem ama. Sua tia avó tem a mesma idade que nossa avó. O que faríamos nós se a avó nos tivesse escrito uma carta como essa?

—Ir com ela.

—Sim, e é justamente isso o que Ellen fez.

—Defende-a agora?

—Estou explicando o que fez.

—Estava acostumado a pensar que ia atrás de meu dinheiro.

Neil pareceu incômodo.

—Sim.

—E agora?

—Não.

—Inclusive quando partiu para descobrir que herdaria? Acaso isso não te faz pensar que partiu uma vez que já que não precisava de mim?



—Acaso é tolo? Ela não é dessas.

James sorriu.

—Não, não é.

Neil o observou com os olhos entrecerrados.

—Estava-me provando?

—Sim.

—E?

—Passou.

Neil se recostou contra a parede e sorriu amplamente.

—É um bastardo.

—Se for, você também é.

—De verdade irá atrás dela?

—Sim.

—Você levará alguns homens contigo.

James assentiu.

—Que mais precisa?

—Sua bênção.

Neil estendeu a mão.

—A tem, Jamie. Vá e traga-a de volta para casa.

Capítulo 14

Ellen se sentiu doente. Queria ver sua mãe. Era impossível que Rose se foi.

—Escreveu-te antes de partir —disse Hugh com tom amável.

—Não recebi a carta —disse Ellen.

—Não. Venha pequena, Margaret deseja vê-la e Flora também.

Fez um gesto aos homens que a acompanhavam para que o seguissem. Ellen lhe permitiu que a conduzisse colina acima.

Suas irmãs lhe deram as boas-vindas com gritos de alegria e quentes abraços. Margaret, depois de repreendê-la por não ter permanecido a salvo em Torridon, conduziu Ellen ao berço onde dormia seu filho. Flora agarrou o braço de Ellen enquanto se inclinavam para observar seu sobrinho.

—É lindo —disse Ellen.

Margaret resplandeceu. Hugh se inquietou e Flora riu.

—Maravilhoso, Ellen. Esplêndido. Meu filho não é lindo, pequena?

Ellen sorriu a seu cunhado.

—É lindo, Hugh.

—Sim não é verdade? —Margaret colocou brandamente um dedo sobre a bochecha de Richard. O bebê se virou ao ser tocado—. Não ainda, pequeno. Durma agora. Preciso falar com sua tia Ellen.

—Tia Ellen! Acaso não soa adorável? —exclamou Flora.



Ellen assentiu.

—E também tia Floresce.

—Quero ter um bebê —disse Flora.

Ellen riu junto com o resto.

—Pelo amor de Deus, Flora. Só está algumas poucas semanas casada!

A expressão de Flora se tornou séria.

—O que acontecerá se Tom não retornar? Espero já estar grávida. Do contrário. Pode ser que nunca tenha um bebê!

Ellen olhou a Flora, horrorizada por sua própria falta de consideração. Tinha estado tão imersa nas preocupações por John, e por James, que nem sequer tinha pensado no perigo que corriam Tom e Hugh, nos temores aos que enfrentavam Margaret e Flora, o flamejante marido de Flora já tinha partido para a guerra. O filho da Margaret tinha só algumas semanas de vida, mas seu pai logo partiria também. Ela não era a única que se preocupava com o homem que amava.

—Tom retornará para casa —disse Hugh—. Não se atormente. Ele retornará para casa.

Margaret assentiu.

—Venceremos e o rei Jacobo será restituído, e tudo no mundo ficará bem.

Flora os olhou com lágrimas nos olhos.

—Rezo para que esteja certo.

—Estou —disse Margaret com sua antiga pujança ressurgida—. Venha Ellen, troque essa roupa úmida. Daremos algo para você comer e depois falaremos.

—Sei que se pergunta por que deixamos que mamãe fosse para casa —disse Flora—. Mas não pudemos detê-la. Já sabe como fica quando está determinada a fazer algo. E não permitiu que a acompanhasse. Disse que podia correr perigo porque Tom está com John e que necessitava ficar aqui para cuidar de Margaret. Mas realmente tentei, Ellen.

—Hugh enviou tantos homens para acompanhá-la como pôde —disse Margaret enquanto olhava fugazmente a seu marido—. Ele não pôde ir porque Glengarry necessita de sua presença aqui. Todos estão em meio dos preparativos para unir-se a John. Os homens que foram com ela tinham ordens de assegurar-se de que tanto nossa mãe como B estivessem a salvo antes de as deixar lá.

—E se não o estivessem?—perguntou Ellen.

—Então as trariam para casa.

—Para casa? Aqui?

Margaret sorriu.

—Aqui, Ellen. Este é meu lar agora.

—Está muito pálida, Ellen —disse Flora.

—Estive preocupada com B, e agora por mamãe.

—Os homens de Hugh cuidarão de ambas —disse Margaret—. Desejo que tragam de volta B e a nossa mãe. Ao menos você está aqui agora.

—Irei a Netherby.

Margaret trocou outro olhar com Hugh.



—Não acredito. Troque de roupa. Logo falaremos.

Falaram até altas horas da noite. Ellen relatou tudo o que tinha ocorrido desde o casamento de Flora, sem passar por cima de nenhum detalhe e, exceto o que tinha acontecido na caverna e o fato de que amava James. Flora relatou sua lua de mel, interrompida pelos preparativos para a guerra. E Margaret falou sobre sua vida em Glengarry, seu marido, seu recém-nascido e seus temores sobre o futuro.

Ellen observou a sua irmã sustentar ao bebê com um sentimento de admiração. Sua irmã tinha mudado. Suavizou-se, seu humor já não era tão frágil. Quando Ellen perguntou se era feliz, Margaret riu.

—Muito. O amor muda tudo — disse, e depois observou Ellen de maneira inquisidora—. E quanto a você? Com quem se casará?

—B deseja que se case com David —disse Flora—. Mas isso era antes.

—Acredito que escolheu a outra pessoa —disse Margaret—. Estou certa?

Ellen se ruborizou. Flora e Margaret trocaram um olhar.

—James MacCurrie —disseram em uníssono e riram.

—Estamos certas? —disse Flora enquanto se inclinava ansiosa para frente.

Ellen assentiu.

—Mas não tenho certeza de que meus sentimentos sejam correspondidos.

Flora meneou a cabeça.

—OH, não. Ele a levou para a sua casa porque não lhe ocorreu outra coisa a fazer com você. Está apaixonada. Quem haveria de dizer que esse dia chegaria? Nossa mãe vai querer conhecê-lo.

—Não acredito que tenha a oportunidade —disse Ellen.

—O que nos leva ao seguinte ponto —disse Margaret—. Ellen, não irá para Netherby.

—Margaret, sim irei.

A casa de Hugh MacDonnell era uma fortaleza cravada em uma rocha negra que se elevava no meio das montanhas que a rodeavam. Estava bem protegida, e os guardas estavam atentos a quão estranhos tinham chegado justo ao pôr do sol.

James deu seu nome e depois esperou enquanto um mensageiro foi enviado à casa. Alguns momentos depois, o mensageiro retornou dizendo que James era bem-vindo.

“Ellen”, pensou, “cheguei.”

Seus homens foram conduzidos à sala mas ele foi levado a um salão ensolarado. Havia duas mulheres sentadas juntas em uma poltrona e detrás delas um highlander de pé. O homem era alto e estava parado com as pernas um tanto separadas e os braços cruzados. “Deve tratar-se de Hugh”, pensou James, “e elas devem ser as irmãs de Ellen”. Uma das mulheres era muito parecida com Ellen, mas parecia mais velha, era bonita também e tinha o cabelo mais escuro; a outra era mais loira e era muito bela. E muito curiosa.

—MacCurrie —disse o homem enquanto lhe estendia a mão—. Bem-vindo. Sou Hugh MacDonnell. Esta é minha esposa Margaret e ela é minha cunhada, Floresce Stuart.



James tirou a boina e se inclinou levemente.

—Senhor. Senhora. Madame. Obrigado por sua hospitalidade.

—De nada —disse Hugh—. Que tal a viagem desde Torridon?

—Sem inconvenientes.

—E você se dirige para...

—Vim procurar à senhorita Graham.

Hugh trocou um olhar com sua esposa e depois olhou para James.

— Por quê?

—Devo falar com ela.

—Por quê?

James levantou o queixo.

—É uma questão entre Ellen e eu.

Hugh o olhou penetrantemente e depois se aproximou da mesa, serviu dois copos de uísque e entregou um a James.

—Peço que se sente —disse Hugh—. Não nos conhecemos. Falaremos durante um momento. Como conheceu Ellen?

—Ambos nos encontrávamos em Dunfal Andy —disse James em tom neutro.

—Isso ouvi. E todos os das Terras Altas escutaram a história.

—Pergunte a Glengarry se deseja que alguém testemunhe, MacDonnell. Ele me conhece, também conhece Ellen. Passou um pouco de tempo falando com ela. —Começou a entrecerrar os olhos—. Ela foi ver Glengarry?

Margaret trocou um olhar com Flora.

—Não —disse Hugh.

—Madame —disse James a Margaret—, preciso falar com sua irmã. Ela se encontra aqui? Você poderia chamá-la?

Hugh bebeu um gole de seu uísque.

—Como sabemos que não deseja lhe fazer mal?

—Pergunte a Ellen—disse James. Sentou-se na cadeira que se achava detrás dele - Esperarei. Pergunte a ela e veja o que lhe diz.

—Não podemos—disse Margaret.

—Margaret!—exclamou Hugh.

Margaret franziu o sobrecenho.

—Pelo amor de Deus, Hugh, não simulemos algo que não é. Senhor MacCurrie, por que precisa falar com minha irmã?

—Ela partiu de Torridon enquanto estava em Inverness, madame, para vir aqui ver sua mãe. Ficaram coisas por dizer entre nós.

—Ela vai querer ouvi-las? —perguntou Flora.

—Isso espero. Acredito que sim. Mas isso ela decidirá, madame.

Margaret se voltou para trás e o estudou por um momento, depois trocou um olhar com Flora.

—Minha irmã mandou seus homens de volta e partiu para Netherby.



James ficou olhando.

—Com sua mãe? Sua mãe?

—Nossa mãe partiu antes.

—Acaso aconteceu algo à tia B?

—Não. Mas nossa mãe insistiu em ir para casa, e Ellen em segui-la.

James ficou de pé de um salto e entregou o uísque a Hugh.

—Obrigado. Partirei agora.

—Fique, MacCurrie —disse Flora—. Já escureceu. Passe a noite aqui e lhe poderemos dizer a rota provável que escolheu. Poderá alcançá-la mais facilmente pela manhã.

—Ele o fez! —Seu anfitrião irrompeu na pequena habitação onde Ellen estava jantando sozinha—. Ele o fez! Seu primo, senhorita Graham! Elevou o estandarte real pelo rei Jacobo! Acabo de ouvir a notícia!

Os lábios de Ellen secaram repentinamente.

— Quando?

—Em 16 de abril. Faz quatro dias, frente a cinquenta de seus homens, na cúpula de Dundee Law. Depois se retirou para Glenogilvie para ver sua esposa. Ela lhe disse que fosse onde a honra de seu rei o requeresse. Que mulher! Você não está orgulhosa?

Ellen assentiu.

—Certamente —disse rigidamente—. Muito orgulhosa.

—Restituiremos Jacobo ao trono, pequena! E esses seguidores de Guillermo estarão cantando outra canção. Não é assim? E contarei a história de que a prima de Dundee se hospedou em minha casa a noite em que soube da notícia! Devo ir contar à minha esposa!

Saiu tão estrepitosamente como tinha entrado, deixando Ellen com a vista fixa na porta que ainda se movia. John tinha proferido seu grito de guerra. O que seguia era a chamada a tomar as armas. “Querido Deus”, implorou, “proteja a minha família, protege aqueles que amo. Proteja James. Proteja a meu país. E a meu rei”, adicionou tardiamente.

James soube a notícia na noite seguinte de sua partida de Glengarry, quando estava sentado com seus homens em uma estalagem junto ao rio Spean. Dundee tinha elevado os estandartes. Iriam à guerra. Pensou que deveria estar contente e supôs que estava, mas se reclinou na cadeira e olhou para o outro extremo da pequena sala lotada de homens que aclamavam. Acaso sabiam o que era a guerra? Estavam preparados?

“Neil”, pensou. “É iminente. Se prepare.” Antes de sua partida, tinha falado com Neil sobre o que fariam se fossem convocados durante a ausência de James. Tinham decidido encontrar-se onde fosse e quando fosse que Dundee pedisse aos clãs que se reunissem. Se fosse necessário, Neil levaria os pertences de James. Agora que o estandarte tinha sido levantado faltaria muito pouco para a guerra começar? Como levaria Ellen a Torridon e chegaria a tempo para reunir-se com Dundee?

Passou os seguintes dois dias avançando tão rápido como lhe era possível, comendo sobre o cavalo e sem permitir que ninguém descansasse muito. O terceiro dia se deteve para perguntar



por Ellen em uma estalagem que estava incluída na lista que Hugh tinha dado, e foi recompensado com a notícia de que tinha passado a noite anterior ali. Estava se aproximando. Se ela seguia as instruções de Hugh, acharia-a essa mesma noite. Montou de um salto e fez um gesto a seus homens para que o seguissem.

Era tarde quando chegaram à casa do arrendatário. A moradia, situada em uma colina próxima ao rio, era grande e estava bem cuidada. Tinha sido construída com as pedras do lugar, duas longas seções se estendiam a partir da porta central. O arrendatário parecia preocupado, mas fez um gesto de assentimento quando James perguntou a respeito da senhorita Graham.

—Ela se encontra aqui, senhor —disse o homem—, mas meus dois filhos estão doentes e não fizemos mais que conduzi-la a um quarto. Nós a alojamos na ala que dá ao rio, junto a seus homens. Deseja que a chame?

—Não, você já tem suficiente a fazer. Sei que alberga aos homens de MacDonnel e agora somei a meus. Se me disser onde se encontra, irei procurá-la. —Entregou-lhe algumas moedas para que alimentasse a seus homens.

O arrendatário pareceu aliviado e mostrou a direção ao corredor pelo qual deveria avançar.

—Seus homens lhe indicarão em qual quarto se encontra, senhor. Ela é nossa única hóspede esta noite.

James agradeceu e depois caminhou lentamente pelo corredor com o coração na garganta. Em poucos minutos estaria de novo com ela. Desejaria vê-lo? Ou acaso sua intenção tinha sido abandoná-lo além de ajudar a sua tia B? De qualquer maneira, logo descobriria.

Chegou a uma curva no corredor que conduzia a uma sala de estar na penumbra, ali quatro homens jogavam dados sobre o tapete no meio da sala. Ficaram de pé empunhando as pistolas. Ele levantou ambas as mãos para mostrar que não levava arma consigo.

—Vim ver a senhorita Graham —disse—. Onde se encontra?

—Quem é você, senhor? —perguntou um dos homens.

—MacCurrie de Torridon. Quem é você?

—Não devemos permitir que ninguém fale com a senhorita Graham, senhor.

—Deixem que ela tome essa decisão. Diga a ela que James MacCurrie está aqui.

Os homens trocaram um olhar, depois um encolheu os ombros e subiu a escada do outro lado do vestíbulo que conduzia a um corredor no andar superior. Através do corrimão, James viu o homem dar alguns poucos passos e desaparecer em uma esquina. Um momento depois, voltou a aparecer.

—Já vem, senhor MacCurrie —disse o homem em tom reprovador.

James assentiu com a cabeça.

Ela tinha o rosto pálido, o cabelo solto e levava a capa jogada sobre os ombros. Se inclinou sobre o corrimão e suas brancas mãos ressaltaram contra a madeira escura.

—James?

Ele deu um passo para a luz.

—Aqui estou, Ellen.

—OH!—Ellen arregalou os olhos.



—Eu gostaria de poder falar com você.

—Sim —disse ela em tom apagado—. Sim.

James girou para os homens que os observavam.

—Nos deixem a sós.

—Não podemos, senhor. Lorde MacDonnell nos indicou...

—Nos deixem a sós.

Os homens trocaram um olhar, depois olharam para Ellen.

— Senhorita?

Ela respirou profundamente.

—Sim, podem retirar-se. Estarei a salvo com o senhor MacCurrie.

Uma vez que estiveram a sós, James deu um passo para diante.

—Ellen, pequena, por que partiu?

—Não recebeu minha carta?

—Nela dizia que estava preocupada com sua tia B.

—Sim, estava. Estou.

Tinha escrito a carta apressadamente, ele sabia, mas não havia indício algum de calidez, nenhum reconhecimento do que eram um para o outro. Ou acaso tinha suposto muito a partir de uns poucos beijos? Sentiu-se repentinamente desalentado, como se tivesse inventado algo que na realidade não existia.

Ela falou em voz baixa, vacilante.

—James, por que veio?

—Não podia deixá-la ir assim, com tantas coisas por dizer.

—Que coisas por dizer, James? —Agora ela quase sussurrava.

—Por que partiu?

—Recebi carta de B, devia vir.

—Fui a Glengarry.

—Foi?

—Sua família é bastante protetora.

Ela sorriu tenuemente.

—Sim. Sim, assim são.

—Dundee levantou o estandarte.

—Eu soube.

—Logo convocará aos clãs.

—James, veio me dizer que John irá à guerra?

—Não. —Cruzou a sala até chegar ao pé da escada—. Vim dizer que a amo.

Ela o olhou fixamente.

—Ellen, ouviu?

—Sim —disse ela em voz tão baixa que ele teve que esforçar-se para escutá-la.

Subiu os degraus de em três e se deteve há alguns pés de distância dela. Ellen o observava com os olhos desmesuradamente abertos.

—Amo você, pequena. Amei você desde o dia em que te conheci. Deveria ter dito isso muito



antes —deu um passo em direção a ela — Ellen, não tem nada a dizer?

Ela chorava em silêncio, as lágrimas sulcavam as bochechas. Ele avançou até deter-se frente a ela.

—Não chore, pequena. Não chore. Vim para dizer que te amo, não para te angustiar.

—OH, James —disse ela meio rindo, meio chorando—. Não me angustia. Diga isso outra vez.

—Amo você, Ellen Graham.—Abriu os braços e ela se jogou neles.

A princípio acreditou estar sonhando. Tinha imaginado tantas vezes enquanto jazia em uma desagradável cama estranha, repleta de pulgas e Deus sabe o que outras coisas... que James atravessaria a porta dizendo que a amava e perguntando se ela correspondia.

Naquele momento, quando tinha parado no vestibulo olhando para abaixo, pensou que estava sonhando, que tinha desejado com tanta veemência que ele estivesse ali, que estava aparecendo algum tipo de visão. Mas ele era real, aquele robusto homem que estava em seus braços. Agarrou-se a ele e rodeou seus ombros.

—James —disse —. James. Veio por mim.

—Como poderia não tê-lo feito? —murmurou ele contra seu cabelo.

Levantou o rosto para ele e imediatamente sentiu sua boca na dela. Quanto havia desejado aquele momento, o prazer de suas carícias. Ele gemeu quando ela abriu os lábios e ofereceu. Ele era real, sentiu sua calidez sob os dedos. Acariciou-lhe as costas e o flanco do corpo levando as mãos para diante para lhe acariciar a bochecha.

—James—disse inclinando-se para diante.

Ele gemeu e finalmente levantou a cabeça.

—Ellen, você me ama?

—Se o amo? —ela riu brandamente—. Acredito que te amei desde o primeiro momento em que te vi, James MacCurrie. Como poderia não fazê-lo?

A boca dele reclamou a sua novamente, com lábios insistentes pressionou os seus até que se abriam, depois a induziu a que se unisse nos movimentos de um beijo apaixonado.

Ela se arqueou contra ele, tentando aproximar-se ainda mais, depois se afastou.

—Venha — disse enquanto o segurava pela mão e o conduzia pelo corredor.Estava sozinha nessa parte da casa. Alguns dos homens de Hugh tinham planejado dormir embaixo, na sala, mas não havia ninguém mais nesse andar. Seu quarto era grande, as paredes estavam cobertas com painéis de madeira escura que resplandeciam sob a tênue luz do fogo.

Levou James para dentro, depois soltou sua mão, fechou a porta e se recostou contra ela assimilando a visão de tê-lo ali.

Estava vestido para viajar, com calças escocesas que faziam que os músculos de suas pernas parecessem enormes, suas coxas sólidas debaixo da manta que mal se rendia sobre seus ombros. Sua jaqueta era da mesma cor azul que seus olhos, sua camisa chiffon fazia que o cabelo solto, que ela mesma tinha desajustado, parecesse ainda mais negro.

—Não posso acreditar que esteja aqui. Fale comigo —disse—.Demonstre que não é uma visão que invoquei.

Ele jogou a boina sobre uma cômoda que havia em um canto. Depois desajustou a



bandoleira e a tira de couro da espada, colocou-as no chão junto à cômoda e pôs a pistola em cima.

—Ellen—disse virando-se para ela—. Senti a sua falta, pequena.

—E eu de você.

Ele riu brandamente e tocou os lábios.

—Sim, notei.

—Amo você, James.

Ele deu um passo para onde ela estava.

—Amo você —repetiu ela, e abriu os braços—. Amo você, James MacCurrie!

Ele se encontrava frente a ela antes de que pudesse precaver se moveu, a segurou em seus braços e inclinou a cabeça aproximando da dela. Riscou uma linha de beijos sobre sua testa, descendo pela face para centrar a atenção no queixo e depois no pescoço.

Tirou-lhe a capa dos ombros, jogou-a no chão e depois deu um passo atrás para observá-la dos pés a cabeça, acariciou-lhe o cabelo e levantou seu queixo para beijá-la.

—É tão bonita, Ellen —disse reverentemente—. Tão bonita... Case-se comigo. —Rodeou seu pescoço com as mãos e depois as deslizou para o decote da camisola—. Se case comigo. Aceite ser minha esposa. Não posso viver sem você, Ellen. Diga que fará.

Ela sorriu lentamente, colocando primeiro um e depois ambos os braços ao redor do pescoço. Voltou-se para trás para olhá-lo nos olhos.

—Sim! Sim e sim e sim!

Ele se inclinou para beijá-la novamente. Sua paixão foi correspondida pela entrega dela. Ele acariciou o cabelo e o pescoço e se inclinou mais perto dela.

—É minha, Ellen Graham. Jure.

—Juro —respondeu ela.

Ele agarrou a capa que tinha jogado e a levou junto ao fogo enquanto extraía o anel de seu dedo enquanto a observava.

—Contrairemos um compromisso firme agora e nos casaremos quando nos for possível.

Sabe o que isso significa?

—Compromisso firme? Que prometemos viver como marido e mulher durante um ano ao cabo do qual, se algum de nós desejar partir, dissolve-se o compromisso. Se desejarmos permanecer juntos, então estamos casados.

—Sim. Está de acordo?

Ela afastou uma mecha de cabelo escuro da têmpora.

—Não. Contrairei um compromisso com você esta noite, James, mas considerarei como se já estivéssemos casados. Celebraremos a cerimônia mais adiante, mas será meu esta noite.

—Sim —respondeu ele com a voz enrouquecida pela emoção—. Sim, serei. Fui desde o primeiro momento, pequena.

—Amo você, James.

—E eu a você, Ellen.

Ellen sentiu que a vista nublava pelas lágrimas enquanto ele colocava seu anel no dedo. Fechou sua mão ao redor da dela e cobriu ambas com sua capa. Olhou-a nos olhos.



—Eu, James MacCurrie, entrego meu amor e minha fidelidade, meu corpo e meu coração, a você, Ellen Graham.

Ela respirou profundamente.

—Eu, Ellen Graham, entrego meu amor e minha fidelidade, meu corpo e meu coração, a você, James MacCurrie.

Ele a beijou até que ela teve que deter-se para recuperar o ar.

—Veja, Ellen. É minha.

—E você, é meu.

Tirou a capa e voltou a abraçá-la, reclamando sua boca com uma ferocidade que a deixou sem fôlego. Ele tinha sabor de uísque, de malte. De paraíso.

—Agora, ensina-me o resto —disse ela—. Estou ansiosa...

Cobriu-lhe a boca com a sua antes de que pudesse terminar a frase, deslizou a mão por debaixo da camisola acariciando sua perna. Depois colocou as mãos a cada lado do corpo enquanto levantava a saia da camisola até a cintura. Deslizou a mão para baixo, lhe acariciando a perna, e se inclinou para ela.

Ela gemeu ao sentir sua carícia, e voltou a fazê-lo quando separou suas coxas com a perna, aproximando-se até que sentiu sua coxa contra sua pele nua, sentiu o roçar da lã suave de suas calças escocesas. Deslizou os dedos acariciando-a, deixando um excitante rastro de emoções que prontamente ficaram atrás quando ele substituiu a perna pelos dedos, agarrando-a brandamente.

Sua boca achou a dela enquanto movia os dedos mais abaixo, separou-lhe os lábios com a língua e a suave pele da virilha com os dedos. Ellen ficou sem fôlego quando os deslizou dentro dela. A respiração dele se agitou enquanto sua carícia entrava mais e mais nela. Beijou o rosto, o queixo e o pescoço.

Ela colocou as mãos no peito.

—Posso sentir o calor de sua pele através da camisa.

Separou-se dela e, com um rápido movimento, despojou-se da jaqueta, tirou a camisa e as jogou para trás dele.

—Agora sinta o calor, Ellen — disse enquanto guiava as mãos dela de novo a seu peito.

Pensou que ele era bonito, seu torso era musculoso e suave. Com seus olhos de cor azul profundo James observou como ela o estudava. Ela sorriu e colocou as mãos sobre os largos ombros, percorrendo seu peito com os dedos, entrelaçando-os no escuro pelo do torso, e continuou deslizando-os para baixo. Continuou descendo, riscando as linhas do contorno do ventre e se deteve a altura da cintura de suas calças.

Sua pele era suave como a seda. Ellen deslizou os dedos por debaixo das calças, para a pele mais suave de seus glúteos. Continuou explorando até que as mãos de ambos ficaram unidas entre seus corpos. Ele se voltou para trás para que ela continuasse, depois gemeu quando seus dedos o tocaram intimamente. Olhou-o nos olhos e riu triunfante. Quão maravilhoso se sentia, quão masculino, quão perfeito.

Tirou-lhe a camisola deslizando-o pela cabeça e a atraiu para si contra seu peito. O roçar de sua pele contra a dela era fascinante. Afastou-se e sorriu, depois tirou a calça e permaneceu de pé nu frente a ela e disposto, seu corpo resplandecia à luz do fogo.



Ela sorriu. Dele. Ele era dele.

Inclinou a cabeça e a estudou.

—É magnífica, Ellen. Deixa que te observe.

Ellen fez o mesmo, permitindo que sua vista baixasse lentamente desde seu anguloso rosto, que mantinha um perfil escuro e o outro iluminado pela luz das chamas. Com o olhar percorreu os ombros retos e fortes, e o abdômen. Ela novamente deslizou a mão para baixo por sua cintura e voltou a agarrá-lo.

—Está me enlouquecendo —murmurou ele.

—Então percamos a razão juntos.

Beijou-lhe o pescoço e o ombro, depois cobriu os seios com as mãos, sorriu e depois inclinou-se para beijar seus mamilos. Ela conteve a respiração e entrelaçou os dedos no cabelo.

—James — disse enquanto acariciava suas costas e ele deslizava para seu outro seio. Ela fechou os olhos, concentrando-se nas sensações que lhe provocava e quase não notou quando ele a elevou contra seu corpo.

Agarrou-se a seus ombros enquanto ele deslizava o braço debaixo de suas pernas e a levava para à cama, jogando as mantas para um lado e depositando-a sobre o fresco linho. Se recostou junto a ela e se inclinou novamente para seu peito.

Ela gemeu quando ele voltou a acariciá-la na virilha, com movimentos mais rápidos desta vez, e o agarrou firmemente até que ele gemeu de prazer.

—Ellen —disse exercendo pressão contra sua carícia, empurrando a mão e os quadris em ardorosa cadência—. Está preparada?

Quando ela assentiu, ele deslizou para colocar-se em cima dela separando suas coxas com as pernas. Segurou-lhe os braços por cima da cabeça, entrelaçando os dedos com os dela.

—Amo você, Ellen —disse—. Minha pequena, te amo de verdade.

Ellen se arqueou para recebê-lo enquanto ele a penetrava lentamente. Ele se moveu para diante, depois se deteve e a olhou com os olhos obscurecidos.

—Está bem?

—Sim. Oh, James. Não tinha ideia...

—Você gosta? Ou deseja que eu pare?

—Não pare. —Conteve a respiração quando ele a penetrou mais profundamente.

Deteve-se e se voltou para trás para observá-la,

—Encontra-se bem?

—OH, sim. —Respirou profundamente e mudou de posição debaixo dele—. Me haviam falado a respeito disto, mas não podia imaginar como me sentiria. Tinha medo de que todas as canções e as histórias fossem exageros.

—E o que pensa agora?

—Que não contavam nem a metade. Ensina-me mais.

Ele riu e se impulsionou dentro dela.

—Tentarei te educar bem, meu amor.

Capítulo 15



Neil examinou as espadas que se achavam diante dele sobre a mesa, tentando vê-las como armas e não como provas do cumprimento de uma profecia. Se Jamie estivesse ali, haveriam brincado a respeito, fariam que a tarefa parecesse banal, não carregada de significado. Mas Jamie estava do outro lado da Escócia. E, segundo a sensação de Neil, encontrava-se muito ocupado.

O vínculo que os unia tinha sido muito forte depois de que Jamie se foi, mas tinha se quebrado no dia anterior, o qual podia significar somente uma coisa. Havia achado Ellen. Neil já não estava certo do que sentia a respeito. Ciúmes? Ou estava contente de que seu irmão estivesse tão apaixonado pela jovem para eclipsar todo o resto, incluindo a ele? Era hora de que cada um deles se casasse e ambos comessem uma nova etapa de sua vida, mas de alguma maneira, ele sempre tinha pensado que seria o primeiro. Ir por último, parecia-lhe estranho.

Havia dito a Ellen que o matrimônio era um assunto meramente prático. Ela havia se comportado de maneira desafiante e tinha feito de tudo exceto rir dele. Ela tinha razão?

Poderia se amar dentro dos limites do matrimônio? Parecia pouco provável, mas ela estava certa no referente a que seus pais tinham feito justamente isso.

Meneou a cabeça. Era mais simples considerar somente o benefício político. Acaso duraria o que fosse que existisse entre o Jamie e Ellen? Ou seu irmão retornaria mais triste mas mais sábio e as coisas retomariam a seu curso?

Mas não, nada poderia voltar a ser como antes. Iriam à guerra.

Sua avó agora se deslocava pela sala acompanhada de várias jovens que levavam os coletes que ele, Jamie e Duncan vestiam. No andar superior sua mãe dirigia às mulheres que costuravam camisas novas para eles. No deque, os homens colocavam os botes de pesca para formar uma barreira na entrada da enseada superior. Nos prados se semeava a colheita apesar de que os homens não estariam ali para encarregar-se dela.

Neil olhou pela janela o carvalho partido em dois e pensou em uma história de gêmeos que levavam seu clã à guerra. A guerra, e depois cinquenta anos de paz, conforme tinha prometido o profeta Brahan. Deus mediante, aquilo seria verdade.

“Jamie”, disse em silêncio. “Preciso de você. Volte.”

—Lorde Neil?

Neil retornou ao presente e se virou em direção ao jovem.

—Duncan retornou.

Neil atravessou a sala da velha torre para encontrar-se com seu primo. A chuva, que caía de maneira horizontal por causa do vento, seguiu Duncan até o edifício ao mesmo tempo que lutava por fechar a porta antes de que alagasse toda a sala.

—Me diga uma vez mais por que vivemos aqui —disse Duncan enquanto se despojava da jaqueta molhada—. Ao menos a tormenta manterá os MacLeod em sua casa. Pensei que deixaria ir ao neto do velho MacLeod. Acabo de vê-lo no estábulo.

Neil sorriu abertamente.

—Libertei-o, mas o moço deseja ir à guerra conosco. Escreveu a seu avô para pedir permissão.

Duncan grunhiu e seguiu Neil pelo corredor para a lareira da sala. Uma vez ali aceitou a



cadeira que ele oferecia e se acomodou frente a seu primo.

—Clanranald. Glengarry. Keppoch. Lochiel. Glencoe. Glenmoriston. Sleat. Todos eles participarão. Soube algo de Jamie? Refiro a notícias verdadeiras, não a uma daquelas “sensações”.

Neil meneou a cabeça.

—O que sabe a respeito da quantidade de homens dos Mackay?

—Não tenho certeza. Ouvi dizer que são o dobro da nossa.

—Sim, bom, está bem, mas são das Terras Baixas —disse Neil, e os primos riram.

Ellen estirou os braços sobre a cabeça, depois se paralisou ao tocá-lo. Olhou para a direita.

Ali estava James. Sentou-se e o observou. Não tinha sido um sonho. O anel dele estava em seu dedo, e ele estava em sua cama. Nu. E lhe sorria. Ela engoliu em seco com dificuldade.

—Bom- dia, amor —disse ele.

—James —sussurrou, cobrindo peito com a manta. Também estava nua, doía-lhe o corpo pelo acontecido a noite anterior. O que tinha feito? Ele inclinou-se para lhe beijar o quadril.

Ela deu um salto e ficou olhando-o. Ele riu.

—Não me dirá que já se esqueceu de mim?

—Não —sussurrou ela.

A expressão dele se tornou séria. Estirou-se para agarrar a mão que agarrava a manta e a sustentou entre ambos.

—Ellen. Observa o anel, pequena. Comprometemo-nos. Não há do que se preocupar. Não tem que me olhar como se a tivesse violado.—ele se sentou e a olhou penetrantemente—. Você se arrepende?

Ela meneou a cabeça. Não a tinha forçado; não tinha tido que fazê-lo. Ela o havia aceito voluntariamente, tinha participado tanto como ele da entrega. E como se sentia agora?

Amada. Sorriu lentamente. Tudo estava bem. Levantou um pouco mais a mão e moveu o dedo que levava seu anel.

—Estou casada —disse.

Ele assentiu.

—Eu também.

—Estou casada —disse assombrada.

—Comprometida, para ser exatos. Não casada ainda. —Ele bocejou—. Mas ainda assim é minha, pequena. O compromisso é legal de onde eu venho.

Ela se inclinou para beijar o peito.

—Terá que dizer isso a minha mãe —disse ela, tentando manter um tom ameno.

—Farei isso, então, seguiremos caminho para Netherby.

—Sim.

—Portanto, será melhor que saíamos da cama, não é verdade?

Ela voltou a sorrir enquanto deslizava a mão para baixo acariciando o peito até onde a manta se estendia sobre seu abdômen, depois deslizou os dedos por debaixo da manta.

Ele sorriu e virou para se colocar sobre ela, riscando uma linha de beijos ao longo de seu rosto e de seu pescoço.



- Estava pensando que poderíamos partir mais tarde.
- O que dirão os outros?
- Que sou um homem afortunado.

O céu estava espaçoso e fizeram bom tempo de marcha. James e ela compartilharam a cama em noites cheias de paixão e de humor. Conversaram até altas horas da madrugada, conhecendo as histórias, os medos e as metas do outro. Quanto mais ele falava, mais ela o amava. Aquele homem esplêndido lhe pertencia.

Se ele tinha feito algum comentário a seus homens, não havia dito, e não havia perguntado. Tampouco os homens se comportavam como se algo tivesse mudado. Possivelmente ela era a única que se sentia diferente, como se olhasse ao mundo com novos olhos. Era amada. E correspondia aquele amor. Inclusive a sombria paisagem lhe parecia bonita.

Descobriu novos brotos nas árvores e notou que as abelhas começavam seu laborioso ciclo. Era final de abril e finalmente o inverno terminava na Escócia. Sorriu e elevou o rosto ao sol.

Hospedaram-se nos lugares apontados na lista de Hugh e, embora lhes confirmaram que sua mãe tinha estado ali com antecedência, não conseguiram alcançá-la. Quando chegaram à curva do caminho que ia para Dunfally, James perguntou se gostaria de parar para visitar Fergusson. Ellen meneou a cabeça e riu.

A jovem inocente que tinha percorrido aquele caminho só algumas semanas antes já não existia, e a mulher em que se converteu não tinha desejos de ir para Dunfally nem de ver Fergusson de novo. Aquele homem sagaz descobriria com um só olhar o que tinha acontecido entre eles.

Ela tentou ignorar os indícios de guerra, esquecer que em algumas poucas semanas, ou possivelmente antes, James a deixaria para unir-se ao exército de John, mas havia indícios por toda parte. As estradas estavam lotadas de homens e as vilas e os povoados pelos que passavam buliam de atividade.

As pessoas não falavam de outra coisa.

James e Ellen não tinham expressado seu ponto de vista, tampouco tinham discutido sua lealdade a causa jacobita com aqueles a quem se encontrava. Mas James levava vestimenta das Terras Altas, e isto era frequentemente assumido como evidência de que se uniria a Dundee. Depois de certificar-se de serem bem recebidos pelos que figuravam na lista de Hugh, ela e James se entretinham em uma conversa com seus anfitriões, que lhes perguntaram a respeito das últimas notícias.

A campina estava lotada de rumores, de histórias sobre tropas reunindo-se em ambos os lados. À medida que avançavam para o leste escutaram relatos a respeito de que Mackay havia capturado John, e vice-versa, e de que os das Terras Altas partiam para a capital devorando aos filhos dos que se opunham. As pessoas saíam de seus lares para observar com medo nos olhos aos homens das Terras Altas.

No começo, James tinha rido das histórias, mas à medida que o medo das pessoas que achavam pelo caminho crescia em intensidade, guardou silêncio. Ignorou os olhares, mas fez que Ellen tivesse a pistola de seu pai carregada e preparada, e cavalgou junto a ela. Durante a



noite, dormiam com a porta fechada com chave e a espada ao alcance da mão. Durante o dia, cavalgavam ainda mais rápido.

Foi em Perth, quase chegando a seu lar, onde souberam de que John lhe tinha pedido aos clãs que se reunissem com ele em Lochaber em 18 de maio. Seu anfitrião, um homem corpulento cujos olhos não perdiam detalhe algum disse que corria o rumor a respeito da data do levante. A recompensa pela cabeça de John tinha sido aumentada e agora era oficialmente considerado um traidor na corte do rei Guilherme, mas os clãs e muitos homens das Terras Baixas estavam levando a cabo os preparativos finais para unir-se a ele.

Ellen escutava, sem fazer comentário algum. Ao fim de mais um dia chegaria ao seu lar e isso era tudo o que podia pensar. Quando chegasse, uma vez que soubesse como estava a sua mãe e B, e depois de enfrentar Pitney, decidiria o que fazer. Sabia o que James queria. Desejava levar Rose e B para o oeste, deixá-las em Glengarry, ou viajar para Torridon, se houvesse tempo, onde estariam a salvo durante a guerra.

Ellen recusou discutir novamente a questão de abandonar Netherby. Sem importar o que achassem em seu lar, não havia só três pessoas a considerar, disse-lhe. A criadagem, os arrendatários, os fazendeiros que trabalhavam sua terra... tudo devia ser levado em conta. Ela não partiria até estar segura de que estivessem bem. Ou de que tudo estava perdido.

Sabia o que a guerra implicaria para Netherby. Era a prima do líder do exército que tentava derrocar ao rei governante, e Dundee não só estava a curta distância de Edimburgo, mas sim a cidade mesma era um símbolo do desafio de John. A propriedade de seu primo seria um alvo fácil para os que queriam vingar-se. Ellen não deixaria a sua gente para que se defendesse sozinha.

Ela e James discutiram a respeito, a impossibilidade de convencer-se mutuamente pareceu frustrante. E o fato de que cada um pudesse compreender a posição do outro só piorava as coisas. Finalmente deixaram de tentar e se concentraram nas poucas milhas que restavam para percorrer.

Netherby. Ellen se deteve na curva antes de chegar a sua casa apesar de que ela e James já tinham decidido que iriam mais longe, até a casa de B, onde supunham que devia estar Rose.

Ellen estava pálida mas calma. Virou-se para olhar para James.

—Se preferir, pequena, cavalgarei com os homens e assassinarei a esse bastardo. Assim tudo terá terminado e sua mãe poderá voltar para casa.

Ellen meneou brandamente a cabeça.

—Não há nada que eu gostaria mais, mas não podemos fazê-lo, não ainda.

—Encontremos primeiro a sua mãe e a B para ver o que desejam que faça e o cumprirei de imediato.

James a olhou enquanto ela tomava um último instante para observar o caminho que conduzia a Netherby. Depois agarrou as rédeas para seguir adiante. Tinha permanecido calada toda a manhã, retraída, sumida em suas preocupações. Manteve-se distante, parecia que não confiava plenamente nele.

A princípio tinha sido apaixonada na cama, mas cada milha que a aproximava de seu lar a



afastava dele. A última noite tinha permanecido em silêncio em seus braços, mantendo seus pensamentos para si. Não sabia o que pensar. Acaso estava reconsiderando seu compromisso?

Tinha-a conquistado finalmente só para perdê-la em Netherby? Estaria pensando em sua mãe e em B? Ou em Grant?

A lembrança de David Grant fez que fervesse seu sangue. Temia não poder controlar seu desprezo se voltasse a ver aquele homem. Como tinha podido Grant retornar a Dundee depois pelo que tinha feito e ser capaz de continuar cortejando Ellen por meio de sua tia avó? Estava convencido de que B tinha comentado a Grant sua intenção de transformar Ellen em sua herdeira e de que foi Grant quem tinha informado a Pitney Malden. Gostaria de passar um momento a sós com aquele homem se estivesse certo. E depois fazer que Grant engolissem seus próprios dentes.

A casa de B era uma edificação pitoresca situada em uma colina que se elevava sobre o vale, tinha uma frente simétrica de pedra cinza e estava bem cuidada. Ao chegar, em meio da poeira que levantaram os vinte cavalos, abriu-se a porta principal. Um servo os espiou, depois açoitou a porta com expressão horrorizada.

Ellen riu pela primeira vez naquele dia.

—Provavelmente pensa que as hordas das Terras Altas vieram para arrasar o lugar.

James sorriu abertamente.

—Bem o que sua tia B possui? Pode ser que nos vejamos tentados.

—Uma maravilhosa adega.

—É um bom começo —disse desmontando do cavalo e aproximando-se dela.

Ellen colocou as mãos nos ombros do James e desmontou no momento que a porta voltava a abrir-se, desta vez escancarada, e na soleira se viam duas figuras. Ellen proferiu um grito enrouquecido e James se virou para descobrir a causa.

Britta correu escada abaixo, com o cabelo e as saias flutuando no ar e o rosto iluminado de regozijo, Ned a seguia. James os observou sem poder acreditar.

—Senhorita Ellen! Senhorita Ellen! Chegou em casa! Está a salvo!

—Britta! Ned! Estão vivos! Louvado seja Deus! —gritou Ellen enquanto abria os braços.

A donzela se jogou nos braços de Ellen; Ned se deteve junto a James e ambos observaram as mulheres rir e chorar simultaneamente.

—Está vivo —disse James—. Me alegra muito, moço. Nunca pensei que voltaria a vê-lo. Me alegro.

Ned sorriu abertamente.

—Sim, senhor. Tenho algumas cicatrizes, mas aqui estamos.

Britta finalmente se desprende do abraço de Ellen.

—Bem-vindo senhor MacCurrie.

James sorriu.

—Alegra-me muito ver que se encontra bem, Britta. Ellen esteve rezando por sua segurança todos os dias. E eu também. Não pensei que voltaria a vê-la, pequena.

Britta trocou um olhar com Ned.

—Não estávamos seguros de se poderíamos voltar para casa, mas conseguimos. Contaremos



tudo. Senhorita Ellen, sua mãe ficará muito feliz de tê-la aqui.

Ellen olhou em direção à casa.

—Está aqui?

—Está em Netherby —disse Britta—. Todos estão em Netherby. Devia buscar mais roupa para sua tia.

—Como se encontra tia B? Está a salvo?

—OH sim, senhorita. Está com sua mãe. O funeral será amanhã.

—O funeral? De quem?

Britta pareceu surpreendida, depois se recuperou.

—Sua mãe escreveu mas certamente você não deve ter recebido ainda a carta. Seu padrasto, senhorita Ellen, o senhor Malden morreu.

Netherby Hall seguia igual a quando ela se foi, os vitrais resplandecentes de luz que se esfumava através das imaculadas cortinas que sua mãe sempre abria à hora do crepúsculo. James ajudou Ellen a desmontar e ela fez uma pausa para rezar uma prece de agradecimento porque sua mãe e B estavam a salvo. Ela tinha perguntas, e muito que contar, mas tudo aquilo podia esperar. “Meu lar”, pensou, “cheguei ao meu lar”.

A porta se abriu e apareceu um servo que gritava para trás por cima do ombro. Um momento depois, a mãe de Ellen passou correndo junto a ele. Desceu os degraus gritando e com os braços totalmente abertos.

—Ellen! Oh, minha doce menina! Como chegou tão rápido?

—Mãe! —Ellen correu ao encontro dos braços de sua mãe.

Rose estava pálida, com os olhos avermelhados, mas acalmada.

—Estou tão contente de que esteja aqui, minha querida menina.

—Mãe —disse Ellen—. É verdade que Pitney morreu ?

Rose assentiu.

—Sim. Faz dois dias. —Olhou para Ellen e depois para James—. E ele é...

Ellen agarrou a mão de James entre as suas.

—Mãe, ele é James MacCurrie. James, ela é minha mãe.

James se inclinou em uma reverência.

—Madame.

—Mãe, o que aconteceu com Pitney?

—Foi assassinado no caminho, justo na entrada. —Olhou aos homens de James, que os observavam curiosos—. Entre e falaremos. Senhor MacCurrie, disponha que seus homens se dirijam à cozinha. —Agarrou Ellen pelo braço e a conduziu escada acima para a casa.

—Como se encontra tia B? —perguntou Ellen.

—Ela está bem. Neste momento se encontra descansando mas enviaremos a alguém para chamá-la. Sentirá-se muito aliviada ao vê-la. —Colocou uma mão no rosto dela — Minha querida filha. Não posso expressar quão feliz estou de tê-la em casa.

—E eu não posso expressar quão feliz estou de estar em casa —disse Ellen, e notou que James lhe lançava um agudo olhar.



Ellen não podia acreditar que Pitney estivesse morto. Haviam achado seu corpo no meio do caminho, tinha as mãos atadas às rédeas do cavalo. Tinha sido apunhalado, muitas vezes, e tinham deixado que morresse na escuridão. Um servo que retornava da folga da tarde o tinha achado e tinha despertado aos empregados. Mandaram a procurar B em sua casa e ela havia deixado a cama na fria noite para ver o corpo de Pitney. Tinha enviado a um servo para procurar o magistrado, depois tinha aguardado durante horas até a sua chegada.

James escutou em silêncio enquanto Rose lhes contava a história, estava de pé quando a porta se abriu e B entrou chamando Ellen. Reuniram-se jubilosamente. B parecia não experimentar tristeza pela morte de Pitney, só alívio. E observou minuciosamente James quando foram apresentados, detendo-se em seu desalinhado traje de viagem e na vestimenta das Terras Altas. Deu-lhe as boas-vindas com um amplo sorriso.

Quando Ellen quis saber quem tinha assassinado Pitney, sua mãe e B trocaram um olhar.

—O que? —perguntou Ellen—O que sabem?

—Querida menina —disse B—. Estou convencida de que Pitney assassinou a meu advogado. Mas quem assassinou a Pitney? E por quê? Não sei —meneou a cabeça—. Tinha alguns contatos desagradáveis. Deve ter sido algum deles. Devia dinheiro a todo mundo. Deixou um grande número de dívidas.

Rose assentiu.

—É verdade. Terei que vender terras para as pagar todas. Mas não importa.

—Não importa! —B soprou—. É mais benévola que eu, Rose. Esse homem roubou o seu dinheiro e te deixou endividada. Eu, por minha parte, não sentirei falta dele.

—Sem importar o que alguém pudesse pensar dele —disse Rose—, não merecia o que lhe ocorreu.

—Alguém pensou que sim—disse Ellen.

Rose meneou a cabeça e suspirou.

—Mãe —disse Ellen inclinando-se para diante—, alguém assassinou Pitney. Alguém assassinou ao advogado de B. Acredito saber de quem se trata.

—Esse tal Fraser —disse B—. Britta e Ned também acreditam. O homem é uma besta. Não faz muito que esteve por aqui.

—Aqui? —Ellen ficou olhando B—. Aqui? Fraser esteve em Netherby?

—Faz aproximadamente quinze dias. Não o vi. Não vim aqui em sua ausência. Mas Ned o viu. Seguiu-o até Dundee, de fato.

Ellen pensou no frio olhar do Fraser, em suas cruéis ações e sentiu um calafrio. Fraser, ali. A ideia a aterrorizou; agarrou a mão de James. Tanto sua mãe como B notaram, mas nenhuma fizeram comentário algum a respeito.

James rompeu o silêncio.

—Sinto sua perda, madame —disse.

—Obrigado, senhor MacCurrie —disse Rose—. Me reporei. O que descobri a respeito de Pitney destruiu qualquer sentimento que pudesse ter tido por ele antes.

—Compreendo —disse James, e olhou de soslaio para Ellen—. Não posso perdô-lo pelo que



fez passar a sua filha. Poderiam havê-la matado.

—Se não fosse por você —disse Rose.

Ellen sorriu e lhe apertou mais forte a mão.

—Ele foi maravilhoso comigo, mãe.

James olhou para Rose.

—Estava no lugar indicado, madame, pelo qual estarei sempre agradecido.

—Estamos sempre agradecidas por sua coragem senhor MacCurrie —disse Rose—. E por trazer minha filha sã e salva a seu lar. Por favor fique conosco enquanto descansa da viagem.

“A viagem”, pensou. O que acreditava a mulher que era ele, uma simples escolta? Acaso não podia ver que Ellen segurava sua mão nem o grande anel em seu dedo? Sabia que B tinha notado, tinha visto como observava o anel e depois a ele. Possivelmente a mãe de Ellen estava muito imersa no sobressalto e na dor para precaver-se do que eram um para o outro.

Suspeitou que Rose não desejava nada dele. Era muito cedo para falar de matrimônio, na véspera de um funeral, mas essa conversa tinha que acontecer e logo. Ele deveria chegar a Lochaber antes de 18 de maio e previamente transformaria Ellen em sua esposa, se lhe fosse possível.

Manteve um tom de voz uniforme.

—O que fez o magistrado?

—Muito pouco —disse B—. Disse que Pitney estava morto, que tinha sido assassinado por desconhecidos. Como se não nos tivéssemos dado conta disso. Não fará nada. Postou um homem aqui durante um dia e depois ordenou que se retirasse. Temos que nos valer sozinhas.

—Já não, senhora Graham. Acompanham-me vinte homens.

—Bem. Me chame B, senhor. —B sorriu e lançou um olhar sagaz às mãos unidas de James e Ellen—. Suspeito que é um pouco tarde para sermos formais, James.

James sentiu que o nó de tensão relaxava. A tia avó de Ellen não se oporia a sua decisão. Mas e sua mãe? Logo saberia.

Rose chamou Britta e Ned para que relatassem sua história. Ellen os escutou com expressão horrorizada e James com crescente ira ao escutar o relato de Britta desde que tinha visto Ned cair ferido. O homem de Fraser tinha ignorado os gritos de Britta e seus fúteis intentos por afastá-lo de Ned, que jazia inconsciente, tinha-o dado volta e, dando-o por morto, havia-se partido para reunir-se com os outros que estavam atacando James.

Contou como tinha arrastado Ned para o matagal, onde tinham permanecido escondidos até que, aproveitando a distração dos homens concentrados na luta no caminho, conseguiu caminhar e cruzar o rio com Ned a rastros. Para quando James e Ellen os estavam procurando, já tinham se afastado. Mais tarde encontraram um fazendeiro que os escondeu.

—Procuramos por toda parte —disse Ellen.

—Estava apavorada de que Fraser nos assassinasse —disse Britta.

Quando finalmente tinham conseguido retornar a Dunfally, Fergusson tinha dado refúgio a eles e quando Britta havia dito que deveriam voltar para seu lar, tinha dado algumas moedas a eles, embora não amparo para o traslado. Encaminharam-se então para o leste e temerosos de retornar a Netherby, dirigiram-se à casa de B, quem lhes tinha recebido e amparado.



Depois de ordenar a Britta e Ned que se retirassem, Rose conduziu Ellen e James ao lugar onde jantariam. A ira de James cresceu ainda mais quando B lhe contou que, perante o temor a ser atacados a qualquer momento, tinha dormido com Britta no quarto e Ned do outro lado da porta. Também contou a desagradável discussão que manteve com Pitney por causa de sua intenção de deixar suas terras a Ellen.

—Ainda não sei como soube—disse B.

—Grant —disse James com desgosto—. Em sua carta diz que contou a Grant. Ele deve ter dito a Malden.

—Mas por quê?

James encolheu os ombros.

—Não sei por que o faria, se é que realmente o fez. Mas alguém foi, e Grant era um dos poucos que conheciam seus planos.

—David fugiu —disse Ellen, e contou a história.

B a observava com os olhos desmesuradamente abertos.

—Isso não é o que me contou.

—Era óbvio que não contaria, não é assim? —disse Ellen.

—Ele deseja casar-se com você —disse B.

—Não o fará —disse firmemente Ellen—. Me casarei com James.

Rose proferiu uma exclamação de protesto, rapidamente contida. James a olhou nos olhos ao precaver-se de seu receio. Tinha estado certo; ela se oporia.

—Que ideias políticas você tem, James? —perguntou B.

—As mesmas que as suas, madame. Os MacCurrie estão se preparando para unir-se às tropas de Dundee. Lutaremos pelo rei Jacobo.

—Uma posição perigosa nestes dias.

—E a única correta.

B assentiu.

—Estou de acordo. Mas isso significa que você estará em Lochaber em 18 de maio.

—Sim. —Lançou um olhar para Ellen—. Detesto ter que deixá-la.

Ellen lhe sorriu.

—Nos comprometemos. Vamos nos casar.

—Pedirei a mão de sua filha em matrimônio, senhora Malden —disse James—. Não agora, quando acaba de acontecer uma morte. Mas você deve conhecer minhas intenções.

Rose olhou primeiro para James e depois para Ellen.

—Não posso discutir sobre isso agora.

—Amo a sua filha. Desejo passar minha vida junto a ela. Passarei minha vida junto a ela.

Fez-se um silêncio, depois, finalmente, Rose assentiu.

—Discutiremos isso, senhor MacCurrie, mas não agora.

—Como desejar, madame.

—Obrigado. E agora —disse Rose levantando-se para retirar-se da mesa—, é tarde.

—Onde considera conveniente que durmamos meus homens e eu, madame? —perguntou



James.

—Podem usar minha casa —disse B—. Está vazia. Alojei-me aqui.

—Eu agradeço, madame, mas se encontra muito longe. Não posso estar tão afastado de Ellen.

—Ainda não estão casados —espetou Rose.

—Sei. —Olhou primeiro a B, depois a Rose e por último a Ellen—. Não é minha intenção assustá-la, mas alguém assassinou a Malden e a seu advogado. Não ficarei em uma casa que se encontra a cinco minutos de distância. Permanecerei aqui.

Rose o estudou um longo momento, depois cedeu.

—De acordo. Pode dormir no quarto de Margaret. Encontraremos espaço para seus homens.

Ellen permaneceu de pé de costas à janela de seu quarto, olhando a sua mãe.

Começava a recuperar do sobressalto que tinha provocado a morte de Pitney, e a pensar como seria a vida em diante. Mas não estava sozinha, sua mãe se encontrava ali para falar sobre os planos que Ellen tinha respeito de James.

Rose tinha falado sincera e diretamente, havia-lhe dito que compreendia o que significava o compromisso, tudo o que isso implicava. Ellen não percebeu censura nos olhos de sua mãe, só preocupação, o qual tinha debilitado grande parte de sua irritação.

—Me dê tempo —disse Rose com voz trêmula—. Enterrarei a meu marido amanhã. É muito cedo para que possa pensar em seu matrimônio. Não posso confrontar tudo junto.

Ellen se sentiu egoísta por acrescentar mais preocupações a sua mãe.

—Sinto muito, mãe. É difícil para mim sofrer pela morte de Pitney, mas sei que você o faz.

—Não estou certa de que assim seja —disse Rose— Não estou certa do que sinto. Aguentemos o dia de amanhã e depois confrontemos o que segue. Se ele verdadeiramente ama você, e se você verdadeiramente o ama, considerarei este matrimônio, mas não agora. Esperaremos o ano de luto. Se não for sincero, isso nos dará tempo para descobrir.

—Um ano! Mãe, não podemos esperar um ano! Eu o amo! Como sequer pode pensar que não é sincero? O que ganharia com isso? —Riu tristemente recordando as preocupações de Neil—. O irmão de James estava preocupado porque eu só quisesse seu dinheiro. Por que são todos tão complicados?

—É muito repentino—disse Rose.

—Eu o amo, mãe.

Rose se sentou na cama e suspirou pesadamente.

—Ele é muito atraente. Sei que está muito agradecida...

—Agradecida! Sim, mas é mais que isso! Eu o amo!

—Pensa que é assim. Certamente que sente uma forte emoção por alguém que te salvou a vida...

—Mais de uma vez.

—Mais de uma vez.

—Eu o amo, mãe.

Rose voltou a suspirar.



—Me escute bem, menina. Não conhece este homem. Ninguém põe em dúvida que seja valente ou que tenha sido amável com você. Ninguém põe em dúvida que ambos estão invadidos por fortes sentimentos. Logo haverá uma guerra. Afetará a todos. Não confunda atração e ternura com amor.

—Mãe...

—Ellen, me escute, por favor! Casei-me duas vezes. Uma com seu pai, um homem a quem conhecia de toda a vida. E depois com Pitney, a quem conheci só alguns meses. Já vê o desastre que resultou ser. Estava sozinha, Ellen e cometi um terrível engano. Não há necessidade de apressar-se para casar-se.

—Sim, há, mãe. Ele partirá. James me ama. Eu o amo.

—Apenas o conhece.

—Sei tudo o que é importante que conheça a respeito dele. Protege-me, preocupa-se comigo, e tenta me fazer feliz.

—É um bom começo, mas há muito mais em um matrimônio. Necessita-se tempo para conhecer o outro.

—Não podemos nos dar a esse luxo. Ele irá para à guerra.

—Com mais razão deveria esperar.

—Com mais razão deveríamos nos casar. Mãe, peço que me dê sua bênção.

—Não posso dar isso.

—Por quê? Tenho um compromisso com ele. Pensei que isso te faria insistir em que nos casássemos. Ninguém mais me aceitaria agora.

—Quero que seja feliz, não que se case com um estranho! O matrimônio é um compromisso legal, e não meramente um apego emocional! B te converteu em sua herdeira; algum dia será uma mulher rica.

—Agora B pode mudar seu testamento. Sem Pitney, tudo mudou.

—Ellen, quando tudo se tranquilizar, possivelmente se dê conta de que estava apaixonada por um ideal, não de quem MacCurrie é realmente.

Ellen apertou os lábios tentando não chorar.

—Não compreendo. Finalmente encontrei a alguém a quem amar e que também me ama. Nenhum homem me afetou desta maneira. Ninguém me fez sentir nunca tão querida.

Rose assentiu lentamente.

—Isso posso vê-lo. Mas, Ellen, há muito mais no matrimônio que a parte física. Descobriu quão adorável é converter-se em uma mulher, mas não tem ideia do que é ser uma esposa.

—Isso é exatamente o que estou tentando ser.

—Possivelmente o será. Mas não acontecerá agora, por muito atraente e terno que seja, continua sendo um estranho.

—Não compreendo. Quando Margaret veio aqui com Hugh, deu-lhe as boas-vindas a ambos.

—Não estávamos a beira de uma guerra. Agora sim o estamos, o que acontecerá se os jacobitas perderem?

—Pois todos perderemos. Nosso primo comanda suas forças.

—Ninguém prestará atenção a três mulheres que vivem tranquilamente em seus lares. Mas



James MacCurrie poderia perder tudo. Não, Ellen, esperaremos. O ano de luto é uma desculpa perfeita.

—Não guardarei luto por Pitney nem um minuto, muito menos um ano, mãe!

Rose levantou a mão.

—Cale-se, Ellen. Não tenho nada mais a dizer a respeito. Deve conhecer o homem antes de dar um passo irrevogável de tal magnitude. —Afastou o olhar—. Quando tiver ido, descobrirá que nem sequer sente falta dele.

—Isso não acontecerá —disse Ellen.

Sua mãe fechou brandamente a porta atrás de si. Ellen caminhou para a janela e olhou a escuridão que reinava lá fora. Já não era a menina que tinha crescido naquele quarto, a menina que tinha sonhado em achar um homem digno de seu amor. Tinha-o encontrado.

James subiu a manta até os ombros e olhou o céu raso. Comportaria-se apropriadamente. Ao menos por um tempo. Rose Malden tinha sido o suficientemente clara com respeito a sua falta de entusiasmo. Podia entender que ela só tentava proteger a sua filha, mas ela não foi capaz de entender o que ele sentia e pensava.

Durante a refeição tinha observado Ellen e a tinha recordado na cama, debaixo dele, arqueando as costas para recebê-lo. Tinha rememorado o gemido compassado que ela havia emitido quando lhe tinha dado prazer e como ele adorava ouvi-lo, fazê-la gemer uma e outra vez, escutá-la sussurrar seu nome. Aquilo não lhe estava ajudando absolutamente.

Tinha escrito a Neil aquela mesma noite para lhe contar tudo o que tinha ocorrido em Netherby, e lhe tinha assegurado que estaria em Lochaber nos dia 18. Na manhã seguinte a metade de seus homens partiriam para Torridon com sua carta. Desejou poder ir também e levar Ellen consigo. Mas acaso ela iria?

Aquela situação era insustentável. Ou Ellen se casava com ele, com ou sem a aprovação de sua mãe, ou ele partiria. E aquela decisão seria tomada breve.

Capítulo 16

Pouca gente foi ao funeral de Pitney. Ellen não podia acreditar que fosse real, especialmente quando David chegou à capela acompanhado de Catherine. Saudou Ellen com uma inclinação de cabeça, como se a última vez que se viram não tivesse fugido do perigo, abandonando-a a sua sorte frente à morte. Mas não se aproximou, nem lhe falou.

Não importava, pensou ela enquanto lançava um rápido olhar para James. Perguntou-se o que faria ele, mas só lançou um olhar furioso para David, que fingiu não vê-lo. Sua mãe saudou serenamente a David, B diretamente não lhe falou.

Alguns de seus amigos e vizinhos permaneceram junto à família de Ellen na capela enquanto diziam algumas palavras sobre o defunto. Poucos deles foram ao cemitério onde, sob a chuva, Pitney Malden foi sepultado em sua morada final; e ainda menos os acompanharam até a casa. David e Catherine não se uniram a esse grupo.

James permaneceu junto a ela em todo momento, frequentemente segurando sua mão. Ela



o apresentou a todos, sabendo que tanto ele como sua relação seriam motivo de falatórios durante dias. Não importava. Pensou que nos anos vindouros recordariam que tinham visto pela primeira vez ao marido de Ellen no funeral de seu padrasto.

Passaram o dia seguinte revisando os papéis de Pitney. Foi B quem achou os documentos, enrolados em uma parte de tecido acerado escondida debaixo da escrivaninha dele.

Conteve a respiração.

—Meu testamento —disse B com a voz entrecortada—. Meu testamento. Escondido aqui. Rose proferiu uma exclamação e se aproximou para parar-se junto a B. James cruzou a sala e olhou por cima do ombro de Rose para ler o testamento.

—Se Malden não assassinou a seu advogado —disse a B—, ao menos sabia quem o fez. Ellen estava a par de seus pensamentos, como se ele os tivesse expresso em voz alta.

Pitney poderia ter assassinado ao advogado. Possivelmente Fraser pôde fazê-lo Fraser e também ter assassinado a Pitney depois. Mas por quê?

Ellen e sua mãe começaram a interrogar os empregados a tarde. James permaneceu com elas sentado em silêncio na sala, observando o procedimento. As criadas foram o bastante sinceras. Pitney não tinha sido muito querido. Relataram várias histórias, incluindo as frequentes visitas de Cecil Fraser entrada a noite ou quando Rose, Ellen e B tinham saído para ir a uma festa ou a um jantar. Tinha estado em Netherby duas noites antes do assassinato de Pitney.

Quando Fraser finalmente se foi, Pitney tinha bebido muito, insultando a todos os que cruzaram o caminho antes de cair inconsciente no chão da sala de estar.

Fez o mesmo, disseram, depois da visita dos soldados de John. Havia gritado com eles nem bem chegaram, mas logo se converteu em uma massa trêmula que os implorava que não o machucassem. Não tinha nenhuma marca em seu corpo, mas depois de que retiraram, bebeu muito até esquecer.

Os servos também tinham histórias a respeito das ordens de mentir para Rose, das visitas de Pitney a sórdidos lugares em Dundee e de ter feito entrar mulheres às escondidas na casa na ausência da mãe de Ellen. Rose tinha dado por finalizado o interrogatório nesse momento, com o rosto pálido, disse que já tinham ouvido suficiente.

James esteve de acordo. O retrato do padrasto Dr. Ellen era consistente, esse homem havia sido um depravado, e agora era um depravado morto. Enviou a vários de seus homens vestidos com roupas das Terras Baixas para ver que informação podiam achar em Dundee e Perth que se aproximava de Cecil Fraser. Retornaram com pouco a dizer.

Um homem lhes havia dito que tinha trabalhado para Fraser uma vez, embora isso não havia acontecido nos últimos anos. Tinha ouvido que Fraser estava trabalhando para um nobre agora; outro disse que Fraser tinha reunido tropas para Mackay. Um terceiro disse que tinha ouvido que Fraser estava morto. James voltou a enviar a seus homens para obter maior informação. Se havia algo para descobrir, faria-o. E depois iria à guerra deixando Ellen ali, com sua família. Mas primeiro, se Deus permitisse, casaria-se com ela.

Durante dias ele se comportou bem, a maior parte do tempo. Uma manhã em que B desceu antes que os outros, encontrou-o de pé na entrada observando a grama e o verde prado, recordando a descrição que Ellen lhe tinha dado de seu lar. Se aproximou.



—Tomei uma decisão —disse ela olhando-o com olhos vivazes.

—Sim?

—Sim. —B suspiro dramaticamente—. Mudarei meu testamento.

—Fará isso?

—Sim. Originalmente deixava minha propriedade para Ellen ao invés de Rose para que Pitney não tivesse o controle. Agora isso já não é uma preocupação.

James a olhou nos olhos.

—Senhorita Graham, faça o que deseje com sua casa e sua propriedade. Ellen não precisará; eu não a quero. Tomaria por esposa embora estivesse nua e sem um centavo.

B sorriu abertamente.

—Suspeito que a preferiria dessa maneira.

Ele riu.

—Possivelmente tenha razão.

Ela se retirou e James chegou o eco de sua risada enquanto se afastava caminhando. B o agradava bastante e suspeitou que era mútuo, o qual lhe agradou.

O que era menos satisfatório era que parecia haver chegado ao limite da informação que podia-se obter sobre Malden e Fraser, e finalmente se deu por vencido. Manteve-se ocupado ensinando a Ned um maior domínio da espada. O jovem era um aprendiz disposto e James tirou o chapéu desfrutando do tempo que passavam juntos. A terceira lição contou com público, já que parte do pessoal e Ellen os estavam observando. Ao dar a volta depois de haver-se despojado da camisa, James percebeu Ellen observando-o com uma expressão que só lhe havia visto na cama.

Jogou-lhe um beijo ao ar e viu que ela se ruborizava. Depois deu a Ned uma lição que não esqueceria. Sabia que estava se exibindo, mas demônios, que bem se sentia.

Rose o encurralou e o observou com os olhos entrecerrados quando subia as escadas para seu quarto para trocar-se de roupa antes do jantar.

—Não me agradou sua demonstração desta tarde, senhor MacCurrie —disse ela com tom glacial—. No futuro se absterá de tais coisas.

—O que foi o que fiz ?

—Jogou um beijo a minha filha em frente aos empregados.

James apertou o punho.

—Madame, estou comprometido com sua filha, você sabe o que isso implica, tudo o que implica. Fui paciente, aguardando a que permita que nos casemos, deixando que você e Ellen chegassem a uma conclusão. Mas se acaba o tempo. Ellen e eu nos casaremos, com ou sem sua permissão. E não esperarei um ano.

Rose o olhou furiosa.

—Isso soa como uma ameaça, senhor.

—Eu gostaria de contar com sua bênção, mas Ellen e eu estaremos juntos nos outorgue isso ou não.

—Uma afirmação atrevida, senhor MacCurrie —disse Rose com as faces acesas.

—Não é minha intenção ser descortês com você, madame, mas desejo que conheça minhas intenções. Amo Ellen e ela me ama. Aproxima-se a guerra. Não nos permitirá estar juntos



como marido e mulher antes de que deva partir?

—Não.

—Por quê? É acaso porque sou das Terras Altas? É por que me acha inaceitável? Amo a sua filha, senhora Malden, com todo meu coração. Prometo-lhe que, enquanto viva, cuidarei dela. Sei que não acredita que um amor assim possa florescer em tão pouco tempo, mas o asseguro que é possível. De fato assim aconteceu. O que preciso fazer para convencê-la, para que permita que nos casemos?

Rose o observou furiosa.

—Algo que você não pode proporcionar, senhor MacCurrie.

—O que?

—A convicção de que você é o homem que minha filha acredita que é.

—Não compreendo o que quer dizer.

—Os pensamentos de Ellen estão bastante confusos neste momento, senhor MacCurrie. Ela tem a fantasia de que está apaixonada por você.

—Possivelmente seja mais que uma fantasia.

—As mulheres jovens frequentemente se apaixonam por um rosto atraente. Ainda está por ver se existe algo detrás desse rosto.

Ele inspirou profundamente, tentando acalmar sua ira.

—Certamente você não tem a intenção de que isso pareça tão insultante como soa.

—Mãe! James! Parem! Por favor! Não posso suportar!

Ellen estava de pé na entrada com os olhos totalmente abertos. Rose se ruborizou e fechou os olhos. James levantou o queixo.

—Ellen —disse—. Sua mãe tem dúvidas a respeito de quem sou. Você terá que tomar a decisão. Casará-se comigo, ou não?

Rose abriu os olhos.

—É muito cedo, Ellen. Peço que espere.

—Não temos tempo para esperar —disse James—. Partirei dentro de dez dias. O que decide, pequena?

Ellen abriu a boca mas não pôde responder. James a olhou por um momento, depois a Rose, e subiu abruptamente as escadas passando rapidamente junto ao Ellen. Bateu a porta de seu quarto atrás de si. Ellen ficou olhando a sua mãe. Rose se virou e desceu as escadas, deixando Ellen com a vista perdida.

Ele não respondeu quando ela chamou a sua porta, nem tampouco quando disse seu nome.

—James, por favor —disse ela recostando-se contra a porta do quarto—. James.

Mediu a fechadura; não tinha jogado o ferrolho e abriu a porta. Achava-se de pé frente à janela com a vista perdida na distância.

—James, fale comigo.

Virou-se para ela, tinha faces avermelhadas e os olhos brilhantes.

—Eu sim te amo —disse ela.

—Mas não o suficiente para dizer na frente de sua mãe.



—Já lhe disse que te amo.

—Fui paciente, Ellen.

—Só passaram alguns poucos dias.

—Só contamos com alguns poucos dias, pequena.

—Deixe que ela se acostume à ideia. Acaba de sepultar a seu marido.

—Um homem a quem não amava.

—Uma vez o amou. Por isso deseja que esperemos, James.

—Sim, para que possa ver o engano que comete. Para que possa descobrir quão bastardo sou.

—Não é essa sua intenção!

—Essa é exatamente sua intenção! Não sou Pitney Malden, Ellen e sabe disso. Devemos esperar porque sua mãe cometeu um engano? Não tem sentido.

—Ela só necessita um pouco mais de tempo.

—Não é sua mãe com quem me casarei. Não necessitamos de sua aprovação, já é maior de idade. Pode se casar quando desejar.

—Eu gostaria de contar com sua aprovação.

—E eu gostaria que a jovem que quero me amasse o suficiente para casar-se comigo.

—Eu te amo!

Ele meneou a cabeça.

—Não o suficiente, é evidente. Não o suficiente. —Deu um passo para ela—. Não lhe entendo. Como pode ser assim tão falsa comigo?

—Falsa com você?

—Me faz acreditar que me ama, mas não quer demonstrá-lo.

—Demonstre, James! Compartilhamos a cama, se por acaso não recorda.

—Recordo. Quando necessitava, procurou consolo em mim. Agora está em seu lar e não parece me necessitar tanto.

—Não pode esperar que compartilhemos a cama na casa de minha mãe antes de estar casados!

—Celebramos um compromisso firme, ou acaso não recorda? Se estivéssemos em Torridon, compartilharíamos a cama. Observe o anel em seu dedo, Ellen. Acaso não significa nada para você?

—Significa tudo.

—Pois me demonstre isso. Se case comigo. Esta noite. Arranjaremos alguém que nos case em alguma parte de Dundee. Ou iremos para Edimburgo.

—James! Não posso!

—Compreendo.

—Não, não compreende. Desejo me casar com você. Mas com a bênção de minha mãe, e desejo fazê-lo na capela de Netherby, não no escritório de alguém no meio da noite! Quero que se trate de uma cerimônia solene, não de uma impulsiva fuga furtiva.

—Só restam dez dias antes de que deva partir, Ellen.

—Voltarei a falar com minha mãe.



—Não é decisão dela. É a sua.

—E quando Neil desaprovou o que lhe disse?

—Não desaprovou.

Ela riu burlonamente.

—É obvio que desaprovou! Fez todo o possível para nos separar. Não pôde suportar que eu fosse importante para você. Ele tinha medo...

—Meu irmão não tem medo de você, Ellen.

—Sim tem, James! —Ellen tentou se acalmar—. No princípio odiei Hugh MacDonnell. Não podia suportar que minha irmã viajasse para visitar um amigo e apaixonasse-se por ele e nunca retornasse para casa. Senti que tinha roubado a minha irmã. —Suspirou — Pelo que lembro levei meses para perdoá-la. E mais tempo para perdoar Hugh por levá-la para longe. Estou certa de que Neil teme que aconteça justamente o mesmo com você. Estou certa de que se sente abandonado. Se me senti tão desolada com uma irmã, como deve sentir um irmão gêmeo? Como deve sentir-se Neil agora.

—Tem razão, Ellen, ele não queria que estivéssemos juntos. E tenho certeza de que está certo no referente a que se sente sozinho. A diferença entre você e eu é que não permiti que a desaprovação de ninguém nos separasse. Neste momento me pergunto por que. — Observou-a durante um momento, depois se virou para olhar pela janela.

Ellen parou atrás dele.

—James, sim, te amo.

—Isso é o que diz você, Ellen. Fale com sua mãe. Estou cansado das palavras.

Lhe apoiou a cabeça sobre o ombro.

—Eu sim te amo, James.

Permaneceram em silêncio e finalmente ela se retirou.

O jantar transcorreu em um silêncio solene. B foi a que conversou a maior parte do tempo, mas Ellen e James quase não proferiram palavra, e Rose falou o menos possível. Ellen se sentia desventurada. Como podia ser que sua mãe não visse em James o que ela via? Como podia não ver quão maravilhoso era, quão valente, quão honesto? Não pôde provar nada e, finalmente, colocou o garfo no prato e olhou a sua mãe.

—Amo James —disse.

James levantou a cabeça. Rose ficou olhando-a pasma. B olhou para Ellen e depois para Rose. A jovem que servia a comida ficou imóvel.

—Mãe, amo James. Com todo meu coração. Casarei-me com ele. Passarei o resto de minha vida com ele.

—Este não é o lugar nem o momento para discutir, Ellen —disse Rose—. Pode se retirar agora —disse a jovem.

—Devemos falar disso.

—Não agora.

—Quando?

Rose meneou a cabeça, tinha os olhos cheios de lágrimas. Colocou o garfo no prato e



empurrou a cadeira para trás.

—Não posso perder você também! Não posso suportar falar a respeito disto agora. Não o conhece! Não sabe se resultará ser um mentiroso ou se esbanjará seu dinheiro em outras mulheres.

—James não é Pitney, mãe!

Rose ficou de pé.

—Não sabe com certeza!

Saiu correndo da sala. Ellen, James e B ficaram olhando-a.

—Você conta com minha bênção —disse B ao James.

—Obrigado —disse ele.

—Rose está fora de si agora —disse B—. Ela o amava. Isso é o pior. Simula que não era assim, mas o amava. Tem o coração destroçado. Não soube como era ele até que foi muito tarde, mas parte dela ainda o amava.

Ellen assentiu, mas James não falou nem assentiu. Momentos depois, B se retirou para dormir dizendo que estava exausta e muito velha para tantas emoções. James e Ellen se dirigiram para o jardim. Permaneceram de pé observando o vale, depois James se virou para Ellen com expressão sombria.

—Não discutirei com ela, pequena —disse ele em voz baixa—. Não discutirei com ela. Não posso provar que sou um homem decente antes de ir para Lochaber. Esperaremos.

—Amo você, James.

—E eu a você, Ellen. Mas possivelmente sua mãe tenha razão. Possivelmente devemos esperar e saber mais um do outro.

—Não preciso saber mais. Sei quem é.

—Possivelmente acha que é assim, pequena. Possivelmente é certo que apressamos as coisas.

—James, o que diz?

—Que o mundo está um pouco transtornado. Possivelmente nós também.

—Pois estou muito feliz de ter enlouquecido.

—Poderíamos nos casar apesar dos prantos e protestos de sua mãe? Não posso fazê-lo. Depois da guerra... possivelmente então.

Acariciou-lhe a face e inclinou a cabeça sobre sua mão enquanto o olhava nos olhos.

Levantou o rosto para receber seu beijo, ele se inclinou e lhe rodeou o pescoço com o braço saboreando o roçar de seus lábios.

—James, nos casemos esta noite. Iremos para Dundee, ou para Edimburgo se for necessário.

Voltou a beijá-la, mais apaixonadamente, pressionou-lhe os lábios com a língua até que ela os abriu para recebê-lo. Inclinou-se contra seu peito e sentiu como lhe acelerava a respiração, percebeu a resposta de seu corpo com suas carícias. Lhe rodeou a cintura com um braço, ele também, sustentando-a firmemente contra seu peito.

—Não, pequena, esperaremos.

—Amo você.

—E eu a você. Isso terá que bastar no momento.



O dia estava despontando. Partia para a guerra. Neil se despediu do castelo e do lago enquanto permanecia de pé em um parapeito com vistas ao Lago Torridon. Se perguntava se aquela seria a última vez em sua vida que o faria.

Fazia multidão de listas com instruções, tinha instruído aos que ficavam a respeito de suas responsabilidades. Tinha falado com sua mãe e com sua avó. Agora era hora de partir. Duncan se encontrava mais abaixo com os homens, esperando-o. Inspirou pela última vez a maresia. Não voltaria a respirar ar como aquele até retornar para casa. Se é que retornaria para casa.

Onde estava James? Ainda em Netherby com Ellen? Só tinha recebido a carta de James em que dizia que se reuniria com ele e Duncan em Lochaber e lhe informava a respeito da morte de Malden. Neil não tinha percebido perigo para James, ao invés disso experimentava um sentimento incerto, uma inquietação, como se algo ficasse por fazer. Possivelmente James havia cansado de Ellen Graham. Possivelmente tinha casado com ela.

Neil fechou os olhos, levantou o braço e pediu a seu pai que cuidasse de Torridon e da família em sua ausência. Depois se virou e afastou a vista da água. Era hora de partir. Havia tocado o carvalho para que lhe desse sorte, depois se reuniria com seu irmão para guiar ao clã à guerra, exatamente como o profeta tinha previsto.

Os dias passaram com muita rapidez. James logo partiria para reunir-se com John em Lochaber. O exército de Mackay percorria a campina em busca de seu primo e de suas tropas, mas ainda não tinha tido êxito. Os rumores diziam que John estava em Inverness, em Dundee e na fronteira ao mesmo tempo. Mas Ellen sabia onde estava e também seu cunhado Tom: nas Terras Altas, reunindo apoio dos clãs mais influentes.

Mackay também estava recrutando gente, e o confronto entre as facções chegou inclusive a Dundee, onde se suscitavam brigas entre os homens que no passado haviam compartilhado noites de farra e o mesmo rei. James escutava as notícias sem fazer comentário algum, mas mais de uma vez o tinha surpreendido com a vista perdida na distância e sabia que estava pensando na guerra que se aproximava. Em seu irmão. Não nela nem em seu futuro juntos.

Rose de algum jeito se suavizou, tinha mantido várias conversas amigáveis com James. Ele era cortês, mas Ellen podia notar quão desventurado se sentia; igual a ela.

Ela continuou ajudando a sua mãe a revisar os papéis de Pitney, embora parecia que restava pouco por descobrir. Pitney tinha deixado dívidas, muitas, e cartas que faziam que inclusive B se ruborizasse, com histórias de desagradáveis noites que tinha passado em companhia de amigos e de outras mulheres. Ajudavam a justificar a oposição de Rose a seu matrimônio, mas certamente até sua mãe podia ver que James era completamente diferente de Pitney.

Dois dias antes da partida prevista, achou-o no celeiro, afiando a lâmina de sua espada, mantendo a em alto e à luz para examiná-la, e sentiu um calafrio ao pensar no aço enterrando-se na carne. Sentou-se para observar e se abraçou a si mesma. James deixou a espada e a olhou.

—Não posso suportar, pequena. Temos que falar. Não posso ir assim.

Ela não pôde lhe responder.

—Me ama, Ellen? Alguma vez me amou?



—Amei você desde o primeiro momento em que te vi, James MacCurrie.

—E agora?

—Mais que nunca.

—Pensa que sou como...?

—Se penso que é como Pitney? Não. Nunca. —Ela se aproximou para parar frente a ele e o acariciou na bochecha—. Nunca.

Segurou sua mão, a levou à boca e beijou cada um de seus dedos. O corpo dela começou a emitir essa vibração que lhe era tão familiar, essa necessidade que só ele podia satisfazer.

—James —disse ela—. Me beije.

Agarrou-a impetuosamente entre seus braços, pressionou sua boca contra a dela, provocando-a, tentando-a, seduzindo-a. Ela o recebeu gentilmente inclinando-se para seu beijo, pressionando e explorando sua boca de igual maneira. Afastou-se e o olhou aos olhos.

—James —disse ela—. Feche a porta. Com chave, amor.

Ele tinha os olhos obscurecidos.

—Aqui, Ellen? O que acontecerá se alguém vier te buscar?

—Terão que derrubar a porta. E nos daríamos conta.

Tirou sua roupa; ele fez o mesmo com a dela e finalmente ficaram de pé, nus, um frente ao outro. Acariciou-a com um dedo da clavícula até a ponta de seus seios, depois percorreu o mesmo caminho com os lábios. Ela colocou uma mão em suas costas, sustentando-o fortemente contra ela, enquanto com a outra mão agarrava seu membro ereto.

Ele a recostou sobre sua manta, que estava no chão, percorrendo seu corpo com beijos da bochecha até as coxas, e lhe implorou que a fizesse dela. Inclusive nesse momento ele moveu-se lentamente para colocar-se sobre ela, beijando-a profundamente enquanto a penetrava. Ela suspirou de prazer e sorriu apoiada contra seu ombro. E finalmente foi dele, embora só por um momento.

Quando finalmente jaziam tranquilos sumidos em um abraço, Ellen não pôde controlar as lágrimas. As secou com mãos trêmulas, tentando acalmar-se. Não tinha esperado sentir-se tão afligida, mas não podia pensar em outra coisa exceto que aquilo poderia não voltar a acontecer nunca mais. James lhe acariciou o cabelo.

—Amo você, Ellen Graham —disse ele—. E considere que somos marido e mulher desde nosso compromisso. Nada mudou desde aquele momento e nada mudará. Venha comigo à capela e voltaremos a nos comprometer.

Ela o olhou aos olhos e depois assentiu. Ele ficou de primeiro pé, vestiu-se com rapidez e a ajudou. Segurou sua mão enquanto avançavam pelo curto caminho à capela de pedra de Netherby, depois parou junto a ele frente ao altar e rezou uma prece.

Os compridos, raios do sol da tarde penetravam pelas vidraças, embebendo tudo com uma luz azul quando se ajoelharam um em frente ao outro. As mãos de James eram cálidas e fortes; o aroma do mel das abelhas e das flores enchia o ar. Ela se achava no lugar que mais amava na terra, junto ao homem a quem adorava. Ellen observou suas mãos unidas, as dele grandes, as dela pálidas, e tentou não chorar.

A voz dele estava enrouquecida pela emoção.



—Eu, James MacCurrie, entrego meu amor e minha fidelidade, meu corpo e meu coração, a você, Ellen Graham a partir de agora e para sempre.

Ela levantou o queixo e o olhou nos olhos.

—Eu, Ellen Graham, entrego meu amor e minha fidelidade, meu corpo e meu coração, a você, James MacCurrie, a partir de agora e para sempre.

Beijou-a brandamente, depois a ajudou a ficar de pé e a beijou novamente.

—Veja, Ellen. Nos casamos em Netherby, como você desejava. A ninguém mais nesta terra importa se as palavras foram ditas por um sacerdote. Expressamos-as nós mesmos. Agora somos um.

—Somos um —disse ela—. para sempre.

—Sim, amor. Para sempre.

James partiu ao amanhecer. Ellen se envolveu com a capa e o seguiu ao jardim, com os olhos avermelhados de tanto chorar. Seus homens aguardaram enquanto lhe falou em voz baixa, dizendo que a amava, que devia manter-se a salvo. Depois montou sentindo o coração contraído no peito.

B e Rose se aproximaram da entrada calidamente protegidas contra o frio da manhã. Desejaram boa sorte e ele lhes agradeceu e se despediu com um movimento de cabeça. Britta e Ned chegaram, os olhos de Britta se encheram de temor quando Ned lhe voltou a pedir a James que o deixasse acompanhá-lo.

—Não, amigo, necessito que fique aqui, mantendo Ellen a salvo por mim.

—Mas, senhor —implorou Ned—, deixe-me ir. Você me treinou bem. Poderia proteger suas costas.

—Ned —disse James—, necessito que fique aqui cuidando de meu coração.

O jovem engoliu em seco com dificuldade e assentiu, depois tentou sorrir enquanto Britta agradecia a James uma e outra vez. Ele posou sua mão no ombro da jovem, depois se voltou para virar para Ellen. Ela levou a mão aos lábios, tinha os olhos cheios de lágrimas, e ele apertou a mandíbula. Se permanecesse ali mais tempo, nunca iria.

—Voltarei por você, Ellen —disse baixinho. Elevou a voz para que todos no jardim pudessem lhe ouvir—. Voltarei por ela—disse a Rose.

A mãe de Ellen levou a mão à garganta e assentiu. James se inclinou e levou a Ellen para ele para lhe dar um último beijo, uma última carícia de seus suaves lábios nos dele.

—Voltarei —sussurrou ele.

—Estarei esperando—disse Ellen.

Ele se endireitou e fez um gesto a seus homens, depois agarrou as rédeas.

Capítulo 17

Neil já estava ali. Ele podia sentir. James cavalgou lentamente no acampamento, procurando a seu irmão, a seu primo e ao estandarte dos MacCurrie. Não parecia fácil encontrá-los no tumulto. Lochaber estava lotado de clãs provenientes de todas as partes das Terras Altas.



James cavalgou lentamente pelo atalho central do acampamento. Um grupo de gaiteiros praticavam a um lado, os agudos tons se elevavam entre a multidão. Alguns homens jogavam dados sobre a reverdecida grama; outros permaneciam de pé falando em grupos fechados.

Os amigos davam palmadas nas costas ao saudarem-se ou falavam em voz baixa aproximando as cabeças. Os MacDonald de Sleat saudaram James com a mão quando passou junto ao eles, lhe dando as boas-vindas e assinalando um ponto mais afastado do acampamento. Os MacKenzie o detiveram para conversar um momento, lhe perguntando pelas terras que se achavam ao leste. Aparentemente todos sabiam onde tinha estado.

—Jamie! Aqui!

O grito de Duncan provinha de sua direita, James girou sobre o cavalo para procurar o seu primo e o viu imediatamente. Neil e Duncan o saudaram com a mão enquanto caminhavam rapidamente para ele seguidos pelo jovem MacLeod. James desmontou. Neil o envolveu em um abraço, depois Duncan fez o mesmo.

—Não parece diferente. Ainda não usa argola no nariz —disse Neil.

—Ainda está apaixonado? —perguntou Duncan.

James assentiu.

—Contraímos um compromisso e pronunciado nossos votos em sua igreja.

—Me alegro por você, Jamie —disse Neil timidamente.

—Obrigado —disse, James sentindo como se dissipava a preocupação que o tinha afligido enquanto cruzava a Escócia. Tudo iria bem entre eles.

Duncan o conduziu para o lugar que tinham atribuído no acampamento.

—Estamos aqui. Neil deveria estar reunindo-se com os outros chefes, mas como sabia que viria te esperamos. É agradável contar com companhia, não é verdade?

James sorriu abertamente.

—Quais vieram?

—Glengarry, Keppoch, Kilgannon—disse Neil—. Grant.

—Grant?

—Sim —disse Duncan—. Possivelmente seu amigo David se encontre entre nós também. Não o vi, mas tampouco o procurei.

James riu.

—Deixei-o com as outras mulheres. —Saudou com a mão aos homens do clã que se aproximavam para saudá-lo—. Quando partimos?

Duncan fez um gesto de impaciência com os olhos.

—Ainda não. Primeiro falaremos.

—E discutiremos —disse Neil—. Reunir a estes clãs não foi fácil; mantê-los unidos será uma proeza digna de ser presenciada.

—Se alguém pode conseguir, é Dundee —disse James.

Neil e Duncan trocaram um olhar.

—Está com os Graham —disse Duncan sorrindo. Neil assentiu com expressão pensativa.

No acampamento reinava uma atmosfera quase festiva. Cada clã tinha atribuído seu próprio



território, mas os membros dos clãs se misturavam livremente. Os inimigos tradicionais compartilhavam comidas, contavam piadas e se divertiam fazendo depreciativos comentários a respeito das habilidades dos outros. Também haviam os desacordos, disputa pelos lugares onde se localizariam, ciúmes sobre quem seria mais escutado por Dundee.

James não teve nenhum problema para aceitar Dundee. A primeira vez que o primo de Ellen viu James, deteve-se por um momento e depois lhe perguntou se ele era James ou Neil.

Quando esclareceu que era James, Dundee deu boas-vindas a Lochaber e perguntou como se encontrava Ellen. James disse que a tinha deixado a salvo com Rose e B, depois contou a morte de Malden. Dundee pareceu impactado e pediu que relatasse a história, o qual fez James em detalhe, incluindo suas suspeitas sobre Fraser. Dundee o escutou e depois lhe ofereceu sua ajuda para achar Fraser uma vez que terminasse a guerra. James aceitou com sombrio prazer.

O primo de Ellen estava em todas partes e em cada detalhe, saudando os recém chegados e mantendo reuniões com os chefes dos clãs até altas horas da madrugada. Escutava tanto quanto falava, e escolhia cuidadosamente suas palavras. Muitos estavam contentes com a disposição de Dundee para ser assessorado pelos homens das Terras Altas, aceitando suas sugestões para as estratégias de ataque.

Conseguia convencer aos homens com fervorosos discursos, assegurava aos chefes dos clãs que o rei Jacobo lhes encomendaria missões militares, e prometia que seus gastos seriam pagos. Mas James se precaveu da preocupação nos olhos de Dundee.

E nos de Neil, que frequentemente estava preocupado. James detectou a mudança em seu irmão, que se tinha convertido no líder que James sempre soube que chegaria a ser. Parecia gratificante mas também lhe afetava como uma perda. Neil estava entrando em um território ao qual James não teria acesso. Ele era agora o chefe do clã, tanto em suas ações como em sua designação. Uma vez mais as vidas dos gêmeos estavam se separando. Era algo natural, disse James pensando em Ellen; já era hora de que acontecesse. Mas também era o final de algo que tinha suposto que duraria para sempre.

James tinha mudado. Havia uma sombra que nunca antes tinha existido escondida em seu olhar, mantinha pensamentos em reserva. Mas foi explícito a respeito de seus planos para depois da guerra: voltaria para Netherby e se casaria com Ellen, com ou sem o consentimento de sua mãe.

Neil o escutou, mas não fez nenhum comentário. Antes de partir de Torridon, sua avó tinha dado a ele e a Duncan mais detalhe sobre a lenda. O profeta havia dito que os gêmeos iriam à guerra com um parente ruivo que retornaria para Torridon com o filho mais velho, quem depois percorreria os mares e retornaria passado um tempo com uma esposa estrangeira. O filho mais velho regeria Torridon sozinho; o segundo filho não retornaria junto a seu irmão. Neil tinha olhado a sua avó nos olhos e tinha percebido o medo em seu olhar.

Ela tinha meneado a cabeça.

—Não sei se significa que ele se casará com Ellen e ficará em Netherby, ou... —Ela havia deixado as palavras flutuando no ar mas não havia necessidade de terminar a frase—. Precisa



saber se já se casou com ela. A lenda diz que ele se casará com uma jovem do leste. Se não se casaram ainda, ao menos sabe que sobreviverá à guerra.

—E os cinquenta anos de paz? —tinha perguntado Neil.

—Não sei nada mais que o que lhe disse. Bom, só que os gêmeos desposariam moçinhas com o mesmo nome. —Sua avó lhe tinha colocado a mão no braço e levantado os olhos cheios de lágrimas—. Cuida bem de Jamie, Neil. Traga-o de volta para casa e prove que o profeta estava equivocado. Não podemos suportar outra perda. Protege-o bem.

Neil tinha assentido, perguntando-se como poderia proteger a seu irmão de uma força mais poderosa de todas.

Em 28 de maio, Dundee encabeçou a marcha dos clãs que partiam de Lochaber ao compasso dos sons das gaitas de fole e dos clarins. Os MacCurrie partiam perto dele. James permaneceu quieto sob o cavalo, tentando gravar o momento enquanto esperava sua vez para unir-se à marcha. Nunca tinha visto uma legião similar e sentiu que o sangue fervia.

Cada clã havia levado seus próprios gaiteiros, e o ar estava vividamente carregado de música e de cor. Os homens do regimento de Dundee vestiam seus uniformes vermelhos forrados de amarelo e se deslocavam à cabeça do desfile seguidos por outros clãs das Terras Altas que vestiam suas brilhantes mantas. Alguns chefes tinham vestido a seus homens com tecidos ou cores similares a suas mantas para mostrar sua aliança.

A maioria dos homens dos clãs usavam distintivos em suas boinas com folhagem dos pântanos ou alcachofra-brava, camisas de chiffon metidas no cinturão que sustentava a adaga a direita e a espada de punho com taça à esquerda. Estavam providos de diferentes tipos de armas, os clãs mais enriquecidos levavam pistolas e mosquetes, os menos ricos, velhos trabucos. Muitos deles também levavam tochas ou presas de javali e outros tantos targes, os típicos escudos de couro, em sua maioria decorados com desenhos celtas.

MacDonald de Keppoch usava um casco e levava uma antiga claymore, a enorme espada de lâmina dupla que já poucos usavam naqueles dias. Lochiel, que tinha mais de sessenta anos, usava uma reluzente armadura, e sua expressão era tão feroz que James não pôde evitar de sorrir. Alasdair Maclain, o chefe dos MacDonald de Glencoe, usava a longa barba trançada e enroscada para trás.

Os MacCurrie não eram menos coloridos. James, Neil e Duncan luziam polidos e reluzentes coletes que tinham pertencido a Alistair com o escudo dos MacCurrie banhado em ouro no centro. Suas boinas estavam adornadas com plumas de águia e ramos de carvalho, e seus escudos de metal esculpido estavam reluzentemente polidos. Seus homens estavam bem armados e preparados para partir, sua ansiedade era evidente na briosa maneira de partir.

O exército avançou através das montanhas de Garvamore; cruzaram Spey e chegaram ao castelo de Raitts, a antiga fortaleza dos Comyn, onde celebraram o aniversário da restauração do rei Carlos II. Iluminado pelas chamas da fogueira que tinha ordenado acender, Dundee dirigiu a seu exército, brindando à saúde do rei Jacobo e por seu triunfal retorno a Escócia, assegurando a seus homens que derrotariam ao inimigo e que a ordem seria restaurado em seu país e em seus lares. As árvores vibraram com o som dos vitoriosos.



Dundee e Mackay se perseguiram mutuamente pelas planícies Orientais das Terras Altas durante seis semanas. Grupos pertencentes a cada facção se enfrentaram em ataques cada vez mais frequentes e com mais homens. Junho terminou e já estava bem entrado o mês de julho e ainda não se tinha determinado quem seria rei. Dundee esperou reforços e que o rei Jacobo chegasse da Irlanda.

Mackay esperou a chegada de mais tropas da Holanda e aos Hugonotas e mercenários espanhóis, a maioria dos quais nunca chegou. Os homens de Mackay se rebelavam abertamente, muitos oficiais não mantinham em segredo sua intenção de desertar e unir-se a Dundee na primeira oportunidade que tivessem. Mackay pressionava aos seguidores de Guilherme para obter mais dinheiro, maior equipamento e mais homens.

E ainda os exércitos não se enfrentaram.

O resto do país aguardava. Catherine as visitava frequentemente, apesar das displicentes bem-vindas de Ellen, e lhes levava notícias do mundo exterior. Uma cálida e ensolarada tarde lhes disse que David se foi na noite anterior com Dundee.

Catherine chorou enquanto contava a história. Ellen a escutou sem emitir comentário algum, pensando no momento em que Fraser os tinha atacado na clareira, na expressão no rosto de David justo antes de fugir apavorado. Foi para à guerra? Por quê?

—Ainda não posso acreditar! —soluçou Catherine—. Ele não é assim, como os das Terras Altas. Não é que todos os highlanders sejam selvagens e estejam sedentos de sangue, mas as histórias...Ao menos David é civilizado.

“Civilizado, justamente”, pensou Ellen com ironia.

—Catherine —disse—, pode-se conhecer alguém durante anos e não saber como é na realidade. Conte o que aconteceu depois de que saímos de Dunfally Andy? David se encontrava conosco, recorda, quando partimos para Glengarry...

Catherine escutava com as mãos entrelaçadas e a boca aberta. Quando se foi, pálida e aturda, Ellen ficou olhando-a, se perguntando se tinha salvado a uma amiga de cometer um terrível engano ou se tinha destruído algo que Catherine tinha valorizado. Se aquilo era vingança, não parecia doce.

James estava fora do acampamento dos MacCurrie, falando com Duncan e com Hugh MacDonnell, quando viu David Grant chegar. Grant não o viu, o sombrio homem do leste estava entretido em uma conversa com um homem do clã. Estava armado com espada e pistola, levava um targe amarrado ao pescoço de seu cavalo. Com segurança usaria o machado, pensou James com desdém. Mas provavelmente suas armas permaneceriam limpas.

—Jamie, de quem demônios zomba? —perguntou Duncan e seguiu o percurso do olhar de James—. Droga, David Grant.

Contou a história de Grant a Hugh, quem também se virou para olhá-lo.

—Por que acha que está aqui? —perguntou Hugh.

Duncan encolheu os ombros.



—Possivelmente precisa provar algo a si mesmo.

—Possivelmente é um espião de Mackay —disse James.

Duncan o olhou com os olhos entrecerrados.

—Não pode acreditar nisso realmente.

—Já fugiu uma vez. Por que se uniria ao exército um homem como ele?

—Estava em Dunfalgandy.

—Só porque foi procurar Ellen. Pelo que sei, ela não está aqui. —James percebeu que seu irmão se aproximava—. Neil se aproxima. O Conselho de Guerra deve ter terminado.

Duncan riu quando Hugh olhou a seu redor.

—Espere, ainda não está à vista, MacDonnell. James e Neil têm sua própria maneira de comunicar-se. Só espere um minuto.

Em questão de um momento, Neil e Glengarry, o chefe dos MacDonnells, apareceram.

Duncan sorriu amplamente para Hugh.

—Eu disse.

—Como faz isso? —perguntou Hugh a James.

James encolheu os ombros.

—Acredito que é porque somos gêmeos.

Hugh riu e esperou junto aos primos enquanto Neil e Glengarry se aproximavam.

—Que notícias tem? —perguntou Duncan.

Neil lhe respondeu:

—Recorda quando fomos ao Castelo de Blair para tentar convencer a Lorde Murray de que se unisse a nós?

—E que nem sequer quis conversar? —adicionou Glengarry.

Os outros três homens assentiram.

—Murray foi para Edimburgo para reunir-se com os assessores de Guillermo —disse Neil—. E em sua ausência seu agente, Patrick Stuart, ocupou o Castelo Blair e mantém a posição em espera de que nós unamos a ele.

—Agora Murray se dirige para lá desde Edimburgo para recuperar seu castelo —disse Glengarry—. Terá que sitiá-lo seu próprio lar.

—Temos que conservar Blair —disse James—. É a porta de entrada ao oeste de Lochaber. Se Murray o recuperar, teremos o caminho bloqueado. Os reforços que envie o rei Jacobo teriam que percorrer o dobro do caminho.

—E cortarão as vias de fornecimentos e de comunicação com nossos lares—disse Duncan.

Neil assentiu.

—Sim. Quem toma posse de Blair tem a vantagem. Sabe que Mackay também se dirigirá para lá. Não deixará que Murray sitie seu próprio castelo. Sabe tão bem como nós quão importante é Blair.

—Com quantos homens conta Murray?

—Algumas centenas, mas está somando a seus latifundiários à medida que balança para ao norte.

—E Mackay?



—Ouvi dizer que tem entre três mil e cinco mil homens —disse Neil.

—Com quantos contamos nós? —perguntou James

—Com menos de dois mil.

—Aguardaremos a que cheguem mais tropas do rei? —perguntou Hugh.

—Quem sabe quando chegarão! —disse Glengarry—. Esperávamos a chegada de milhares na semana passada e só vieram trezentos.

—Não esperaremos —disse Neil—. Iremos a Blair. Partiremos dentro de três dias.

O exército de Dundee iniciou a marcha em 22 de julho com mil e oitocentos homens das Terras Altas. Mackay partiu para o oeste de Edimburgo com quatro mil homens. A corrida tinha começado.

Em 24 de julho Mackay chegou a Stirling. Em 25 em Perth. Em 26 de julho o exército de Dundee acampou a três milhas do castelo Blair, não havendo oposição a sua chegada.

John Graham tinha ganho a corrida para Blair. Murray se aproximou essa tarde até a estrada de Killiecrankie para esperar a que Mackay unisse a ele. Dundee levou a seus homens ao castelo e aguardou.

James ficou olhando o céu raso esculpido da sala do Castelo Blair, depois dirigiu o olhar em direção a Dundee. Observou o primo de Ellen escutar aos chefes dos clãs, era hora de tomar uma decisão. Todos tinham uma opinião a expressar, e Dundee estava disposto a escutar a cada um deles.

James tinha assistido a esse Conselho de Guerra a pedido expresso de John Graham, e agora se achava sentado junto a Neil a poucos pés de distância de Dundee. John disse aos presentes que o que decidissem ali afetaria o próximo combate, possivelmente a guerra inteira. Possivelmente ao próprio futuro do país.

O exército de Mackay, que quase os duplicava apesar das recentes incorporações que tinham tido, aproximava-se. Logo se encontrariam com os homens de Murray, que supostamente contava com uma força de mil efetivos. Mais homens estavam a caminho desde a Inglaterra e do continente. Ao cabo de poucos dias se esperava que as tropas de Mackay alcançassem os oito mil homens.

Os jacobitas estavam cansados e famintos devido à marcha forçada que tinham feito para Blair. Os reforços prometidos pelo rei não se tinham feito presentes ainda. Se esperava que chegassem mais clãs, embora não antes de 29 de julho, data prevista originalmente para reunir-se em Blair. Se lutavam agora e impediam o avanço de Mackay, conservariam o domínio do castelo e do caminho para as Terras Altas e assim, a causa vigente. Se esperavam, os seguidores de Guilherme obteriam uma convocação ao oeste.

Alexander Cannon, o homem que havia trazido os últimos reforços do rei Jacobo, se mantinha inflexível. Deviam aguardar. Segundo sua opinião, os homens das Terras Altas não tinham participado ainda em nenhuma batalha. Dundee deveria esperar a chegada de tropas mais experientes, as do rei.

—Como podemos esperar? —perguntou Kilgannon—. Isso outorga a Mackay dois dias a mais



para chegar aqui, descansar e preparar-se. E dois dias para que mais homens se unam a ele. Perderemos Blair. Terminaríamos enfrentando a um exército muito mais numeroso. Não podemos esperar a que o resto se una a nós.

—Deveríamos esperá-los —disse Cannon.

Glengarry meneou a cabeça.

—Não precisamos.

—Não deveríamos nos arriscar a ter um confronto agora —argumentou Cannon.

James olhou para Cannon com desagrado. Aquele era o homem que se supunha que chegaria com homens bem alimentados para ajudar Dundee. Em vez disso, tinha perdido as provisões de seus homens na viagem e haviam chegado a Blair famintos e exaustos, com uma décima parte dos homens prometidos.

—Os homens de Mackay estão treinados e têm experiência —disse Cannon— Não podemos confiar somente nos homens das Terras Altas.

Escutou-se um forte murmúrio na reunião. James pensou que Cannon era um idiota. Aquele não era um bom momento para insultar à maioria dos homens do exército de Dundee.

Trocou um olhar com Neil; seu irmão estava de acordo com ele.

—Por que esperar a que Mackay se fortaleça? Cada dia que transcorre soma mais homens a seu exército —disse James—. Estamos preparados para lutar agora.

—Estou de acordo —disse Kilgannon—. Não necessitamos dos outros. Estamos preparados.

Dundee assentiu e depois olhou para Neil.

—Torridon?

—Estamos preparados—disse Neil.

Dundee atravessou as filas perguntando a todos os chefes presentes. Quase por unanimidade, os homens das Terras Altas queriam lutar agora, não desejavam esperar. Finalmente, Dundee olhou do outro lado da reunião ao chefe de cabelo cinzento dos Cameron, Lochiel, um dos homens mais poderosos da Escócia. O que Lochiel dissesse decidiria o resultado, e todos eles sabiam.

Lochiel não hesitou.

—Lutaremos. Nossos homens estão dispostos. Estão ansiosos para enfrentar o inimigo. Posso assegurar que nenhum deles lhe falhará, Dundee.

Dundee assentiu.

—Pois então, lutaremos. Preparem-se, cavalheiros, iremos à batalha.

Os gritos dos chefes dos clãs foram ensurdecedores, e um momento mais tarde foram secundados pelos rugidos das tropas que aguardavam lá fora.

As notícias se propagaram rapidamente. A decisão era por maioria.

James e Neil estavam satisfeitos. Tinham consultado a seus homens na noite anterior e, em sua totalidade, os MacCurrie temiam esperar a que o inimigo se fortalecesse. Estavam preparados para lutar. Aproximaram-se do primo de Ellen para comunicar-lhe.

—Uma coisa mais —Lochiel chamou Dundee.

Os presentes ficaram em silêncio.

—Eu peço, senhor —disse Lochiel a Dundee—, que se abstenha de participar da batalha.



De Sua Excelência depende o destino, não só deste exército, mas também de nosso rei e nosso país também.

Vários dos presentes assentiram ou expressaram seu acordo, Neil se achava entre eles.

Dundee observou a sala a seu redor, depois trocou um olhar com James. “Para burlar a morte”, foi seu brinde em Dunfallandy, pensou James ao escutar as vozes em alto junto com os copos. Acaso Dundee estava recordando a mesma noite?

—MacCurrie? —perguntou Dundee baixinho.

—Abstenha-se de participar, senhor —disse James em um tom tão baixo que só Dundee pôde escutá-lo—. Por Ellen, John. Abstenha-se de participar.

—Não posso fazê-lo —disse Dundee, depois levantou os braços para apaziguar aos presentes. Quando obteve a atenção de todos, se justificou— Lochiel, agradeço sua preocupação. Estou a par de que posso ser assassinado. Mas, senhor, não me negue isto.

Lutarei por nosso rei junto com seus valentes homens das Terras Altas. Não posso pedir que arrisquem suas vidas enquanto me sento para olhá-los. Estarei presente no campo de batalha.

James sentiu uma onda de frio percorrer o corpo; junto a ele, Neil se enrijeceu. Não necessitava olhar a seu irmão nos olhos para saber que sentiam o mesmo. A morte acossava Dundee.

Ellen se recostou contra o marco da janela e suspirou enquanto olhava para fora, para o vale em trevas que se estendia mais à frente. Tinham recebido poucas notícias além das que informavam que o exército de Mackay partia para o oeste para enfrentar Dundee perto de Blair. Perto de Kili crankie, a estrada pela qual tinha cavalgado com James depois de deixar Dunfallandy.

Aquele dia tinham falado sobre que aspecto teria o caminho no verão. Ela tentou imaginá-lo agora, as árvores desdobrando sua folhagem, o vento sussurrando entre os galhos dos pinheiros e elevando-se para deslocar-se sobre o prado para o norte, o rio caudaloso e sonoro serpenteando pelas levantadas ladeiras. Kili crankie devia estar lindo agora.

Percorreu a beira da janela com o dedo, pensando que tinha sido uma idiota por não haver-se casado imediatamente com ele, por deixar que as lágrimas e as preocupações de sua mãe afetassem-na. Durante as últimas semanas, Rose tinha estado calma, segura de que estava certo confiante que Ellen e James teriam um longo período de cortejo apesar de que sua filha havia dito claramente que se casaria com James logo que ele retornasse.

Se retornasse. Atormentavam-na os pesadelos, os sonhos sobre soldados caídos, homens estendidos de costas com seu comprido cabelo escuro flutuando atrás. Agonizantes. Despertava sobressaltada pelo terror e ficava observando a escuridão, repetindo-se que o sonho não era uma premonição a não ser tão somente uma manifestação de seus piores medos.

“James”, disse à primeira estrela que apareceu no céu, “mantenha-se a salvo, meu amor.

Volte para mim. Estarei-te esperando, sem importar quanto tempo passe”.

Depois rezou.

Sábado, 27 de julho. Havia chovido durante duas noites mas aquele dia tinha amanhecido



seco e quente, o sol despontava em um céu claro. James se espreguiçou e olhou o muro de árvores que rodeavam o castelo Blair, os pinheiros e as bétulas que bloqueavam a vista das montanhas atrás. Mackay tinha passado a noite em Dunkeld. E esse mesmo dia se enfrentariam com seu exército.

O acampamento jacobita já evidenciava movimento. Podia ouvir o tilintar das bridas dos cavalos enquanto a cavalaria se preparava, e o som dos homens, falando em tom excitado, disseminando as notícias que ele acabava de ouvir. Os homens de lorde Murray haviam desaparecido; esperava nem Kiliecanie com apenas trezentos homens dos mil que havia no início. As numerosas tropas de Mackay e quatro canhões leves subiam as elevadas ladeiras da estrada. Tinha enviado a Perth para procurar mais cavalaria que deveria estar em posição antes de que pudesse enviar a seus homens a terreno aberto.

A posição no campo bem poderia determinar o resultado. E aquilo era o que havia discutido o Conselho que se celebrou essa manhã. James não tinha estado presente, preferia permanecer com Duncan e ajudar a seus homens com os preparativos do último momento.

Tinha falado com Dundee na noite anterior e havia dito tudo o que tinha a dizer sobre a próxima batalha e depois Dundee tinha falado durante um momento sobre o futuro. Falou sobre sua esposa Jean, sobre ter mais filhos, sobre as alegrias do matrimônio e tinha desejado que gozasse com Ellen da mesma felicidade que ele tinha achado. James olhou Dundee nos olhos e lhe prometeu que cuidaria de Ellen. Em silêncio, fez um voto de proteger também a seu primo.

Agora o Conselho de Guerra tinha terminado, e Neil relatava o que se decidiu. Dundee tinha recusado tentar deter o exército de Mackay na estrada. Não desejava simplesmente atrasá-los ou detê-los para que pudessem esconder-se para esperar reforços de Perth ou de Edimburgo. Desejava que o exército de Mackay atravessasse a estrada e, uma vez cansado e temeroso, aniquilá-lo.

O meio-dia chegou e se foi. Os exploradores retornaram com mais notícias: Mackay havia atravessado a estrada e se encontrou com as escassas tropas de Murray, que agora se encontrava na base da colina, esperando as equipes. Tinham ocupado as terras mais baixas. Os reforços não tinham chegado.

“Perfeito”, pensou James. Mackay não lançaria a carga montanha acima. Dundee obviamente estava de acordo, posto que deu a ordem de partir. Os homens das Terras Altas se deslocaram rapidamente para o leste desde Blair. Cruzaram o rio Tilt, depois se dirigiram para o sul e finalmente se detiveram na cúpula da colina, onde afiançaram uma posição de altura.

Abaixo, o exército de Mackay lutava para posicionar-se ao pé da colina. Dundee havia assegurado a posição de altura, os jacobitas ocuparam seu lugar tão ruidosamente como foi possível, os gaiteiros de cada clã tocaram sonoramente, os tocadores de tambor marcaram um ritmo ensurdecedor, os homens rugiram.

—Faremos que lhes detenha o coração! —gritou Duncan.

James riu. Essa era a ideia. As tropas de Mackay estavam tomando posições rapidamente agora. Os MacCurrie cruzaram para sua convocação à direita das tropas de Dundee, junto aos MacDonald de Glencoe. James saudou Hugh com a mão quando passaram frente aos MacDonnell, e voltou a rir quando Hugh lhe fez um gesto obsceno às tropas de Mackay.



Os Grant se achavam entre os MacCurrie e o centro da linha. James procurou David em sua formação e finalmente o achou. O homem do leste estava ajustando seu mosquete com expressão concentrada. Ninguém lhe falava; estava de pé, sozinho.

—Pois parece que lutará —disse Duncan a James.

—Isso é o que veremos. Esta aqui, é tudo o que sabemos —disse James enquanto David Grant levantava a vista e se precavia de sua presença. Grant ficou rígido, seu rosto se endureceu. Por um momento o ruído ao redor deles pareceu aquietar-se, depois, Grant ruborizou e lhes deu as costas.

—Não permita que se coloque atrás de você, Jamie —disse Duncan—. Suspeito que não lhe convidará a beber com ele.

James soprou.

—Ainda não sei por que está aqui.

Os homens de Dundee estavam preparados para a batalha. Dundee estaria no centro com sua cavalaria e os clãs desdobrados aos flancos. O exército de Mackay os duplicava, suas linhas se estendiam além de ambos os extremos da área ocupada pelos jacobitas. Os homens de Kenmure se achavam na posição oposta a um lado dos canhões de Mackay. O regimento de Leven se encontrava do outro lado.

Neil se inclinou para aproximar-se de James e Duncan.

—Desceremos diretamente pela colina. Empurraremos-os para o rio.- Sorriu abertamente e brilharam os olhos—. O primeiro em chegar à água, beberá com vontade.

James e Duncan riram. Desde meninos estavam acostumados a brincar constantemente aquele jogo. Começavam no topo da almena do Castelo Currie e desciam a toda pressa pelas escadas, atravessavam a sala e corriam colina abaixo para chegar à beira do lago sem fôlego e rindo. O primeiro a chegar à água era o vencedor e o prêmio era determinado pelo ganhador.

—Ficarei com seu cavalo zaino —disse James a Neil—. E com sua nova embarcação—disse a seu primo.

Duncan lhe deu um amplo sorriso feroz.

—Isso é o que veremos, pequeno, isso é o que veremos.

Esperaram durante a longa tarde enquanto Mackay disparava inutilmente seus canhões, enchendo de grandes nuvens de fumaça e um ruído terrível o centro do campo de batalha, mas ocasionando muito pouco dano. Um de seus canhões coberto de couro se desintegrou pela pressão depois de alguns disparos, e os highlanders zombaram enquanto que as peças eram arrastadas fora do campo de batalha.

Ambos os exércitos esperaram. Mackay não tinha opção. Não podia carregar com suas tropas colina acima e ter êxito; não podia retirar a seus homens do campo sem expô-los ao flanco esquerdo de Dundee. Portanto, esperou a que os jacobitas fizessem o primeiro movimento.

Às seis da tarde, o sol lhes entorpecia a visibilidade e souberam por que Dundee havia esperado. Se carregavam nesse momento, o sol cegaria aos homens das Terras Altas ao descer pela ladeira da colina e a vantagem estaria completamente do lado de Mackay. Às sete, a situação



melhorou e os primos especularam a respeito de se Dundee esperaria a que caísse a noite, para somar o terror da escuridão à carga dos soldados.

Já quase às oito, o sol se ocultou atrás da colina do outro lado do vale e o resplendor empalideceu, Dundee se colocou frente a seu exército, que agora aclamava. Levantou os braços e os homens das Terras Altas guardaram silêncio.

—Cavaleiros—gritou Dundee—vieram aqui hoje para lutar pela mais nobre das causas, por seu rei e seu país, contra a usurpação e a rebelião. Se comportem em consequência, como verdadeiros escoceses. Que nós, por meio deste procedimento, recuperemos a boa reputação desta nação, a qual foi desmerecida nas mãos da traição e a covardia de alguns de nossos compatriotas. Não lhes peço nada que eu não faria diante de seus olhos! E se algum de nós cair, teremos a honra de morrer em cumprimento de nosso dever, como corresponde aos verdadeiros homens de valor e de consciência!

Os gritos recebidos como resposta foram ensurdecadores. Dundee se virou para enfrentar ao inimigo.

Capítulo 18

Neil levantou seu targe (escudo) e os MacCurrie se uniram ao desafiante rugido que se elevou do exército que os rodeava. James elevou uma prece por sua alma, outra pelo amparo de sua família e por Ellen. Não podia pensar nela agora, não podia rememorar a sensação de seu corpo debaixo do dele, de seus lábios, de seus olhos cintilando quando a tocava. Separou-se de sua mente todos os pensamentos a respeito dela enquanto os gritos ao redor se intensificavam, depois uniu sua voz a do resto, o som ecoou na colina, e desceu pela ladeira até envolver ao exército de Mackay. A própria terra pareceu vibrar em uníssono. Dundee levantou o braço. A batalha tinha começado.

James seguiu Neil encosta abaixo, Duncan estava a sua direita enquanto avançavam velozmente para os homens de Mackay. O selvagem rugido se intensificou quando os homens de as Terras Altas se aproximaram. James pôde ver o terror nos rostos dos homens de Kenmure e as armas que lhe apontavam. Levantou o mosquete; Neil fez o mesmo, igual ao resto. A descarga foi ensurdecadora e efetiva, mas não havia tempo para recarregar e voltar para disparar. Jogou o mosquete e extraiu a espada enquanto dava um salto para diante.

O flanco esquerdo já tinha começado a lutar. Os homens de Mackay que se achavam desse lado caíam ou fugiam, muitos sem sequer fazer um disparo. Frente a eles os homens de Kenmure efetuaram uma ronda de disparos. Os homens de Glengarry receberam o embate mortífero da descarga caindo em toda parte, enquanto que os MacCurrie avançaram estrondosamente através da primeira linha do inimigo derrubando os mosquetes com seus escudos.

Os homens de Mackay, que lutavam para inserir as baionetas nas bocas dos mosquetes de carga já esgotada, foram surpreendidos indefesos, muitos morreram imediatamente, outros tantos, fugiram. James se desfez do homem ao que acabava de matar e procurou Neil, quem lhes estava ordenando aos homens que avançassem colina abaixo em perseguição do inimigo que fugia.



O de Kenmure não era o único regimento em retirada; em toda a extensão das linhas, os homens retrocediam. O flanco esquerdo tinha desaparecido, e à direita as tropas de Mackay fugiam pela ladeira, suas vermelhas jaquetas brilhavam sob a luz do entardecer.

Neil estava se encarregando do que restava das tropas de Kenmure, Duncan se aproximava, os MacCurrie perseguiam os partidários de Guillermo pela ladeira. Tudo estava sob controle. James retornou colina acima para ver se Hugh MacDonnell se achava entre os homens de Glengarry que tinham caído na primeira descarga de mosquetes. Subiu entre os homens moribundos mas não viu Hugh. Ao invés dele encontrou Dundee, sozinho no meio do campo de batalha.

O primo do Ellen estava de pé sobre os estribos com o braço levantado e o elmo brilhando. Fez-lhe um gesto a sua cavalaria para que o seguisse, depois desapareceu na nuvem de fumaça frente a ele. Ouviu-se uma descarga à direita de onde se achava James, o estampido percorreu o campo e atravessou a nuvem, um momento depois, um cavalo sem cavaleiro emergiu da nuvem de fumaça. Era o cavalo de Dundee.

James gritou pedindo ajuda enquanto subia a colina. Penetrou a nuvem de fumaça que cobria o centro do campo de batalha. Atrás dele, ouviu-se uma rajada de disparos que atiraram junto a seus calcanhares. Virou-se impetuosamente para a direita dissipando a fumaça com a mão e chamando Dundee.

Havia um homem frente a ele, um homem de cabelo escuro levantando a espada para livrar-se de três homens de Mackay. James correu para diante rugindo para ajudá-lo. Mas não era o primo de Ellen quem lutava para fugir dos golpes; era David Grant.

Aquele homem proveniente do leste lutava como um recruta inexperiente; não duraria muito. James se somou à luta e rapidamente sentiu o embate de um dos atacantes. Juntos, ele e Grant, mataram ao segundo quase com a mesma velocidade. O terceiro homem deu um passo para atrás, olhou aterrorizado para James, virou-se e correu colina abaixo.

Grant ficou olhando grosseiramente para James.

—Obrigado —disse quase sem fôlego.

—Dundee caiu. No centro do campo de batalha —gritou James.

Voltou a correr colina acima sem olhar para ver se Grant o seguia.

Detrás dele soou outra descarga. Sentiu uma sacudida no ombro, o colete se deslocou pela força do impacto. Depois sentiu um golpe na parte de atrás da cabeça que lhe derrubou o elmo. Caiu de joelhos e ficou olhando a fumaça. Não sentiu dor, mas algo lhe escorria pelo pescoço.

“Ellen”, pensou. E depois só houve escuridão.

Neil se deteve em cima de um amontoado de rochas sobre o rio olhando surpreso o campo de batalha. Jamie estava em perigo. Ele tinha estado a seu lado ao descer a colina; podia jurá-lo.

Produziu-se uma descarga proveniente de um lugar mais elevado um momento antes, mas agora tudo estava em silêncio. O que restava do inimigo estava fugindo. Os homens de Mackay tinham deslocado em duas direções: pelo caminho em que estava a equipe, onde foram perseguidos facilmente pelos homens das Terras Altas; e em descida pelas elevadas ladeiras do vale para o rio, onde muitos foram massacrados nas cinzas rochas à beira do rio Garry.



Muitos tinham tentado saltar à água, outros tinham procurado cruzar o rio. Os corpos desajeitados jaziam sobre as rochas, ou flutuavam aqui e lá sobre as águas. Alguns dos homens de Mackay tinham sido arrastados pela corrente e tinham sobrevivido; outros tinham conseguido chegar à outra margem e tinham subido com dificuldade a levantada ladeira da estrada, suas jaquetas de cor escarlate brilhavam no verde das árvores. Os homens das Terras Altas ainda os perseguiram.

Em uma posição mais baixa que a de Neil, um grupo de seus homens estava de pé a beira de uma saliente rochosa e se inclinavam para ver o rio mais abaixo, Duncan estava entre eles. Neil chamou a seu primo, que subiu pela levantada saliência e finalmente chegou perto dele.

Duncan sorria abertamente.

—Triunfamos!

—Sim. Assim é. Onde está Jamie?

—Pensei que estava com você.

Neil sacudiu lentamente a cabeça e sentiu como lhe formava um nó de terror no estômago.

Tinha mortos e feridos em toda a parte, os homens das Terras Altas com suas mantas e camisas de chiffon misturados com os uniformes do regimento de Mackay.

Alguns estavam sendo assistidos, outros morriam em solidão. Neil e Duncan percorreram com a vista a colina, de cima a baixo da ladeira. Do caminho, a sua direita, chegavam os sons da batalha, mas ali, naquela colina coberta de fumaça os envolvia o silêncio interrompido só pelos gemidos.

Neil pensou que os homens das Terras Altas poderiam ter ganhado a batalha, mas a morte era a verdadeira vencedora. Rodeou um cavalo sem vida e depois caminhou ao redor de um homem que tinha caído. Proferiu um insulto ao reconhecê-lo. Aquela mesma manhã, ele e Jamie tinham rido com MacDonnell; agora ele se foi. Duncan se deteve atrás de outro homem de Glengarry que ainda estava com vida mas agonizava. Neil ficou de joelhos junto a seu primo, inclinando-se para ouvir as últimas palavras do guerreiro das Terras Altas; um momento depois, ambos inclinaram a cabeça para dizer uma prece pela alma daquele homem.

Neil ficou em pé e examinou a penumbra que cobria a parte de cima da colina. Jamie não podia estar naquele caos. Deveria ter passado junto a Neil no meio da fumaça e da confusão. Certamente sentava na beira do rio. Certamente. Neil observou a ladeira da colina novamente e sentiu como se apertava ainda mais o nó de temor em seu estômago.

Já estava completamente escuro quando Neil e Duncan retornaram à colina com seus homens. Não tinham achado Jamie no caminho nem à beira do rio. Ninguém o tinha visto desde que tinham carregado colina abaixo.

—Leve alguns dos homens com você a Blair —disse Neil a Duncan—Olhe se Jamie está lá.

—Ficarei com você —disse Duncan quedamente—. Pediremos que tragam tochas.

Neil assentiu e lutou para dominar o pânico. Jamie devia estar em Blair. Ou ali, naquela colina. Escuras silhuetas se deslocavam entre os caídos, eram quase indistinguíveis na escuridão, estavam-se levando os feridos e os mortos.



“ Jamie, onde está?”

Neil permaneceu de pé em silêncio, tentando perceber algo de seu irmão, mas não houve resposta, só o suave arrulho do vento de verão. Os homens que estavam com ele e com Duncan se dispersaram subindo lentamente a colina, girando os corpos, inclinando-se sobre os agonizantes, os brindando com consolo quando era possível.

Havia centenas de mortos no centro do campo de batalha onde tinham estado os canhões, onde a cavalaria de Mackay tinha girado sobre seu próprio exército matando a vários.

Era ali onde as descargas tinham sido mais acentuadas, e era ali onde os mortos jaziam empilhados uns em cima de outros.

Quando já estava muito escuro para poder ver, Neil se posicionou no centro da colina. Inclinou-se para diante tentando escutar algo. Ali, fracamente, percebeu. Depois havia desaparecido. Virou-se tentando ver algo. Jamie estava ali em alguma parte.

—Jamie! —Fez silêncio para escutar e depois voltou a chamá-lo—. Jamie!

—Escuta algo? —sussurrou Duncan.

—Não, mas ele está aqui. Posso senti-lo.

Duncan colocou a mão no ombro de Neil e observou a escuridão. Neil fez um esforço para perceber até o mais fraco dos sons, depois fechou os olhos e orou. Os homens de MacCurrie retornaram com notícias de que mais homens viriam com tochas, e que o castelo Blair estava um caos. Dundee tinha desaparecido.

Acharam Jamie justo antes do amanhecer, quando a primeiro clarão acariciou o céu. Jazia de barriga para cima sem elmo, com os olhos fechados e o cabelo solto empapado em sangue. Neil, proferiu um grito enquanto se inclinou sobre seu irmão.

—Jamie!

Duncan colocou a mão no pescoço de Jamie, depois levantou a vista para Neil.

—Está vivo.

Dundee tinha liderado sua última batalha, igual a muitos outros. Os jacobitas haviam perdido seiscentos homens, Mackay, mil e duzentos, e se tinham tomado como prisioneiros a quatrocentos mais. Os Cameron, os Maclean e os MacDonald das ilhas tinham sofrido muitas baixas; Glengarry tinha perdido um terço de seus homens, incluindo a seu irmão.

Em comparação, pensou Neil, os MacCurrie tinham sofrido poucas perdas. Era um pobre consolo. Seu irmão jazia na sala de Blair, imóvel, com o rosto cinzento, e Neil não podia pensar em outra coisa. Não assistiu às reuniões do Conselho de Guerra, não caminhou entre os clãs para descobrir quem tinha sobrevivido e quem tinha morrido.

A hemorragia se deteve, mas Jamie continuava inconsciente. O elmo lhe tinha salvado a vida, a fenda no metal era prova do que teria acontecido se não o tivesse usado. No momento, Jamie estava com vida, graças a Deus, mas só com muita dificuldade.

Neil elevou os olhos ao céu. Seria um formoso dia do verão mas não viu o céu azul, nem os galhos verdes dos pinheiros que pareciam mais escuros contra o fundo de nuvens. Viu o rosto de seu avô, com os olhos cheios de lágrimas enquanto pedia que cuidasse de seu irmão.



As notícias da vitória jacobita em Killiecrankie se difundiram por toda a Escócia.

Ned informou a Ellen e a sua família antes do meio-dia do domingo, disse que o exército de Mackay tinha quebrado suas filas e tinha fugido avassalado pelo ataque dos homens das Terras Altas. Ellen fechou os olhos e sussurrou uma prece de agradecimento. A causa jacobita ainda estava em pé, mas e James? E John, Hugh e Tom? E Duncan e Neil? Eram muitos homens por quem temer.

—São notícias maravilhosas! —exclamou Rose.

B se ecoou do pensamento e sorriu para Ellen.

—Tem alguma dúvida?

“James”, pensou Ellen. Tinha que saber se estava bem. Olhou para o outro lado da sala e se encontrou com o olhar de Britta. A donzela assentiu; ela tinha falado com Ned como Ellen tinha-lhe pedido.

—Mãe —disse Ellen—, eu gostaria de enviar Ned a Killiecrankie. Preciso saber se James está com vida. E Jonh. E Hugh e Tom, é obvio. Por favor.

Rose olhou dubia a sua filha.

—Pode ser perigoso para o jovem.

—Posso perguntar se está disposto a ir?

B soprou impaciente.

—Se estiver disposto? Beijará Britta e partirá em dez minutos.

—Mãe?

—Sim —disse Rose—. Se Ned estiver disposto, pode partir imediatamente.

Ned partiu ao amanhecer, armado com duas pistolas e levando consigo cartas para James e para o cunhado de Ellen. O rosto do moço estava iluminado pela determinação. Havia aceito o desafio dizendo que estava encantado de finalmente ter algo importante a fazer e prometeu voltar a toda pressa para trazer notícias. Britta o saudou com a mão até que o perdeu de vista, sua expressão era temerosa e orgulhosa. Ellen lutou por controlar sua ansiedade.

Tinha enviado ao jovem acompanhado de vários homens. Seria suficiente?

“Que Deus te ampare”, pensou ela. “Que tenha uma viagem segura, Ned, e me traga notícias do meu amor.”

Durante todo o dia circularam detalhes da batalha e da vitória jacobita. Catherine chegou pela tarde, vociferando, declarando que ela tinha sabido todo o tempo que as forças de John ganhariam. Ellen escutou o exaltado relato de sua amiga, sentindo sua própria excitação apagada pela preocupação por James e pelo fato de que aquela tinha sido só uma batalha. A guerra demoraria muito para chegar a seu fim.

Assim o expressou, mas Catherine não se conteve e continuou falando sobre o heroísmo de David ao haver-se unido ao exército, a respeito das festas que celebrariam quando o rei Jacobo fosse restaurado. Quando Catherine finalmente se foi, Ellen caminhou pelos jardins de Netherby imaginando ao exército jacobita celebrando o triunfo, com John entre eles, levantando o copo em alto para um brinde. “Para burlar à morte”, as palavras lhe vieram à mente de maneira inesperada e conteve o fôlego enquanto que a sobressaltava uma onda de temor.



“Ned”, pensou, “cavalgue rapidamente. Mantenha-se a salvo. Me traga a notícia de que meu primo está com vida, de que meu amor está celebrando a vitória hoje”.

Dundee foi sepultado no castelo Blair. Neil inclinou reverente a cabeça enquanto se pronunciavam as preces na pequena capela de pedra, sentiu o coração pesaroso ao sentar-se entre os chefes das Terras Altas. Os gaiteiros tocaram a marcha fúnebre e mais de um homem secou lágrimas de seus olhos. Aquele dia se despediam de um herói, pensou Neil. A história o recordaria bem.

Tinham chegado notícias a respeito dos distúrbios reinantes em Edimburgo. Diziam que o Duque de Hamilton tinha escrito que Dundee era dono e senhor de tudo o que havia do outro lado do fiorde de Forth. Os jacobitas que se achavam em Blair aclamaram, simulando estar contentes com as notícias, mas entre os chefes reinava um aspecto sombrio. Dundee havia sido morto, e ninguém sabia o que lhes proporcionaria o futuro.

Neil e Duncan permaneceram em vigília junto à cama de Jamie. Seu irmão não se havia movido nem tinha falado nos últimos dois dias. Quando os médicos tinham vindo a atender sua ferida, tinham negado com a cabeça e haviam dito que sua recuperação estava nas mãos de Deus. Neil rezou, sua esperança desaparecia à medida que passavam as horas.

Duncan também rezou. Foi a capela de pedra onde tinha sido velado Dundee e depois retornou junto à cama de Jamie para permitir que Neil fizesse o mesmo. Na pequena igreja, Neil inclinou a cabeça e chorou, rezando enquanto lhe caíam as lágrimas. Lá fora, elevou o rosto ao céu e implorou uma vez mais, pedindo a qualquer deus que o queria escutar, depois fechou os olhos e permaneceu em silêncio.

Sumido em seus pensamentos, de repente o percebeu, fracamente a princípio e depois mais forte, levantou a cabeça olhando fixamente para a sala onde jazia Jamie. Havia-o pressentido e, enquanto observava, Duncan atravessou impetuosamente a porta fazendo gestos com a mão.

—Voltou a si! —gritou Duncan com feroz alegria—. Louvado seja o Senhor, Neil, ele voltou a si!

Jamie abriu os olhos quando Neil se inclinava sobre ele. Sorriu fracamente a seu irmão.

—Perdi a corrida até a água. Podemos fazer outra?

Neil ficou olhando enquanto tentava controlar suas emoções, depois meneou a cabeça.

—Certamente que não, Jamie. Deveria ter corrido mais rápido.

James cerrou os olhos.

—Correrei mais rápido. Da próxima vez.

Neil secou as lágrimas que lhe caíam pela bochecha enquanto Duncan lhe dava palmadas no ombro.

—Estava pensando que poderíamos beber um uísque, o que acha? —perguntou Duncan.

—Que sejam vários —disse Neil.

Britta estava chorando quando irrompeu para avisar Ellen e a B que Ned tinha retornado.



Ellen ficou de pé com a mão na garganta.

—Britta! O que disse?

—OH, senhorita Ellen! —disse a jovem chorando.

Ellen passou correndo junto a ela e saiu da sala seguida de B. Ned estava de pé no saguão falando com sua mãe, que limpava uma lágrima. Ned se virou para Ellen com o rosto pálido. Ela permaneceu imóvel sentindo que o coração começava a pulsar com mais força.

—Por que retornou tão rápido, Ned? —perguntou B.

—Ao chegar em Perth eu soube. Retornei para lhes contar.

—James? —Perguntou Ellen—. Se trata de James? OH, Santo Deus. O que aconteceu? , Ned meneou a cabeça.

—Não, senhorita. Trata-se de seu primo.

—John? —Pôde sentir como lhe afinava a voz—. Está ferido?

Ned olhou para Ellen e depois a B enquanto Rose começava a soluçar.

—Morreu, senhorita.

—Não! —gritou Ellen—. Não é verdade. Não pode ser verdade. Ganharam a batalha. Todos estavam celebrando.

Preparou-se para receber notícias de que James estava ferido, ou algo pior, mas não tinha esperado isto. John estava morto. Como podia ser possível? Como podiam haver-se extinguido seu vigor e sua força? Ela nunca voltaria a rir com ele, nunca voltaria a solicitar seu conselho, a sentir seu abraço.

E o que aconteceria com Jean e o recém-nascido? Jean estaria devastada. Seu filho cresceria sem um pai, nunca conheceria homem que o tinha amado tanto. John estava morto. As palavras eram odiosas. Como podia ser possível?

O que seria da Escócia sem ele? O que seria dos jacobitas? Tinha sido John, com a força de seu espírito e seu ímpeto vigoroso, quem tinha levantado o exército e o tinha mantido unido. Era a quem os chefes dos clãs tinham dado seu apoio e em quem confiavam. O que seria agora da causa jacobita?

E o que aconteceria com James? E com Tom e Hugh? Ellen cobriu o rosto com as mãos e deixou que as lágrimas brotassem de seus olhos.

James olhou para a base da montanha. Tinha ido ao topo da colina com Neil e Duncan para ver o lugar onde tinham ferido a Dundee, onde tinha caído. “Para burlar à morte”, assim tinham brindado em Dunfalgandy. James tinha sobrevivido mas Dundee tinha morrido. A morte havia estocado com êxito ao primo de Ellen saber que o tinha pressentido não servia de consolo. E agora?

Ambos os exércitos estavam se reagrupando. Mackay se havia tomado de novo, supostamente todo o trecho até Sterling. Suas tropas tinham sido dizimadas. Por sorte não avançaria em seguida, tendo em conta que Cannon tinha sido posto ao comando do exército jacobita.

Os outros clãs tinham chegado e o exército jacobita tinha alcançado os cinco mil homens. Alguns dos que tinham sobrevivido em Killiecrankie tinham partido quando chegaram os reforços,



David Grant estava entre eles. James tinha sorrido sombriamente ao receber a notícia. O último a chegar, o primeiro a correr; deveria ter suposto que assim aconteceria.

Sem dúvida, Grant tinha deslocado durante todo o caminho de volta a Netherby. Provavelmente tinha sido ele quem lhe tinha contado a Ellen a vitória, exagerando o papel que havia desempenhado. Ellen. Doía-lhe pensar nela, imaginar a expressão de seu rosto quando soubesse da perda de seu primo. Ela choraria pelo ente querido e, como qualquer um na Escócia, saberia exatamente o que implicava a morte de Dundee para a causa. Ellen.

—Suponho que Ellen deve ter sido informada do ocorrido a Dundee —disse Neil.

James assentiu.

—Sim, provavelmente já se deve saber.

—Casará com ela?

—Sim.

Neil ficou olhando o campo de batalha e depois voltou a vista para seu irmão. Ele colocou uma mão no ombro.

—Bom —disse.

—Obrigado.

—Estou cedendo diante do inevitável —disse Neil.

—Eu também —acordou Duncan—. É hora de voltar para casa.

Ambos os irmãos ficaram olhando a seu primo, surpresos.

—Levaram o clã à guerra. Agora é hora de ir para casa e começar os cinquenta anos de paz. A guerra terminou agora que Dundee está morto. Não seguirei Cannon.

—Vejamos o que acontece nos próximos meses —disse Neil—. Mas primeiro devemos levar James para Netherby para que se case com a jovem. Como disse antes, devo ceder diante do inevitável.

James sorriu abertamente.

Ellen deixou cair a cortina e cruzou correndo o quarto. David Grant acabava de entrar cavalgando no jardim. Não desejava falar com ele, mas possivelmente tivesse notícias de Tom. Desceu rapidamente as escadas, cruzou o saguão e abriu a porta. David, que ainda segurava as rédeas do cavalo, estava falando com sua mãe.

—David! —gritou Ellen enquanto descia velozmente os degraus.

Quando se deteve frente a David notou que sua expressão era sombria.

—Sua mãe me disse que soube do acontecido ao John. Lamento-o, Ellen.

Ellen assentiu com a cabeça, incapaz de falar.

—Foi um grande homem, muito apreciado por seus soldados.

—É o que nos disseram —disse Ellen - Nós sentiremos imensamente a falta dele.

—Foi um dia desgraçado para a Escócia —disse Rose—. Um dia de desconsolo para nossa família.

—Sim —disse David—. E tenho mais notícias tristes. Ellen... James MacCurrie morreu. Eu sinto muito.

Ellen deu um passo para trás.



—Não.

Sua mãe conteve a respiração.

—O que aconteceu?

—A última vez que o vi, corria para uma nuvem de fumaça no centro do campo de batalha em busca de Dundee. Segui-o, mas voltaram a nos disparar e me vi obrigado a me retirar. Me informaram que morreu bastante perto de John.

—Não! —gritou Ellen—. Não! Está enganado, David! Não pode ser! James não pode estar... - desabou-se no chão e sua mãe se inclinou sobre ela e a abraçou.

—Não — sussurrou Ellen a sua mãe—. Não.

—Minha querida menina —disse Rose chorando—. Eu lamento tanto!

Era meia-noite. Ellen cruzou o saguão protegendo a chama da vela com a mão. Sua carta estava preparada. Não queria que Ned a esquecesse quando partisse pela manhã para Killiecrankie. Colocou-a na mesa junto à porta.

David tinha ficado jantando e tinha relatado a Rose e a B o acontecido na batalha, tinha falado sobre a morte de John e de seu funeral. E a respeito de James. Ellen não havia compartilhado o jantar com eles. Tinha ido a capela e tinha permanecido sentada em silêncio observando as pedras do altar, recordando quando se ajoelhou ali junto a James, justo, antes de que ele partisse, recordou os votos que fizeram um ao outro.

—Meu amor —disse, mas aquela temerosa voz não podia ser a dela. Devia ser outra a que sussurrava no silêncio da igreja. Aquilo não podia ser real.

Já não tinha lágrimas. Uma parte de seu ser ainda funcionava racionalmente, tinha parecido tranquila ao pedir a Ned que fosse para Killiecrankie, lhes explicando, primeiro a ele, depois a sua mãe e a B, que queria saber se James seria sepultado ali ou em Torridon; desejava saber tudo o que Neil e Duncan pudessem lhe contar sobre os últimos dias de James.

E depois escreveu a Neil dizendo que tinha recebido a notícia de sua perda. “Sua perda”, tinha pensado enquanto dobrava a carta. Que estranha maneira de pensar. Sua perda, como se tivessem deixado fora de lugar uma peça de roupa. Sua perda, o que representava para ela?

Colocou a vela no chão, abriu a porta principal e olhou para o jardim, recordando a última vez que tinha visto James, quando o tinha saudado com a mão ao partir, quando ele se tinha inclinado para beijá-la e lhe havia dito a sua mãe que retornaria, com os olhos azuis obscurecidos e o olhar desafiante. James.

O vento soprava brandamente essa noite, formando redemoinhos ao redor das árvores e subindo os degraus para logo lhe roçar os tornozelos como um gato. A chama da vela tremeu.

Observou horrorizada como se inclinava para os lados e depois se extinguia. James estava morto. As lágrimas nublaram sua visão.

Tinham transcorrido quatro dias. Ellen não tinha discutido a morte de James com ninguém. O que restava dizer? Sua mãe não se separava dela, mas Ellen só meneava a cabeça quando Rose perguntava como estava. Evitou também a B e a Britta ao ver a pena em seus olhos; não desejava



sua pena. A maior parte do tempo estava distante ou zangada, e desejava permanecer assim.

Se sua mãe tivesse permitido casar-se, teriam passado alguns poucos dias juntos. Se ela tivesse sido o suficientemente forte para desafiar a sua mãe, teriam passado juntos suas últimas noites, um nos braços do outro.

Se Guillermo de Orange tivesse permanecido em casa e se contentasse em governar aos holandeses, se o rei Jacobo tivesse sido um bom governante, nada daquilo haveria acontecido.

Se houvesse, se houvesse... aquilo não era consolo. Abraçou a si mesmo e caminhou sozinha para a casa de B.

A casa de sua tia avó estava tranquila e limpa, mas tinha o aspecto de abandono que adquiriam os lugares que não eram utilizados, e o aroma correspondente. Deixou a porta aberta para que entrasse o ar da tarde enquanto percorria os andares superiores.

Tudo estava em ordem no andar alto, e se deteve antes de descer, observou o vale e o jogo de luzes através das folhas cor verde esmeralda do verão. Tornariam-se cor carmesim e avelã com a chegada do outono, depois cairiam e ficariam sepultadas sob a neve do inverno.

E seu coração ainda sofreria. Passariam as estações e os anos antes de que pudesse recuperar-se da perda de James MacCurrie. Nunca o esqueceria.

Ellen desceu lentamente as escadas deixando a mão apoiada no corrimão detrás dela.

Não tinha pressa para retornar a casa; em lugar disso, iria à capela. Era ali onde se sentia mais perto de James, na tranquila paz da igreja de pedra onde podia escutar os ecos dos juramentos proferidos. “para sempre”, tinham jurado.

Franziu o cenho ao chegar ao andar térreo. Tinha certeza de que tinha deixado a porta principal aberta; provavelmente o vento a tinha fechado. Quando agarrou o trinco e o segurou com força, sentiu uma mão sobre a dela. Uma mão masculina, grande, firme, com pelo loiro no dorso. Ellen conteve a respiração percebendo o calor daquela pele. Virou-se e ficou de frente aos azuis olhos de Cecil Fraser.

—Lembra-se de mim? —perguntou ele.

Capítulo 19

Fraser a girou facilmente para que ficasse frente a ele, segurando-a contra a porta. Se inclinou sobre ela com um sorriso zombador. Baixou a cabeça e por um horrível instante pensou que a beijaria, em lugar disso lhe sussurrou ao ouvido.

—Lembra-se de mim, senhorita Graham? —Sua voz era grave e zombadora—. Acredito que sim.

Agarrou-lhe ambas os pulsos e os sustentou sobre a cabeça, apoiou-se contra seu corpo e a olhou fixamente nos olhos.

—Ouvi dizer que se sente só ultimamente —disse ele.

—O que quer, Fraser? —Viu como lhe cintilaram os olhos ao perceber o tremor em sua voz, notou o prazer que lhe causava infundir temor. Tentou libertar-se—. Meu primo John está morto. O que quer agora?

Riu em seu rosto, depois a soltou e deu um passo para trás, observando-a enquanto ela se



encolhia contra a porta. Sem deixar de sorrir esbofeteou seu rosto, uma e outra vez com o dorso da mão fazendo que sua cabeça golpeasse contra a madeira. Ellen, dolorida, ficou olhando-o sem poder acreditar o que estava acontecendo. Levou a mão à boca e sentiu o sangue. Voltou a golpeá-la, e depois outra vez mais. Ela se deslizou contra a porta até cair ao chão. E não recordou nada mais.

Despertou na escuridão, jazia de barriga para cima sobre um fino colchão. Não podia mover-se.

Tinha os braços atados nas costas e seus pés e seus tornozelos também estavam amarrados. Tinha a boca com um pedaço de material pestilento e outro laço do mesmo material ao redor da cabeça, imobilizando-a. Sentiu náusea, depois contou até cem, lutando para controlar o pânico. Não serviu de nada. Esforçou-se para perceber algo, prestou atenção para escutar qualquer sinal que lhe indicasse que não estava sozinha. À exceção do ruído de um camundongo que corria a saltos sobre o piso de madeira, tudo estava em silêncio. Ainda devia achar-se na casa de B, provavelmente em um dos quartos, onde as camas eram menores.

Por que Fraser estava fazendo isso? Não tinha se surpreendido quando havia dito que John tinha morrido; já sabia. Acaso planejava mantê-la cativa para pedir resgate? Se era assim, decepcionaria-se; não existia ninguém para pagá-lo exceto sua mãe, e Rose não tinha mais dinheiro.

B possivelmente teria, mas como podia ele sabê-lo?

Se não a estava mantendo cativa para pedir resgate por que estava ali? Sentiu um calafrio ao recordar seus golpes. Acaso era sua forma de vingar-se porque ela tinha frustrado seu plano para assassinar John em Dunfally Andy? Aquele homem assassinava sem remorso. O que teria planejado? E se tinha a intenção de assassiná-la, por que não o tinha feito quando ela estava inconsciente? A incerteza pareceu ainda mais assustadora.

Não havia ninguém que pudesse ajudá-la. Sua mãe e B não eram opositores para Fraser.

James estava morto. John estava morto. Ned tinha partido. David estaria com Catherine. Ninguém, com exceção de Britta, sabia que ela tinha ido a casa de B, e nem sequer estava segura se era ali onde se encontrava. Estava sozinha, a mercê de Fraser.

Neil observou ao moço que estava frente a ele e esfregou o queixo. O jovem balbuciava algo a respeito de Ellen Graham e segurava uma carta dizendo que lamentava. Neil não prestou atenção a ele e a pegou com receio. Por que escreveria a ele e não a seu irmão? Seria melhor que a condenada mulher não tivesse mudado de opinião a respeito de casar-se com Jamie. Observou ao moço de cabelo despenteado e grandes olhos de apreensão e inteligência.

—Diga-me outra vez: quem é? —perguntou Neil.

—Ned, senhor, de Netherby. A senhorita Graham me enviou a você para averiguar... Ela envia a carta, senhor. Lamento sua perda.

—Minha perda.

—Por favor leia a carta, lorde Torridon. Eu... Você é exatamente igual a seu irmão, senhor. A princípio, pensei que era James.



—Sim, somos gêmeos —disse Neil secamente enquanto abria a carta de Ellen. Leu-a em impávido silêncio, depois levantou a vista para o moço—. Quem disse que Jamie estava morto?

—O senhor Grant. Ele disse que tinha visto seu irmão cair, senhor, na batalha.

—Grant? David Grant?

Ned assentiu.

Neil proferiu um insulto e leu a carta pela segunda vez. Depois voltou a levantar a vista para olhar ao moço.

—Ned, meu irmão está vivo, muito vivo. Venha comigo.

Conduziu-o ao redor do castelo Blair, para o campo onde os clãs treinavam os reforços. O lugar estava lotado de gente, e Neil ziguezagueou entre a multidão até chegar ao lugar onde sabia que encontraria Jamie e Duncan. Seu irmão e seu primo estavam de pé a um lado, observando com expressão concentrada a um par de homens que estavam exercitando-se no ataque e a defesa.

—Jamie —disse Neil, depois se virou para Ned—. Vê?

Enquanto James se aproximava, Ned o observou com os olhos arregalados e a boca aberta, depois seu olhar atônito ia de um irmão a outro.

—Ned! —gritou James sorrindo amplamente. Aproximou-se do moço—. Não pôde deixar de vir. Alegra-me que esteja conosco. —Sua expressão se tornou repentinamente séria—. Está tudo bem em Netherby? Como está Ellen? Soube do que aconteceu com Dundee?

—Sim, senhor —disse Ned—. E pensa que você também está morto.

James entregou a Ned mais cargas de pólvora e uma bandoleira. Cruzar a Escócia nesse momento podia ser perigoso e queria estar preparado. Partiriam imediatamente. Neil se havia retirado para dizer a Cannon que partiria por alguns dias e Duncan os estava ajudando a recolher seus pertences. Se poriam a caminho com a luz da alvorada. Seriam quatro. James tinha tido a intenção de ir só com Ned, mas Neil e Duncan tinham recusado ficar.

James leu a carta de Ellen várias vezes, depois a dobrou e a colocou em sua camisa, perto de seu coração. Tinha escrito a Neil que amaria James até o dia de sua morte. Para sempre, havia dito ela. “Vou para você, Ellen”, pensou, “vou para você”.

Finalmente chegou a manhã, a luz penetrava lentamente através das cortinas de babado iluminando o quarto. Ellen se encontrava em uma pequena cama muito dura de um dos quartos do último andar, justo debaixo do telhado. Através das cortinas podia ouvir as vozes de um grupo de caçadores. Se onde tinha suposto, na casa onde estava acostumada a brincar desde menina.

Tentou liberar-se das ataduras mas não pôde mudar de posição, e lutou para não gritar quando o pânico a sobressaltou. Não serviria de nada; não conseguiria que nenhum som transpassasse a mordaça, e embora o fizesse, não havia ninguém na casa de B. Ninguém ia ali agora, à exceção dela.

Contou o passar das horas observando como a luz do sol, brilhante a princípio, ia minguando lentamente, e experimentou uma sensação de adormecimento que foi interrompida por um



súbito temor paralizador quando escutou ruído de passos nas escadas. Mesmo que a espera tinha parecido assustadora, era pior agora que ele tinha chegado. Tentou controlar o pânico quando tiraram o ferrolho da porta e a abriram. Fraser se apoiou contra o marco e lhe sorriu, tinha uma garrafa na mão.

—Desfrutou de seu dia? —perguntou. Entrou no quarto e se inclinou sobre ela, colocou a mão no queixo e examinou seu rosto movendo sua cabeça para trás e para frente—. Oh!, está inchado. Por que me forçou a fazê-lo, Ellen?

Fraser pronunciou seu nome lentamente, como se o estivesse saboreando, o qual a atemorizou ainda mais que seus golpes. Colocou a mão detrás de sua cabeça e desatou o nó da mordaca, depois a tirou e observou como ela cuspiu o tecido que tinha na boca. Ellen tentou insultá-lo mas não pôde.

—Sedenta? —perguntou, e depois riu brandamente quando ela não respondeu.

Ele levou a garrafa à boca e exerceu pressão até lhe separar os lábios. Ela bebeu a água rapidamente, ignorando o líquido que se derramava por seu rosto e pela parte superior de sua roupa. Depois Fraser retirou a garrafa e colocou a cortiça com expressão impávida.

Levou a mão à parte de atrás de sua cabeça e segurou uma mecha de seu cabelo, depois extraiu um punhal do cinturão. Ellen girou a cabeça sentindo que o terror se apoderava dela; não podia suportar que esses olhos frios e zombadores fossem a última coisa que veria nesta terra.

Fraser riu entre dentes e cortou uma mecha de cabelo, depois deu um passo para trás e emitiu um grunhido.

—Retornarei mais tarde —disse—. Não vá a nenhuma parte.

—Fraser! —exclamou ela com dificuldade.

Ele se virou.

—Por que faz isto? Por quê?

Ele sorriu, atravessou a soleira e fechou a porta com ferrolho atrás de si.

Era o segundo amanhecer. Ou acaso o terceiro? Tinha perdido a noção do tempo sumida em uma mescla de emoções, e fome. Tinha gritado, chamado, chorado. Ninguém tinha acudido. Como tinha suposto, a casa de B estava vazia à exceção dela.

Sua mãe e B estariam frenéticas agora. E Britta. A menina deveria estar muito preocupada com ela e suporia que algo terrível teria acontecido. Ellen riu ironicamente.

Algo terrível tinha acontecido e, se ela estivesse certa, era só o começo. Fraser tinha um plano; era óbvio. Utilizaria seu cabelo para mostrar a alguém para e que a tinha a sua mercê. Mas a quem? Só a sua mãe e a B preocuparia seu desaparecimento. O que poderia querer delas?

Mais tarde, supôs que no meio da manhã, a porta se abriu. Fraser estava de pé na soleira com um vulto debaixo do braço e a estudava com sorriso malicioso. Aproximou-se e se sentou na cama junto a ela, girando o rosto para examiná-lo.

—É um desastre —disse finalmente—. Mas ao menos a inflamação desapareceu.

Soltou-lhe as ataduras dos pés e deslizou as mãos pelos tornozelos. Ela tentou chutá-lo, mas tinha as pernas intumescidas. Esperava que a atacasse, mas a surpreendeu ao lhe esfregar os



tornozelos para que o sangue voltasse a fluir a seus pés, fazia tudo aquilo com expressão concentrada.

—Fraser?

Levantou a vista e deslizou as mãos até seus joelhos, as esfregando intensamente de igual maneira que tinha feito com seus tornozelos.

—Por que faz isto? O que pretende? Por que cortou meu cabelo? Por que tentou assassinar o meu primo? —Em lugar da moderação que tinha tentado demonstrar, soou temerosa, sua voz se aguçava à medida que falava, tremendo pela emoção e a preocupação.

Levantou o olhar de seus joelhos.

— Ouviu falar de Sir John Dalkey?

—Dalkey!

Quem não tinha ouvido falar do endinheirado nobre que se havia oposto a John uma década atrás, quando o seu primo tinham atribuído a missão de manter a paz no sudoeste? Toda a Escócia tinha falado de Dalkey, um mesquinho tirano que tinha quebrantado a lei em excesso e a quem John tinha enviado a prisão aplicando a ele uma elevada fiança. Seu primo riu da fúria de Dalkey quando tinha jurado vingar-se. Tinha passado muito tempo desde então.

Quando ela tinha repassado uma e outra vez a lista de todas as pessoas que poderiam desejar mal a seu primo, nunca tinha pensado em Dalkey.

—Aquilo aconteceu faz anos!

Fraser encolheu os ombros.

—Ele ainda odeia Dundee. Odiava-o. Queria-o morto.

Ellen engoliu em seco com dificuldade, recordando a conversa que tinha ouvido tantos meses atrás. Era Dalkey com quem Fraser tinha falado, Dalkey era o que proporcionava o dinheiro. Fraser deixou a perna esquerda e começou a massagear a direita.

—Vingança —disse ela brandamente—. Ele queria vingar-se do castigo que lhe impuseram por infringir a lei.

Fraser a olhou nos olhos com uma calma aterradora.

—Além de uma vaga promessa do rei Guilherme de que o recompensaria por qualquer coisa que fizesse para derrotar Jacobo Estuado. E obviamente, a morte de Dundee foi um sério reverso para os jacobitas. como sempre soube que seria.

—Foi sua ideia assassinar a John.

Encolheu-se os ombros.

—Sei que nos ouviu. Por que acha que fui detrás de você?

—Por dinheiro —disse ela sarcasticamente—. Dalkey lhe pagou.

Fraser meneou a cabeça.

—O teria feito —disse sem acalorar-se—. Não pude assassinar Dundee por sua culpa, por isso não me pagou. É responsável por que não recebi uma grande soma de dinheiro, senhorita Graham. É hora de emendar isso.

Sorriu com olhar quase alegre. Se ela não soubesse que tipo de monstro era Cecil Fraser, o acharia quase atraente, de aparência agradável com seus brilhantes olhos azuis claros e seu cabelo brilhante e curto entrecortados pela luz. Ellen sentiu um calafrio. Sempre o tinha considerado uma



besta, mas falava como um cavaleiro, como se tivesse recebido uma educação refinada.

—Quem é você? — sussurrou ela.

O sorriso dele desapareceu.

—O filho de um homem que não quis me reconhecer. A vida é muito diferente para os que nascemos do lado incorreto, Ellen.

Olhou seus pés e suspirou, depois juntou os tornozelos e voltou a amarrar com movimentos rápidos. Depois desatou suas mãos, observando-a sem tocá-la enquanto ela lutava por sentar-se. Doía-lhe o corpo intumescido por ter permanecido tanto tempo atada.

Passou bastante tempo até que os músculos começaram a mover-se corretamente.

—De quem você é filho?

—Isso acaso na verdade importa? Precisa comer.

Inclinou-se para abrir o vulto que havia trazido, e extraiu outra garrafa e um pouco de pão e de queijo. Ele entregou tudo. Quando ela levou a garrafa ao nariz para cheirar o conteúdo, ele riu entre dentes.

—Água —disse ele.

Comeu tudo e depois bebeu a água, secando-a boca com a mão como uma menina.

—Por que me deixa prisioneira?

—Seu padraсто me prometeu propriedades em troca de algumas coisas que fiz por ele.

Recentemente descobri que a propriedade não pertencia a ele a não ser a sua tia B. Está morto, como já sabe.

—Você assassinou Pitney?

Fraser sorriu enigmaticamente.

—Minha primeira intenção foi usar você para forçar a sua tia avó a que me cedesse as propriedades, mas isso já não é possível. Parece que sua tia B já as pôs em seu nome — observou sua reação—. Droga, você não sabia.

—Por que quer a propriedade? Por que essa propriedade?

Ele encolheu os ombros.

—Por que não? Dá rendimentos. Não haverá ninguém que me possa disputar isso Proporcionar-me-á ganhos durante anos. Por que não?

—A cederei.

Assentiu lentamente.

—Ah, sim, Ellen, acredito que sim. Não, irá correndo para um de seus cunhados nem bem se seque a tinta, e em alguns poucos dias estarão batendo em minha porta. Quão único assinará é um contrato de casamento.

—Me casar com você? —ficou olhando-o e sentiu que o coração começava a pulsar com força—. Não posso me casar com você, Fraser! Não o farei!

—Fará. O casamento será legal, e as terras, minhas. Depois disso pode fazer o que lhe agrade.

—Nunca! Nunca me casarei com você!

Meneou a cabeça tristemente.

—Que falta de consideração de sua parte, Ellen. Estava preparado para isso. Preferiria que



estivesse disposta, mas... me deixe expressar de outra maneira. Se casar comigo voluntariamente, não machucarei a ninguém.

—E do contrário?

—Do contrário, assassinarei a sua tia B e a sua mãe.

Ellen ficou olhando com a boca aberta.

—Não pode estar falando sério!

—Estou sua mãe e sua tia avó morrerão se não aceitar se casar comigo. É simples. É obvio que deixaremos algumas coisas estipuladas antes. Nosso casamento contará com testemunhas e será legal; quero que alguns de seus servos estejam lá para que possam dar fé do que presenciaram.

—Ninguém poderia acreditar que eu quereria me casar com você!

—Farão se lhes disser que faz por própria vontade. Que é justamente o que fará.

—Não pode estar falando sério!

—Ah, mas sim estou. Adquiri a licença especial para o proclama de casamento. Dirá ao sacerdote que se casa por própria vontade. Ninguém deve suspeitar do contrário.

Ela o olhava horrorizada.

—Não posso fazê-lo.

—Sim, pode. E o fará, se é que te conheço. Estou certo de que não deseja ser responsável pela morte de sua mãe ou de sua tia B.

—O que fez a elas?

—Nada ainda. Mostrei-lhes seu cabelo. Já se tinham dado conta de que havia desaparecido. O que aconteça de agora em diante, corre por sua conta. Depois de que nos casemos, viverão até a velhice.

—E se recusar?

Introduziu a mão na jaqueta e extraiu uma bolsa de veludo.

—Pensei que protestaria. Me permita que te ajude a decidir. —Abriu a bolsa e esvaziou o conteúdo sobre sua saia—. É o anel de casamento sua mãe. Ela conserva ainda o dedo mas posso trazê-lo também. Você decide.

Ellen ficou olhando o anel. Era o anel de casamento de sua mãe, o anel que nunca tirava.

—É um símbolo de minha determinação —disse Fraser—. Não se equivoque, Ellen, tenha por certo que nos casaremos de uma maneira ou outra. Ou será necessário que te traga pedaços de sua mãe até que aceite?

—E o que me impediria de anular o matrimônio depois? Ou recorrer às autoridades?

—Com o que? Com uma descabelada historia de que te forcei a se casar comigo? Ninguém acreditará. Estamos em plena guerra; o país inteiro só está concentrado nisso. Seus cunhados, se ainda estiverem com vida, estão com o que resta do exército de Dundee. Seu primo está morto. Seu amante está morto. Não tem alternativa. Embora infeliz, nosso matrimônio continuará sendo legal. E antes de que considere a possibilidade de se queixar com seus cunhados depois, recorda que sempre estou a tempo de machucar a sua mãe e a sua tia avó, em qualquer momento, até depois de celebrado o matrimônio. No que respeita ao resto do mundo serei seu marido legal. Sua propriedade me pertencerá. E segundo a lei escocesa, não pode declarar em meu contrário. Mas



pelo menos estará viva, igual a sua mãe e B.

—Ninguém acreditará que me casei com você voluntariamente.

—O que importa o que pensem? Por que imagina que importaria a alguém? Ao mundo não interessa o que acontece em Netherby. A Escócia está em guerra; o rei Jacobo está perdendo a coroa nas mãos de seu genro. A ninguém importa o que te acontece —ele suspirou—. Está em suas mãos, Ellen. O que decide?

—É uma loucura.

—Sim ou não?

—Ninguém levará a cabo a cerimônia.

—Já disse que um sacerdote que o fará. Amanhã.

Ellen ficou olhando-o.

—Amanhã!

—Acaso pensou que te daria tempo para que pudesse urdir um plano contra mim? —Seu tom de voz se endureceu—. Tome a decisão já. Sua mãe necessita de todos os dedos?

—Você é um monstro!

Ele meneou a cabeça.

—Posso ser. Simplesmente estou tomando o que prometeram. —Tocou sua bochecha—. E um pouco mais.

—Por que não vai até Dalkey e descobre se tem mais assassinatos que lhe encomendar? Você é bom para isso. Poderia ganhar muito dinheiro.

—Estou cansado de trabalhar para outros, Ellen. De agora em diante, serei o artífice por meu próprio destino.

Ela riu quase histericamente.

—Não pode estar falando sério! Tudo isto é para que você possa ser um cavalheiro latifundiário, para que não tenha que trabalhar para mais ninguém?

—Ellen, seja sensata. Há um momento na vida no que se devem fazer coisas...inesperadas.

—Deslizou-lhe a mão do ombro ao peito—. Agora, sua resposta, por favor.

Ellen engoliu em seco.

—E se me casar com você, nos deixará em paz? Me deixará em paz?

—Depois de que nos casemos, você e eu viveremos aqui, nesta casa, como marido e mulher.

—Nunca viveremos como marido e mulher, Fraser.

—Isso veremos, Ellen. Possivelmente não ache tão desagradável como pensa; possivelmente até chegue a te agradar.

—Nunca. —Olhou-o nos olhos—. Em algum momento terá que dormir.

Sorriu lentamente levantando uma mecha de cabelo.

—Eu somente devo cuidar de mim, Ellen. Você deve cuidar de você, de sua mãe, de sua tia avó e dessa criada que tanto gosta. Já tenho aliados entre sua criadagem que continuarão lá. —ficou de pé, claramente sua paciência havia chegado ao limite—. Já conversamos o suficiente. Terei que lhe cortar um dedo de sua mãe? Ou se casará comigo?

Ellen assentiu.

Observou-a por um momento, depois se inclinou para lançar-lhe um olhar furioso.



—Diga —disse grosseiramente—. Diga!

—Casarei-me com você —sussurrou ela.

—Bem. —Ele inspecionou as ataduras uma vez mais e depois se foi, sem olhar para trás.

Fraser retornou pela manhã, justo depois do amanhecer, trouxe roupa, seu vestido azul favorito, sapatos combinando e brincos que tinham pertencido a sua avó. Alguém que a conhecia tinha escolhido tudo aquilo. Também trouxe um espelho, uma bacia, sabão e comida, e a deixou só para que se asseasse e se vestisse.

Em um gesto de amabilidade explicou que sua mãe seria levada à capela para presenciar a cerimônia, mas que B aguardaria em um lugar secreto até que estivessem casados. Se Ellen não se comportasse corretamente, ou se por alguma razão o casamento não se realizasse, B morreria. Segundo ele havia dito com voz fria, era bastante simples.

Disse a ele que se tanto B como sua mãe não estivessem na capela, recusaria a casar-se. Ele riu.

—B aguardará em outro lugar. Sua mãe presenciará como se casa comigo. Se desistir, se surgir algum problema, se não acatar minha vontade, B morrerá uma hora depois nas mãos de meu homem. Se me acontecer algo, ela também morrerá. Deve acreditar.

Olhou nos olhos e acreditou. Tocou sua bochecha novamente e depois se retirou. Tão logo como ele fechou a porta detrás de si, correu para a janela. Não era fácil descer. E mais além, no estábulo de Netherby, um servo caminhava de um lado a outro. Fraser havia dito que tinha aliados entre a criadagem.

Virou-se dando as costas à janela. Não tinha escapatória. Moveu-se com lentidão, desabando-se na cama enquanto se olhava no espelho. Estava pálida, ainda dolorida pelos golpes, mas seu rosto parecia quase normal. Não estava pálida nem tinha sinal externo do terror e do ódio que sentia por ele.

“Pode fazê-lo”, perguntou à imagem que lhe devolvia o espelho. “Pode se casar com Fraser, adotar seu sobrenome, deixar que te toque, que se deite com você”

Levou a mão à garganta e pensou no destino de B, no homem de Fraser cortando-lhe com um punhal... Fechou os olhos, rogando por conseguir reunir força. Seguiria adiante com este falso casamento, poria a sua mãe e a B a salvo em algum outro lugar. Fraser teria que dormir em algum momento. E então o assassinaria.

Capítulo 20

Fraser foi procurá-la a tarde, com o cabelo brilhante e usava roupa limpa e colada. Estava atraente, contente de si mesmo. E seus olhos expressaram sua aprovação quando a viu vestida e pronta.

—Já é hora, Ellen —disse.

Caminharam em silêncio para a capela de Netherby, seguidos por dois homens armados com facas, duas servas e a criada de sua mãe. Quatro mulheres, dois homens. Não eram suficientes para impedir aquela farsa, inclusive embora os homens que Fraser havia levado o



permitissem. Dois mais de seus asseclas estavam na capela. E dois mais no segundo banco, justo atrás de sua mãe, quem, pálida e trêmula, olhou-a nos olhos do outro lado da pequena igreja. A sua mãe tremeu a boca e pressionou os lábios em um gesto que Ellen conhecia bem. Rose estava aterrorizada. B não se encontrava ali.

O sacerdote, um homem ao que ela nunca antes tinha visto, recebeu-os no altar e a olhou primeiro e depois a Fraser com expressão calculista. Certamente sabia que não era um acontecimento feliz. Quanto lhe teriam pago? Perguntou-se ela. Possivelmente nem sequer era sacerdote? O homem entregou a Fraser a licença de matrimônio e pediu a ambos que a assinassem.

Ellen a leu várias vezes, sua mente recusava aceitar as palavras que diziam que “a senhorita Ellen Graham de Netherby desposava a Cecil Fraser de Dundee naquela data”. A assinou com mão trêmula e o sacerdote riu fazendo um comentário a respeito dos nervos da noiva.

Fraser também riu, agarrou a mão dela e a colocou debaixo de seu braço.

Ambos se colocaram de pé de frente ao altar.

A luz do sol se filtrava através das vidraças, tingindo o ar de cor índiga, mas Ellen não viu os traços azuis que delineavam o corredor central e se espalhavam pelos bancos até os ombros de sua mãe. Viu os pequenos olhos do homem que simulava ser um servo de Deus, sentiu os azuis olhos de Fraser observando-a. O sacerdote afastou para o lado a licença e elevou as mãos, pedindo a todos os presentes que se unissem em uma prece.

Ellen respirou profundamente. Seu casamento tinha começado.

Não ouviu nada do que disse o clérigo. Ele falou durante um momento, rezou algumas preces e aguardou a que ela fizesse algo. Ficou olhando e quando Fraser a agarrou ficou de pé. O sacerdote a agarrou pela mão. Falou-lhe, e teve que repetir-lhe em um tom mais baixo e cortante.

—Seus dedos, por favor, senhorita Graham. Deve estendê-los.

Ellen olhou a mão tinha-a mantido firmemente fechada, abriu-a e a estendeu mecanicamente de uma vez que sentia um zumbido que parecia lhe rugir nos ouvidos ao observar como Fraser colocava sua mão em cima da dela.

O sacerdote colocou uma mão debaixo da dela e a outra sobre a de Fraser enquanto dizia outra prece. Fraser lhe sorriu e girou a mão com a palma para cima para receber o anel que o sacerdote lhe dava. O sacerdote levantou a mão de Ellen.

—Repita depois de mim —disse a Fraser—: “Lhe entrego este anel como símbolo de nossa união”.

—Entrego-lhe este anel como símbolo de nossa união —disse Fraser.

Ela não escutou o resto das palavras, tampouco sentiu o anel que Fraser lhe deslizou no seu dedo enquanto lhe agarrava com força selvagem a mão. Começou a balançar-se sentindo que a cabeça dava voltas; Fraser a agarrou pela cintura e a sustentou contra ele.

O sacerdote segurou sua mão, a girou e lhe colocou um anel liso de ouro na palma. Ellen ficou olhando-o. James lhe tinha dado seu anel. Onde o tinha deixado? Em sua gaveta, recordou, entre seus lenços mais finos, para mantê-lo a salvo. Tinha planejado enviar a Neil, mas não tinha podido desprender-se dele.



James.

James deveria estar ali a seu lado, não aquele monstro. Começou a explicar ao sacerdote que aquilo estava errado, que não era real.

O sacerdote lhe espremeu os dedos.

—Senhorita Graham —vaiou—. Repita depois de mim, por favor: “Entrego-lhe este anel como símbolo de nossa união”.

Ellen olhou primeiro ao sacerdote e depois para Fraser. Respirou profundamente e tentou controlar seu tremor. Aquilo era real e não tinha alternativa.

—Entrego-lhe este anel como símbolo de nossa união... —sussurrou ela.

Repetiu o resto das palavras sem as ouvir. O sacerdote aproximou a mão de Fraser e o colocou o anel na ponta do dedo, depois se deteve.

—Faça! —Disse Fraser entre dentes—. Faça-o, Ellen!

Ellen deslizou o anel por seu dedo até pressioná-lo contra a base.

James ficou observando a casa. Netherby tinha o mesmo aspecto de sempre, mas não havia ninguém no jardim, ninguém os tinha recebido ou detido quando cavalgavam pelo caminho de entrada. Permaneceu sentado no cavalo durante um momento e ficou escutando, depois desmontou e jogou as rédeas para Neil.

—Onde estão todos? —perguntou Ned enquanto se aproximava de James.

James meneou a cabeça. A porta principal continuava fechada; ninguém apareceu pela lateral da casa. Caminhou rapidamente para os degraus e os subiu de três em três seguido por Ned. James se deteve frente à porta e pensou em agarrar sua pistola, mas Ned se adiantou e abriu a porta, entrou em saguão e saudou em voz alta. Sua voz ecoou no silêncio.

Ned se virou para o James com os olhos desmesuradamente abertos. James levou um dedo aos lábios e fez um gesto a Ned para que agarrasse sua pistola. Percorreram as habitações do andar de baixo. Alguém tinha estado ali não fazia muito tempo, e se previa que retornaria logo, pois a mesa estava preparada para quatro pessoas. A casa estava vazia. Onde estava Ellen? Onde estavam todos?

James chamou duas vezes, depois se virou quando Neil e Duncan se aproximaram. Ned subiu as escadas correndo e puderam escutá-lo gritar os nomes de Ellen e Britta.

—Não há ninguém aqui— disse James.

—Todos saíram —disse Neil.

—Sim, mas aonde? E por que iriam todos?

—O que foi isso? —perguntou Duncan—. Ouviu? —Foi para a porta e depois se virou para eles—. Se aproxima uma jovem correndo e gritando pelo caminho de entrada! É Britta!

James avançou até o degrau superior, Neil e Duncan estavam atrás dele observando Britta aproximar-se correndo e agitando os braços. Deteve-se o pé das escadas.

—Me ajude, por favor, senhor, preciso... —olhou para James e gritou aterrorizada dando um passo para trás—. OH, Deus, me proteja! —Depois olhou para Neil e voltou a gritar dando-a volta para fugir correndo—. Que Deus me proteja, são dois!

James desceu velozmente os degraus e a agarrou girando-a para ele. Ela fechou os



olhos com força e voltou a gritar. Agarrou-a pelos ombros e a sacudiu.

—Britta! Sou James!

Ela abriu os olhos.

—Você está morto!

—Não, pequena, não estou. Onde está Ellen?

— São dois!

—Ele é meu irmão. Ambos estamos vivos, Britta.

—Pensamos que você tinha morrido! Pensei que era um fantasma!

—Sim, sei. Onde está Ellen?

—Está se casando. OH, senhor, deve impedi-lo! Estão forçando-a a fazê-lo. Não pude ficar lá e ver! Escapei; estava a caminho para ir procurar o senhor Grant quando os vi cavalgar para cá, e oh, por favor...

Ned atravessou rapidamente a porta e desceu a escada abrindo-se caminho entre Britta e James.

Britta se agarrou a ele e depois se virou para James, assinalando histericamente o caminho que rodeava a casa.

—Deve impedir o casamento! —gritou—. Depressa!

—Onde? —Gritou James—. Quem a está forçando? Onde estão?

—Na capela! É Fraser...

James não esperou mais. Girou rapidamente afastando-se enquanto lançava a Neil e a Duncan um olhar feroz, depois saltou sobre o cavalo. Britta ainda relatava a história quando Ned a conduziu até seu cavalo, com Neil e Duncan a só um passo de distância atrás deles. James fez girar seu cavalo e seguiu o caminho para a capela.

Deteve-se frente à capela e escutou as vozes provenientes do interior. Seu cavalo descreveu um círculo enquanto ele tentava recordar a disposição da igreja. Havia um corredor central com bancos em ambos os lados e uma só porta principal com painéis duplos de madeira em forma de arcada normanda. Eram portas altas que se abriam para dentro. Sorriu. Podia fazê-lo.

Inclinou-se sobre a montaria e pressionou os calcanhares contra o cavalo.

As portas se escancararam, cedendo à investida dos cascos do cavalo. James tinha se inclinado sobre o pescoço do cavalo para atravessar as portas, ergueu-se afirmando-se nos estribos nem bem se limpavam os bancos do coro que se achavam acima. O punhado de gente que se achava nos bancos proferiu gritos e exclamações mas ele nem sequer os olhou.

Ellen estava de pé no altar, de costas. Havia um homem loiro a seu lado e frente a eles um sacerdote enfeitado para a cerimônia. O homem loiro se virou.

James olhou Fraser nos olhos e desembainhou a espada.

Ellen se virou ao ouvir o estridente som proveniente da parte traseira da capela. Se escutou o ruído de um forte golpe contra as portas e dos painéis de madeira açoitados contra as paredes de pedra. Perfilada viu uma silhueta enorme e escura que se recortava contra a luz do sol.

Era um homem forte montado sobre um grande corcel. O homem se endireitou ao entrar na



capela, seu cabelo tinha uma tintura azul sob a luz das vidraças. Sua expressão era feroz. Ficou olhando-o.

James.

Sentiu que o coração começava a lhe pulsar com força. James. Mas não podia tratar-se dele.

Devia ser Neil. Ou um sonho do qual despertaria. O cavaleiro levantou o braço e sua espada refletiu a luz. Olhou para Fraser durante um momento antes de observá-la.

—Ellen! —rugiu.

O imponente animal corcoveou para diante, percorrendo o corredor principal em poucos passos. Inclinou-se sobre o pescoço do cavalo esticando-se para agarrá-la e Ellen levantou os braços. Agarrou-a pela cintura com o braço esquerdo subindo-a até a montaria. Ela o rodeou com seus braços.

Não se tratava de um espectro. O homem a quem se agarrava era real, sentiu a calidez de seu corpo movendo-se sob seus braços enquanto girava o cavalo. O sacerdote e Fraser se afastaram torpemente do caminho enquanto o animal percorria os degraus do altar.

Emitiu outro rugido, desta vez de triunfo. Inclinou-se sobre Ellen, percorreu velozmente o corredor e saiu da igreja. Deteve-se a poucas jardas de distância, permitindo desmontar para logo fazer o mesmo.

—OH, Neil! —exclamou ela—. Graças a Deus que veio! Como soube?

Levantou-lhe o queixo e pressionou sua boca contra a dela, apertando-a contra seu corpo, pressionando seus seios contra seu peito, os quadris contra seu corpo. Recostou-a sobre seu braço e a beijou com mais intensidade, explorando e capturando sua boca, deslizou a mão pelas costas para atraí-la ainda mais para ele. Ela respondeu a sua paixão, depois se separou dele, levou a mão à boca e o observou com os olhos arregalados.

—Neil? —Sua voz era quase um sussurro.

Ele negou com a cabeça.

—Não, não sou Neil, sou James.

Ficou olhando-o, depois levou a mão à garganta e depois a colocou na bochecha.

—James? É você de verdade? Não estou sonhando?

—Não, Ellen, sou real.

—Pensei que estivesse morto —sussurrou ela enquanto os olhos se enchiam de lágrimas.

—Sim, Ned nos contou. Por isso estou aqui.

Acariciou sua bochecha enquanto caíam as lágrimas.

—James. OH, graças a Deus. James.

Agarrou sua mão e a levou aos lábios para beijar a palma. Viu o anel em seu dedo. O anel de Fraser.

—Casou-se com ele?

Assentiu chorando sem disfarces.

—Disse que mataria a B e a minha mãe se não o fizesse.

—Canalha! —Olhou-a nos olhos—. Acaso te tocou, pequena?

—Não. Não é a mim que ele quer, James. Trata-se das terras de B.

—Das terras de B? Está louco?



—Quer os lucros. Pensou em casar-se comigo e obter o controle da propriedade. Acredito que uma vez que todo mundo soubesse do matrimônio... eu teria um acidente. Ia me matar, James. Estou certa disso.

James olhou para a capela onde os empregados de Netherby atravessavam as portas, os homens empurravam às mulheres diante deles. Ellen seguiu o olhar de James.

—Minha mãe está na capela, mas ele tem B prisioneira em algum lugar. Se não dar a contraordem, será assassinada uma hora depois do começo da cerimônia.

—Pois não temos muito tempo.

Escutaram-se gritos provenientes da igreja.

—Fraser tem homens com ele —disse Ellen.

—Eu também —disse James, girando-a para que pudesse ver Neil, Duncan e Ned com Britta agarrada em seu braço—. Com quantos homens conta?

—Seis. Todos armados.

Ela olhou em direção à capela quando os empregados de Netherby proferiram gritos e se afastaram bruscamente para trás. Fraser, arrastando a sua mãe pelo braço, atravessou a porta apontando com a pistola a qualquer um que se aproximasse. Rose parecia aterrorizada enquanto ele a arrastava e olhava furioso ao redor. Seus homens se postaram com as pistolas desencapadas atrás dele para controlar os empregados de Netherby.

—Fique aqui, Ellen —disse James agarrando a espada e a pistola.

Avançou empunhando uma arma em cada mão. Os empregados o observaram horrorizados, imóveis, as criadas se agarravam umas às outras e choravam. James se deteve dez pés de distância frente a Fraser, quem lhe apontou a pistola ao peito.

Neil e Duncan avançaram para flanquear James. Os homens de Fraser se afastaram dele, ladeando-o com o passar a frente da igreja, enfrentando-se aos highlanders com as espadas desembainhadas e pistolas carregadas.

—Deixa-a ir —disse James a Fraser.

Neil estendeu o braço e apontou para Fraser com a pistola; Duncan fez o mesmo. Ned deixou Britta com Ellen e correu para colocar-se junto ao Duncan. Fraser riu.

—Ah, os gêmeos MacCurrie juntos. Posso disparar em um de vocês.

—Sim —grunhiu James—, mas o outro te matará.

—Superamos vocês em número, MacCurrie. Tenho seis homens comigo. Vocês são só quatro.

Os dois servos de Netherby se adiantaram e se colocaram junto a Neil, que lhes entregou adagas.

—Seis, senhor—disse um a James.

James sorriu marotamente.

—Estamos em igualdade de condições agora, Fraser.

—Não exatamente. Eu tenho sete homens armados, você, quatro. E a tenho a ela. —Fraser apontou para Rose na cabeça. A mãe de Ellen se sobressaltou mas não se moveu. James deu um passo para diante.

—Fique onde está, MacCurrie —disse Fraser. Fez um gesto a seus homens para que



separassem-se mais, e assim o fizeram. Neil se virou para enfrentar-se aos dois que tentavam colocar-se detrás dele. Duncan e Ned observaram aos três que se achavam a sua direita.

Britta se dirigiu junto a Ellen.

—Senhorita Ellen —sussurrou—. Está bem? Ele a machucou? Sabia que não se casaria por vontade própria.

—Não. —Ellen abraçou Britta—. Estou bem.

Britta se aproximou mais e agarrou Ellen pela mão. Ellen sentiu a culatra de uma pistola ainda quente por ter estado na mão da jovem.

—É a pistola de seu pai, senhorita Ellen. Pensei que poderia precisar dela.

Ellen lhe dispensou um sorriso de alívio.

—Deus te abençoe, Britta. Como te ocorreu trazê-la?

Britta levantou o queixo.

—Sei o que é amar, senhorita Ellen. Soube que algo terrível devia estar acontecendo para que você se casasse com Cecil Fraser. Se você não pudesse detê-lo, eu ia matá-lo.

—É maravilhosa! —sussurrou Ellen. Sustentou a arma frente a ela. Estava carregada e sentiu o peso.

James deu outro passo para diante.

—MacCurrie, fique onde está! —gritou Fraser.

James voltou a avançar. Ellen conteve a respiração quando viu que Fraser entrecerrava os olhos ao apontar para o peito de James. Atrás dele apareceu o sacerdote na entrada da capela. Quando viu os highlanders fugiu pela lateral da igreja e desapareceu em uma esquina. Ninguém prestou atenção enquanto fugia.

Ellen se moveu para diante. Não estava certa do que faria, mas não lhe parecia uma boa opção ficar de pé observando como Fraser apontava para James ou para à cabeça de sua mãe.

—Fraser —disse James com voz calma e firme—, esperei este dia.

Fraser colocou Rose diante dele.

—MacCurrie, teve sorte na clareira. Como demônios saiu de lá?

—Sou mais preparado que você, Fraser —disse James com um amplo sorriso—. Seus homens estavam fazendo suficiente ruído para despertar os mortos.

Fraser riu.

—Quem não é a melhor companhia, garanto. Fique aí, Ellen.

Ellen deixou de avançar e olhou primeiro a seus gélidos olhos azuis e logo aos quentes olhos de sua mãe.

—Liberte-a e baixe a arma, senhor —disse James.

Fraser negou com a cabeça.

—Para que possa me matar? Não. Retroceda, MacCurrie. Posso disparar em minha sogra por engano.

—Não é sua sogra —disse James.

—Meu anel está na mão de Ellen. Estamos casados. É minha esposa.

—Logo será sua viúva, Fraser —disse Neil.

—Não estão legalmente casados —disse James—. Ellen e eu selamos um compromisso. Esta



cerimônia foi uma farsa.

—Seu compromisso foi uma farsa, highlander.

—Solte a pistola, Fraser —disse Duncan.

—Vá para o inferno, MacKenzie —disse Fraser—. Retroceda, MacCurrie.

James baixou lentamente o braço. Fraser entrecerrou os olhos e se inclinou para trás, passando a pistola à mão esquerda enquanto continuava apontando para a cabeça de Rose e agarrava sua espada.

James deu um passo para trás.

—Diga a seu irmão que faça o mesmo.

James lhe disse algo em gaélico para Neil, que riu e respondeu de igual maneira mas não se moveu. Duncan se deslocou para a esquerda de Neil sem deixar de apontar a pistola à cabeça de Fraser.

Ellen conteve a respiração. Se Duncan ou James disparassem em Fraser e errassem, sua mãe morreria.

James riu brandamente, depois pareceu quase relaxar. Fraser o observou com o cenho franzido.

—Onde escondeu à tia de Ellen, B?

—OH, me permita que o diga imediatamente —disse Fraser com gesto zombador.

Um de seus homens saltou para diante, em direção a James, mas Ned disparou antes que o homem pudesse avançar mais. Ellen conteve a respiração e Britta emitia um gemido agudo.

—Agora estamos em igualdade de condições —disse James simplesmente.

—Não exatamente —disse Fraser—. O menino tem que recarregar. Você conta com apenas três homens armados. —Arrastou Rose com ele enquanto se movia para a esquerda. Agarrou-a bruscamente contra ele quando ela resistiu.

Com um rugido, James saltou para diante brandindo a espada no ar.

Repentinamente, a atmosfera se encheu de estrondos. Ellen ouviu os disparos, depois os gritos e as exclamações em meio da cortina de fumaça. A pistola de Fraser caiu ao chão e as saias de sua mãe se renderam ao desabar, mas Ellen não pôde ver nada mais porque as figuras masculinas se adiantavam e retrocediam lhe tampando a visual. Dois dos homens de Fraser caíram com as investidas de Neil e Duncan; um terceiro foi ferido por um servo de Netherby. Ned, com a espada desembainhada, lutou com outro dos homens de Fraser. Britta gritou.

Viu que James continuava com vida e lutava contra Fraser, suas espadas chocavam ferozmente uma contra outra, as lâminas reluzentes vibravam com os golpes que davam mutuamente, o ar se carregou de violência com o som frenético das espadas. Sua mãe jazia no chão, mas estava ainda com vida, e duas das mulheres de Netherby cuidavam dela. A pistola de Fraser estava no chão próxima a Rose, a de James perto, ambas já desprezadas. Ellen levantou a arma de seu pai, tentando fazer um disparo certo em Fraser.

Neil deu conta do homem ferido de Fraser, depois viu que Duncan e Ned submetiam ao último. Fraser era o único que restava.

James se adiantou no ataque, Fraser se escondeu e escapou por debaixo do braço estendido de James, quem primeiro retrocedeu e depois voltou a investir. Fraser esquivou o novo golpe



ficando de lado. Mas James tinha antecipado o movimento de Fraser e o atingiu.

Dobrou o braço de Fraser, tirou-lhe a espada e encostou a garganta com a sua, detendo-se justo antes de lhe perfurar a pele com o aço. O homem loiro caiu de joelhos, depois levantou os olhos para olhar fixamente para James. Um silêncio se estendeu durante um momento até que Fraser finalmente falou.

—Não pensei que pudesse fazê-lo —disse.

James levantou o braço, a lâmina de sua espada apanhou a luz quando a elevou.

—Não! —Gritou Ellen—. James, não! —Ela correu para diante e agarrou James pelo braço, ignorando os gritos de protesto de Neil e de Duncan.

—B —gritou—. Deve nos dizer onde está B!

James respirou profundamente e assentiu, baixando lentamente o braço. Pressionou a ponta da espada contra a garganta de Fraser.

—Onde está?

—Vá para o inferno, MacCurrie —disse Fraser.

James levantou a espada e deslizou a ponta contra a face de Fraser.

—Onde está?

Fraser grunhiu mas não se acovardou.

Neil se inclinou sobre o último homem de Fraser.

— Onde está ela? —inquiriu. Pressionou a espada contra a camisa do homem—. Onde está?

O homem gritou afastando-se da lâmina da espada de Neil. James se virou para olhar a seu irmão, bastou esse movimento para que Fraser o empurrasse e ficasse de pé de um salto, extraindo uma adaga do cinturão que inseriu no corpo de James com movimento traiçoeiro.

Ellen gritou, James saltou para trás e a investida de Fraser lhe rasgou o kilt. Fraser tentou atacar novamente.

Ellen levantou a pistola e disparou na sua cabeça.

James ficou olhando como o homem loiro caía ao chão, depois se virou para Ellen. Ela o olhou nos olhos, depois baixou o olhar para a pistola que ainda sustentava com mãos trêmulas. Fraser estava morto, com os azuis olhos fixos no céu. Afrouxou os dedos e deixou que a arma caísse sobressaltada pelo horror do que acabava de fazer.

James foi em seu socorro e a abraçou, rodeando-a com seus braços.

—Onde está ela? —perguntou-lhe Neil a homem do Fraser.

O homem olhou para Fraser.

—Na casa do senhor Stuart. No último andar.

—Está viva?

O homem assentiu.

—Vigiada por quantos homens?

—Por nenhum, senhor. Está sozinha.

—Vá buscá-la —disse Neil a Ned.

O jovem assentiu e partiu velozmente seguido de Britta.

Os empregados de Netherby acalmaram, mas Ellen não os ouviu, não viu sua mãe levantando-se com lágrimas nos olhos. Ellen só ouviu as carinhosas palavras de James consolando-



a, só viu seus olhos brilhando de amor.

Capítulo 21

Ellen Graham se casou com James MacCurrie na capela de Netherby em uma brilhante tarde de agosto, com a estadia repleta de flores.

Pela manhã, sua mãe, B e Britta a ajudaram a vestir-se ocupando-se de cada detalhe.

Vestiu um espartilho e uma anágua verde cujo tom suave, conforme disse sua mãe, recordava o alvorecer, o novo começo; debaixo, uma anágua branca.

O laço de seu espartilho também era branco, usava o cabelo levemente preso na parte superior da cabeça em uma suave onda em que se entrelaçavam as pequenas florzinhas brancas que sua mãe cultivava. Os cachos de cabelo escuros caíam sobre os ombros. Ellen observou Britta colocar outra flor, depois ficou de pé perante o olhar aprovador de sua mãe e de B. Dirigiu-se ao centro do quarto fazendo girar seu vestido como Flora tinha feito apenas uns meses antes.

—Vou me casar ! —exclamou agarrando as mãos de Britta.

Britta riu.

—Está tão bonita, senhorita Ellen! Parece uma princesa!

—Parece uma mulher que se está casando com o homem indicado —disse B—. Se assegure de se casar com James e não com Neil.

Rose sorriu com os olhos cheios de lágrimas. Mas desta vez, Ellen sabia que eram lágrimas de felicidade. No dia anterior, uma vez que tinham retornado da capela, Rose tinha dado seu consentimento para que contraíssem matrimônio rogando que a perdoassem por não havê-lo permitido antes.

Ellen tinha abraçado a sua mãe e James lhe tinha sorrído, embora mais tarde esclareceu a Ellen que nada poderia impedir seu matrimônio. Nada.

James queimou a licença que Ellen e Fraser tinham assinado, observando com sombria satisfação enquanto o papel se convertia em cinzas, com expressão tão selvagem como quando tinha pego o anel do dedo de Ellen e o tinha jogado na cova junto ao corpo de Fraser.

“Aquilo foi ontem”, pensou Ellen ao sentir a mão de sua mãe no rosto enquanto sorria olhando-a nos olhos. Desejou que suas irmãs estivessem ali, assim como a seu pai; John e Evan, de alguma maneira. Mas não podia mudar nada disso, pensou, e hoje não era um dia de tristeza.

Hoje tudo era alegria. Hoje ela se casaria com James.

Quando acomodaram o último cacho de cabelo e prenderam o último laço, Rose e B secaram as lágrimas, rindo e chorando ao mesmo tempo. Britta estava tão excitada que não podia manter-se quieta. Ellen sorriu a todas e se encaminhou. “James”, pensou, “já vou”.

Ellen se deteve ao final do corredor central, depois caminhou lentamente para o altar, para James e seu futuro juntos. O noivo estava resplandecente, com uma camisa de linho branca como a neve debaixo de uma jaqueta de seda azul que deixava ver o forro branco.

Sua manta era azul e verde, as cores combinavam com as joias de seu broche. Seu escuro cabelo, jogado para trás e preso em um rabo de cavalo, absorvendo os raios de luz que se



filtravam pelas vidraças. Sorriu quando ela caminhou para ele, com seus olhos profundamente azuis. Com isso se acentuou quando chegou ao altar. Agarrou-a pelo braço e a fez girar para o sacerdote.

James pronunciou seus votos sem hesitar, sua bela voz encheu a pequena capela. Ellen repetiu seus votos com voz trêmula pela emoção. James colocou o anel no seu dedo e lhe envolveu a mão com a sua olhando-a nos olhos.

—Para sempre —sussurrou ele.

—Para sempre.

O sacerdote benzeu sua união, declarando-os marido e mulher. James lhe deu um beijo suave e prolongado que guardava a promessa de mais beijos futuros. Ellen MacCurrie sorriu a seu marido, depois se virou junto com ele para a igreja e a suas famílias.

Fora, sob o sol, Neil abraçou a seu irmão e depois a Ellen, beijando-a na bochecha e desejando uma vida inteira de felicidade. Duncan a abraçou e disse que estava encantado de que, finalmente, fossem parentes. Ned disse que estava muito bonita e lhe contou que se casaria com Britta se ela o aceitasse. Ellen disse que estava certa de que a jovem o faria.

B reclamou sua atenção abraçando Ellen e depois James, a quem pediu que lhe reservasse uma dança do baile mais tarde. James riu e prometeu que guardaria várias. Depois se virou para Rose, quem lhe sorriu olhando-o nos olhos e pôs uma mão sobre seu ombro. James lhe sorriu abertamente, com cuidado de não delatar o rugido de triunfo que escutava em seu interior.

Ellen lhe pertencia.

Ellen suspirou de prazer e se estirou na grande cama. Já não seria nunca mais a senhorita Ellen Graham. Agora era Ellen MacCurrie, a esposa do homem mais esplêndido que já tinha existido.

James ainda estava adormecido, seus longos e escuros cílios se recortavam contra suas bochechas, seu peito nu se movia pausadamente ao respirar. Acaso tinha existido alguma vez um homem mais atraente? Mais maravilhoso?

Sua noite de núpcias tinha sido tudo o que ela tinha esperado. James tinha sentido sua falta tanto quanto ela dele, aquilo era evidente. Não tinham apressado sua união, mas sim a tinham desfrutado, explorando-se lenta e profundamente.

O matrimônio parecia fazer bem a ambos.

O que aconteceria em diante? O mundo não os deixaria em paz por muito tempo. James retornaria com Neil e Duncan ao exército, à guerra. Ela deslizou as mantas até seus ombros.

Seus pensamentos tinham provocado calafrios que não eram acordes com aquela adorável amanhã do verão.

James suspirou adormecido, e ela voltou a olhá-lo. Já tinha uma sombra de barba no rosto, e o cabelo formando redemoinhos ao redor da cabeça. Era maravilhoso. “Meu marido”, pensou ela. “Meu amor. Como posso deixar-te ir de novo?” Acariciou sua bochecha, sentindo-se perigosamente a beira das lágrimas.

James abriu os olhos e a brindou com um sorriso. Ellen se deslizou em seus braços deixando que seu calor a reconfortasse. Beijou-lhe o pescoço e a pressionou contra ele com evidente



Tiamat World

A Lenda do Highlander Gêmeos MacCurrie 01

paixão.

—Outra vez? —perguntou ela.

—Será melhor que acostume a isso, Ellen. Não tenho intenção de desperdiçar nem um momento com você. —Beijou-a na boca e depois se voltou para trás retirando seu cabelo do rosto—. Tenho intenção de passar a maior parte do tempo na cama com você, pequena.

Apanhou sua mão e beijou a palma.

—Quem sabe o que acontecerá?

Ele riu sonora e alegremente.

—Eu sei. Cinquenta anos de paz. Pode ser que outros não saibam o que acontecerá, mas nós sim.

—A lenda —sussurrou ela.

—Sim. Não sei como se cumprirá cada parte, mas sei que serão cinquenta anos de paz, Ellen.

— Ele sorriu abertamente—. Pode ser que me canse de você até lá.

Ellen sorriu também.

—Me encarregarei de que isso não aconteça —disse uma vez que lhe acariciava o peito com a mão—. Construiremos nossa própria lenda, meu amor.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>

Formatado: Inglês (EUA)

Código de campo alterado

Formatado: Inglês (EUA)

Formatado: Inglês (EUA)